

A Vida de São José

revelada à
Abadessa Maria Cecília Baij, OSB



1694 — 1766



Í N D I C E

Introdução da 2ª edição italiana	8
Introdução escrita pela Serva de Deus	11
Do nascimento de São José até a época da Encarnação	12
A pátria de José. Seus pais	12
José conduzido ao Templo do Senhor em Jerusalém	15
A infância de José	17
Ainda a infância de José	19
Progressos de José a caminho da perfeição	24
José é tentado e atormentado pelo Demônio. Sua grande paciência e firmeza	28
José como defensor e protetor dos moribundos	31
José cresce em amor a Deus e em sabedoria	34
Morrem os pais de José. Grandes provações	38
José deixa Nazaré. Os primeiros anos em Jerusalém	44
José se torna mestre independente de carpintaria	46
A força e a firmeza de José frente a várias provações	50
José desejava a salvação e a felicidade de todos os homens	57
Amor de José a Deus e ao seu próximo	59
O primeiro encontro de José com Maria	62
O casamento de José com a Virgem Maria	64
José e Maria viajam para Nazaré	69
Antes da encarnação do Filho de Deus	73
Ansiedade de José pelo Messias. Sua encarnação em Maria	79
José conduz Maria até Isabel	83
José leva Maria de volta para casa	88
Da encarnação do Verbo Divino até a permanência no Egito	95
De volta a Nazaré. Os primeiros dias depois do retorno	95
José enfrenta terríveis inquietações	99
O anjo anuncia a José a encarnação do Filho de Deus	104
As atitudes de José antes do nascimento de Jesus	108
Os preparativos para o nascimento de Jesus	116
Os habitantes de Belém rejeitam o casal	120
O nascimento de Jesus	122
A circuncisão e a escolha do nome	128
A chegada dos Reis Magos	132
José na apresentação de Jesus ao Templo	136
Viagem de retorno a Nazaré	139

O exílio	144
A chegada ao Egito	149
A permanência no Egito	154
José é perseguido. Pessoas querem afastar Maria dele	158
Da volta do Egito até o desaparecimento de Jesus	164
Pobreza e muitos sofrimentos acompanham José no Egito	164
O comportamento de José durante o crescimento de Jesus	167
O grande amor de José por Jesus. Sua ansiedade pela salvação da Humanidade	170
Jesus na oficina de trabalho com José	176
A ordem para o retorno a Nazaré	179
Durante a viagem de volta a Nazaré	181
No caminho de Jerusalém	186
A Sagrada Família no Templo de Jerusalém	189
Jesus, Maria e José em Belém	193
A chegada a Nazaré	196
José é perseguido e mostra paciência e resignação	199
Jesus passa a trabalhar junto com José	204
Jesus manufatura uma pequena cruz	208
José, fiel e exemplar cumpridor da Lei	212
Do desaparecimento de Jesus até a morte de São José	217
O desespero de José com o desaparecimento de Jesus	217
O encontro de José com Jesus	220
A vida em Nazaré após a viagem a Jerusalém	224
Grandes angústias e aflições	227
A grande devoção de José	231
A resistência física de José diminui	234
José tem dores cada vez mais intensas, e diminuem suas forças vitais	237
José tem muitas dores e mostra paciência e resignação	241
Antes de sua morte, José recebe graças especiais	248
A santificada morte de José	251
São José em sua glorificação celestial	253
Mapas	255

INTRODUÇÃO DA 2: EDIÇÃO ITALIANA

A primeira edição da *"Vida de São José"* apareceu em 1921, transcrita e apresentada por Mons. Bergamaschi, profundo estudioso das obras de Maria Cecilia Baij. Encorajado por eminentes personalidades da época — uma das quais, Benedito XV, lhe forneceu os necessários meios para a publicação — em 1916 o Mons. Bergamaschi iniciou seu trabalho nos manuscritos respectivos, mantidos até o presente momento no arquivo do mosteiro onde Maria Cecilia Baij foi Abadessa por cerca de vinte anos. Dessa infatigável elaboração dos manuscritos originaram-se sucessivamente a *"Vida Íntima de Jesus Cristo"*, a *"Vida de São José"*, a *"Vida de São João Batista"* e a *"Vida da Serva de Deus Maria Cecilia Baij"*. Monseñor Bergamaschi faleceu em 1928 antes de poder publicar sua obra *"Colóquios"*.

Maria Cecilia Baij nasceu em Montefiascone em 4 de janeiro de 1694. Era filha de Carlo — originário de Milão — e de Clemenza Antonini, da classe nobre de Viterbo, tendo o casal tido outros quatro filhos: Pietro, Constanza, Vittorio e Cecilia Margherita. Das páginas de sua autobiografia é possível conhecê-la como sendo menina bastante vivaz e irresistivelmente ligada à prática de orações desde a sua mais tenra infância: *"... recordo-me perfeitamente que, na idade de cinco anos, ao retornar da escola para casa e em qualquer canto da rua, onde eu não pudesse ser vista por pessoa alguma (...) eu dizia ao Senhor para que me fizesse toda Sua, para que me desse o Seu amor, e eu permanecia por certo tempo em tais colóquios, nos quais transbordavam todos os meus sentimentos"*. E é a própria Maria Cecilia quem conta: *"após um breve período de tempo em que pude sentir algo do fascínio que pode existir em uma companhia humana leve e atraente, e sem nunca ter mesmo intuído o verdadeiro sentido do mal, tomei a decisão de dar-me completamente a Deus, em caráter definitivo"*.

Maria Cecilia fez uma primeira tentativa de vida religiosa junto à Ordem Cistercense de Viterbo. Deixando esse convento, entrou para o Mosteiro das Beneditinas de Montefiascone em 12 de abril de 1713. Após ter sido Madre Superiora Vicarial, e das noviças, foi eleita abadessa desse mosteiro, em 10 de julho de 1743, tendo mantido o difícil posto durante vinte anos ininterruptamente.

Como acontece em geral com as pessoas místicas, ela passou por toda sorte de provações interiores e externas, que foram desde perseguições por parte das freiras e até mesmo grosserias vindas de confidentes, sendo que algumas pessoas a tratavam como se fosse de natureza não confiável, enquanto outras a viam como sendo favorecida por Deus. Em todas essas ocasiões e situações ela se portou sempre com humildade e destaque; tais características, por si mesmas, já significam uma recomendação muito favorável quanto à sinceridade de suas obras. Em suas páginas, em que predominam anotações relativas à obediência, pode-se observar a sua extraordinária vida espiritual. Conforme suas próprias confissões, em muitas ocasiões teve problemas extremamente conflitantes que

a levavam a recear quanto à possibilidade de estar errada e, conseqüentemente, enganando outras pessoas também.

No entanto, era dotada de excepcionais características de mediadora entre pessoas em disputa, elevava significativamente o nível espiritual da comunidade a que pertencia e se oferecia voluntariamente no sentido de pagar pelos pecados daquelas mesmas pessoas que a haviam ofendida. Maria Cecília Baij morreu em 6 de janeiro de 1766, aos 71 anos de idade.

“Esta manhã, após a comunhão, senti como se São José pousasse sua mão sobre minha cabeça em sinal de amor e de proteção... e me dissesse: Filha! Jesus te elegeu para que reveles ao mundo a Sua vida interior, e Sua Mãe. Ele e eu te escolhemos para que escrevas a minha vida... e deves permanecer tranqüila, pois escreverás tudo com absoluta fidelidade, tal qual ela foi exatamente”.

Pertencentes que somos ao século da tecnologia, como podemos nos sentir frente a uma linguagem desse estilo? Confessemos que o primeiro sentimento que temos é de desagrado e de dúvidas. Como aceitar friamente essas páginas nas quais o sobrenatural parece tornar-se palpável, e até mesmo evidente, a ponto de violentar nossa sensibilidade de “pensadores modernos”, aos quais — na melhor das hipóteses — parece impossível a aceitação da existência de um mundo invisível para nós?

Antes de mais nada, será bom ter em mente que a linguagem usada pelos místicos (e Maria Cecília inequivocamente o foi; se não entendermos esse fato, jamais estaremos em condições de avaliar suas revelações e os graus respectivos de credibilidade) é, acima de tudo, uma leitura extremamente difícil pois — sob a capa envolvente do condicionamento humano — se torna muito improvável qualquer descoberta do filão que origina a inspiração de caráter sobrenatural. Essa visualização se torna ainda mais problemática por outro motivo importante, qual seja o de que os místicos — esses autênticos astronautas da espiritualidade — de fato transcendem nossas conceituações normais e habituais. Devemos reconhecer que, somente tentando uma atuação no mesmo comprimento de onda que eles, será talvez possível, com elevadas doses de humildade... que cheguemos a entender algo de sua linguagem.

Os manuscritos oriundos de Maria Cecília Baij são páginas e mais páginas de caligrafia surpreendentemente desenvolta e uniforme, isentas de quaisquer correções ou rasuras. A escrita dá mesmo a impressão de ter sido executada por pessoa que não adotava paradas para reflexões ou meditações, mas sim que escrevia segundo uma segura e firme orientação, como se de fato fosse um ditado. Quando, imersos em uma tal atmosfera, encontramos afirmações do tipo — *“digo a quem ler, que esta matéria foi escrita exclusivamente por mim, toda ela transmitida e ditada por uma voz interior, de maneira admirável e muito particular”* — somente nos resta muita reflexão a esse respeito, mesmo porque Maria Cecília Baij ainda continua, com dolorosa sinceridade: *“Na verdade, devo confessar que sou um canal pelo qual a divina providência faz circular a água de suas graças divinas e de sua celestial doutrina. Mesmo sendo assim, como já o disse, eu — que me sinto indigna, com muita dificuldade posso crer que ... — sempre estive preocupada e com muito medo de estar enganada, temor esse que é a minha cruz”.*

São essas algumas pequenas observações que apresentamos nesta reedição da *“Vida de São José”* de Maria Cecília Baij. Definir os limites entre uma obra humana — necessariamente restrita e insuficiente — e a verdade que tenha sido transmitida, é tarefa que não vemos dentro de nossas possibilidades e nem mesmo no âmbito de nossas intenções. Mesmo porque a Igreja, com toda sua grande sabedoria, não pode assumir qualquer posição no que tange a *“revelações de*

caráter estritamente particular". De outro lado, entre essas vozes — que são poucas, embora existentes também nos últimos anos — que praticam as linguagens místicas, é perfeitamente possível incluir-se a de Maria Cecília Baij. Mesmo porque, em época caracterizada por contestações e até mesmo afrontas a qualquer tipo de autoridade, essa voz parece reconstituir o grande valor que tem a virtude da obediência na vida humana.

No entanto, para chegar a entendê-la, é necessária uma imensa dose de coragem em termos de ser simples.

As Beneditinas do Mosteiro de São Pedro — Montefiascone.

INTRODUÇÃO ESCRITA PELA SERVA DE DEUS

Devendo começar a escrever a Vida do Glorioso Patriarca São José confesso minha incapacidade e a minha incompetência. Jamais li coisa alguma a respeito desse Santo e o conhecimento que possuo sobre ele reduz-se apenas àquele que Jesus Cristo Se dignou a manifestar para mim, como foi também o caso ocorrido na *"Vida Íntima de Nosso Senhor Jesus Cristo"*.

Tive certa relutância em escrever esta Vida de São José mas, animada pela graça divina e pelas promessas que me fez o divino Esposo em assistir-me de forma particular e também em razão da obediência a que me submeto, além das graças que me concedeu o Santo em restituir-me a saúde e libertar-me das fortes palpitações que tinha em meu coração — comecei a escrevê-la tal qual me foi transmitida por Jesus Cristo. Suplico também aos leitores que não se escandalizem com o fato de denominar-me *"dileta esposa de Jesus"*, uma vez que tal título de honra me foi concedido muitas vezes por Ele mesmo, que também ordenou a mudança de meu nome religioso para *"Maria de Jesus"*. As pessoas não devem também surpreender-se que Ele me concedesse tão elevada honraria, pois é habitual de Sua bondade favorecer àqueles pecadores que se convertem. E, muito mais ainda, se Ele teve por bem honrar-me, a mim que sou a maior das pecadoras do mundo — fazendo assim prevalecer Sua infinita misericórdia e bondade — terá sido com a finalidade de que esses pecadores tenham confiança e ânimo e se convertam de todo o coração a Ele, como espero fazer eu, criatura pecadora e miserável, indigna que sou.

DO NASCIMENTO DE SÃO JOSÉ ATÉ A ÉPOCA DA ENCARNAÇÃO

A PÁTRIA DE JOSÉ. SEUS PAIS

Havendo Deus destinado o glorioso São José para esposo de Maria — Mãe de Seu Unigênito — quis também que ele muito se assemelhasse a ela no que se refere à sua ascendência e pátria e também relativamente às suas muitas virtudes, tendo o Altíssimo se empenhado no sentido de dar-lhe formação adequada para que se tornasse digno de ser esposo da Divina Mãe.

Seu pai Jacó era natural de Nazaré e sua mãe Raquel nascera em Belém, ambos pertencentes à linhagem de Davi, sendo pessoas de vida extremamente pura e que muito se assemelhavam entre si no que era concernente às suas nobres características e também no que tange às suas elevadas virtudes.

Deus quis também que o casal permanecesse estéril por determinado período de tempo pois desejava que José fosse o *"fruto de muitas orações"*; seus genitores eram dados a fazer grandes donativos aos pobres e também ao Templo de Jerusalém para onde se dirigiam freqüentemente para pedir a Deus que lhes concedesse a desejada descendência, no que Ele não tardou em atendê-los. Estando um dia no Templo, dedicados à oferta de donativos, Raquel se viu tomada de grande esperança em termos de que Deus a ouvisse e confortasse. De volta a Nazaré ela concebeu então a José. Durante esse tempo, foram vistas três estrelas muito brilhantes sobre a residência do casal, cada qual mais sublime e esplendorosa. Com esses sinais, o Altíssimo manifestou Sua vontade em termos de que José deveria tornar-se o chefe da Sagrada Família. No entanto, essa manifestação divina não foi notada por todas as pessoas, pois era Seu desejo manter ocultos o mistério e a graça que havia concedido para o Santo. E, enquanto sua mãe o trazia em seu seio, experimentava também uma grande alegria e praticava cada vez mais atos de virtudes. E José, junto com o alimento que recebia de Raquel, era também integrado por ela em suas virtudes e devoções, sendo que em seu seio ele encontrava também nutrição no que se refere às extraordinárias qualidades de sua

mãe. Muito cresceram a devoção, a alegria e as virtudes de seus pais quando Deus lhes revelou seu íntimo e oculto segredo. Através de um anjo — que surgiu para ambos em sonhos — manifestou sua decisão de que o filho que Raquel levava em seu ventre teria a felicidade de ver o prometido Messias e de conviver com Ele. Portanto, ela deveria criá-lo com o máximo cuidado e dar-lhe o nome de José, que viria a ser muito grande no conceito do Senhor. Todavia, o anjo também lhes ordenou que mantivessem em segredo esse fato do qual nem mesmo seu filho deveria tomar conhecimento. Deviam manter o segredo somente para eles mesmos, fato que iria servir para a alegria de seus espíritos e para uni-los ainda mais. Deviam também agradecer a Deus, criando muito bem aquela criança e doutrinando-a nas Escrituras Sagradas. Seus pais foram tomados de grande alegria, em razão de seu misterioso sonho e conversaram sobre aquilo que lhes havia acontecido, procurando tornar-se dignos da ocorrência e exercendo a prática das mais heróicas virtudes. E, sábios e prudentes que eram, trataram de conservar o grande segredo somente entre eles, obedecendo às instruções que haviam recebido do anjo nesse sentido.

Durante o período de gravidez Raquel praticava jejuns, orações e grandes donativos para os pobres, agradecendo ao Senhor a graça concedida da desejada maternidade e solicitava a ajuda divina para que seu filho visse à luz em meio a grande felicidade. Foi muito feliz durante esse crítico período e não sofreu nenhuma das agruras características da situação. Agradecia a Deus por tudo e reconhecia, com extrema humildade, todas as graças que o Senhor lhe concedia. O pai de José agia da mesma forma e também muito se alegrava com aquela graça que Deus concedia para sua esposa de poder atravessar sua gravidez com tanta facilidade e com tanta alegria. E ambos agradeciam humildemente a Deus por todos esses fatos.

O NASCIMENTO DE JOSÉ

Tendo chegado a época do nascimento de José, Raquel se preparou para o evento com suas mais fervorosas orações e, havendo sido atingido o dia determinado, deu à luz com muita facilidade e com ternura, em meio à grande alegria do pai e de todos os que a assistiam. José tinha aparência angelical, séria e serena, que agradava a todos os que o viam, fato inusitado pois as crianças dessa idade apresentam em geral nada mais que traços fisionômicos. Ele levou a todos uma imensa alegria, em especial a seus pais, que, somente em vê-lo, tiveram confirmada a verdade daquilo que o anjo lhes dissera em seus sonhos. Acabadas as formalidades necessárias, Raquel agradeceu novamente a Deus por seu parto tão feliz e, tomando José em seus braços, ofertou-o ao Senhor,

com o desejo interior de oferecê-lo mais tarde aos serviços do Templo de Jerusalém. O Todo Poderoso, entretanto — embora aceitasse o desejo e o sacrifício de Raquel —, já havia decidido conceder para o Santo um posto muito mais elevado, qual fosse o de custodiar o Seu Filho tornado homem e também a mãe do Verbo Divino.

Espalhou-se rapidamente por toda Nazaré a notícia do nascimento daquele menino de fisionomia tão rara. Dizia-se mesmo que se assemelhava a um pequeno anjo vindo do Paraíso. Todos se alegraram, promoveram muitas festas em razão do nascimento e tiveram grande júbilo em seus corações. As três estrelas brilharam com grande esplendor sobre a casa de seus pais. O menino, abrindo seus olhos, fixando-os no céu e assim os mantendo durante certo tempo, parecia admirar a grandeza daquela mensagem enviada por Deus ao mundo em razão do seu nascimento. Depois disso, ele os cerrou e assim os manteve até que passasse o tempo habitual, o que provocou muita admiração e surpresa a todos que o presenciaram.

José era quieto e muito comportado e assim muito alegrava seus pais, em especial sua mãe que o criava com grande satisfação, com muita alegria e com todos os cuidados possíveis. O menino, contrariamente a todos os outros da mesma idade, não era grande apreciador de carícias e agrados normalmente dispensados às crianças. Quando ocorriam esses fatos, virava seu rosto, como que em ato de desdém, parecendo querer mostrar — naquela sua tão tenra idade — que os puros devem vigiar sua pureza e sua inocência. Apenas para os seus genitores permitia tais demonstrações de amor e carinho. Seus pais, entretanto, se preocupavam quando notavam suas esquivas em relação às demonstrações de afeto das outras pessoas.

Conforme o uso dos judeus, e segundo suas leis, o menino foi levado para ser circuncidado e a ele foi dado o nome de José, por acordo e consentimento dos pais. Durante a circuncisão, José começou a chorar mas parou imediatamente de fazê-lo, pois que Deus teve por bem acelerar o seu processo de uso da razão durante o próprio processo em execução, liberando-o assim do pecado original. Estando ele assim em estado de graça e de amizade por parte de Deus — sem qualquer mácula que O desgostasse — teve o Altíssimo por bem conceder-lhe inúmeros predícos especiais, entre eles o pleno uso da razão, com os quais José conheceu seu Deus e O adorou, com profunda humildade, inclinando sua pequena cabeça e mostrando uma grande serenidade em sua fisionomia. Ele sorria exultante, com leveza e seriedade, e externava a grande alegria reinante em seu espírito. Reconheceu os grandes favorecimentos que o Senhor lhe havia concedido e deu graças a tudo aquilo que se lhe oferecia. E Deus lhe concedeu, além do anjo de sua guarda, um outro

que conversava com ele freqüentemente durante seus sonhos e orientava em tudo o que deveria ser feito para o agrado do Senhor.

Portanto, José — já naquela tenra idade — era dono do uso da razão e isso servia para que ele reconhecesse, exaltasse e agradecesse ao Senhor que tanto o havia favorecido e também para que sofresse todas as agruras normais de sua idade com grande paciência e resignação. E o anjo sempre o orientava para que oferecesse a Deus todos os sofrimentos que mostrava em sua fisionomia. E José de fato assim agia, como agradecimento pelos favores que lhe eram concedidos e essas oferendas eram muito agradáveis a Deus. O menino, dessa maneira, podia compreender quanto Deus era ofendido pelos homens e muitas vezes chorava em razão desse fato, embora esse choro se fizesse sem muito alarde para não aborrecer seus pais; por orientação do anjo, ele oferecia essas lágrimas ao Senhor. E quanto mais agia dessa forma, tanto maiores eram as luzes e as graças que recebia de Deus e ele não se cansava de render seus agradecimentos.

Quando Raquel o tomava em seus braços para alimentá-lo, ele mostrava seu rosto muito rosado e mantinha seus olhos fechados, como se demonstrando assim seu desprazer em ser descoberto e olhado. Sua mãe usava de grande cautela para impedir qualquer sofrimento seu, pois bem que conhecia que nele se operava a graça divina que o iluminava e o ornava com grandes virtudes. José, tomando o leite de sua mãe, simultaneamente se impregnava com suas qualidades e virtudes e lhe era extremamente agradecido pelo alimento que dela recebia. Nessas ocasiões ele se mostrava alegre e jovial pois compreendia ser ela extremamente bem dotada nesse sentido e entendia que ela, nesses atos, lhe transferia todas as características que possuía. José foi assim dotado de **ótimo temperamento** e de muitos predicados naturais, mas sobretudo daqueles de ordem sobrenatural. Ele crescia maravilhosamente, tanto física quanto espiritualmente. Era muito forte em seu corpo em razão do excelente alimento que recebia de Raquel, que tinha ótima saúde. Em termos de sua alma, recebia contínuas dotações através da graça e condescendência divinas, sendo que Deus o estruturava à Sua semelhança e bondade para que ele se tornasse assim digno de ser o esposo da mãe do Verbo Divino. José se mostrava profundamente reconhecido por todas essas graças que recebia continuamente do Senhor, mostrando tal reconhecimento através de muitos agradecimentos. Seu coração somente era capaz de amar e o Santo o empregou todo em amor pelo seu Deus e benfeitor e em agradecimentos por todas as dotações que Ele lhe fazia.

JOSÉ É CONDUZIDO AO TEMPLO DO SENHOR EM JERUSALÉM

Passados os dias da Lei para a purificação das mulheres, os pais de José foram a Jerusalém para a purificação de Raquel e para a oferta

e resgate de seu filho, tudo de acordo com os mandamentos. Nessa ocasião, eles ofereceram donativos ao Templo — maiores do que os que eram feitos habitualmente — em termos de sua gratidão da desejada maternidade que o Senhor Ihes havia concedido. Durante essa viagem, José se mostrava muito alegre e jovial, fato atentamente observado por seus pais, que também se alegravam por ver o menino tão contente e festivo. Eles entenderam perfeitamente que a graça divina se manifestava na alma de seu filho. Entenderam também que, se isso acontecia em tão tenra idade, com certeza também se desenvolveria à medida que ele crescesse. E eles rendiam graças ao Altíssimo e desenvolviam também novas motivações para que se avolumasse o seu amor e sua gratidão a Deus e para que eles viessem cada vez mais exercitar a prática das virtudes.

Uma vez no Templo, Raquel se purificou e, nesse ato, recebeu grande iluminação de Deus e, através dela, reconheceu claramente as inúmeras dotações que Ele havia concedido ao seu filho. José foi então apresentado ao sacerdote em exercício e ele, ao recebê-lo em seus braços, foi tomado de imensa alegria e iluminado interiormente por Deus, tendo também tomado conhecimento do quanto aquele menino era querido pelo Senhor. José, participando ativamente da cerimônia de sua oferta a Deus, se deu a Ele com todo o seu coração. Abriu seus olhos e assim permaneceu por todo o tempo, fitando o céu, como que totalmente abstraído e absorvido em Deus. Ele recebia agora a graça santificante que Ihe permitia reconhecer as nobres e sublimes dotações que o Senhor Ihe fazia naquele ato e que ele era totalmente devotado ao Altíssimo. E, tendo conhecido e reconhecido todos esses fatos, mostrou sua gratidão e agradeceu afetuosamente ao Todo Poderoso.

O menino foi resgatado com a quantia habitualmente paga nessas ocasiões e o sacerdote, ao devolvê-lo para Raquel, externou seu desejo no sentido de que ela o criasse com toda alegria e que tomasse particulares cuidados com a criança, pois havia sentido que ela era muito querida por Deus e que se tornaria um grande homem, que iria proporcionar grandes satisfações àqueles que tivessem cuidado da nobre índole que nele se desenvolveria. **Porque ele não apenas daria alegrias para os que tratassem com ele, mas também a todos os que nele depositassem sua fé.** Havendo Deus o elegido como defensor e protetor dos moribundos, ele os iria servir e tornar-se uma grande alegria e grande conforto em suas agonias.

Recebido de volta o menino, seus pais renderam suas graças a Deus e choraram pela alegria e júbilo que tinham. Eles o levaram de volta a sua terra natal como tesouro e dádiva sublime que Ele Ihes concedera. José se mostrava tranqüilo e absorto e realizava atos de agradecimentos ao seu Deus, muito alegre e satisfeito com aquela graça que recebera,

através da qual progredia em seu amor ao Senhor e crescia muito em suas virtudes. O menino também realizava grandes progressos nesse sentido e, embora ainda não pudesse praticar aqueles predicados que tanto apreciava, em função de sua pouca idade, os praticava em intenções, vindo mais tarde a exercê-los plenamente com suas obras, executadas à perfeição como se verá mais adiante.

A INFÂNCIA DE JOSÉ

Raquel continuava a criar José com grande satisfação e sempre muito atenta em suas observações. Acontecia porém que, frequentemente, o menino se mostrava muito melancólico, arredio e aflito, derramando muitas lágrimas em silêncio. Sua mãe ficava surpresa ao notar nele esses fatos tão estranhos e incomuns. Todavia, muito prudente que era, não fazia qualquer comentário a respeito com outras pessoas, achando que a razão de tudo aquilo estava por ele encontrar-se em estado de graça. De outro lado, essas atitudes lhe causavam certa preocupação, pois seu filho se portava também como se fosse um penitente inocente. E Raquel não errava pois José, já de posse de sua razão — e tendo sido tocado pela graça da santificação — conhecia seu Deus melhor que qualquer outro e percebia o quanto Ele se ofendia e se desgostava com os homens em geral. E, aflito e compungido, chorava e oferecia suas lágrimas ao Senhor para que Ele tivesse misericórdia com aqueles pecadores, que os iluminasse para que eles tomassem conhecimento de seus graves erros. Além de todos esses conhecimentos, o anjo sempre lhe sugeria que fizesse atos de devoção ao seu Deus, aos quais Ele seria grato e com os quais teria inclusive praticado a caridade com os pecadores errados. Dessa forma, José tinha uma grande intenção em agradar ao Senhor e em servir ao seu próximo. E, apenas recém-nascido, já cumpria com os dois preceitos fundamentais da Lei mosaica que eram o de amar a Deus sobre todas as coisas — e com toda a sua força — e o de amar ao seu próximo como a ele mesmo. As expiações que não podia realizar por si próprio, pois não tinha quaisquer culpas, fazia pelos seus semelhantes, pelos quais tinha grande aflição, e chorava por eles. Deus mostrou a José Seu contentamento concedendo-lhe muitas graças, entre elas a de acelerar a época do nascimento de Maria, mãe do Verbo Divino, para que ele se tornasse seu marido e fiel protetor.

Muitas vezes esse santo menino permanecia totalmente abstraído e concentrado em Deus, até mesmo por dias inteiros, sem aceitar qualquer alimento, tal a alegria divina que tinha em seu coração. E era mesmo possível perceber essa sua grande satisfação espiritual através de sua aparência exterior, que apresentava uma fisionomia angelical, rosto rosado e sorridente e olhos faiscantes como estrelas. Sua mãe, que o observava

sempre com muita atenção, lhe dava completa liberdade e jamais o importunava nessas horas. E, só em olhá-lo, ficava intensamente alegre, exprimindo essa alegria em termos de exaltações e agradecimentos a Deus por essas dádivas todas que Ele concedia ao seu filho. Jacó também observava essas atitudes estranhas do menino e se juntava a Raquel nas lágrimas de alegria.

Os pais de José tiveram muitas satisfações durante seu crescimento e o amaram sobremaneira. Comparando o Santo com o outro José dos judeus, o patriarca que se tornou vice-rei do Egito e que foi amado por seus pais acima dos seus outros filhos, pode-se ver que o Santo foi entre eles o amado e o preferido por Deus, que o amou também acima de todos os outros homens pois o designou para que se tornasse pai do Verbo Divino Encarnado e esposo de Sua Mãe. Enquanto o José do Egito era cumulado de riquezas e elevados postos, o Santo foi contemplado com a grande graça da santificação. O primeiro foi odiado por seus irmãos e o segundo, com a morte dos pais, perdeu todas suas riquezas e vagou por toda Jerusalém e foi forçado a aprender a arte de carpintaria para poder ganhar sua vida. O do Egito era intérprete de sonhos e o Santo tinha o seu anjo que o orientava e lhe dizia o que deveria fazer para agradar ao seu Deus e cumprir a Sua vontade. O primeiro se tornou vice-rei na Terra, enquanto que o segundo foi vice-Deus no mundo. O do Egito foi extremamente fiel ao seu príncipe e manteve intocada sua esposa, enquanto que o de Nazaré foi fiel ao Espírito Santo e deixou imaculada sua divina esposa e se tornou seu protetor. Um deles armazenou alimentos para todo um povo e o outro manteve a salvo o Alimento do povo eleito. O do Egito deu grandes satisfações aos seus pais, e à toda Nação, enquanto que o Santo realizou tudo o que podia para o Verbo Encarnado, dedicou-lhe todas as suas fadigas e foi a grande alegria de Sua mãe e conforto das almas fiéis em suas necessidades e agonias extremas. O primeiro muito amou o seu Rei; o segundo foi o mais amado e o favorito do seu Deus. Portanto, na Terra, jamais existiu alguém comparável ao Santo, que fosse tão favorecido e tão amado e protegido pelo Altíssimo. Somente sua santíssima e puríssima esposa foi mais sublime, Virgem Mãe que foi do Verbo Divino. Tendo José sido dotado de tantas graças, não apenas deu grandes satisfações para seus pais, mas fez também com que fossem alvo de graças advindas do amor que lhe tinham, e lhes era extremamente agradecido. Se, já em tenra idade, rezava por todos os pecadores, orava muito mais ainda por seus pais, tendo Deus atendido a todas essas suas preces.

Quando Raquel conduzia seu filho para algum lugar onde ele pudesse ver o céu, via o menino muito satisfeito olhando para cima, local onde fixava seus olhos e, contente e festivo, deixava ver que ali se encontrava seu grande tesouro. Quando sua mãe o notava aflito, conduzia-o a um

desses lugares e ele então se acalmava. Ela deixava que ele assim permanecesse por algum tempo para não privá-lo dessa alegria, ocasiões em que também se comprazia contemplando as grandezas de Deus e Suas admiráveis obras.

A áurea de luminosidade que envolvia José ocasionou também muitos inimigos para ele, que se revoltavam com o crescimento de suas virtudes, sendo que alguns deles desejaram mesmo matá-lo. As tentativas foram infrutíferas pois José tinha a proteção do braço onipotente do Senhor e também dos dois anjos que Ele lhe destinara. Seus inimigos, vendo que não conseguiam seus objetivos, passaram a promover brigas e discussões entre seus pais, tentativas essas que falharam também pois eles, com grandes virtudes e temor a Deus, sabiam perfeitamente das maldades ocasionadas pelo Demônio e o espantavam com suas orações. As preces de José eram muito poderosas pois o anjo que Deus lhe destinara lhe dizia o que fazer para combater seus inimigos, avisando-o também das ações que executavam para introduzir discórdias em sua casa. E José seguia fielmente as instruções que o anjo lhe dava.

Muitas vezes José elevava seus braços para cima, como que desejando voar para o local onde se encontrava o seu tesouro. Em outras ocasiões, Raquel o via com suas mãos cruzadas em seu peito, posição essa em que parecia abraçado com seu Deus; em outras, suas mãos estavam em posição de oração e ele tão absorto que parecia totalmente concentrado em algo. Ela o deixava sossegado e ele permanecia assim dias inteiros contemplando as perfeições divinas e recebia instruções do anjo para que se mantivesse em preces. Deus também, muito condescendente, se comunicava com José através de seu espírito.

José crescia cada vez mais envolvido por seu amor a Deus e com o reconhecimento de Suas obras divinas, tentando sempre atingir sua perfeição e santidade para, de alguma forma, poder assemelhar-se a Ele, além de corresponder ao Seu amor. Esforçava-se também por alguma forma de louvá-Lo em seu corpo. E Deus atendeu também a seu último pedido fazendo com que andasse logo.

AINDA A INFÂNCIA DE JOSÉ

José começou a falar a tempo correto e suas primeiras palavras foram para chamar seu Deus, no que foi devidamente orientado pelo anjo. Quando falou pela primeira vez, disse: *"Meu Deus!"*. Seus pais entenderam, atônitos porém rejubilantes — que ele principiava a falar. Muito se alegraram com suas primeiras palavras, pois eram dirigidas diretamente ao Senhor, como que se pedissem o Seu auxílio. A palavra era com razão freqüentemente usada por José pois, sendo todo dedicação a Deus, o Senhor também lhe pertencia. Ouvindo seus pais dizerem que Ele era

de Abraão, de Isaque e de Jacó, acrescentava: e de José. Dizia isso com tanta graça, com tão pouca idade, que seus pais se divertiam e muitas vezes o provocavam. O sentimento que José colocava nessas respostas era tal que levava a crer — e era na verdade — que Deus significava todo o seu bem, objeto de todos os seus desejos e que ele não tinha qualquer outro pensamento de amor que não se dirigisse a Ele. Por isso exultava ao ouvir Seu nome; seus pais o pronunciavam sempre com grande respeito, para a alegria de seu filho.

Os primeiros passos do menino foram também dedicados ao Senhor, com a súplica de que todos os seus futuros passos fossem para a glorificação de Deus e nunca para ofendê-Lo, à semelhança do que fora feito com suas primeiras palavras orientadas pelo anjo. Essas súplicas foram atendidas e Deus foi sempre glorificado e nunca desgostado pelo Santo que, em suas obras, sempre praticava a nobre atitude de olhar para o céu e solicitar a Deus que o ajudasse com Suas graças, para que tudo ocorresse com Seu beneplácito. Isso era válido para a sua alimentação, seu caminhar ou repousar, seu falar, e para todo o restante. Como, em razão de sua pouca idade, não lhe fosse permitido praticar as virtudes que desejava, limitava-se a oferecer suas intenções e pequenas obras de preservação da vida como eram o comer, beber, dormir e divertir-se. Tais ações eram por ele praticadas com a melhor das intenções, e no mais completo amor a Deus, privando-se ele daquelas que mais apreciava; seu anjo o orientava sempre e ele nada mais podia fazer para agradar ao Deus que tanto amava. Essas dádivas eram feitas com muita frequência, em termos de renovação dos atos praticados em sua apresentação ao Templo. Raquel, observando a grande capacidade de seu filho, o instrua sobre variados atos de devoção praticados pelos judeus. Tais práticas o agradavam muito e ele as praticava com perfeição, respeitando muito sua mãe e aqueles que o ouviam profundamente admirados.

Ao já caminhar com desembaraço, José se ocultava para poder rezar, com seus braços voltados para cima, em atos de agradecimento àquele Deus que tanto o favorecia; e ele permanecia assim, ajoelhado, durante várias horas. Era maravilha ver-se aquele pequeno menino em tal posição e, maravilha ainda maior, ver seu espírito deliciado em contemplar a perfeição das obras divinas. Pelas suas exterioridades — rosto rosado e olhos cintilantes — era possível ver como se deliciava com seu Criador e que sua alma estava cheia de graças. Muitas vezes Raquel, permanecendo em local invisível por ele, ouviu-o exclamando: *"Oh Deus, de bondade infinita, como me tendes favorecido e quanto Vos sou devedor!"*. Suas palavras eram balbuciantes embora seu coração estivesse inflamado de ternura por Deus. Sua mãe, ouvindo-o, também o acompanhava nesses atos de amor e de agradecimento, desfazendo-se em lágrimas por ver seu filho tão favorecido pelo Senhor e abençoado com tantas graças.

Seus pais lhe contaram a promessa de Deus em enviar o Messias ao mundo, que era esperado com tanta ansiedade pelos patriarcas antigos. O fato foi também mencionado pelo anjo e José foi então tomado de ardente desejo em termos dessa vinda do Messias; ele rezava e suplicava a Deus nesse sentido, como se fosse designado para acelerar o grande acontecimento. A partir daí todas suas preces eram dedicadas também a esse fim e Deus o ouvia com muito agrado, e se compadecia de suas súplicas, dando disso claros testemunhos pois, ao rezar José para tanto, Ele enchia seu coração de júbilo. E José, correspondendo, orava cada vez mais para que isso sucedesse.

Acontecendo algo em casa que pudesse desagradar a Deus — fatos comuns ocorridos entre serviçais, em razão de sua insuficiência interior — fazia com que José se mostrasse aflito e melancólico, chorando com amargura. Como, em razão de sua pouca idade, não lhe fosse permitido repreendê-los, chorando demonstrava sua grande dor. Raquel, que observava todos esses fatos, lhe perguntou a razão de seu pranto, e ele respondeu, emocionado: *“Aprendi de vós o que deve ser feito para agradar a Deus e o que deve ser evitado para não O desagradar. Como não afligir-me e não chorar se vejo que em nossa casa são dados muitos motivos para Seu desgosto?”*. Isso foi dito a Raquel por ter ele sido muitas vezes instruído por ela para que evitasse ofensas ao Senhor e também que Ele merecia ser amado, honrado e respeitado, evitando quaisquer culpas. E tais motivos levavam Raquel a ser sempre vigilante em termos de que pessoa alguma da casa pudesse ofender a Deus e ela repreendia com severidade os que assim agissem. José, com seu comportamento, nada mais fazia do que reafirmar **que sua casa deveria ser uma escola de virtudes, onde as leis divinas eram estritamente observadas.**

Raquel era muito prudente e ocultava essas atitudes de seu filho e mantinha para si mesma o conhecimento das graças sobrenaturais que lhe eram concedidas. Jamais se esqueceu das palavras do anjo de que seu filho iria ver e conviver com o Messias e portanto não se mostrava surpresa ao vê-lo objeto de tantos favorecimentos por Deus; apenas agradecia a Ele por tudo isso. Às vezes ela olhava para José com ternura e chorava alegremente só em pensar que ele teria a ventura — jamais concedida a tantos patriarcas e profetas — de ver o Messias prometido. E muitas vezes lhe dizia: *“Oh, meu filho, bendito sejas!”*. E, muito secretamente, ela invejava a sua sorte. Certa vez ele lhe perguntou a razão daquelas palavras, a que ela respondeu: *“Assim falo por saber que o nosso Deus muito te ama”*, desvendando seu segredo. Ao ouvir essas palavras, José elevou as mãos para o céu e exclamou: *“Oh, sim, sim! O meu Deus muito me ama!”*. Com fisionomia inflamada, ele exultava de alegria e chorava, acrescentando: ***“E eu, O amo? Ah, muito pouco, perto do que deveria! Mas desejo amá-Lo muito mais! Com os anos, crescerão***

as minhas forças e também o meu amor por Ele!”. E, de fato, assim foi. José cresceu em idade e em amor pelo seu Deus.

Seus pais, vendo aquela capacidade de entendimento em seu filho, passaram a ensinar-lhe as primeiras letras. Seu próprio pai o instrua, pois era muito versado na Lei e não desejava que outros o ensinassem, temendo que ele perdesse aquele espírito muito especial que o Senhor lhe havia concedido. José começou então a aprender a leitura e Jacó jamais tinha necessidade de repreendê-lo em suas lições. Com três anos, já principiava a ler, para grande alegria de seus pais e seu melhor proveito. Exercitava-se na leitura das Sagradas Escrituras e nos Salmos de Davi, cujos significados seu pai lhe explicava. O menino se alegrava muito com essas leituras e explicações e se aplicava atentamente, embora sem jamais abandonar a prática de preces e súplicas a Deus; empregava todo o tempo disponível nessas duas tarefas, que eram executadas segundo tempos programados.

Jamais alguém o viu irritado ou impaciente, mas sempre com fisionomia alegre e serena, embora Deus — a título de testá-lo — permitisse que serviçais o maltratassem na ausência de seus pais. Mas José suportava tudo com muita paciência e até mesmo com alegria. O Demônio engenhava situações para instigar os empregados contra ele, para que o maltratassem e conseguissem talvez alterar sua linha de virtude do sofrimento em silêncio. Mas, jamais o conseguia pois o menino — sempre imerso em seu amor por Deus, cuja presença enchia seu espírito — jamais permitia que coisa alguma, por grande e séria que fosse, perturbasse seu coração e a serenidade de sua alma. O Demônio fremia de ódio ao ver tanta virtude e, ainda muito mais, ao ver-se derrotado sem poder submetê-lo através de suas tentações dos serviçais. Tantas tentou Satanás que chegou mesmo certa vez a atirar o menino escada abaixo. Esse fato contou com a permissão de Deus para que José exercitasse suas virtudes. O Demônio se tornou ainda mais aflito ao ouvir o menino chamando Deus em seu auxílio, e Ele não tardou em fazê-lo, libertando-o assim do mal. José reconheceu, nessa seqüência de fatos, a graça de Deus e agradeceu a Ele, que providenciou para que o Demônio se afastasse, completamente derrotado e na mais completa confusão.

Jamais alguém viu José promovendo brincadeiras ou mesmo em companhia de outro menino qualquer de sua idade. Permanecia sempre em casa, aplicado em seus estudos e preces, e nunca desperdiçou seu tempo com brincadeiras normais da idade. Obedecia rigorosamente seus pais e cumpria todas as ordens que recebia. Sua diversão era olhar para o céu, pois sabia que lá habitava o seu Deus. Para aquela direção dirigia seus ardorosos suspiros e súplicas para que o Senhor enviasse rapidamente o Messias prometido.

Suas leituras preferidas eram as Escrituras Sagradas. Mostrava grande afeição pelo patriarca Abraão, por Isaque e Jacó, e pelo profeta Davi. Muitas vezes pedia a seu pai que lhe contasse suas vidas pois tinham sido tão amados e favorecidos por Deus e ele desejava imitá-los. Seu pai o entendia e narrava ocorrências, ora de um, ora de outro. José ouvia atentamente e dizia: *"Eles foram amigos e favoritos de Deus e nós devemos imitar as suas virtudes"*. Sentindo que Abraão estava sempre com Deus presente — de acordo com o que ele mesmo havia ordenado aos outros que fizessem — tratou de seguir seu exemplo, com a máxima perfeição. José, aos sete anos, já era capaz de praticar as virtudes dos patriarcas e, tanto quanto suas forças permitiam, se aplicava em imitar a sua fé, confiança e amor ao Senhor. Ele crescia assim em suas virtudes e se sentia muito agradecido a Deus por esse motivo.

Observando que Davi rogava a Deus de modo especial, sete vezes ao dia, desejou imitá-lo e pediu ao anjo para que o ajudasse nesse sentido, mesmo que fosse necessário acordá-lo durante a noite para que rezasse. Já conhecia variadas orações, que pronunciava com muita satisfação, seja de dia ou de noite. E Deus sempre o iluminava e lhe concedia mais graças e dádivas, estando ele sempre tomado de profundo amor por Ele. Mesmo durante a noite, abria a janela de seu quarto, olhava o céu e dizia: *"Oh, bendito seja aquele que tiver a felicidade de ver o prometido Messias! E bendito seja também quem puder servi-Lo e conviver com Ele! Oh, que feliz será!"*. Tais palavras eram ditas com tanto ardor que ele acabava por permanecer estático durante longo tempo, com vivo desejo de servir a Deus e prestar a Ele todas as suas homenagens e toda a sua servidão.

No coração de José existia grande amor pelo seu próximo e grande desejo em poder ajudar a todos. Por esse motivo, ele sempre dizia a seus pais que fizessem muitos donativos e esmolas para aqueles mais necessitados e que não conservassem qualquer propriedade para ele mesmo, pois não se importava com elas desde que nada faltasse aos pobres. Seus pais atendiam a esses seus pedidos e davam grandes esmolas, porque eles mesmos tendiam a ser caridosos.

José já tinha sete anos e mantinha sua candura e sua inocência a ponto de não causar qualquer desgosto para seus pais e agia sempre de maneira que agradasse ao seu Deus. Com o passar dos anos mostrava-se cada vez mais agradecido e procurava agir com maior perfeição. Deus lhe concedera também o amor pela pureza, que o anjo lhe recomendara em seus sonhos dizendo ser ela uma das mais consideradas por Deus. E o Santo decidiu-se por conservá-la por toda sua vida. Para tanto, suplicava a Deus que lhe concedesse a graça de agir dessa forma e também se propunha afastar-se de situações perigosas e tentadoras nesse sentido. De fato, durante toda sua vida controlou suas emoções rigorosamente,

especialmente no que se referia ao seu olhar, mantendo seus olhos elevados para o céu ou fixados no chão. A pureza de sua alma era sobejamente conhecida por todos, e também a do seu corpo. Raquel muitas vezes observava a beleza de sua fisionomia e ela e Jacó sabiam bem da pureza e da inocência de seu filho e de quanto Deus se alegrava em habitar aquela esplendorosa alma. Nessas ocasiões, as suas almas se enchiam de alegria e de respeitoso amor por José, vendo-o cada vez mais como um tesouro vindo do Céu. Entretanto, não deixavam de exercer sobre ele a característica vigilância de pais e ele sempre se mostrava extremamente obediente em todos os sentidos.

O menino era muito afeito aos jejuns e regimes severos, mas quando seus pais o proibiam, ele se submetia humildemente sem reclamações. Quando desejava praticar jejuns e vigílias pedia a devida permissão para eles, raramente negada em razão de sua forma cativante de pedi-la. E, havendo necessidade de negá-la, seus pais se aborreciam por ter de contrariá-lo.

Jacó às vezes lhe dava algumas moedas para que fizesse esmolas, se solicitado a tanto. Ele as aceitava com submissão e humildade, como se aquelas esmolas fossem feitas para ele mesmo. Imediatamente as dava aos necessitados sem guardar nenhuma para si. Se algum pobre se dirigia à sua casa para esmolar, o menino interferia junto à sua mãe, muito humildemente, como se a dádiva se destinasse a ele próprio. Raquel se maravilhava com essa característica e o atendia com muito carinho. E José muito se alegrava com essas esmolas, dada a satisfação que observava naqueles que as recebiam.

O menino mostrava excepcional tendência às virtudes, mesmo porque o anjo lhe explicava o valor das mesmas durante seu sono e lhe dizia de como eram apreciadas por Deus, fatos esses que já bastavam para que ele se empenhasse em praticá-las.

PROGRESSOS DE JOSÉ A CAMINHO DA PERFEIÇÃO

Havendo José feito sete anos já mostrava excepcional bom-senso, muitas vezes até mesmo superior ao de homens de mais idade e até mesmo maduros. Sério nas palavras e atos perfeitos, agia de forma tal que até mesmo Jacó — ao necessitar de conselhos sobre assuntos relevantes — dificilmente encontraria melhor conselheiro, sendo que tudo andava a contento quando seguia as orientações de seu filho, pois este era iluminado por Deus, como resposta às suas muitas preces. Seus pais nada faziam sem ouvir seus pareceres e ele sempre lhes dava diretrizes extremamente corretas. Apesar disso, ele agia com tanta humildade nessas ocasiões que eles ficavam verdadeiramente surpresos e maravilhados quando José lhes dizia: *“Eu lhes digo, segundo o que sei, o que é justo*

e aquilo que deve ser feito. Portanto, deveis considerar cuidadosamente os fatos conhecidos e agir de acordo com a opinião e a vontade de Deus". Depois disso, voltava com fervor às suas orações e pedia a Deus para que iluminasse seus pais e que eles agissem conforme Seu maior agrado, sem depositar exagerada confiança nele, que se julgava criatura insignificante e sem importância. Ele se humilhava perante Deus e, ao seus pais lhe solicitarem alguma opinião, sentia-se confundido e lhes dizia que Deus deveria ser glorificado acima de todas as coisas. E Deus, cada vez mais, o tornava iluminado e esclarecido através de suas orações e das orientações do anjo, que lhe falava durante seu sono. **A medida que o menino crescia, o anjo lhe transmitia cada vez menos instruções**, pois ele já agora tinha muitas orientações a partir das Sagradas Escrituras e de seu Deus diretamente.

Certa noite, entretanto, enquanto José dormia, o anjo lhe disse que Deus estava deveras satisfeito com seu propósito de manter-se virgem por toda sua vida e que Ele lhe prometia muitos favorecimentos e Seu particular apoio. Ele lhe mostrou então um cinto, de beleza e valor inestimáveis, e disse: *"O Senhor te manda este cinto como sinal da alegria que tem a respeito de teu propósito e como graça te concede para que sempre conserves tua pureza. E me ordenou para que com ele te cingisse"*. Após essas palavras, o anjo se aproximou e colocou aquele cinto em José, orientando-o para que agradecesse a Deus pela dádiva recebida e pela graça que lhe concedia. Ao acordar, José se levantou rapidamente, ajoelhou-se e agradeceu a dádiva que lhe fora entregue, através da qual ele jamais seria molestado nesse aspecto específico. E, embora o Demônio o tentasse em várias ocasiões, Deus nunca permitiu que ele sucumbisse àquelas tentações, fazendo com que ele mantivesse sua admirável pureza e o tornando assim digno de conviver com a Rainha das Virgens e de protegê-la.

Em outra ocasião, o anjo lhe disse que Deus havia decidido conceder-lhe uma outra graça grande e sublime, mas que não sabia do que se tratasse. A decisão divina já estava tomada e José deveria manter-se muito digno e exercitar todas as suas virtudes, além de suplicar a Deus para obtê-la pois que a Ele agradavam sobremaneira as súplicas. O Santo compreendeu, sem tentar saber qual seria essa graça, e colocou toda a sua força de vontade em pedidos ao Senhor para que lhe concedesse duas graças que tinha como fundamentais: **uma para que acelerasse a vinda do Messias e a outra seria aquela que fora mencionada pelo anjo, às quais agradecia pois lhe eram muito importantes**. Embora ele dela só tomasse conhecimento mais tarde, a graça que o anjo lhe havia concedido era a de que Deus daria Maria a José como esposa, a futura mãe do Verbo Divino ou Messias. Nesse meio tempo o Santo se mantinha suplicante, no que experimentava grande satisfação também.

Certa vez José foi tomado de um grande estado de êxtase, no qual lhe foram reveladas as grandes virtudes a serem exercitadas pelo Messias quando de sua vinda para o convívio com os homens. Entre elas o **amor, a paciência e a humildade**, a nível de verdadeiras maravilhas. José se entusiasmou sobremaneira com essas revelações e passou também a praticá-las intensamente, no sentido de atingir seus máximos possíveis. E era de admirar os progressos que fazia, exortando todos os de sua casa para que o imitassem, pois isso seria de grande agrado para Deus.

Na época da Páscoa, juntamente com seus pais, habitualmente se dirigia a Jerusalém e muito se alegrava com a proximidade dessas solenidades. Orientado pelo anjo, ele se preparava para elas com jejuns e orações. Uma vez no Templo, orava ajoelhado e assim permanecia, imobilizado, durante muitas horas. E todos se admiravam, em virtude de sua pouca idade. Nessas ocasiões, recebia muitos conhecimentos e iluminações de Deus quando então, contemplando a beleza da celestial Jerusalém, pedia fervorosamente a Deus para que enviasse logo o Messias, a fim de que todas as pessoas pudessem participar das alegrias eternas através Dele. A Deus agradavam sobremaneira essas suas preces.

Seu pai Jacó fazia grandes donativos ao Templo e depositava as quantias respectivas nas mãos de seu filho para que ele as entregasse como sacrifício familiar. Ele agia dessa forma por saber como José se comprazia com isso. E a alegria de José era ainda maior do que a das pessoas que recebiam os donativos, pois ele o fazia com grande ternura e puríssimas intenções, dando-se assim nova e completamente a Deus.

José teria gostado muito de permanecer em caráter permanente naquela cidade pois assim poderia freqüentar mais assiduamente o Templo. Seus pais, conhecedores desse fato, permaneciam na cidade mais demoradamente do que o habitual, períodos esses em que seu filho não saía do Templo a não ser para alimentar-se e dormir. No tempo que lhe restava, ficava no Templo a rezar e suplicar ao seu Deus para que lhe concedesse as graças solicitadas. Numa dessas ocasiões, prometeu que, uma vez mortos seus genitores, moraria para sempre em Jerusalém para freqüentar o Templo com continuidade, local pelo qual tinha especial afeição. Deus, comprazendo-se com a promessa, concedeu-lhe essa graça no momento adequado para ela.

Durante todo o tempo em que seus pais permaneceram na cidade, José jamais foi visto a perambular por ela, à procura de novidades e curiosidades, como seria de esperar-se em sua idade. Saía sozinho, honrava e respeitava sobremaneira os sacerdotes do Templo, obsequiando-os de todas as maneiras que podia. Por esse motivo, era muito estimado por eles, em função de sua esplêndida índole e também pelas esmolas que praticava. Esses fatos, porém, jamais o influenciaram no mau sentido

e ele permanecia sempre solícito ao seu Deus, na permanente tentativa de lhe proporcionar alegrias e agrados.

Certo dia, quando orava entre muitas outras pessoas — com um ardor inusitado — ouviu interiormente a voz de Deus que lhe dizia o quanto lhe agradavam as suas preces e que Ele iria atender a todos os seus pedidos, assegurando-lhe também o grande amor que tinha por ele. Foi tal a alegria de José com essas revelações que permaneceu em estado de êxtase, imóvel e profundamente concentrado por várias horas, tempo no qual usufruiu da doçura e suavidade de seu espírito em Deus. Era tão grande o seu entusiasmo que seu amor se inflamou e cresceu ainda mais. Não desejava outra coisa que não fosse o seu Deus e Suas divinas perfeições. **Desejava ardentemente encontrar alguma companhia, também muito fiel,** com a qual pudesse conversar sobre essas grandezas e perfeições. Mas, sabendo que tal amizade não se encontrava disponível, satisfazia-se com rezar para Deus para que Ele lhe enviasse alguém nesse sentido.

Certa ocasião, encontrando-se ele em meio a esse tipo de súplicas, ouviu outra vez aquela voz interior de Deus, comunicando Sua disposição em atender àquele seu pedido porém em forma ainda muito mais ampla do que a solicitada. De fato Deus cumpriu essa promessa, embora sem manifestar-Se a respeito, concedendo-lhe a imensa graça de poder privar com o Verbo Encarnado e Sua Puríssima Mãe, sem dúvida alguma graça muito maior do que a que José lhe solicitara. O Santo se alegrou muito com a promessa feita por Deus, aguardando ansiosamente o seu cumprimento e pedindo sempre pela sua concretização. Sabedor de como Deus o favorecia, era imensamente grato pelos benefícios que obtinha e se oferecia a Ele de forma completa e total, sem quaisquer reservas.

Retornando a Nazaré, José não falava de outra coisa que não fosse da **magnificância** do Templo e da felicidade de todas as pessoas que o visitavam. Seus pensamentos estavam sempre junto a Deus e ele mencionava Jerusalém com as seguintes palavras: *"Já sentimos imensa alegria só pelo fato de estarmos em Jerusalém, que dirá a satisfação que temos se habitássemos a própria casa de Deus? E quanto magnificante não será esse lugar? Ah! Rezemos ao Senhor para que Ele nos envie logo o Messias prometido e assim nos tornaremos dignos de lá também poder habitar após a nossa morte!"*. Essas palavras eram ditas para seus pais, e com tal elevação de espírito e ardor, que eles também se sentiam possuídos de grande ansiedade e desejo em termos da vinda do Messias e também se aplicavam intensamente em orações nesse sentido. Tais afirmações não eram feitas somente aos seus pais, e para os serviços da casa, mas também para todas as pessoas que José encontrasse, às quais também transmitia aquela sua viva vontade quanto à vinda do Messias. José lhes dizia: **"Rezaí permanentemente para que Deus se digne**

a reduzir o tempo de espera de suas promessas. Benditos seremos nós quando obtivermos a graça de ver o Messias entre nós! Oh, que felizes seremos então! Oh, como eu desejaria poder oferecer-Lhe tudo, servi-Lo e honrá-Lo!”. Em determinadas ocasiões, sua mãe Raquel lhe perguntava: *“Que farias, meu filho, se tivesses a felicidade de ver o Messias com teus próprios olhos?”*. José, elevando suas mãos para o alto, respondia: *“Que faria eu? Eu me daria totalmente a Ele e me ofereceria para servi-Lo para sempre e não O deixaria jamais!”*. Raquel então replicava: *“E não sabes então que a virtude significa muitos sacrifícios?”*. José respondia: *“Não somente farei muitos sacrifícios voluntariamente para poder servir a Ele, como também me considerarei feliz em fazê-los por toda a minha vida”*. E sua mãe objetava: *“Quem poderá garantir que o Messias gostaria de ter-te a Seu serviço?”*. José dizia então: *“É bem verdadeiro que disso eu não seria digno. Mas tanto eu rezarei que Ele, movido por Sua infinita piedade, acabará por aceitar meus serviços e minhas devoções. Mesmo porque, sendo Deus infinitamente bom, o prometido Messias também o será. Além disso, Deus se compraz com nossas súplicas e preces e ao Messias também agradarão os meus serviços”*. E Raquel o confortava: *“Pois bem, meu filho, segue com tuas orações e súplicas para que o Senhor se digne a enviar rapidamente o Messias. Espero que Ele acolha teus desejos e ouça tuas súplicas”*. E José, erguendo as mãos para o alto, exclamava: *“Oh, que isso venha a ser do agrado do meu Deus! Quem poderia ficar mais contente do que eu?”*.

JOSÉ É TENTADO E ATORMENTADO PELO DEMÔNIO. SUA GRANDE PACIÊNCIA E FIRMEZA

O Demônio fervia em seu ódio quando observava as admiráveis virtudes de José, nele resplandescentes, que serviam de exemplo para todas as outras pessoas e as animavam a praticá-las também. Por esses motivos ele — tomado de grande furor contra o santo jovem, e não sabendo como fazê-lo incidir em atos de ira e de revolta, e ainda mais, para afastá-lo de sua fervorosa ação a serviço de Deus — passou a instigar alguns malfeitores e a insuflar em seus corações grande aversão por José, e até mesmo ódio por ele, pois a santificada orientação de vida do Santo provocava nessas pessoas sentimentos de vergonha e censura. Por isso, elas concordaram em que, quando o encontrassem, iriam molestá-lo, desprezá-lo e dizer-lhe palavras injuriosas, decisões essas que de fato acabaram por cumprir. Quando tais jovens encontravam José, e esses delinqüentes iam até mesmo ao seu encalço, o escarneciam e troçavam dele. Estando sozinho, o Santo inclinava sua cabeça e, voltando seu coração para Deus, rezava para que aqueles indivíduos tivessem consciência dos erros que praticavam. Eles então, vendo que José não tomava conheci-

mento de suas ofensas, maltratavam-no ainda mais com palavras como burro, idiota, covarde, dizendo ser ele tão estúpido que nem mesmo falar sabia. José seguia seu caminho, tentando mostrar-se tranquilo, e os maus indivíduos o seguiam, alardeando atrevimentos, e lhe diziam continuamente grosserias e ofensas. José se via então muito confuso e perplexo, sem saber se deveria responder-lhes à altura para que se calassem, ou se deveria manter-se em silêncio e sofrer com paciência. Obviamente, decidiu-se pela última alternativa, pois assim estaria agradando a Deus. Decidiu-se pelo sofrimento, até mesmo com alegria, sem dizer qualquer palavra. Sua atitude confundiu sobremaneira seus perseguidores, que se envergonhavam, tendo assim o Demônio sido derrotado mais uma vez. Mas, os jovens delinquentes não se reconheceram satisfeitos e, em outras ocasiões, voltaram a maltratar José até que, cansados de tanto ofendê-lo, finalmente acabaram por deixá-lo em paz. Mas, as perseguições duraram muito tempo e José, ao deixar sua casa — para executar alguma tarefa solicitada por seus pais — ia preparado para sofrer as agruras de outros encontros com os malfeitores. Todavia, jamais se queixou com quem quer que fosse, nem mesmo com seus pais, mantendo-se calmo e jovial.

Entretanto, seu pai Jacó foi informado dessas perseguições e conversou com ele sobre isso, para saber se deveria tomar qualquer providência a respeito. Com toda serenidade, José lhe respondeu que seria melhor deixar as coisas como estavam pois estava certo de que, sofrendo com paciência, estava agradando ao seu Deus. E acrescentou: *“Sabeis, meu pai, quanto os nossos patriarcas e profetas sofreram voluntariamente muitas injúrias e ofensas, e como sofreu Davi por ter sido injuriado e perseguido. Sabemos também que todos eles eram muito favorecidos pelo nosso Deus. Por tais motivos, é preciso que os imitemos, já que o Senhor nos dá ocasiões para isso”*. Jacó ficou verdadeiramente edificado com tais palavras e deixou que seu filho agisse segundo seu próprio julgamento e que sofresse sem quaisquer ressentimentos, como o fazia. O Demônio, vendo que nada conseguia com aquele jovem santificado, e que acabava sempre por ser derrotado por ele, resolveu tentar outras formas de perturbar sua paz e seu paciente equilíbrio. Para tanto, passou a instigar uma mulher de vida irregular — que não via José com bons olhos — para que encontrasse sua mãe e dele lhe falasse mal, como sendo ele objeto de censura por parte de todas as pessoas, de que não servia para coisa alguma e que, com o tempo, terminaria por gastar tudo o que eles possuíam nas grandes esmolas que fazia a todos os que as pediam. E dizia que aquela turba que o perseguia continuamente era constituída de pobres que, sabedores desse fato, o perseguiam quando ele deixava a casa. Raquel, embora mulher de sabedoria e prudência — plena conhecedora do temperamento de seu filho — tanto, e tão conti-

nuamente ouviu essas coisas daquela mulher — que assim agia com permissão divina — que acabou por deixar-se influenciar e fazer ásperas reprimendas a José. Ele, embora conhecedor da origem daquelas intrigas, jamais se queixou e agüentou tudo com grande paciência e com resignação, sem quaisquer ressentimentos. Somente em uma ocasião ele respondeu para sua mãe e lhe disse, com muita humildade, que ela deveria informar-se corretamente sobre o que lhe era dito pois assim saberia que se tratavam de inverdades instigadas pelo Demônio com a finalidade de inquietá-la e conturbar a paz familiar. Raquel aceitou as suas palavras e acabou por certificar-se da fraude tentada pelo Demônio e expulsou de sua casa aquela perigosa mulher que tentava introduzir a discórdia entre ela e seu filho.

Satanás, embora confuso e desapontado, não desistia de sua empresa e procurava algum novo estratagema para desequilibrar e perturbar José. Com a devida permissão divina, passou a molestá-lo novamente, desta vez com insinuações que envolviam a vida irrepreensível que ele levava, tanto aos olhos de Deus, como ao das pessoas em geral. O Santo se horrorizava com tais insinuações e se consolava humildemente em Deus, considerando-se um miserável pecador e dizendo: *“Sou uma criatura miserável e muito indigna; amemos ao nosso Deus pois Ele é digno de nosso amor, é perfeíssimo em todas as Suas ações e é digno de ser muito amado e exaltado”*.

O Demônio tentou José de todas as formas possíveis e imagináveis, somente contra a sua grande pureza nada lhe foi permitido, fato que o irritava profundamente e fazia com que procurasse alguma forma de fazer com que José proferisse alguma palavra que contrariasse essa sua nobre virtude de pureza. Todavia, sendo o Santo muito inocente e muito simples, jamais lançou essa palavra. Mas, em meio a esses conflitos e tentações, e também a insinuações referentes à sua humildade, rezava mais fervorosamente ainda no sentido de que Deus o ajudasse a manter sua castidade. Mais uma vez, em seu sono, o anjo lhe disse que acompanhasse essas suas orações também com jejuns e a submeter seu corpo a esses sofrimentos, orientação essa que ele seguia à risca e contra a qual nunca se rebelou. Dessa forma, o Demônio foi novamente derrotado e José foi o vitorioso. Aquele, embora desistisse temporariamente de perturbá-lo, jamais deixou de molestá-lo periodicamente com suas fraudes e armadilhas.

A vida retirada e solitária levada pelo Santo era censurada e criticada por muitas pessoas. Muitas vezes, jovens de sua idade o procuravam em casa para levá-lo a diversões naturais da situação. Ele então, com toda delicadeza, recusava seus convites e lhes dizia que sua maior diversão estava em ler e estudar as Sagradas Escrituras, assim como a vida dos patriarcas e profetas, para que pudesse imitá-los em suas virtudes pois,

através delas, se haviam feito amados e favorecidos por Deus e também muito agraciados por Ele. E José os exortava para que agissem da mesma forma. Não faltaram aqueles que vieram a seguir seus conselhos e procuravam também imitá-lo, pois Ihes falava com tanta graça e delicadeza que suas palavras Ihes iam direto ao coração. Depois de ter dado conselhos tão saudáveis, José se retirava para rezar novamente por todos aqueles que não atendiam às suas orientações, no sentido de que Deus os ajudasse e Ihes concedesse a graça de fazê-lo no futuro. O Senhor o atendia nessas preces e o santificado jovem se alegrava sobremaneira ao saber que eles passavam a colocar em prática os conselhos que Ihes dera, e disso ele agradecia a Deus. Entretanto, também não faltaram os que o censuravam e que viam suas orientações de forma errada. José tomava para si a culpa dessa fato dizendo que, sendo pecador, não merecia atenção e crédito para ser ouvido por eles. Retirava-se em lágrimas e orava a Deus para que empregasse Sua misericórdia com os que tripudiavam sobre seus conselhos e para que Ele não levasse em conta as suas muitas culpas mas tão somente o mérito que ele tinha em amá-Lo e servi-Lo com toda fidelidade. Pedia também que Ele iluminasse aquelas pessoas e fizesse com que elas conhecessem as verdades de Suas manifestações. Deus muito se comprazia com tudo isso e não permitia que essas súplicas fossem feitas em vão, fato esse que animava José a novas exortações, muitas vezes rigorosamente seguidas por outras pessoas, do que ele muito rendia agradecimentos ao Senhor.

JOSÉ COMO DEFENSOR E PROTETOR DOS MORIBUNDOS

Entre as muitas graças que Deus concedeu a José, uma das mais singulares foi a que se refere aos desafortunados moribundos e agonizantes. O Santo demonstrava uma tal compaixão por esses infelizes e deles não se afastava por saber dos grandes perigos a que estavam sujeitos nos últimos instantes de suas vidas, quando o Demônio tudo faz para ganhá-los e conduzi-los ao sofrimento eterno.

O anjo avisou José, em seu sono, sobre esses perigos todos que ameaçam os agonizantes e sobre a necessidade que eles apresentam em ser auxiliados e amparados nesses seus últimos conflitos na vida. À medida que José conjecturava sobre esse aviso, Deus introduzia em seu coração um grande compadecimento e uma imensa caridade para com as pessoas nesse estado. Havendo Deus destinado o **Santo como defensor e protetor dos agonizantes**, desejou que ele exercesse tais funções, inclusive durante sua vida terrena, com o máximo de amor e caridade para com eles, tão infelizes, fazendo com que José entendesse muito bem as necessidades das pessoas em seus últimos instantes de vida, dos quais, entretanto, dependeria uma eternidade de felicidade infinita

ou de eternas misérias e amarguras. Esses motivos o levaram a ter imenso desejo em ajudar os moribundos e ele se utilizava de tudo o que conhecia no atendimento dessas pessoas em agonia. Permanecia durante horas ajoelhado junto a elas suplicando para que Deus lhes concedesse passagem amena e feliz desta vida para a outra e para que elas repousassem então serenamente no seio de Abraão.

O Santo não sossegava, ou descansava, ao saber que alguém se encontrava em tal estado e se aplicava em suas súplicas para que Deus atendesse às suas necessidades naqueles difíceis momentos. Estando por acaso presente, não se afastava até que aquelas pessoas chegassem ao fim de sua vida, animando-as sempre para que confiassem na misericórdia divina e resistissem às tentações do Demônio. E os que iam morrer se sentiam extraordinariamente confortados e consolados com aquela assistência que o Santo lhes dava, fazendo com que fossem significativamente diminuídas as forças do Mal através de todas as preces que realizava. Deus concedeu a José a graça de que as pessoas que ele confortasse, nesse estado, não morreriam por completo, mas sim seriam endereçadas em parte para o Limbo, em parte para o Purgatório. José estava ciente desse fato e muito se alegrava com isso, agradecendo ao Senhor essa tão grande concessão.

O Demônio se enfurecia sobremaneira vendo essa tão grande caridade exercida por José para com aquelas pessoas. Certa noite — entre as muitas que ele havia passado junto à cabeceira de doentes — o Demônio lhe apareceu — com aspecto horrível e aterrorizante — e o ameaçou para que ele desistisse de seus intentos e daquela sua assistência aos agonizantes. José, intimidado com aquele horroroso acontecimento, recorreu a Deus solicitando Sua ajuda. Isso fez com que o Demônio desaparecesse. O Santo permaneceu em preces, durante as quais ouviu a voz do Senhor que o animava a não temer e a prosseguir na caridade que fazia com aqueles pelos quais tinha tão grande compaixão. Animado por essa voz interior, o Santo desenvolveu ainda mais esse seu sentimento caritativo e continuou a ajudar aquelas pessoas por meio de fervorosas orações. E se sentiam muito felizes e confortados aqueles aos quais era permitida a presença de José por ocasião de suas mortes. Felizes, pois se libertavam dos assaltos do Satanás e suas almas eram enviadas para bons lugares através das muitas preces do santificado José.

Entretanto, em razão também dessas suas obras piedosas, o Santo passou por inúmeros aborrecimentos e perseguições por parte de pessoas instigadas pelo Demônio. Todavia, ele jamais desistiu dessas práticas, que muito compraziam a Deus e que tantos auxílios levavam ao seu próximo, sendo que seu anjo freqüentemente lhe falava a esse respeito.

Em uma das muitas aflições de José, em razão dessas perseguições que lhe eram feitas, o anjo lhe falou mais uma vez, durante seu sono,

e lhe disse que — de parte de Deus — ele deveria dar continuidade a praticar esses atos caritativos, mesmo porque o Senhor prometia conceder-lhe uma extraordinária graça por ocasião de sua própria morte. Embora não lhe tivesse sido dito qual fosse essa graça tão especial, o fato é que foi realmente extraordinária, pois a José foi permitido morrer no convívio de Jesus e Maria, em meio à sua amorosa assistência. Embora o Santo não soubesse do que se tratava, muito se animou com o aviso do anjo e continuou praticando aquelas ações, delas jamais desistindo, mesmo quando perturbado por alguma ação do Demônio que muito se esforçava em prejudicá-lo. No entanto, jamais o conseguiu pois o santificado jovem era animado e fortalecido pela graça divina. E, como essa ação agradasse muito a Deus, José se empenhava todo e não permitia a pessoa alguma que o desviasse daquela sua obra, executada que era para a glorificação de Deus e para o bem do seu próximo.

Algumas vezes acontecia que o anjo o avisava da necessidade de algum moribundo em termos de suas preces e ele então se ajoelhava, e orava, pedindo a Deus que socorresse aquele pobre agonizante; e não cessava de rezar até que não se certificasse de que Ele daria essa ajuda pedida. Muitas vezes o anjo o advertia sobre o elevado número de pessoas que morriam por toda a eternidade e isso o entristecia muito, a ponto de passar aquele dia inteiro chorando amargamente, sofrendo por não estar presente à morte de todas as pessoas e por não poder então ajudá-las. Nessas ocasiões, voltava-se para Deus e lhe solicitava que enviasse logo o prometido Messias, para que Ele livrasse a todos da escravidão de Satanás e que resgatasse todas as pessoas por meio da Redenção. Quando assim aflito e perturbado seus pais lhe perguntavam quais as causas de suas aflições, ele lhes respondia, franca e humildemente: *“Choro pela irreparável perda de tantas almas que foram criadas por Deus para que Ele as conduzisse ao eterno repouso. Todavia elas, por suas próprias culpas, acabam por perder-se. Satanás tem um grande domínio sobre os homens e por isso devemos rezar muito para que Ele tire o Demônio do seu domínio, para que todas as almas fiquem libertadas da tirania daquele feroz dragão”*. Tais palavras eram ditas com o máximo de sentimentos e compaixão, e seus pais acabavam por chorar juntamente com ele, suplicando também para que Deus enviasse logo o prometido Messias.

José freqüentemente pedia a Deus pela saúde dos pecadores obstinados, à beira da perdição, solicitando que Ele lhes restituísse a perdida saúde para que pudessem ser perdoados de seus pecados e fossem então salvos. Para obter essa tão grande graça, José passava dias inteiros em orações, muitas vezes acompanhadas de prolongados jejuns. E raramente acontecia que o santificado jovem não fosse atendido, sendo tudo reali-

zado de forma oculta, para que aquelas pessoas de nada ficassem sabendo, unicamente através da manifestação de Deus.

O Senhor muito se comprazia com tais orações e pedidos de José e com a grande caridade que ele tinha pelos moribundos. Deus não deixava de atendê-lo e de confortá-lo, através da alegria divina, fazendo com que seu espírito usufruísse de grande doçura, a ponto de repetir o que havia dito o rei Davi: *“Minha carne e meu coração podem desaparecer; Deus é uma rocha dentro de mim e é minha felicidade eterna”*. (Salmo LXXII, 26). O Santo, com plena alegria, realizava jejuns prolongados, porém completamente saciado com o espírito de Deus, de cujo amor estava repleto e totalmente preenchido.

JOSÉ CRESCE EM AMOR A DEUS E EM SABEDORIA

À medida que José avançava em anos, também crescia de forma admirável na prática das virtudes e em amor por Deus e também avançava muito em seus estudos das Escrituras, especialmente dos Salmos de Davi, cuja maioria havia memorizado e repetia constantemente.

O Santo se manteve dentro desse sistema de vida até seus quinze anos, conservando sempre sua candura e sua inocência, sem causar qualquer desgosto a Deus não somente quanto a culpas graves, mas até quanto às mais leves. Aplicava seus esforços no sentido de evitar quaisquer tipos de pecados e mantendo sempre em mente a advertência do Espírito Santo, de que os que descuidam das pequenas culpas acabam por incidir também nas grandes. Por isso, muito se preocupava com as ocorrências ligeiras, cuidando com o maior rigor de seus sentidos e sentimentos, em especial de seu olhar, jamais fitando diretamente nos olhos a pessoa alguma — em particular do sexo oposto — pois era de seu conhecimento que Davi, entre muitos outros, tinha sido castigado por sua curiosidade quanto a coisas e acontecimentos dos quais é necessário fugir-se. E quanto mais José reprimia seus sentimentos, mantendo assim intacta sua fidelidade a Deus, tanto mais Ele o agraciava e tanto mais ele O amava, objeto único de seu amor e de suas preces. Em determinadas ocasiões, quando sentia algum desejo de olhar para algo que o agradava — mas que poderia depois causar-lhe alguma sensação de culpa — elevava rapidamente seus olhos para o alto e se deliciava contemplando as belezas criadas por Deus e era assim tomado por grande sentimento de alegria. Praticava constantemente tais exercícios e assim reduzia seu gosto por quaisquer coisas materiais, aumentando sempre seu amor a Deus e seu prazer em relacionar-se apenas com Ele.

José estava bem ciente do quanto seus pais o amavam e temia que esse amor pudesse influenciar os sentimentos deles por Deus e, ao apresentar-se alguma ocasião para tanto, ele lhes dizia manter-se atentos

nesse sentido, pois todo o seu amor devia ser endereçado a Deus e que Ele muito se comprazia com isso. E, sendo o Senhor muito sensível poderia desgostar-se, pois a Ele as pessoas devem amar sobre todas as coisas, e com todo o seu coração. Essas palavras de fato influenciavam sobremaneira seus pais, que então procuravam moderar seu amor por seu filho, dedicando-o todo ao Senhor. José muito se alegrava com essa atitude de seus genitores e agradecia a Deus, que lhe concedia a graça de ter seus conselhos aceitos por sua mãe e seu pai.

Através de seus estudos, o Santo tentava tornar-se virtuoso e culto. Embora fosse bastante versado na Lei, jamais polemizava com quem quer que fosse; por tal motivo, alguns chegavam até mesmo a achá-lo pouco dotado nesse aspecto. Entretanto, ele não se abalava e até mesmo apreciava ser desprezado por aquelas pessoas. Não queria também envolver-se com fatos que se desenrolavam na cidade, pouco afeito a novidades, pois achava que essas ocorrências iriam perturbar sua dedicação a Deus, e aos seus estudos. Por esses motivos, tais fatos não eram comentados em sua casa quando ele se encontrasse presente. O Santo vivia, assim, muito retraído, sem permitir qualquer satisfação aos seus sentidos pois isso, de alguma forma, o tornaria menos considerado por Deus. José praticava todas essas virtudes por iluminação divina durante suas orações, ocasiões em que Deus lhe transmitia com muita clareza quais as ações que O agradariam. Como Deus o havia dotado de admirável poder de consolação dos aflitos, José muito se exercitava nesse sentido. Encontrando pessoas aflitas e com problemas, ele as consolava com palavras amáveis, e com tal habilidade, que a elas nada mais restava que não fosse se alegrarem, mesmo em suas aflições. O Santo rezava fervorosamente para que Deus levasse algum consolo para eles. Por toda a região, correu a notícia de que aquele santificado jovem, tão delicado e amável, consolava e confortava os angustiados e as pessoas então se dirigiam para a sua casa em busca de suas palavras consoladoras. Ele as tratava com grande gentileza e carinho e as animava para que enfrentassem aqueles sofrimentos, que se recolhessem em Deus, que lhes traria todos os confortos e benefícios, pois somente Ele lhes poderia proporcionar essas graças. Exortava-as para que suplicassem ao Senhor pela vinda rápida do Messias, conforme prometido na Lei, pois Ele seria o motivo de consolação para todos. Estando uma pessoa sem ter algo com que se alimentar, recorria a José, com confiança, em razão de seu grande sentimento de caridade. O jovem, com grande humildade, pedia então para seus pais que atendessem àqueles pedidos, no que o atendiam, dado o grande amor que lhe tinham. E seu pai sempre lhe dava dinheiro para que ele socorresse os mais necessitados com suas próprias mãos. E ele o fazia com grande satisfação, dizendo para aqueles: *"Deveis ser reconhecidos a Deus, pois Ele dá a mim, para que eu vos dê. E nós*

todos devemos ser gratos por todos esses benefícios". Dessa forma, ele ganhava grande estima de todos pois dizia ser ele também pobre e favorecido pelo Senhor, maneira que usava para que todos se sentissem reconhecidos a Deus e que a Ele dessem a merecida glória e seus agradecimentos. José era assim muito amado por todas as pessoas às quais beneficiava e elas o louvavam por toda a cidade. O fato acabou por provocar inevitáveis invejas em algumas pessoas de má formação, que afirmavam estar ele fazendo aquelas benemerências somente para ser louvado e estimado. Satanás, naturalmente, disse se utilizava para tentar colocar em descrédito as virtudes mostradas por José. Sabendo de tais ocorrências, o jovem se mostrou alegre em ser assim vilipendiado e que dele falassem mal, pois que a ele somente preocupavam as ofensas feitas a Deus; e ele suplicava para que o Senhor as iluminasse; e rezava muito por elas. Encontrando-as casualmente, mostrava-se sempre muito amável e gentil. E, quando tinha ocasião de poder falar com elas, dizia: *"Tomai cuidado para não ofender a Deus. A mim, pouco importa se me ofendeis pessoalmente"*. E aconteceu que muitos dos que o ofendiam passaram a admirá-lo e a mostrar afeição por ele, em razão da candura de suas palavras e da maneira gentil de tratá-los. Eles passaram a reconhecer as virtudes daquele jovem que a todos se dirigia com respeito e humildade e que fazia com que até aqueles mais duros se acalmassem com suas palavras e maneiras tão suaves. E todos podiam observar claramente como ele tratava com Deus em suas preces e como o seu espírito estava pleno de graça.

O Santo foi ainda agraciado com grande fé e jamais duvidou das promessas que lhe haviam sido feitas por Deus, em seu sono, através do anjo. Embora tais promessas fossem adiadas, ele jamais teve dúvidas e permaneceu sempre constante naquela sua fé, pois sabia que elas seriam cumpridas e imitava o patriarca Abraão nesse sentido. As palavras que lhe eram ditas pelo anjo eram tomadas como absolutamente verdadeiras e ele aguardava pacientemente o cumprimento daquelas promessas, rezando a Deus para que o alegrasse e lhe concedesse tudo o que o anjo lhe havia prometido.

Dessa forma, José progredia a largos passos na estrada dos preceitos divinos, para a alegria de Deus que, *desejando testar sua fidelidade, decidiu cancelar a ajuda especial que ele tinha do anjo, a quem ele não mais ouvia, fato esse que levou o Santo a grandes aflições*. Mesmo assim, ele não deixou de exercitar sua piedade, aumentou suas preces e jejuns e as contínuas súplicas a Deus, tomado de grande temor em ter talvez O desagradado. *Passava noites inteiras em orações*, pedindo ao Senhor que manifestasse, através do anjo, quais os motivos de Seu abandono e do Seu desprazer, para que ele fizesse as necessárias penitências, pois não conhecia em si próprio motivos que o desabonassem e que pudessem

tê-lo afastado dele. Assim permaneceu **por alguns meses, sofrendo** muito, mas sempre com a certeza de que Deus não o abandonaria em tão grande aflição. Quanto mais marginalizado se sentia, tanto maior eram seus sentimentos de fé e confiança em Deus e mais se recolhia em preces e em amor por Ele. Dizia ser merecido aquele seu castigo, pois havia correspondido mal às expectativas do Senhor e muito O havia ofendido. E se humilhava, reconhecendo-se pecador. E Deus teve por bem permitir que o Demônio o tentasse muito durante tal período. José, porém, permaneceu sempre muito forte e muito confiante na imensa bondade de seu Deus.

Passando assim por tantos sofrimentos com paciência e resignação e havendo vencido todas as tentações que o Demônio lhe proporcionava — mostrando-se fiel ao seu Senhor — teve Ele então compaixão e decidiu confortá-lo e dar-lhe a devida retribuição por sua grande fé. Estando José a orar determinada noite, em solidão e aflito, ouviu a voz interior de Deus no sentido de que Ele o amava e que não o havia verdadeiramente abandonado, mas sim estado sempre atento às suas necessidades. O Santo se sentiu então imensamente alegrado pela voz que ouvia novamente, doce e suave, e sua mente foi profundamente iluminada. E ele louvou ao seu Deus pelo consolo que lhe havia proporcionado ao restituir-lhe seu original estado de graça. Passou algum tempo nesses colóquios com o Senhor e em seguida repousou calmamente. Durante seu sono, o anjo lhe falou outra vez e lhe disse que Deus muito se alegrara com suas demonstrações de fé e decidida resistência às tentações do Demônio. Que o Senhor havia desejado testar sua fidelidade e seu amor e não o havia punido, como ele pensara, por qualquer ato seu que O houvesse desgostado. Foi grande o contentamento de José e ele pediu ao anjo para que agradecesse a Deus por ele pois não seria capaz de fazê-lo convenientemente, no que o anjo o atendeu de imediato.

Tendo assim o santo jovem retornado à sua alegria espiritual e tranqüilidade, em razão de contar outra vez com a iluminação divina, não se cansou de louvar e agradecer a bondade de Deus e louvações à Sua divina grandeza e perfeição, e crescendo ainda mais seu amor por Ele. A chama que tinha em seu coração podia ser mesmo vista em sua fisionomia — rosada, com olhos cintilantes — fato que maravilhava a todos os que o viam. E, muito mais aos seus pais que, muito alegres e satisfeitos com a oportunidade que Deus lhes concedera em serem pais de um filho tão extraordinário.

No dia do nascimento da santíssima Virgem Maria, destinada por Deus para ser a futura mãe do Verbo Divino, e também esposa de José, o anjo lhe falou novamente durante seu sono para que agradecesse esse favor tão especial que Deus fazia para o mundo todo e, muito particularmente, a ele próprio. No entanto, o anjo não lhe explicou claramente qual seria essa tão grande graça que o Senhor lhe concedia, nem ele

tentou qualquer investigação nesse sentido. Apenas colocou-se imediatamente em orações e agradecimentos por aquele benefício que o Senhor fazia para a Humanidade, e para ele mesmo, agindo assim em conformidade com as instruções que recebera do anjo. Com esse ato de gratidão, foi tomado de grande alegria e de um maravilhoso estado de êxtase, no qual lhe foram revelados muitos dos mistérios envolvidos com a vinda do Messias prometido e Sua Divina Mãe. Além de muito contente, ele ficou ainda mais ansioso pela chegada do Messias e reforçou suas súplicas com maior frequência. Dessa forma, deu alegrias ainda maiores ao Senhor, que muito se comprazia com todos esses atos destinados a pedir-Lhe que enviasse depressa o Prometido na Lei e, nesse sentido, **José atendia plenamente a todos os Seus desejos.**

MORREM OS PAIS DE JOSÉ. GRANDES PROVAÇÕES

Quando o Santo tinha dezoito anos, o Senhor teve por bem levar seus pais deste mundo. Sua mãe Raquel, após longo período de penosa enfermidade, adoeceu gravemente e morreu. Com tal enfermidade, Deus tencionava fazer com que ela se penitenciasse de suas faltas para então enviá-la ao local dos justos, qual seja, o Limbo. Essa graça lhe foi concedida pelas contínuas súplicas de José por ela para que o Senhor enviasse ambos os seus pais para o merecido repouso no seio de Abraão.

Foram de fato admiráveis a assistência e o carinho dispensados por José a sua mãe nessa ocasião, confortando-a continuamente em seus sofrimentos e dores e pedindo fervorosamente ao Senhor que concedesse a ela a grande paciência que se tornava necessária ao enfrentar sua penosa doença. O Santo passava noites inteiras em assisti-la e em orar por ela. Não a abandonou por um momento sequer, em virtude de sua gratidão, e jamais deixou de assisti-la e de mostrar seu grande amor filial. Esses fatos eram de grande consolação para Raquel e ela também pedia muito a Deus para que cobrisse seu filho com Suas bênçãos. Chegados os últimos instantes de vida de sua mãe, José se ajoelhou diante dela e lhe pediu para que abençoasse e o perdoasse de todos os desgostos que por acaso lhe tivera causado. Raquel então o abençoou e o exortou para que nunca mudasse sua maneira de agir e procurasse crescer sempre em seu amor a Deus e em servi-Lo. Agradeceu pela assistência toda que ele lhe havia dispensado e por todo o carinho que demonstrara. O Santo, por sua vez, também externou seus agradecimentos e lhe disse para que morresse em paz, pois estava certo de que sua alma iria para a companhia dos Santos e dos Anjos. Essas palavras confortaram sobremaneira a enferma, que suplicou a Deus para que Ele cobrisse seu filho com Suas bênçãos. O Senhor, para demonstrar-lhe Seu acordo com aquele pedido fez com que ela visse um grande clarão de luz, resplandescente, na fisionomia

de José. E ambos, muito contentes e satisfeitos, renderam suas graças ao Senhor pelo que Ele lhes concedia.

Agravou-se bastante o estado de saúde de Raquel e ela então entrou em agonia. José não a abandonou nem mesmo por um instante e a assistiu até seu último suspiro, portando-se com grande generosidade e firmeza de espírito. Dava toda a atenção à sua mãe e, simultaneamente, procurava consolar seu pai, muito triste que estava pela perda de sua companheira tão dedicada.

Falecida Raquel, José tratou de confortar Jacó e, em seguida, retirou-se para seus aposentos, onde chorou profundamente emocionado e suplicou ao seu Deus para que Ele o consolasse nessa tão grande aflição. E Ele não tardou em atendê-lo fazendo com que ouvisse sua voz interior informando-o de que suas súplicas seriam atendidas e também os seus justificados pedidos concernentes à sua mãe. E o Santo, vendo realizados seus desejos, agradeceu ao Senhor e abandonou seu quarto para cuidar de seu pai

Na noite seguinte, enquanto José dormia, o anjo lhe falou novamente informando que Raquel já se encontrava entre os Justos e que, dentro em breve, ele iria sofrer também a perda de seu pai e que deveria conformar-se com a vontade divina. Que não temesse, pois Deus sempre o havia protegido e defendido em toda a sua vida. As notícias sobre sua mãe muito o alegraram; por outro lado, afligiu-se muito com a informação relativa à próxima morte de seu pai. Todavia, procurou conformar-se com a idéia e preparar-se para as angústias que deveria enfrentar novamente, mantendo grande confiança e fé nas afirmações do anjo de que seria sempre protegido pelo Senhor, por toda sua vida. Sua condição humana o obrigava a sentir vivamente os sofrimentos todos que lhe estavam ainda destinados, mas seu espírito se mostrava de todo preparado para os dissabores a enfrentar e para receber, com paciência e resignação, e até mesmo com alegria, qualquer decisão vinda da parte de seu Deus.

Havendo o Santo assim passado pela dolorida morte de sua mãe, observava seu pai tomado de grandes aflições e procurava então confortá-lo e portar-se verdadeiramente como o bom filho que era.

Passado curto período de tempo, Jacó foi acometido da doença que lhe seria fatal. José, com suas forças já reduzidas pelo trabalho e sofrimento com a morte de sua mãe, foi tomado de grande dor e pediu fervorosamente a Deus que o assistisse com suas graças e que lhe desse forças espirituais para que pudesse cuidar de seu pai em sua derradeira enfermidade. Deus o atendeu e lhe deu novas forças, com as quais José se aplicou intensamente na necessária assistência a Jacó. Jamais o abandonou, de dia ou de noite, dispensando-lhe grande amor e caridade, animando-o a sofrer com paciência todas as dores e angústias naturais da doença. Seu pai, de fato, sofreu com grande serenidade e paciência, preocupan-

do-se apenas com seu filho que ficaria só e abandonado e tendo que enfrentar sozinho muitas atribulações. José o confortava dizendo para que morresse em paz e não se preocupasse com ele, pois o Senhor o protegeria e o ajudaria em todas as suas necessidades. Ouvindo isso, Jacó se acalmava e confiava plenamente em Deus, que muito amava seu filho e dele iria cuidar. Deixou para José todos os bens que possuía, para que deles usufruísse à sua vontade pois estava ciente de que ele lhes daria o tratamento e destino corretos. Como bom pai que era, deu-lhe também muitos conselhos e recomendações para que mantivesse sempre seu amor a Deus e seu amor ao próximo. José ouviu tais recomendações com respeito e confiança, humildade e submissão, agradecendo a seu pai por tudo aquilo que ele lhe havia proporcionado durante sua vida. Prometeu-lhe executar todas as instruções recebidas, para seu próprio benefício e glória do Senhor. Jacó, muito conformado, lhe disse então: *“Filho, posso morrer sossegado e satisfeito pois vejo que estás bem orientado quanto à prática das virtudes e que amas e temes a Deus. E também porque deixo como herança muitos bens com os quais poderás manter-te em boa situação e poderás fazer muitas esmolas, conforme forem teus desejos. Deves pedir a Deus pela remissão dos meus pecados e a graça que Ele me envie ao lugar dos Santos. Espero que tenhas sempre boas recordações minhas, e de tua mãe, pois cuidamos de ti com muito amor e cuidado. Nada mais resta agora que dar-te as minhas bênçãos e suplicar a Deus para que Ele as confirme através das Suas e que mantenha para sempre as graças todas que te tem concedido”*. Com essas palavras de Jacó, o Santo se ajoelhou humildemente e pediu novamente as bênçãos de seu pai. Juntamente, pedia também as do seu Deus, tendo assim recebido ambas. Chorando, agradeceu a seu pai os benefícios todos que lhe proporcionara, pela boa educação que lhe havia dado e pelos bons exemplos que lhe mostrara, solicitando ainda seu perdão para o que houvesse feito contra a vontade dele e pelos eventuais desgostos que lhe causara. Jacó, que na verdade jamais tivera qualquer desgosto com José, mas somente satisfações, disse-lhe que nada tinha a perdoar, pois ele jamais o havia desgostado. José, entretanto, não satisfeito com essa afirmação, não se levantava enquanto não obtivesse o solicitado perdão de seu pai. E este então, não querendo desagradá-lo ou negar-lhe essa satisfação, confirmou seu perdão, com muita alegria e de todo o coração. José mostrou grande alegria e agradeceu profusamente. Em seguida, **o Santo solicitou de seu pai a permissão de doar ao Templo os bens que lhe deixava, sendo que seu pai o libertou totalmente nesse sentido, dizendo que deles usasse segundo seu melhor critério e de acordo com a vontade de Deus**. Muito alegre, o Santo agradeceu novamente e assegurou que jamais se esqueceria dele e de sua mãe, e que ele poderia morrer tranqüila e sossegadamente.

O estado de saúde de Jacó se agravava progressivamente e seu filho crescia cada vez mais em sua assistência e ainda muito mais em suas preces e súplicas no sentido do bem estar eterno de seu pai. E Deus lhe deu toda a segurança que desejava, motivo pelo qual ele agradecia continuamente ao Senhor.

José se ofereceu a Deus e lhe suplicou para que ele, José, passasse por todos os sofrimentos destinados a seu pai, para que ele pudesse retribuir todas as obrigações que tinha para com Ele, pedindo também para que Jacó fosse enviado para a companhia dos Justos. Deus o atendeu e o Santo passou por muitas dores e sofrimentos, **com paciência e resignação, certo que dessa forma estava pagando por dívidas de seu pai para com Deus.** Agradeceu profusamente por essa concessão e ficava assim seguro de que Jacó iria repousar no seio de Abraão após sua morte. Levantando suas mãos para o céu, louvava a Deus e agradecia a Sua infinita bondade.

Chegados os últimos instantes de sua vida, seu pai teve completa assistência por parte de José, caritativa e amorosa, que o consolava e exortava a confiar na bondade e misericórdia divinas e a partir satisfeito e seguro de que seria enviado para lugar muito bom e agradável. O agonizante teve todo o conforto por parte de José e morreu com grande dignidade, resignação e serenidade, **plenamente confiante em seu destino eterno.**

Tendo seu pai exalado o último suspiro, o Santo se retirou para o seu quarto a fim de pagar, com suas lágrimas, o tributo devido pela morte de seu pai, no que tinha muita razão, pois ficava agora sem aquele que tanto o favorecera e o amara, e que havia lhe proporcionado tão boa educação. No sentido de desafogar suas mágoas e dores, ajoelhou-se perante Deus e suplicou Sua ajuda dizendo: *“Oh, Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó! Oh, meu Deus! Aqui estou privado de meus pais, que Vós levastes das misérias desta nossa frágil vida. Eu Vos suplico que Vos digneis a receber-me sob Vossa proteção, dando-me todo a Vós, preparado para qualquer sacrifício. Sempre me haveis proporcionado proteção e defesa e eu tenho sempre me submetido à Vossa vontade. Neste instante, dedico-me novamente todo a Vós e suplico que cuideis de mim e me dispenseis todo o Vosso domínio. De ora em diante, estarei exclusivamente submetido a Vós. Meu Deus! Concedei-me a graça de poder servir-Vos ainda. Meu pai e minha mãe me deixaram, mas o Senhor me recolheu em Seus braços. Vós sereis agora meu Pai e protetor, minha Mãe e toda a minha sustentação e refúgio; fazei de mim tudo o que for de Vosso agrado e com que eu execute a Vossa vontade em todas as coisas e que a entenda sempre, pronto que estou para obedecer a ela em tudo e por tudo”.*

Dizendo tais palavras para o seu Deus, José se sentia extremamente confortado e Deus fazia com que ouvisse a sua voz interior, dizendo que ele deveria permanecer tranqüilo, pois Ele havia ouvido suas preces e sempre o protegeria e defenderia com Seu amor paterno. José, de seu lado, agradecia ao Senhor tão sublime favorecimento, se consolava e se colocava outra vez em orações.

Ao Santo estavam destinadas muitas provações pois muitas pessoas, conhecedoras de sua grande bondade, tinham por bem tentar tomar-lhe coisas que havia herdado, muito em especial os serviços da casa, que se achavam no direito de apossaram-se daquilo que desejassem. O fato não irritava José nem lhe provocava quaisquer ressentimentos. Ele somente os prevenia de que não deveriam ofender a Deus daquela maneira, pois sobrecarregavam assim suas almas de pecados. Em razão da natureza agradável de José, muito benevolente e caritativo, essas pessoas não lhe prestavam atenção e abusavam de sua boa vontade. Vendo que eles não desistiam de seus intentos — e no sentido de que parassem de ofender a Deus — José acabou por decidir-se a dar-lhes sua permissão para que levassem o que lhes aprouvesse, presenteando-os também com o que já haviam levado. Mesmo assim elas ainda achavam ter motivos para ultrajá-lo com palavras injuriosas pois o Demônio — que os instigava para desaforar sua imensa raiva — tudo fazia para conseguir que eles o maltratassem e ofendessem, a ele que tanto os beneficiara. A natureza extremamente boa do Santo, porém, fez com que ele tolerasse todas as injúrias com a máxima paciência, e sem alterar-se.

A essa altura, apareceram também alguns parentes de seu pai desejando tomar dele tudo aquilo que ele lhe havia deixado. Para tanto, sugeriam que ele fosse coabitar com eles, possibilidade essa que José, todavia, não tomava em consideração pois já havia decidido morar em Jerusalém, para poder freqüentar o Templo com mais continuidade. Os parentes se voltaram então contra ele e, não podendo dissuadi-lo de sua idéia através de lisonjas falsas, acabaram por tentar fazê-lo com ameaças. E o Santo foi assim muitas vezes ofendido e maltratado, com atos e palavras, embora não se deixasse abalar com essas atividades. Sofreu todas as humilhações que lhe impunham com a máxima leveza de espírito e jamais se irritou ou perdeu sua habitual calma.

Tantas fizeram esses parentes que acabaram por tomar dele todos os bens que possuía. Enfrentando assim José uma situação extremamente aflitiva, recorreu a Deus para que o ajudasse e Se dignasse a revelar Sua vontade, orientando-o sobre como deveria agir nessa situação. Deus não tardou em atendê-lo e, falando-lhe à noite durante o sono, o instruiu para que vendesse o que havia restado e desse uma parte para os pobres e outra para o Templo. Para si mesmo, deveria manter somente uma pequena parcela, pois o Senhor desejava mantê-lo em estado de pobreza.

Ele deveria ir para Jerusalém e lá aprender a profissão de mestre carpinteiro, para que pudesse ganhar seu sustento diário. Assim deveria permanecer até que Ele resolvesse dele dispor de qualquer outra forma. José deveria manter seu estado de castidade, conforme promessa anteriormente feita a Deus e, tanto quanto possível, manter-se afastado de outras pessoas e manter intactas sua candura e sua inocência. Deveria permanecer tranqüilo, e seguro de que o Senhor o protegeria e defenderia sempre e o cobriria com suas bênçãos. E, para que o Santo cumprisse à risca essas instruções, bastou que o anjo as transmitisse a ele. Vendeu o que ainda restava de seu patrimônio, no que veio a sofrer grandes restrições e perseguições por parte de certas pessoas. Não era mais dono nem de sair de sua casa, pois elas o maltratavam e vilipendiavam, taxando-o de esbanjador dos bens paternos e lhe dizendo palavras injuriosas aos gritos. Diziam que ele era um insensato e louco, um imprestável, um vagabundo e um preguiçoso. Na verdade, elas achavam ter o direito de maltratá-lo à vontade.

José sofria muito com essas atitudes mas não dava respostas às provocações. Tinha pena daqueles que o haviam espoliado de seus bens e nunca se queixava, sofrendo em silêncio e com muita paciência. Seus parentes, percebendo que vendera o pouco que lhe restara — segundo as instruções do anjo — o maltrataram também, considerando-o como sendo um dissipador dos bens que achavam pertencer a eles. O Santo passou por toda espécie de injúrias, aceitou-as tolerantemente e não mostrou qualquer ressentimento. Ajoelhado, em preces perante seu Deus, ele suplicava para que o Senhor o defendesse e o libertasse daqueles seus inimigos, da mesma forma que havia feito com Davi e tanto outros, por Ele defendidos e protegidos através de Sua imensa bondade.

Encontrando-se assim em tão grande aflição, não tardou que Deus viesse em seu auxílio e lhe falasse interiormente, dando-lhe aquela garantia de proteção e ajuda e exortando-o a sofrer com paciência e resignação, porque Ele iria lhe dar uma grande recompensa. José se sentiu então muito confortado com essa promessa de Deus e preparado para sofrer ainda mais, caso necessário. Mas o Senhor não mais permitiu fosse ele molestado pois já havia testado sua fé e sua paciência. Por isso, as pessoas acabaram por deixá-lo em paz. O Santo recebeu o numerário proveniente da venda efetuada e fez uma oferenda a Deus, suplicando para que Ele a aceitasse, pois nada desejava para si próprio, sendo essa a Sua vontade.

Naquela noite o anjo lhe falou outra vez e lhe ordenou que partisse imediatamente para Jerusalém pois lá, no Templo, ele lhealaria novamente e lhe diria tudo o que deveria fazer. E o Santo, então, partiu logo pela manhã.

JOSÉ DEIXA NAZARÉ. OS PRIMEIROS ANOS EM JERUSALÉM.

Levantando-se bem cedo, José arrumou uma pequena trouxa, com alguns pertences de uso, e se colocou em preces para que Deus o protegesse na viagem: *"Oh, meu Deus", disse ele, "abandono minha terra e, pobre com um mendigo, vou para Jerusalém atendendo à Vossa vontade. Quanto mais pobre me vejo, tanto mais alegre me sinto pois isso Vos é agradável. Além do mais, aqui fui muito ultrajado, com palavras e atos, além de espoliado dos bens que possuía. Suplico a Vós que não castigueis essas pessoas, mas que as perdoeis pelas afrontas que me fizeram, porque eu pessoalmente já o fiz de todo meu coração e a todas desejo somente o bem. Se for Vossa vontade que, na cidade para onde vou, eu venha a ser tratado da mesma forma, estou preparado para sofrer tudo novamente a fim de atender à Vossa vontade. Eu Vos imploro que não me abandoneis pois, com Vosso favorecimento, nada temo. Peço agora a Vossa paternal bênção, para que me acompanhe e me entregue todo aos Vossos braços paternais".* Tendo assim orado se colocou de pé, muito alegre, pois havia obtido do Senhor a garantia de Sua proteção. Tomando sua pequena trouxa, saiu bem cedo de Nazaré para Jerusalém, sem que qualquer pessoa o visse. Caminhava só, louvando a Deus e recitando Salmos de Davi, alegre, dizendo continuamente: *"Aqui vou, meu Deus, para atender à Vossa vontade e é também para concretizar o desejo que tenho de morar em Jerusalém e frequentar o Templo".*

À medida que caminhava crescia seu desejo de chegar depressa, especialmente ao Templo, onde iria adorar a Deus e apresentar seus sacrifícios. Em Nazaré, espalhou-se rapidamente a notícia de sua partida. Ninguém cuidou de segui-lo, embora muitos se alegrassem com o fato, com o fito de aproveitarem sossegadamente o que lhe haviam tomado. O Santo foi assim esquecido e ninguém mais mencionou seu nome, tendo assim muitos mostrados sua grande ingratidão para com ele. Ele mesmo muito se alegrava com isso pois assim as pessoas o deixariam viver em paz e com toda a serenidade que ele desejava.

Chegando a Jerusalém, foi diretamente para o Templo para adorar a Deus e oferecer-se outra vez ao Senhor, agradecendo também a proteção que lhe fora dada durante sua viagem e pedindo para que Ele se manifestasse quanto ao que deveria fazer. Através daquela sua voz interior Deus lhe transmitiu Suas ordens e orientações. Depois disso, muito cansado, o Santo se dirigiu a um local para alimentar-se e repousar por algum tempo, segundo suas necessidades. Em seus sonhos, o anjo lhe falou para que repartisse o dinheiro que possuía em três partes, duas das quais deveriam ser dadas ao Templo, sendo que a terceira ele manteria com ele e a dividiria em outras duas metades, uma das quais seria destinada aos pobres. E assim agiu José, de acordo com as instruções.

Acordando muito cedo na manhã seguinte, fez suas costumeiras orações matinais e foi para o Templo, lá fazendo o recomendado donativo, com grande satisfação, e orando, louvando e agradecendo a Deus pela manifestação de Sua vontade e se oferecendo novamente para obedecer a quaisquer novas instruções. Manteve-se algum tempo em preces e passou depois a dar as recomendadas esmolas aos pobres, distribuindo a parcela ordenada pelo anjo. Em seguida, procurou quem pudesse ensinar-lhe a arte de carpintaria que deveria proporcionar-lhe os necessários meios de sobrevivência. Encontrou logo a pessoa adequada, pois Deus assim o providenciou, para que ele pudesse cumprir as Suas instruções. Essa pessoa era sobretudo temente a Deus e mestre no ofício. Ela concordou em pagar-lhe uma determinada quantia, suficiente por ora, e o Santo iniciou então seu aprendizado, que foi fácil pois ele atendia prazerosamente a todas as orientações recebidas através da vontade de Deus, e isso fazia com que tudo lhe parecesse simples e fácil. José se aplicou muito seriamente nessa sua atividade, embora jamais tenha deixado de atender também às suas orações e de recitar os seus Salmos preferidos.

O jovem se submetia a tudo com grande humildade e obediência a seu mestre, trabalhando com pontualidade e perfeição, motivos pelos quais passou a ser muito apreciado pelo patrão, a quem ele muito admirava e respeitava. Entretanto, jamais fez qualquer menção quanto às suas origens, ascendência, posses ou qualquer outro assunto correlacionado. Falava somente o estritamente necessário, totalmente aplicado em seu aprendizado e jamais saindo para qualquer tipo de diversão. Para ir ao Templo, solicitava a devida permissão do mestre e, uma vez obtida, lá se mantinha a orar. Quando não tinha essa permissão, privava-se desse prazer sem rancores.

Em seu local de trabalho José teve, em várias ocasiões, oportunidades de mostrar suas grandes virtudes. Encontrava com freqüência vadios e vagabundos que afirmavam ser ele um preguiçoso, que tomava muito tempo no aprendizado da profissão, e o insultavam por isso. Ele inclinava sua cabeça e nada respondia. Às vezes seu patrão presenciava tais ocorrências e repreendia aquelas pessoas e o Santo lhe pedia para que não ligasse para elas, pois não o incomodavam mas sim lhe davam pena. Foi também extraordinária a simplicidade mostrada por José, que jamais mostrava interesse por novidades ou curiosidades, características de sua idade. Nem mesmo conhecia os atrativos peculiares da cidade e nem mesmo o que se fazia nela em geral, mas tão somente as estradas que levavam ao seu trabalho e ao Templo. Ele habitava na própria oficina, embora não se portasse em absoluto como alguém que paga seu aluguel, mas somente como um empregado que era, presente só para servir a seu patrão, inclusive em tarefas das mais humildes.

O mestre observava que o jovem dava grandes esmolas para os pobres e certo dia mencionou o fato de que ele, José, também era pobre e de que deveria atentar mais às suas próprias necessidades. E José lhe respondeu: *"Faço esmolas aos mais necessitados, porque Deus se encarregará de mim e cuidará de todas as minhas necessidades"*. A resposta deixou seu patrão verdadeiramente edificado.

O Santo mostrava imensa satisfação em seu trabalho manual e em ser um subalterno e também pelo fato de ser pobre e desprezado pelas demais pessoas. Agia dessa forma por instruções do anjo, que lhe dizia serem muito agradáveis ao Senhor essas práticas e que Ele amava muito aqueles que as exercitavam. Isso bastava para que José se aplicasse sempre mais em seu trabalho e aprendizado.

José tinha agora vinte anos e havia crescido muito em virtudes e em amor a Deus, que era objeto de todo o seu amor; com muita frequência, durante o trabalho, permanecia estático contemplando a beleza e a perfeição das obras divinas. Fazia constantes jejuns e vigílias e passava muitas noites absorvido em preces a Deus. E nunca deixava de dispensar sua máxima atenção para com aqueles que se encontravam agonizantes; quando não lhes podia dispensar sua atenção pessoal, orava muito a Deus por eles e pela sua segurança.

Passaram-se assim alguns anos, até que o Santo teve terminado aquele período de instrução e aprendizado. Aguardava ansiosamente que o anjo determinasse a vontade de Deus, orientando-o se deveria agora trabalhar por conta própria ou continuar junto ao seu mestre. Este então adoeceu de moléstia fatal, terminando sua vida com muita paz e tranquilidade. Nessa oportunidade, o Santo lhe deu sua assistência caridosa e amorosa, como se se tratasse de seu pai. Implorou a Deus pela felicidade eterna de seu patrão e Deus o atendeu nesse sentido. E José, agora liberado de quaisquer compromissos, dirigiu-se ao Templo para suplicar ao Senhor que manifestasse Sua vontade e maneira como desejaria ser servido. Deus então o iluminou, o confortou e consolou. Na noite seguinte, o anjo apareceu em seu sono e o instruiu sobre o que deveria fazer por ordem divina. Ele deveria montar sua própria oficina de trabalho, adquirindo o que fosse necessário para o exercício da profissão, mas que devia continuar a viver humildemente em pobreza. Assim fez José, muito se alegrando com aquela orientação do anjo. Acordando repentinamente, ele se ajoelhou e louvou a Deus agradecendo as instruções recebidas.

JOSÉ SE TORNA MESTRE INDEPENDENTE DE CARPINTARIA

Entendendo que o anjo lhe transmitia a vontade divina, José se apressou em executar as instruções recebidas e passou a exercer sua profissão independentemente. Alugou um local perto do Templo e lá exercia sua

profissão, dormia e fazia suas frugais refeições. Não saía a não ser para o Templo e para executar tarefas necessárias à sua vida e profissão. Comia principalmente pão e frutas; bebia muito pouco vinho, assim mesmo misturado com água. Seu prato preferido era sopa de hortaliças com legumes, que tomava muito raramente. Na verdade vivia modesta e penitentemente e passava por privações muito alegre e com grande satisfação espiritual.

Mas Deus o aquinhoava muito com Suas graças de natureza espiritual e José permanecia solitário e silencioso na maior parte de seu tempo. Em sua oficina jamais eram vistas pessoas ociosas, percorrendo sobre assuntos fúteis ou supérfluos, pois o Santo não era dado a esse tipo de conversas. E, sendo ele visto como simples e pouco brilhante pela maioria das pessoas, vivia em paz em sua solidão, praticamente despercebido de todos. Contudo, muitas pessoas se dirigiam à sua oficina para encomendarem trabalhos pois o Santo não os rejeitava. Quando elas lhe pagavam, considerava tais pagamentos mais como sendo caridade do que remuneração e agradecia efusivamente aos seus clientes. Daquilo que recebia, guardava para si o estritamente necessário para sua manutenção e dava o restante para os pobres a título de esmolas. O anjo lhe havia dito para que assim agisse e ele o fazia com toda seriedade e pontualidade.

Acontecia às vezes de ele se encontrar em situação financeira precária, sem dinheiro até mesmo para alimentação; ele então se dirigia ao Templo e orava a Deus para que provesse suas necessidades. O Senhor não deixava de atendê-lo e seus vizinhos, alternadamente, lhe faziam ofertas de frutas, hortaliças, pão e o que mais estivesse necessitando. Essa virtude dos vizinhos o agradava sobremaneira e ele agradecia a Deus e a todos que o ajudavam. O Senhor providenciava também para que recebesse novos trabalhos sem ter que procurá-los, pois era excessivamente tímido para isso. Tinha aliás, nesse sentido, grande confiança em seu Deus, de que Ele providenciaria a todas as suas necessidades. Isso o deixava muito tranquilo e sossegado, esperando sempre pelas providências divinas, que jamais lhe faltaram.

Quando se encontrava só em sua oficina, ajoelhava e se oferecia por completo a Deus, dizendo: *"Meu Deus, aqui estou, todo Vosso, e não existe coisa alguma que possa separar-me de Vós, que sois toda minha fortuna e apoio, toda a minha alegria e todo o meu trabalho. De Vós espero somente ajuda e conforto e nada mais quero que Vossa presença em meu espírito. Renuncio a todas as coisas materiais que me podeis dar e abraço voluntariamente minha pobreza e todas as humilhações e sofrimentos, pois estou certo de que assim Vos agradarei, meu Deus, Senhor único e Dono de meu destino"*. Assim conversava ele com Deus e se sentia extremamente alegre com isso. Ia ao templo com maior

freqüência e lá se mantinha longamente a orar, não permitindo Deus que pessoa alguma o observasse nessas ações.

Por essa época, a santificada Virgem Maria — destinada a tornar-se mãe do Verbo Divino — também freqüentava o Templo. Suas extraordinárias virtudes eram admiradas e respeitadas por todas as outras donzelas do Templo, e em especial por aquelas responsáveis por ela, tendo essa sua extraordinária reputação já se espalhada pela cidade. José, que praticamente não conversava com pessoa alguma sobre assuntos gerais, não estava ciente dessas maravilhosas qualidades. Determinada noite, entretanto, o anjo lhe apareceu e mencionou uma certa jovem do Templo, muito querida e amada por Deus em razão de suas virtudes, admirável pureza e santidade. Tratava-se de Maria, filha de Joaquim e Ana, a quem José conhecia perfeitamente pois também eram de Nazaré. O anjo lhe dizia mais, para que louvasse e agradecesse a Deus pelos favorecimentos e graças que Ele concedia àquela jovem e que se alegrasse de sua existência e pelo fato de ser ela tão digna e tão amada por Deus. O Santo foi tomado de grande júbilo e, conforme instruções do anjo, agradeceu ao Senhor. E tanto se alegrou pela existência da jovem que acabou por introduzir em seu coração um santificado amor por ela e por isso passou a ir ao Templo mais vezes, já também movido por esse afeto que lhe tinha. Embora jamais a tivesse visto, tinha amor por ela em razão daquelas suas grandes virtudes. Dessa forma, uma vez no Templo, orava e agradecia a Deus que se havia dignado a enviar ao mundo uma jovem tão santa e tão pura e para que Ele continuasse a conceder-lhe sempre maiores graças, de tal forma que, à medida que ela crescesse em idade, viesse também a crescer em suas virtudes. Essas orações muito agradavam ao Senhor, que teve por bem iluminar também à donzela fazendo com que ficasse ciente da existência de José, de todas as virtudes que possuía, e do quanto ele rezava por ela. A partir desses conhecimentos, Maria passou também a rezar por ele para que o Senhor lhe desse todo Seu amor e lhe concedesse muitas graças. Deus ouvia também essas súplicas de Maria e passou a proteger a ambos que, embora não se conhecessem nem jamais se tivessem visto, de tudo sabiam por arte da revelação divina.

Maria tinha também amor por José em razão da clara compreensão que tinha de suas raras virtudes e de que Deus o amava muito. Por período de dez anos ambos usufruíram assim dos benefícios de suas recíprocas orações e se amaram santamente em Deus, sem se verem ou conversarem. Apenas às vezes, quando o anjo falava com José durante seu sono, informava-o de que Maria rezava muito por ele e isso levava grande alegria à sua alma. Em uma dessas vezes, o anjo lhe disse que a jovem havia decidido dedicar-se totalmente a Deus, mantendo-se virgem, fato que era muito do Seu agrado. A essa afirmação, o Santo teve também por bem imitá-la e consagrar todo o seu amor ao Senhor. Entretanto, tratan-

do-se de prática completamente inusitada, teve dúvidas quanto ao seu agrado a Deus, e se deveria mesmo agir dessa forma. Por isso, foi ao Templo suplicar ao Senhor para que manifestasse Sua vontade nesse aspecto. Após muitas súplicas Ele se manifestou, através da voz interior de José e lhe disse que apreciava muito o voto de José em termos de completa castidade e que Ele lhe daria ajuda e proteção nesse particular, caso o Santo o observasse à risca. Essa manifestação, através de seu espírito, foi muito considerada por ele, por se ter revelado diretamente ao seu coração. **Fez então seu voto de perpétua castidade e seu coração se encheu de alegrias patrocinadas por Deus para que soubesse de quanto tal voto lhe agradava.** José teve assim elevado sentimento de contemplação, e de êxtase mesmo, em que o Senhor lhe mostrou as muitas vantagens inerentes à nobre virtude da pureza e ele se sentiu então grandemente incentivado e satisfeito com o voto feito. Rendeu graças a Deus por lhe haver proporcionado tal inspiração e aceitou seu voto com prazer. Em seguida, retornou à sua oficina, cheio de alegrias e felicidade. Na noite seguinte, recebeu nova visita do anjo informando-o de que aquele seu voto muito havia comprazido a Deus; comunicou-lhe também ser muito grande a ansiedade da jovem Maria pela vinda do Messias prometido e que ela orava intensamente nesse sentido. E que Deus apreciava sobremaneira essas orações e com certeza aceleraria a vinda do Prometido. José deveria imitá-la nesse particular e manter-se permanentemente grato a Deus por isso. Acordando, o santo suplicou ao Senhor, com ainda maior fervor, para que enviasse logo o prometido Messias. Foi então para o Templo onde ratificou essas preces todas. Após longo período de orações, José passou àquele seu característico estado de êxtase e lhe foram revelados muitos segredos divinos sobre as qualidades e virtudes todas do Messias durante o tempo de sua estada entre os homens. Tais revelações reforçaram seu desejo pela vinda de Redentor e o Santo sentiu então um irreprimível desejo de conhecer e poder conviver com o Salvador. Todavia, achava-se indigno de tanto, em razão de sua grande humildade, embora tivesse muita confiança na bondade de Deus, que já tanto o favorecera.

Através de todas essas graças que recebia, e também pelas muitas orações que a santificada jovem Maria fazia por ele, **o Santo atingiu um estado de vida em que nem mais parecia uma criatura humana, mas sim um anjo do paraíso.** Sempre ligado em Deus, e no grande amor que tinha por Ele e no desejo de agradar em todos os seus atos, passava dias inteiros em contínua elevação de espírito — e também boa parte de suas noites — e se esquecia até mesmo de alimentar-se pois se sentia plenamente saciado pelo prazer de conversar com o Altíssimo. E, nesse inusitado estado, dizia: *“Oh, meu Deus! Como concedeis tantos favorecimentos e alegrias para um pobre miserável como eu? Como é imensa*

a Vossa bondade comigo! Como sois generoso! E quanto dignas de fé são Vossas promessas! Oh, quanto faria eu para Vos merecer? Como mostrar meu reconhecimento por todas as graças que me são concedidas? No momento, nada mais posso oferecer que não seja a mim mesmo, completo, e a minha servidão, que a Vós ofereço de todo coração. Faizei de mim instrumento de Vossos designios pois estou plenamente preparado para sacrificar-me e estar a Vosso serviço”.

O santo jovem desejava ainda muito poder fazer pela glorificação de Deus, embora se reconhecesse insuficiente para tanto. E muito se aborrecia com a sensação de que não tinha condições de executar os desejos de Deus. Uma noite, o anjo lhe apareceu outra vez e lhe disse que chegaria o tempo em que ele teria ocasião de colocar em prática aquelas suas boas intenções. O Santo passou então a aguardar com ansiedade a chegada daquele momento, que ele denominava de tempo feliz. De fato, assim aconteceu pois, mais tarde, dedicou muitos esforços para manter a vida do Verbo Encarnado, sustentado pelo trabalho de suas operosas mãos.

Sem estar perfeitamente ciente dos objetivos de Deus, rejubilava-se antecipadamente por aquele tempo que iria ser de grande felicidade.

José vivia, dessa forma, de maneira a mais simples possível e jamais questionou as promessas feitas pelo anjo — jamais explicitadas com clareza — e nunca procurou saber quais fossem elas exatamente. Apenas esperava com grande resignação. Aplicava-se somente em suas preces para que Deus as cumprisse e agia por saber que essas suas orações muito compraziam ao Senhor. De fato, em tudo e por tudo, rendia suas graças a Ele e agia de forma a dar-lhe as satisfações que podia. Jamais se afastou de Suas vontades e agradecia sempre profusamente por todos os favorecimentos que recebia, mostrando-se **extraordinariamente** reconhecido e se oferecendo a Ele sem quaisquer reservas.

A FORÇA E A FIRMEZA DE JOSÉ FRENTE A VÁRIAS PROVAÇÕES

José usufruía de muitas graças e favores especiais, entre as quais estava a doçura do Seu amor por ele. Todavia, o Senhor teve por bem permitir que certas pessoas passassem a molestá-lo, por obra e arte do Demônio. O Senhor assim o quis para que o Santo crescesse em seu valor e mostrasse sua fidelidade e amor, mesmo em meio a dissabores e perseguições.

O Demônio odiava José pois não tolerava tanta clareza de espírito e tantas virtudes que lhe eram características. Assim, procurava sempre novas formas de aborrecê-lo e de causar-lhe problemas, tentando fazer com que abandonasse suas ações virtuosas, tão importantes para o Santo, e perdesse sua grande paciência e ternura habituais. Entretanto, de forma

geral, o Senhor mantinha-o afastado de José, impedindo que ele o inquietasse e molestasse. Às vezes, todavia, Deus tinha por bem permitir que tal acontecesse para dar ao Santo a ocasião de avolumar seus méritos e virtudes e também para derrotar e confundir seu inimigo. Liberado este para suas artes e façanhas, acabou por incitar alguns vizinhos, colocando em suas mentes grande aversão pelo Santo, a ponto de não poderem mesmo até vê-lo sem se irritarem. Quando ele deixava sua oficina, para ir ao Templo ou para executar qualquer tarefa necessária ao seu trabalho, essas pessoas o molestavam e perturbavam. E, vendo que ele não lhes dava atenção, enfureciam-se ainda mais e o injuriavam com palavras más, até mesmo sem qualquer motivo, chamando-o também de preguiçoso, orgulhoso pelo fato de que ninguém desejava privar com ele. E também que, sob aquele seu manto de virtudes, escondia-se um mau caráter, um fingido. Entretanto, ele jamais respondeu a essas ofensas; abaixava sua cabeça, apertava os ombros e ia rezar no Templo, até mesmo por aqueles que o maltratavam

Aconteceu que algo fora roubado de uma dessas pessoas e a culpa foi parar nos ombros de José. Elas então, muito enfurecidas, o procuraram em sua oficina e lá realizaram atos de vandalismo, colocando as coisas todas fora de seus lugares. Diziam a ele para que tratasse de devolver aquilo que havia furtado, o injuriavam muito e o **ameaçavam até mesmo com castigos corporais e denunciá-lo formalmente como ladrão**. Ele permanecia sereno e nem mesmo tentava justificar-se. Somente uma vez lhes disse estarem enganados, mas elas continuaram a taxá-lo de ladrão e continuaram com suas ofensas. José então retrucou que Deus se encarregaria da defesa de sua causa. As pessoas então, observando sua grande firmeza de atitudes, foram embora ameaçando sempre de acusá-lo oficialmente caso ele não restituisse as roupas e objetos roubados. E elas se mostravam muito seguras de sua culpabilidade. Essas acusações afligiram muito José e também o preocuparam, pelo que representavam em termos de ofensas a Deus. Foi para o Templo e suplicou ao Senhor que tomasse sua defesa em situação tão séria. E Ele não tardou em fazer com que fosse localizado o verdadeiro autor dos furtos. Seus acusadores então se viram muito **envergonhados e admirados pela paciência mostrada pelo jovem naquelas circunstâncias**. Em algumas delas, a aversão por ele acabou mesmo por transformar-se em afeto. O Demônio foi assim mais uma vez derrotado e José adquiriu maior valor perante Deus e mais elevada estima por parte dos homens.

Mas a derrota não bastou para que seu inimigo desistisse de suas más intenções e ele então passou a estimular alguns jovens marginais para que, ao verem o Santo indo para o Templo, lhe mostrassem desagrado por essa sua atitude, pois ela representava como que uma forma de repreensão à deles. Eles decidiram ir à oficina do Santo, e o fizeram,

para fazer troças e injuriá-lo com grande atrevimento. José trabalhava, completamente absorvido, contemplando as perfeições das obras divinas, como era seu hábito ao trabalhar. Os indivíduos lhe fizeram algumas perguntas irrelevantes, às quais ele simplesmente não deu respostas. E eles continuaram, de forma impertinente, ao que o Santo lhes pediu para que o deixassem em paz. Se estavam à procura de alguém para tal tipo de conversa, que procurassem alguma outra pessoa, pois ele estava muito ocupado para isso. Eles fizeram então troças e o ofenderam com impropérios, que continuaram sem respostas, pois José continuava a trabalhar. Um dos indivíduos, mais atrevido, passou a dar-lhe trompaços, e o Santo então lhe disse: *“Que Deus o perdoe, irmão. Eu bem mereço tudo isso, em razão dos meus muitos pecados. Mas, pessoalmente, não vos dei qualquer motivo”*. E, enquanto esse malfeitor agredia José, os outros aplaudiam calorosamente. Depois de muitas injúrias e algumas pancadas, o grupo se foi, deixando José calmo e paciente, sem qualquer ressentimento. Falou com seu Deus e suplicou Sua ajuda, tantas vezes prometida, dizendo: *“Meu Deus, haveis garantido minha proteção e defesa em todas as circunstâncias e sabeis que ninguém mais tenho que não seja a Vós. Por isso, recorro à Vossa ajuda e proteção contra essas pessoas que me ofendem”*.

Deus atendeu a essas suas súplicas e, na noite seguinte, o anjo lhe apareceu outra vez e disse ter José, naquelas ocorrências todas, conquistado muitos méritos e dado grande alegria ao Senhor. Advertiu-o também para que se preparasse para novas artimanhas do Demônio, que o odiava. Mas disse também que ele seria defendido e que Deus tinha por bem permitir essas artes todas para que ele pudesse crescer em seus merecimentos e para testar sua fidelidade. O jovem se viu confortado com essas palavras e ainda mais animado para sofrer com paciência, pois essa era a vontade de Deus.

O Demônio, mais uma vez derrotado e confundido, pois José tudo fazia para crescer em seus méritos e virtudes, se enfureceu ainda mais. Procurou novas formas de perturbar a paz do Santo, animando uns e outros contra ele, até mesmo importantes personalidades da cidade, para que conseguisse desprestigiar-lo. Em uma dessas ocasiões, tendo José executado um trabalho para uma dessas personagens, e esperando que seu cliente se mostrasse satisfeito, teve uma desagradável surpresa ao entregar a encomenda, pois acabou por receber como pagamento só palavras desagradáveis e ofensivas, no sentido de que seu trabalho não tinha sido executado a contento, nem a gosto, e que ele merecia na verdade ser castigado e penalizado por isso. E José, depois de ter tolerado com paciência todas aquelas ofensas gratuitas, foi embora sem qualquer remuneração de seu trabalho. Passando por dificuldades financeiras momentâneas, foi imediatamente para o Templo suplicar a Deus para que provi-

denciasse os necessários meios para sua manutenção. Como sempre, Ele atendeu seus pedidos e inspirou àquela pessoa para que pagasse e reconhecesse o mal que havia feito ao Santo. Ela foi à sua procura, pagou o que lhe devia e ainda lhe pediu sentidas desculpas pelo ocorrido. José recebeu esse pagamento como uma verdadeira esmola que lhe faziam, agradecendo a Deus, em primeiro lugar, e depois à própria pessoa envolvida. Isso tudo fez com que o Santo tivesse crescido ainda mais em seus méritos, além de obter aquele numerário que necessitava para sua sobrevivência. O cliente, por sua vez, muito se admirou por toda aquela virtude mostrada por ele.

O Demônio lhe pregou muitas peças desse tipo, mas acabou sempre envergonhado, confuso e derrotado; e todas elas serviram para que aumentasse a estima que as pessoas dedicavam a José. Entretanto, como fervoroso inimigo, ele ainda procurava novas formas de poder molestá-lo. E encontrou uma, ainda mais penosa para José, qual seja a de incutir na mente de determinadas pessoas — a pretexto de compaixão e caridade — a idéia de que ele deveria casar-se, para ter maior comodidade em casa e não ficar tão solitário e abandonado. Na verdade, algumas dessas pessoas, muito zelosas aparentemente, **tentaram convencê-lo a se acomodar e a casar-se pois, segundo elas, sendo ele tão jovem e trabalhador, não teria dificuldades em conseguir pessoa adequada para isso.** Ele, porém, nem cogitava disso, pois havia consagrado a Deus seu voto de ilibadas candura e pureza. Afirmou jamais ter considerado tal possibilidade e solicitou que não mais abordassem o assunto uma vez que se sentia muito bem como estava. Entretanto, elas não desistiam de seu intento e, cercando-o de lisonjas, insistiam. José ficava muito descontente com essas insistências e então pedia a Deus que o ajudasse e o libertasse daqueles importunos que, a título de atenção, pretendiam que abrisse mão do grande tesouro que era sua castidade. E dizia a Deus: *“Bem sabeis, meu Deus, que por voto Vos ofereci o sacrifício de castidade. Que não seja permitido ser eu perturbado nesse particular”*. E Ele, no sentido de permitir ao Santo que crescesse em seus merecimentos, continuou a dar permissão para que aquelas pessoas ainda o molestassem.

Elas já haviam mesmo decidido forçar o seu casamento e, encontrando nele resistência cada vez maior, já não mais sabiam como agir para que ele as atendesse. Certo dia, de comum acordo, resolveram conduzi-lo a certo lugar, pretensamente para que tomasse medidas de execução de determinado trabalho, onde iria travar conhecimento com uma certa jovem que já haviam escolhido para ser sua esposa. Com isso, pretendiam que ele acabasse por ceder e atender aos seus pedidos. E o Santo foi atender à solicitação de trabalho, tomou as necessárias medidas para a sua execução e, estando pronto para voltar, viu-se forçado a encontrar a tal jovem com quem deveria casar-se. As pessoas então lhe disseram:

“Esta é a moça que queremos dar-te como esposa. Não deves recusá-la, pois é extremamente bondosa e virtuosa...”. José, tomado de pânico, fugiu rapidamente, para surpresa e confusão de todos, que então o deixaram em paz.

O Santo correu imediatamente para o Templo e lá, chorando, pediu ao Senhor que o libertasse daquela perseguição tão incômoda que lhe provocava intensos sofrimentos; Deus o acalmou com a promessa de que não seria mais molestado nesse sentido e José, enxugando suas lágrimas, muito se alegrou com essa promessa e muito agradeceu a Ele por esse grande favorecimento. Na noite seguinte, o anjo lhe apareceu e confirmou tudo o que Deus lhe havia transmitido e lhe assegurou da alegria que Ele mostrara em ver sua firmeza de propósitos em manter sua castidade. José estava agora feliz e satisfeito e o Demônio se viu derrotado novamente, embora cada vez mais enfurecido, procurando alguma outra forma de perturbá-lo.

Havendo o diabo terminado e esgotado todas as suas artimanhas através de pessoas, decidiu fazê-lo através de tentações pessoais, sempre para que o visse diminuído em seus méritos. E Deus concedeu a ele essa liberdade de atormentar José por meio de todos os tipos possíveis e imagináveis de tentações, com exceção daquela que se referia à sua castidade, campo esse em que o Senhor não permitiu fosse ele tentado.

Dessa forma, o Demônio passou a oferecer-lhe inúmeras formas de tentação. Em primeiro lugar, tentou que José abandonasse sua humildade e modéstia, tentando-o para que se tornasse ambicioso e passasse a vangloriar-se de si mesmo. Para isso, incutia-lhe na mente as suas grandes virtudes, sua imensa bondade para com os outros, sua extrema fidelidade ao seu Deus, os grandes sacrifícios que fazia por Ele, as boas ações que praticava e os muitos sacrifícios que já havia feito. E que o Santo, por isso tudo, era merecedor de muitos prêmios e muitas mercês de Deus, pois não existia no mundo alguém tão virtuoso quanto ele, tão dado à prática da bondade. José se horrorizou com essas tentações pois, sendo muito humilde, tinha-se por grande pecador. Com orações, recorreu logo ao Senhor, sabendo que elas eram artimanhas do Demônio para perdê-lo. Vencendo a tentação que se oferecia, superou mais uma vez seu inimigo. Não satisfeito, o diabo tentou o pecado da gula, fazendo que o Santo se sentisse propenso a degustar iguarias esquisitas e sofisticadas, tentação essa que foi vencida através de jejuns e mortificações. Fez o Demônio então que ele sentisse ódio pelas pessoas que o haviam ofendido e maltratado. Como resposta, ele desejou o seu bem e rezou por elas, para que Deus as favorecesse. A tentação seguinte foi contra sua fé, tentando mostrar-lhe que as coisas ditas pelo anjo eram somente frutos de sua imaginação. José, mais uma vez, mostrou-se forte. O diabo fez então lembrar-se das propriedades e objetos todos que havia perdido, insinuando que ele

poderia recuperá-los e tornar-se rico novamente. Desprezou o Santo essa possibilidade e mostrou estar plenamente satisfeito como se encontrava e que, para ele, a graça de Deus era suficiente.

Muitas dessas lutas internas foram travadas por José, nas mais variadas formas possíveis. Ele as superou todas com galhardia e rendeu graças ao seu Deus pela ajuda que tinha tido nesses momentos. O Demônio se afastou, derrotado e combalido, não sem antes jurar que lhe faria guerra eterna. José não o temia por ter Deus ao seu lado e dizia as palavras de Davi: *"O Senhor é minha luz e minha vida. A quem devo eu então temer? Ele defende e protege minha existência; quem pois poderá fazer-me tremer? Mesmo com exércitos contra mim, jamais existirá qualquer temor em meu coração"* (Salmo XXVI 1-3). E também: *"Nada temerei, pois tu estás comigo!"* (Salmo XXII 4). E ele dizia essas palavras com grande sentimento e fé em seu Deus e sempre Ele o ajudava e protegia.

Mesmo após terminada essa fase das tentações, o Santo ainda não encontrava sua completa paz, pois Deus tinha por bem submetê-lo a novas provações, por tirar-lhe sua iluminação, seu fervor, sua alegria interior, deixando seu espírito em grande abandono. O Santo se perturbava com a idéia de haver desgostado a Deus de alguma forma, sentindo-se abandonado por Ele, objeto de todo seu amor. E sofria muito com isso, lamentando-se e suplicando ao Céu pelo fim de tal situação. Ficava noites inteiras ajoelhado, rezando para que o Senhor manifestasse de que forma ele O havia desgostado, ou ofendido, para que ele pudesse então realizar as necessárias penitências. Aparentemente, não havia resposta para essas suas súplicas e em nada ele encontrava conforto. Seu anjo não mais lhe aparecia e ele, não tendo como desabafar seu sofrimento, recorria a Deus e dizia: *"Oh, Deus de Abraão, tende piedade deste Vosso indigno e humilde servo! Haveis prometido Vossa ajuda e favorecimento. É tempo pois do cumprimento dessas promessas e de que me consoleis nesta minha tão grande aflição. Que fiz para ser assim abandonado por Vós? Concedei-me a graça de saber. Sei que muitas vezes Vos tenho ofendido. Mas Vós sois bom e misericordioso e por isso Vos suplico meu perdão. É também verdade que não sou merecedor, mas confio em Vossa infinita bondade"*. Essas súplicas todas muito compraziam ao Senhor, mas Ele tardava em manifestar Sua vontade para o Santo, que sofria muito com essa perturbação mas também se resignava e jamais deixava suas preces a Deus.

Certo dia, mais angustiado e aflito do que nunca pela distância que o separava de sua única fortuna, pareceu a José que ele não tinha mais forças para continuar. Com grande fé e confiança foi ao Templo e se colocou em candentes súplicas em favor da jovem Maria, que também se encontrava no Templo, e pedindo que Deus se alegrasse com todos

os merecimentos e virtudes por ela mostrados. Simultaneamente, ela também rezava por ele e tentava mostrar ao Senhor suas necessidades e seu sofrimento todo. E Deus teve então por bem atender às súplicas de ambos e Se manifestou — com grande clareza — enchendo seus corações e espírito de luz e provocando neles um grande amor. E fez com que José ouvisse as seguintes palavras: *“José, fiel servidor e amigo, não há razão para temores, pois estou contigo e jamais te abandonarei. E te asseguro o Meu amor, Meus favorecimentos e Minhas graças”*.

Ouvindo tais palavras tão doces, José se viu em um profundo estado de êxtase e passou um pequeno período de tempo completamente absorvido em profundo amor ao seu Deus, que penetrava sua alma com tanta condescendência. Em tal estado lhe foram revelados muitos dos segredos da divina sabedoria e ficou ciente de como Deus tratava as pessoas amigas para que elas crescessem ainda mais em seus merecimentos.

Tomou também conhecimento de quanto Maria era prezada pelo Senhor e de que ela havia orado muito para que Ele se manifestasse e, com suas graças, colocasse um fim àquelas suas atribulações todas. Ele agradeceu profundamente a Deus e a Ele se dedicou totalmente outra vez. Pediu a Ele se dignasse a recompensar a jovem Maria por toda a caridade que havia mostrado. E se afeiçoou ainda mais a ela, louvando ao Senhor e agradecendo Sua bondade infinita. Concentrando-se profundamente no fato de ele nada ser, humilhou-se e reconheceu toda a bondade de Deus, suplicando para que Ele o assistisse e protegesse sempre. Havendo praticado todos esses atos e penitências, deixou o Templo muito alegre, dizendo, à semelhança do que Davi havia dito: *“Deus é muito bom para com os justos e para com os de coração puro”* (Salmo LXXII 1) e *“À medida das muitas dores provocadas pelo meu coração, as Tuas consolações aliviaram meu espírito”* (Salmo XCIII 19). E também muitos outros versos que eram aplicados conforme a situação.

Nessa noite, o anjo apareceu outra vez e lhe disse quanto haviam comprazido a Deus a sua paciência e constância nas atribulações que havia tido. E que essas virtudes que ele mostrava iriam encher seu espírito de novas e maiores graças e merecimentos. E também o estimulou para que mantivesse sempre essa constância porque Deus, no decurso de sua vida, lhe destinaria outras e graves aflições. Mas ele não deveria temer pois Ele o auxiliaria permanentemente e também lhe daria grandes alegrias. Com essas palavras José, consolado e animado, se ofereceu completamente preparado para sofrer, a fim de que seu Deus jamais o abandonasse outra vez.

E o Santo rendia graças ao Senhor através da prática de muitas virtudes, de sofrimentos, de desprezo pelas coisas de caráter transitório, de sua grande abnegação e de seu contentamento em ser desprezado por outros, em razão de seu grande amor a Deus. José se tornou digno de

admiração, mesmo entre os outros Santos todos, pelo fato de que eles contavam com os conselhos e com o exemplo dado pelo Redentor, ao passo que ele, embora ainda não O tivesse visto encarnado e nem ouvido Seus ensinamentos — se portava de forma excelente, quanto à prática de virtudes, e procurava a perfeição de todos seus atos e ações.

JOSÉ DESEJA A SALVAÇÃO E A FELICIDADE DE TODOS OS HOMENS

Deus estava muito alegre com o amor e a fidelidade demonstrados por seu servo José e o agraciava cada vez mais em razão de seus muitos merecimentos. Ele disse se aproveitava e se mostrava progressivamente mais digno dessa apreciação, agradecendo continuamente a Ele. Era muito freqüentemente favorecido com estados de êxtase nos quais Lhe eram revelados muitos dos mistérios e segredos da essência divina, que muito enriqueciam seu espírito e inflamavam crescentemente seu amor por Deus. Entendia perfeitamente a grande satisfação que Ele tinha em ser amado e servido com toda lealdade, mostrando um enorme desejo de que todas as pessoas se dedicassem a Ele e também o amassem profundamente. Deus deixava que soubesse como a maioria da humanidade desperdiçava seu amor com coisas materiais e de natureza transitória e o Santo muito se penalizava, desejando suprir ele mesmo essas grandes faltas dela. Mas, reconhecendo sua incapacidade nesse sentido, dizia para o Senhor: *“Oh, meu Deus! Por que somente eu tenho coração para dedicar-Vos? Por que não sou dono de todos os corações, para consagrá-los todos a Vós, que sois nosso Pai e nos tendes criado com tanto amor e carinho. Sois o mantenedor de nossas vidas e elas dependem exclusivamente de Vossa infinita bondade em conservá-las. Todavia, onde está todo esse amor que Vos devemos? Como podem as pessoas Vos esquecer, quando são somente o resultado de Vossas mãos? Minha mente não entende por que elas Vos deixam esquecido, oh Pai amantíssimo!”*. Nesses discursos que fazia para o Senhor, o Santo se enternecia e desejava que Ele fosse amado por todos e que todos O servissem também. Deus muito se alegrava ao ouvir tais desejos de seu leal servidor enchendo-o de doçura e fazendo com que ouvisse sempre Sua voz em seu coração e o Santo, por sua vez, se absorvia completamente nessa doçura e delicadeza.

José tinha também grande **temor em ofender a Deus**, oriundo do grande amor que Lhe tinha e do medo em desgostá-Lo. Por isso, suplicava ardentemente para que o Senhor **o fizesse morrer a ter que ser a causa de qualquer insatisfação Sua** ou de ofensa à Sua infinita bondade.

Em certa ocasião, em que ele sentia essa emoção ainda mais fortalecida, dirigiu-se ao Templo para recomendar-se a Deus. Fez longas preces e, suplicante e em lágrimas, pediu ao Senhor que jamais permitisse a

ele causar-lhe qualquer desgosto, que poderia vir a ser causa de deixar de conceder-lhe Seu amor, Sua amizade e Suas graças. O Senhor o confortou e assegurou que ele não seria nunca privado dos Seus favores e seria mantido inocente até sua morte. O Santo não cabia em si de contente em razão dessas promessas e jamais passou um dia sem render graças a Ele por essa garantia. Entretanto, jamais deixou também de acautelar-se em termos de que suas ações não O ofendessem, mantendo permanente estado de vigília e de temor. Esse medo, entretanto, era de si mesmo, pois não tinha dúvida alguma quanto à promessa que lhe fora feita por Deus, da qual estava seguro por ter muita fé no que Ele lhe prometia. **E sofria bastante ao pensar que nem todas as pessoas amavam e serviam fielmente a Deus, e muito mais ainda quando observava que elas também O ofendiam, às vezes gravemente. E chorava com amargura quando notava** que o Senhor havia sido ofendido por elas daquela maneira.

Uma vez mais o anjo apareceu e lhe disse estar o Senhor muito irado com as muitas e graves ofensas que continuamente recebia da humanidade em geral. O Santo deveria aplicar-se então sobremaneira para que Deus perdoasse aquelas pessoas e não as castigasse severamente, como aliás mereciam. O anjo o informou também de que a jovem Maria também se dedicava a esse mister e com ele muito se alegrava. E que Deus atendia às suas súplicas e deixava de castigar os culpados. Foi o suficiente para que José redobrasse suas preces em favor daqueles pecadores, a fim de que Deus não lhes desse o castigo do sofrimento e da morte eternos.

Às vezes, o Santo passava dias inteiros, e boa parte das noites também, chorando em razão daquelas ofensas e suplicando pelo correspondente perdão de Deus, e ainda mais para que Ele iluminasse aquelas pessoas todas, para que os pecadores, arrependidos, se penitenciassem. Sabedor da existência na cidade de qualquer pecador, ou transgressor da Lei mosaica, orava intensamente pela pessoa e pedia a Deus que a convertesse ao estado de retidão. E, em variadas oportunidades, conseguiu que suas súplicas fossem atendidas, merecedoras então das lágrimas que ele havia derramado. E dizia a Deus: *“Oh, meu Deus! Sou um pobre miserável, sem merecimentos suficientes para ser ouvido mas desejo juntar minhas súplicas às da jovem Maria, porque sei que elas Vos são agradáveis e também que são aceitas por Vós.. As minhas, unidas às dela, com certeza serão de Vosso agrado e atrairão Vossa piedade para com aqueles que estão tão distantes de Vós e a caminho da perdição. Que Vós vos dignéis a iluminá-los e que eles reconheçam seus erros e recebam a graça da conversão, de todo o coração”*. Essas súplicas eram muito do agrado de Deus que, em certa oportunidade, lhe assegurou a respeito desse Seu comprazimento para com elas pois, estando o Santo a orar, em preces pela conversão e arrependimento de um certo pecador

contumaz, após muitas súplicas ouviu Sua voz interior que lhe dizia: *“Tudo o que me pedes, será concedido”*. Na verdade, o pecador foi convertido e José rendeu suas graças a Deus e se mostrou preparado para sofrer todos os males porventura necessários para que o Senhor não fosse ofendido por pessoa alguma. E dizia: *“Meu Deus, mandai para mim os castigos e punições necessários para que as pessoas não mais Vos ofendam ou desgostem. Estou plenamente preparado para sofrer por elas”*. Sabedor de que qualquer daqueles pecadores se encontrasse em agonia de morte, punha-se em lágrimas e preces para que Deus transferisse a ele as dores pelas quais ele deveria passar, dizendo: *“Meu Deus, que jamais se perca qualquer das almas criadas por Vós à Vossa imagem e semelhança!”*. Com muita frequência o Senhor o atendia e até mesmo restituía a saúde de algum moribundo. Mas o Santo pagava elevados preços por tais graças, passando noites inteiras de vigílias, a orar e chorar. Acrescentava-se a elas todas, as penitências e mortificações que fazia por si mesmo, com vários dias de abstenções nos quais se alimentava somente de pão e de água.

Em Jerusalém, coabitavam as mais variadas raças e nacionalidades, inclusive as que não só desconheciam o Deus verdadeiro mas que também adoravam ao Demônio. O Santo, muito condoido, e todo em lágrimas, suplicava ao Senhor que mandasse logo o Messias e que aqueles povos todos pudessem conhecê-Lo e adotar o caminho certo a ser seguido.

José, mesmo ao executar seu trabalho diário, jamais perdia de vista tudo aquilo que lhe havia sido dito e permanecia orando durante todo o tempo e em súplicas ao seu Deus, que mantinha permanentemente em seu espírito. Havia memorizado todas as formas de súplicas anteriormente utilizadas pelos patriarcas e profetas no sentido de que o Senhor enviasse ao mundo o prometido Messias. E também todas as preces que faziam para o próprio Salvador no sentido de que viesse logo redimir o Seu povo e o mundo todo. O Santo se servia dessas orações, repetindo-as continuamente com grande fervor e fé e as empregava também com ardor no Templo, onde dizia: *“Oh, benditos serão aqueles olhos que puderem ver o Messias encarnado! E benditos serão também aqueles ouvidos que puderem ouvir Suas palavras divinas! E ainda mais abençoados serão aqueles que vierem a amá-Lo e a servi-Lo, e que a Ele se entregarem completamente!”*.

AMOR DE JOSÉ A DEUS E AO SEU PRÓXIMO

O amor de José por Deus crescia tão extraordinariamente que ele se inflamava todo somente em pronunciar Seu nome. Era cada vez mais desenvolvido seu desejo de realizar grandes atos para Sua glorificação, aguardando com muito entusiasmo aquela época em que, segundo infor-

mações do anjo, se entregaria completamente ao serviço do Senhor. E, por esse motivo, dizia: *"Oh, Deus de Abraão, Isaque e Jacó! Quando irá chegar o tempo tão feliz em que estarei todo a Vosso serviço? Oh, meu Deus! Quando será cumprida a Vossa promessa? Meu coração está pleno de desejos de entregar-se totalmente a Vós! Ouvi as minhas súplicas e dignai-Vos a atender esse desejo!"*. Estando ele certo dia no Templo, realizando tais súplicas, ouviu aquela voz interior de seu Deus, que lhe dizia para o mais íntimo de seu coração: *"José, servo e fiel amigo, mantém bem teu espírito pois em breve te consolarei e atenderei aos teus pedidos"*. Com tais palavras, foi tal o júbilo do Santo que passou a um daqueles seus estados de profundo êxtase, no qual lhe foi revelado estar Deus prestes a lhe conceder uma companheira de vida para que ele pudesse conversar sobre o Senhor e sobre os divinos mistérios que já lhe haviam sido transmitidos. Conforme o anjo lhe prometera, o Senhor lhe daria uma criatura para que conversasse e discorresse sobre as maravilhas da onipotência divina. À medida que Deus lhe revelava esse fato, providenciava também para que ele tivesse uma visão antecipada das virtudes todas daquela que viria a ser sua esposa. Retornando a si daquele estado maravilhoso, o Santo muito se alegrou com esse grande favorecimento. Humilhou-se perante o Senhor, O adorou e agradeceu profusamente a Ele. Reconhecendo sua insignificância, dizia então: *"Oh, meu Deus, tão grande e tão inconcebível que sois, quem sou eu para merecer todos os Vossos favorecimentos? E como Vossa infinita grandeza se digna a tratar comigo, miserável, e me concede graças tão grandes? Posso compreender que Vós Vos tivésseis dignado a tratar com os profetas e patriarcas, embora já tenha sido essa uma grande condescendência da Vossa parte Mas que trateis também comigo, Vosso mais vil servo, é fato maravilhoso. Como poderei corresponder a essa tão grande bondade, a tão extraordinária atenção e a tanto amor? Ah, Deus meu! Sou todo Vosso, fazei de mim tudo o que desejais. Nada tenho a Vos dar em troca que não seja a mim mesmo e todos os momentos de minha vida. Se eu possuísse todos os corações das criaturas do mundo, daria todos a Vós e os sacrificaria em benefício do Vosso amor. Meu Deus, que sois infinito, inefável e inconcebível, recebi essa pequena oferenda deste Vosso servo, que se dá a Vós de todo seu coração"*. O Santo se humilhava por todas as graças que recebia e por isso se mostrava extraordinariamente grato ao Senhor e reconhecia Sua infinita bondade e condescendência, que não eram devidas a qualquer mérito seu pois se considerava insignificante e não estando à altura de tantos favorecimentos divinos.

Após ter recebido essa extraordinária notícia, José deixou o Templo e foi para sua pequena oficina de trabalho e lá rendeu novas graças ao seu bondoso Deus. Lá se viu tão absorvido e concentrado com o fato, que, por vários dias seguidos, não conseguiu nem mesmo alimen-

tar-se. Na noite seguinte, o anjo apareceu novamente e se congratulou com ele pelo acontecimento, assegurando-lhe também que receberia tudo o que lhe havia sido prometido já há vários anos, em nome do Senhor. Exortou-o no sentido de continuar sempre rendendo graças a Deus por tudo o que Ele lhe concedia. Uma vez acordado, o Santo se apressou em agradecer a Deus desejando animar todas as pessoas a louvarem ao Senhor com os Salmos de Davi. José recitava tais Salmos não apenas em casos específicos, mas sim diariamente pois seu espírito muito se comprazia em recitá-los e ele, mais uma vez, agradecia ao Senhor por haver concedido às pessoas uma forma de poderem agradecer. Dessa forma, o Santo permanecia no aguardo do cumprimento das promessas feitas, com toda serenidade e à disposição da vontade divina. Ele clamava por elas, mas com clamor que não significava impaciência, mas apenas ansiedade. Jamais investigou o que quer que fosse e nem mesmo ousou pensar sobre a natureza do que lhe seria concedido, ou seja, de qual seria a companheira que Deus lhe destinaria. E, muito menos, sobre que atitudes ele deveria adotar. Tais problemas não o preocupavam em absoluto e ele esperava, sereno e tranqüilo, pelas promessas que Deus lhe fizera com tanto amor e consideração. E dizia com frequência: *“Que grande felicidade terei eu em conviver com a pessoa que o Senhor me destinar para com ela conversar sobre Sua grandeza, Seu infinito amor e Sua divina perfeição. Tal criatura irá dignar-se a conviver comigo e não desdenhará de minha insignificância, de minha pobreza, minha miséria e indignidade. Oh, meu Deus! Como sois bondoso para comigo! E como atendeis aos desejos daqueles que são fiéis e leais para Vós”*. José dizia tudo isso em laudações e contínuos agradecimentos ao Senhor e recebia todos os favorecimentos e Lhe era reconhecido em tudo e por tudo.

À medida do crescimento do amor de José por seu Deus, aumentava conjuntamente seu amor ao próximo. Sofria muito ao saber das necessidades de determinada pessoa, especialmente quando não podia socorrê-la de alguma forma. Nesses casos, rezava fervorosamente para que o Senhor providenciasse o necessário. Muitas vezes, ele se privava de seu sustento para atender aos pobres e mais necessitados. Quando recebia o fruto de seu trabalho dava grande parte da soma recebida para os que se encontravam em situação de penúria. Afligia-se muito com todos os que sofriam por algum motivo e suplicava a Deus para que Ele os confortasse, perseverando em tais preces até saber que o Senhor o havia atendido. Ele, na verdade, desejaria poder prover às necessidades de todas as pessoas — espirituais e materiais — e dizia a Deus: *“Meu Deus! Conheceis bem a minha pobreza e minhas deficiências. E também que não tenho condições de poder fazer pelo meu próximo tudo o que desejaria. Vós, que sois pródigo em misericórdias e sois caridade e amor, consolai e socorrei os aflitos e os necessitados, pois tudo podeis. Eu me conformo*

em ser pobre e insuficiente, meu Deus, pois sei que sois poderoso e misericordioso. Portanto, eu Vos peço que Vos digneis a prover tudo o que está além da minha capacidade e do meu conhecimento”.

O Senhor muito se alegrava com essas palavras que eram proferidos pelo seu servo e atendia prazerosamente aos seus pedidos. O Santo, de seu lado, agradecia profusamente inclusive por parte dos favorecidos. E assim José atuava em favor dos enfermos e rezava continuamente pela saúde corporal dos mesmos, e ainda mais pela sua saúde espiritual. Ele os visitava, os confortava e consolava, e os animava para que sofressem as agruras de suas doenças com paciência e resignação. **Agia dessa forma somente com os mais pobres pois com os mais abastados, possuidores de riquezas, ele não o fazia, pois não ousava aventurar-se fora da classe à qual pertencia.** Entretanto, orava também por estes e eles, embora não o soubessem, se beneficiavam também com suas preces.

Por muitos e muitos anos, o Santo praticou esse tipo de vida, aumentando sempre seu amor por Deus e ao próximo e praticando suas virtudes ao máximo. E, dessa forma, tornava-se admirado tanto pelos homens como pelos anjos, pois eram muito grandes sua pureza e inocência, sua humildade, sua caridade e sua insensibilidade pelas coisas materiais e terrenas. Tanto se subestimava, que se mostrava humilde não apenas frente a Deus, mas também perante todas as Suas criaturas, por mais miseráveis que fossem, pois eram por ele vistas como sendo até mesmo mais importantes do que ele mesmo, e objeto de sua grande caridade e piedoso amor. Compadecia-se por todos, orava por eles e lhes desejava muitas graças, suplicando ao seu Deus, de todo coração, nesse sentido.

Nas solenidades do Templo, lá estava José, muito alegre, para assistir a essas funções. **Ao contrário das demais pessoas presentes, o Santo não se entretinha em observar as lindas solenidades mas sim, com olhos voltados para o chão, permanecia totalmente absorvido e concentrado em sua contemplação.** Deus iluminava então seu espírito e permitia que entendesse os santíssimos mistérios. E seu espírito se deliciava com o Senhor e ele usufruía de todos os benefícios que Ele lhe proporcionava, pois dava ao Seu servo a devida recompensa, ele que se privava de todas as satisfações de caráter pessoal tidas pelas demais pessoas nessas ocasiões. E o Santo se mostrava também cada vez mais agradecido a Deus e mais merecedor dos grandes favorecimentos divinos.

O PRIMEIRO ENCONTRO DE JOSÉ COM MARIA

José havia completado trinta anos e tinha conservado intacta sua castidade e inocência, conquistara grandes méritos e era dotado de muitas virtudes. Havendo chegado o tempo determinado por Deus para dar-lhe a santíssima Virgem Maria por esposa e fiel companheira — que apenas

havia completado catorze anos — desejou o Senhor que o Santo se preparasse para seu nobre e sublime casamento. Embora José se preparasse para isso há já vários anos, o Senhor tinha em mente uma preparação ainda mais especial e singular. O anjo lhe apareceu naquela noite e lhe disse que devia preparar-se para receber uma das maiores graças possíveis por parte de Deus. Essa preparação deveria durar um mês inteiro, durante o qual o Santo precisaria duplicar suas orações, súplicas e os ardentes desejos de seu coração. Após ter acordado, José sentiu um extraordinário desejo de receber rapidamente essa graça prometida e, com grande amor, exclamava: *“Oh, Deus de Israel, como sois tão bondoso! E como sois confiável quanto ao cumprimento de Vossas promessas! Minha alma deseja ardentemente essa prometida graça, mas meu espírito deseja ainda mais o crescimento do amor que Vos tenho e a Vossa glorificação praticada em todos os meus atos e ações”*. Inflamado de amor, ele foi para o Templo a fim de adorar a Deus e louvar Sua infinita bondade. Lá permaneceu por longo tempo em preces e súplicas, pedindo a Deus pela graça prometida. Embora não conhecesse a natureza da mesma, ele a nominava de grande e sublime, seja porque o anjo se referira a ela nesses termos, seja por ter seguro que o Senhor concedia graças e favorecimentos dessas magnitudes aos Seus servos leais. Nessas preces, José deixava entrever em seu coração amor ainda mais intenso e terno pela santíssima Virgem Maria, tendo o Senhor lhe revelado que também ela rezava muito por ele, e que ambas as orações lhe eram sobremaneira agradáveis. O Santo se viu muito alegre e nele cresceu então, ainda mais, o seu puríssimo amor pela donzela Maria, a tal ponto que chorava ao nela pensar e em considerar suas virtudes especialíssimas e sua santidade. E, então, ele dizia: *“Oh, Virgem Maria, santíssima e perfeita em tudo. Vós orais tanto por mim, indigno que sou; que deveria eu então fazer por Vós? Nada mais posso que suplicar a Deus para que Ele vos contemple cada vez mais com Seus favorecimentos e vos proteja sempre com sua misericórdia e graça”*. Assim entendido, com tais pensamentos, ele falava espiritualmente com Maria e crescia em seu coração um ardente desejo de falar-lhe pessoalmente. Todavia, como se achasse de todo indigno disso, tentava reprimir esse desejo pois o achava irrealizável mesmo. Após ter permanecido no Templo por várias horas ele se foi, consolado e alegre, embora com a sensação que não mais poderia afastar-se daquele local. Na verdade, no mês seguinte, permaneceu lá por quase todo o tempo; praticou jejuns — passou fome, sede e outras necessidades mais — alegre e rejubilante, como se esses sacrifícios todos lhe fossem altamente agradáveis. Dedicou-se muito pouco ao seu trabalho, completamente entregue às suas preces e súplicas, com progressivo desejo de obter depressa a prometida graça. Não falou com pessoa alguma, embora falasse muito com Deus, em atos de oferecimentos, súplicas e agradeci-

mentos, nos quais bendizia a Sua infinita bondade e pedia fervorosamente em favor da Virgem Maria. Contudo, jamais lhe ocorreu que ela pudesse ser-lhe concedida como esposa, embora já tivesse idade para tanto e também todas as outras condições necessárias, pois era conhecedor de seu voto de perene castidade consagrada ao Senhor, que ele se apressara em imitar aliás.

Tendo ouvido que ela deveria casar-se e que todos os varões pertencentes à linhagem da Davi deveriam apresentar-se ao Templo como candidatos, o Santo muito se admirou e exclamou: *"Bendito aquele que tiver a felicidade de tê-la sob seus cuidados!"*. Tendo ele a linhagem exigida, deveria apresentar-se também. Inicialmente confuso, decidiu-se depois no sentido de obedecer às ordens expedidas pelo Templo. Entretanto, não lhe ocorria poder ser esse feliz, mesmo porque estava sob voto de castidade.

Terminando seu mês de preparação, viu-se extraordinariamente emocionado com a expectativa da graça prometida. Havendo agora chegado o dia em que Maria deveria ser dada como esposa, o anjo lhe apareceu e lhe disse: *"José, tua preparação agradou sobremaneira ao Senhor, assim como todos os desejos que mostraste"*. No sonho, o anjo então lhe colocou uma pomba nas mãos e disse: *"Receba esta dádiva da parte do Senhor e serás responsável pela sua pureza. Cuide bem dela pois representa uma grande satisfação para Ele, é a Sua mais querida criatura, aceita por Ele e querida como jamais outra o será"*. Dito isso, o anjo se foi. O Santo recebeu a puríssima pomba em suas mãos e então acordou, extremamente alegre e satisfeito. Embora fosse muito grande seu amor por Deus, não conseguia penetrar a verdadeira natureza daquele sonho, mas não cabia em si de contente e satisfeito embora não soubesse em absoluto o que lhe estava preparado. Teve entretanto uma certa visão de que aquela pomba significasse uma eventual possibilidade de que Maria lhe fosse dada como esposa, Mas, muito humilde, como sempre e tendo-se indigno de tal honraria, não mais pensou sobre isso. Na manhã seguinte, obediente, preparou-se para ir ao Templo a fim de apresentar-se para a competição.

O CASAMENTO DE JOSÉ COM A VIRGEM MARIA

Chegada a manhã da seleção do esposo de Maria, o Santo se preparou para ir ao Templo e, ajoelhado em sua pequena oficina, adorou a Deus e proferiu as seguintes palavras: *"Oh, Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, Deus meu e toda minha fortuna. Confesso sempre ter tido Vossa proteção em todos os meus atos e de ter tido Vossa ajuda em todas as minhas atribulações. De ter sido defendido por Vós de todos os meus inimigos e consolado e confortado em minhas angústias. Jamais tive*

qualquer sombra de dúvida quanto à Vossa proteção e tendes sido sempre de todo confiável, leal e misericordioso comigo. Portanto, peço e suplico Vossa ajuda e orientação na presente difícil conjuntura. Estou ciente de ser indigno do sublime favorecimento de poder ter a santificada Virgem Maria por esposa e companheira e, por isso, não tenho qualquer pretensão nesse aspecto. Todavia, como me foi ordenado, incluo-me entre os que disputam essa tão elevada honra, pois foi de Vosso comprazimento que nascesse na linhagem de Davi, a cuja descendência está destinada a geração do Messias. Suplico-Vos que destineis à santificada Virgem um esposo digno dela e segundo o que dita Vosso coração. E também que em mim cresçam Vossa graça e Vosso amor. Coloco-me todo em Vossas mãos para que de mim seja feito tudo o que Vos aprouver. Não clamo por nada mais que não seja o cumprimento de Vossa divina vontade”.

Feita essa oração, o Santo foi tomado por amor ainda mais ardente pelo Senhor e também por um santificado sentimento pela santíssima Virgem Maria, no sentido de poder ver e conhecer aquela que, já de há muitos anos, era objeto muito digno de suas preces e através de quem havia alcançado tantas graças. O Santo desejava intensamente ver e conhecer Maria, tão querida por seu Deus e dotada de tantas virtudes, e dizia: *“Serão mesmo dignos os meus olhos de ver esse tão grande prodígio em graças? Ah, afortunado que sou! Oh, abençoado e bendito seja aquele que tenha a felicidade de ter Maria como esposa e fiel companheira! Pessoalmente, considero-me indigno de tão grande honraria mas, se me fosse dada essa ventura, como eu seria então feliz!”*. Esses eram seus pensamentos quando foi para o Templo para rezar, onde então duplicou suas habituais súplicas a Deus.

Nesse meio tempo outros varões da linhagem de Davi também se apresentaram no local, conforme ordens recebidas. **Com eles, muitas outras pessoas também foram ao Templo, para ver a santificada donzela, em razão de sua grande reputação em toda a cidade.** O sacerdote esclareceu aos presentes que ela deveria esposar-se com um varão da estirpe de Davi, fazendo também uma proposta quanto à escolha do mesmo: cada pretendente deveria ter em suas mãos um ramo seco de planta; a Deus seria então feita a súplica para que fizesse florescer o ramo que se encontrasse nas mãos do homem a ela destinado, proposta essa aceita por unanimidade pelos presentes. Enquanto isso, Maria se mantinha em retiro espiritual no interior do Templo e suplicava a Deus pela Sua ajuda em termos de conceder-lhe um marido virgem e casto, que assumisse sua custódia e a da sua pureza também. Em seu espírito, podia entrever que esse homem seria o casto e santificado José e com isso, toda alegre, rendia graças ao Senhor.

Conforme o que fora combinado, o sacerdote passou às mencionadas preces, no que foi acompanhado por todos os presentes. **O Santo estava**

num dos lugares mais afastados, por julgar-se totalmente indigno da escolha a ser feita. Todavia, e subitamente, o ramo seco que tinha nas mãos se cobriu de lindas flores. Apesar da admiração geral pelo inusitado acontecimento, os ministros do Templo e os sacerdotes decidiram unanimemente que o Santo tinha sido selecionado por Deus para tornar-se esposo da santificada donzela Maria.

Entretanto, o Senhor desejaria fornecer mais um sinal, em confirmação adicional. Todos viram assim uma linda pomba descer do céu e pousar sobre a cabeça de José, fato esse que representou inequívoca confirmação daquela escolha de Deus em termos de esposo de Maria. Todos se alegraram, menos alguns, que se sentiram desapontados por não terem sido escolhidos. É muito difícil imaginar-se quais fossem exatamente os sentimentos do Santo naquele instante, tão humilde e desprezencioso que era. Sem qualquer dúvida, seu coração se encheu de uma enorme alegria, mas também de grande confusão pois disso se achava indigno. Em meio a esse conflito, entre medo e alegria pela sorte que tivera, ele dizia continuamente: *“Oh, meu Deus, qual o motivo desse tão grande favorecimento? Que tenho eu feito para merecer essa graça tão especial? Com razão me havia dito o anjo que uma graça extraordinária me seria concedida, para a qual eu devia preparar-me convenientemente! Entendo a razão da pomba que me haveis destinado, no sentido de que eu seja responsável por sua pureza. E assim será, com ajuda da Vossa graça e com o favorecimento de parte de minha futura esposa Maria, querida pomba”*.

Enquanto isso, o sacerdote ordenou que Maria fosse trazida para que ele a casasse com José e todos permaneceram no Templo para a cerimônia. Então a santíssima donzela compareceu, com seus olhos fixos no chão, e todos se maravilharam e encantaram com sua rara beleza e excepcional grandiosidade e, em especial, com sua evidente modéstia. Todos invejaram José e sua grande felicidade. O Santo, ao ver Maria, ficou-se estático por instantes e depois chorou, tão grande era a alegria que tinha no coração. Observou uma intensa luminosidade em torno de sua futura esposa e, em seu coração, ouviu a voz do Senhor, que lhe dizia: *“José, fiel e leal servo, esta é a preciosa dádiva que te prometi, a mais querida entre todas as criaturas da Terra; a ti, a dou como esposa, tesouro que deixo sob tua guarda e proteção. Esta puríssima pomba será tua fiel e leal companheira, por toda tua vida. Ambos deveis vos conservar castos e essa castidade será o forte laço que manterá unido vosso matrimônio. O vosso amor será unido em um só amor, a Mim consagrado e Eu serei o ponto de convergência dos vossos afetos e desejos”*. Essas palavras encheram o coração do Santo com alegria ainda maior e incontido júbilo. Não ousava olhar para sua puríssima esposa, mas sentia crescer nele por ela verdadeiro e cordial amor, terna devoção e veneração pelo

majestoso porte e digna presença. Elevando seus olhos para fitá-la permaneceu estático e teve ocasião de visualizar, através de iluminação divina, quanto ela era coberta de graças. Humilhou-se então e se reconheceu indigno de privar com ela, dizendo continuamente: *“Senhor e Deus meu, como me haveis concedido um favorecimento tão grande e sublime?”*. O sacerdote em atividade cumpriu com todas as formalidades da cerimônia de casamento, como habituais na época, e ambos puderam sentir que chamas de amor se acendiam em seus corações, e se uniam em uma só, dirigida para o Céu. Esse sinal bem visível confirmou o que o Senhor dissera a José anteriormente, ou seja, que o amor de ambos se uniria em um só amor por Ele, que seria o objeto amado, uma vez que a chama se dirigia em Seu sentido.

Uma vez terminada a cerimônia de casamento Maria foi entregue a José pelo sacerdote, após muitas e variadas recomendações, e as pessoas todas deixaram o Templo lá restando somente o jovem casal na prática de orações. José permaneceu por várias horas, durante as quais muitos dos altíssimos mistérios divinos Ihes foram revelados pelo Senhor. Mais do que em qualquer outra oportunidade José ficou ciente das raras e especiais virtudes de sua puríssima esposa, enquanto que ela também foi mais amplamente esclarecida a respeito das virtudes e méritos de seu marido. Ambos praticaram muitos atos de agradecimentos à divina benemerência, que tanto os favorecera e que tão benevolmente os unira em perfeito e castíssimo estado de amor. Terminadas todas essas preces, e obtida a bênção de Deus para ambos, eles deixaram o Templo, José conduzindo sua esposa como um tesouro incomparavelmente valioso concedido por Deus. Ele admirava o porte e o andar de Maria e em tudo a via em serena calma, cheia de graças, de modéstia, de recato e de prudência.

Ao deixarem o Templo, o Santo Ihe dirigiu a palavra, com toda reverência e amor, informando que verdadeiramente ele não possuía qualquer local onde pudessem morar, mas somente mesmo aquele pequeno quarto onde exercia sua profissão, para onde ele a conduziria provisoriamente para que decidissem sobre o que fariam depois. Maria, muito humildemente, concordou com a proposta de ir para aquele local para conversarem com calma e depois fazerem tudo o que o Senhor Ihes indicasse. Para tanto, deveriam orar para que Ele manifestasse Sua divina vontade. José, muito contente com a resposta de Maria, conduziu-a então para o seu pequeno abrigo, pois já se fazia tarde. Tão logo entraram, colocaram-se ambos em preces, louvaram conjuntamente a Deus e agradeceram outra vez pelo favorecimento de os unir em matrimônio. O Santo chorava por ver-se tão desprovido de quaisquer recursos, a ponto de não poder oferecer à sua esposa um local suficientemente bom, onde ela pudesse ter qualquer forma de privacidade. Ela, entretanto, o confortou nesse

sentido. Eles assim se alimentaram de algum pão, água e frutas, que o Santo tinha disponíveis, e conversaram novamente sobre a infinita bondade e a grandeza do seu Deus.

José ouvia, completamente absorvido, as palavras de sua esposa e chorava contente, com grande alegria em seu coração. Contou então para ela sobre aquelas palavras que o anjo lhe havia dito na noite anterior e ela, embora sabedora de tudo, mostrou-se muito satisfeita. O Santo lhe falou também de seu conhecimento sobre o voto de castidade que ela fizera e que ele, imitando-a, também o proferira. Maria muito se alegrou com essa informação e eles então abordaram o assunto do quanto sublime era essa rara virtude. De fato, passaram praticamente a noite toda nessas confabulações espirituais, embora parecesse a José terem sido apenas alguns momentos, tal era sua alegria em conversar com sua esposa e em ouvir suas inflamadas palavras de amor por Deus, todas cheias de perfeito sentimento de caridade; e cada vez mais se maravilhava com as virtudes mostradas por Maria. Chamava-a repetidamente de pomba e pedia que não se admirasse disso, pois o anjo o havia presenteado com uma pomba, que seria ela mesma. Por isso, chamava-a por esse nome, pois ela lhe havia sido dada sob essa forma. Ela, inclinando sua cabeça, dizia estar em tudo sob a proteção dele, que estava assim autorizado a chamá-la pelo nome que mais agradável lhe fosse.

Quando Maria conversava, suas palavras agiam como se fossem dardos incandescentes inflamando o coração do castíssimo José, dardos que acendiam nele amor cada vez mais intenso por Deus e amor puro e santificado por ela.

Na manhã seguinte — tendo os dois passado a noite em tais colóquios sagrados e religiosos — Maria disse para o Santo que, na terra natal de ambos, existia uma casinha que parecia feita especialmente para os dois pois, devotados à pobreza como eram, ela representaria um alojamento perfeitamente adequado e suficiente. Estando ele de acordo — e sendo essa a vontade do Senhor — poderiam ir morar lá, vivendo tranqüila e sossegadamente. A idéia foi de inteiro agrado de José e os dois concordaram em ir ao Templo para orar e suplicar a Deus que manifestasse Sua vontade a respeito e sobre o que mais deveriam fazer naquelas circunstâncias. Embora Maria já estivesse ciente de qual fosse essa vontade, nada revelou sobre isso esperando que o Altíssimo transmitisse Suas instruções também para o marido, uma vez que — em tudo e por tudo — ela queria depender de Suas ordens e desejos explícitos.

Pela manhã os dois foram para o Templo e oraram durante longo tempo. E Deus manifestou Sua vontade a José de que fossem habitar em Nazaré, sua terra natal, o mesmo tendo transmitido a Maria. Terminadas as orações, eles voltaram para a pequena oficina e o Santo perguntou a ela o que deveriam fazer para atender à vontade do Senhor, tendo

ela também curiosidade em saber a sua versão a respeito. Trocaram informações e ambos se mostraram dispostos a seguir as instruções do Senhor, que lhes havia transmitido aquela Sua vontade, e decidiram de comum acordo pela volta imediata a Nazaré. Para tanto, o Santo providenciou um jumento, para a carga dos objetos mais necessários e de alguns instrumentos de seu trabalho; ultimou as entregas de encomendas que tinha e decidiu-se de vez, pois era quase nada o que ainda tinha pendente nesse sentido.

Havendo já decidido sua partida para o dia seguinte, foram ao Templo procurar o sacerdote que os casara a fim de solicitar-lhe que os abençoasse mais uma vez; Maria se despediu das pessoas com as quais coabitara no Templo, em especial daquelas sob cuja responsabilidade havia estado. E, depois de orações, adorações e louvores a Deus, partiram para Nazaré.

Embora o Santo tivesse preferido permanecer na cidade, para poder frequentar o Templo com maior assiduidade, partiu muito alegre pois lhe bastava a felicidade da companhia de sua esposa e nada mais desejava além disso.

Plenamente satisfeito, dizia a Deus: *"Meu Deus, tendes me concedido a graça tão grande da custódia de Vossa amada Virgem Maria, tão sublime que nada mais tenho a desejar pois nela meu espírito encontra tudo o que possa almejar-se, sendo que nela encontro grande conforto e alegria. É um tesouro que sempre amarei, cada vez mais ciente de seus méritos e das inúmeras virtudes com as quais a haveis coberto"*. Voltando-se então para Maria, dizia: *"Podes acreditar, esposa minha, Deus me concedeu a grande graça de dar-me a ti como companheira e eu nada mais desejo que não o cumprimento de Sua vontade e poder dedicar-me ao Seu serviço. Será grande a minha felicidade em ser o provedor de tuas necessidades através de minha profissão e do trabalho que executarei, desde que seja de agrado do Senhor e do teu. Caso não seja de vosso agrado, então farei qualquer outra coisa que me for indicada e para isso estou devidamente preparado"*. Maria respondia com grande humildade, e muita prudência, e se submetia à vontade do Senhor e à de José; com suas respostas humildes, José tinha por ela afeição cada vez maior, a ponto de dizer a si mesmo: *"Não soubesse eu quem verdadeiramente é minha esposa, não a conhecesse como filha de Joaquim e Ana, pensaria ter ela descido diretamente do Céu, pois criatura humana alguma pode ser dotada de tantas e tais virtudes"*. Depois de tais pensamentos, agradecia a Deus por dotá-la de tantas graças e fazê-la mais privilegiada que as outras pessoas normais.

JOSÉ E MARIA VIAJAM PARA NAZARÉ

Estava tudo preparado para o retorno de Maria e José a Nazaré. Entretanto, antes de iniciarem a viagem, desejava a santíssima Virgem

ser abençoada por seu marido e por isso realizava ações virtuosas e se portava com humildade, atitudes tão apreciadas por ele. Nascia agora entre eles uma santificada contenda pois José, muito humilde que era e conhecedor do incomparável mérito de Maria, negava-se a dar-lhe sua bênção. Todavia, ele não podia ignorar suas súplicas e acabou por concordar em ser o instrumento de Deus nessa bênção; solicitou então ao Senhor para que os abençoasse a ambos.

Finalmente partiram, alegres e satisfeitos, cientes de estarem cumprindo a vontade divina. Viajavam a pé, levando somente um pobre jumento sobre o qual iam seus pequenos pertences. José sofria por ser tão pobre e por não poder dar à sua esposa o merecido conforto e a comodidade necessária durante aquela viagem; e disso fazia Maria ciente. A santificada donzela o consolava e animava dizendo estar muito satisfeita com aquelas condições e também em ser pobre; clamava apenas pelas graças do Senhor e dizia para o Santo: *“José, quanto maior for a nossa pobreza temporal, mais o Senhor nos cobrirá de bens espirituais e mais agradecidos nos devemos mostrar”*. E José muito se alegrava com essas palavras de sua amada e pura esposa.

Dessa forma, em grande pobreza e desconforto, viajaram as duas pessoas mais importantes do mundo, embora quase que totalmente desconhecidas. Estavam completamente sós, embora uma grande multidão de anjos os acompanhasse; escoltavam Maria com lindos cânticos, pois ela já havia sido escolhida por Deus para tornar-se mãe do Verbo Divino. Todavia, apenas ela ouvia essas melodias angelicais. Após terem cumprido determinado trecho da viagem, decidiram parar e descansar por algum tempo; para grande alegria do Santo, o Senhor quis que pãssaros cantassem docemente em torno de sua esposa. José muito se admirava com essa ocorrência e ambos viam nisso motivo para que louvassem e bendissem a infinita boa vontade de Deus para com eles, mostrada e evidenciada por esses sinais.

Em uma dessas ocasiões, o Santo pediu a Maria para que entoasse um canto em louvor ao Senhor, já que os próprios pãssaros a convidavam para tanto. E ela, obedecendo com humildade, entoou uma cantiga em louvor ao Criador, na qual eram narradas as maravilhas do poder divino. Até mesmo os anjos do Céu se maravilharam. E muito mais José, que passou a um daqueles seus estados de êxtase, com tanta doçura, no qual se manteve totalmente concentrado enquanto Maria adorava a Deus. Voltando a si, o Santo lhe disse: *“Oh, esposa e pomba minha, como me agradam essas tuas canções e as louvações que fazes ao Senhor com tanta graça! Admirarei cada vez mais os tesouros de graciosidade que Ele te concede! Deves mesmo corresponder à sua infinita bondade com outro tanto em amor e nisso te farei companhia, agradecendo por todas essas graças que Ele te concede. Agradece por mim também a*

que Ele teve por bem me selecionar, entre tantos outros, para desfrutar da tua amável e delicada companhia”.

Entretanto, ela se considerava a mais humilde das mulheres e, ouvindo essas palavras de seu marido, voltava-se para Deus e se nominava serva humilde. **Dizia para José que tudo o que ele nela admirava lhe havia sido dado pelo Senhor, sem que ela de fato o merecesse.** Ele deveria pois, ao ter tais sentimentos, louvar a Deus, incomensurável e infinito, que Se mostrava muito condescendente com todas as Suas criaturas, em particular com ela, que se julgava muito pobre em méritos. E o Santo se admirava com essas afirmações tão humildes de sua esposa e agradecia a Deus por havê-la dotada de tais virtudes, que provocavam nela até mesmo a subestima de si própria.

E eles seguiam sua viagem, sempre louvando e bendizendo seu Deus, que cada vez mais imperava no coração do Santo. Continuamente ele dizia para Maria para que ela agradecesse em seu nome, uma vez que não sabia como fazê-lo corretamente em função da incomparável graça que Ele lhe concedera em ser eleito seu marido e protetor. Parecia ao Santo ter essa dádiva mesmo uma magnitude inatingível — como de fato tinha. No entanto, o Senhor já havia decidido conceder-lhe uma ainda mais sublime — que ele ainda desconhecia e que jamais teria podido avaliar — qual fosse a de dar-lhe o Verbo Encarnado sob custódia e proteção, **graça essa muito acima das possibilidades do entendimento humano.** De fato, coube ao Santo a imensa felicidade de vir a ser pai adotivo do Verbo Divino Encarnado. Para ele, nada poderia ser comparável à possibilidade de ver o prometido Messias com seus próprios olhos e poder dar-se todo a Seu serviço, coisas que almejava profundamente embora achasse serem inatingíveis. **Já era mais que suficiente ter conseguido uma companheira tão digna e santa, com a qual podia conversar livremente sobre as grandezas das obras divinas e ser ajudado na prática das virtudes e na conquista do amor de Deus,** elementos aos quais se dedicava com grande fervor.

Ao chegarem a Nazaré, procuraram imediatamente a pequena casa mencionada por Maria e tiveram a sorte de encontrá-la rapidamente. Perencia a Maria. Era tarde da noite e eles lá entraram, não encontrando qualquer conforto ou comodidade. Tinham por companhia somente sua extrema pobreza e se alimentaram apenas de algum pão que tinham e de alguma água que providenciaram. Essa situação toda agradava a Maria, **pois era amante da pobreza.** Entretanto, entendia a aflição de José e lhe dava ânimo e consolo com palavras confortadoras, que muito o acalmavam e eram suficientes para que se sentisse devidamente restaurado em suas forças. Em primeiro lugar, louvaram ao Senhor que lhes permitira chegarem em paz e que os havia protegido durante a jornada. Trataram então de decidir o destino dos aposentos da casa. José disse

a Maria para que escolhesse o quarto para onde desejasse retirar-se em intimidade, a fim de orar e repousar. Ela, muito humilde que era, não desejava fazer tal escolha, embora a casa fosse sua. E pediu a José que lhe destinasse o aposento, pois a ele competia tal decisão. E ele assim o fez, destinando a ela um quarto privativo e um outro para si próprio, situado na parte inferior, onde também pretendia exercer sua profissão. Havia ainda uma pequena sala, que reservou para as tarefas domésticas de sua esposa. Dadas essas instruções, Maria se mostrou muito satisfeita e, após longa conversa com o Santo sobre as grandezas de Deus, pediu licença para retirar-se aos seus aposentos. E decidiram deixar para o dia seguinte os problemas envolvendo sua vida e como deveriam agir nas circunstâncias atuais. E ambos se retiraram para os respectivos quartos para o necessário e merecido repouso. Nada mais possuíam que os pequenos pertences trazidos de Jerusalém e usaram o chão duro para dormir.

Maria passou praticamente toda aquela noite em preces. O Santo, muito cansado, **dormiu profundamente**; o anjo voltou então a falar-lhe dizendo ser **vontade do Senhor que vivessem em estado de pobreza e que ele não deveria preocupar-se em ganhar além do estritamente indispensável para a sua sobrevivência e que, mais uma vez, deveria agradecer a Ele por lhe ter dado esposa tão santa e tão digna.**

Acordando José ao alvorecer, e tendo feito suas habituais orações individuais, desejou intensamente ver sua esposa, mostrando-se até algo impaciente por não ter ela ainda deixado seu quarto. Todavia, esperou sem chamá-la. Foi para sua pequena oficina a fim de arrumar as poucas ferramentas de trabalho que havia trazido. Feito isso, foi novamente em busca de Maria e, vendo sua demora, postou-se à porta de seu quarto para tentar vê-la e falar-lhe. Pelas frestas da porta, viu que o aposento estava iluminado como que por um clarão celestial e sentiu um odor extraordinariamente delicado, além de incontida alegria. Esses fatos o levaram a concluir que Maria confabulava com o Senhor e ele então se retirou para não molestá-la durante suas preces, comportamento esse que manteve daí para diante; deixava-lhe completa liberdade e, estando ela em seu retiro e desejando ele falar-lhe, esperava pacientemente até que terminasse, sem molestá-la. Ele desfrutava das delícias que sua esposa tinha nessas conversas a sós com Deus, chegando mesmo até a invejá-la, dizendo: *“Oh, bendita seja ela que é digna das visitas de Deus, pois é verdadeiramente santa, perfeita e cheia de virtudes”*.

Terminadas as orações, Maria deixou seu quarto e encontrou José que a aguardava. Ele a viu então como ainda mais linda e graciosa, a tal ponto que não ousava mesmo falar com ela. Ela, por sua vez — muito humildemente, com muita cortesia e amabilidade — o cumprimentou graciosamente. Eles louvaram a Deus em conjunto e em seguida conver-

saram sobre como agiriam para prover sua manutenção diária, pois estavam completamente desprovidos de quaisquer recursos naquele momento. O Santo tinha ainda algum pouco dinheiro proveniente de trabalhos feitos em Jerusalém e o utilizou para ir adquirir algo que servisse para a alimentação de ambos.

Vizinhos compareceram para dar-lhes boas vindas; vendo-os em tão grande situação de miséria, tomaram algumas providências em termos do oferecimento de alguns gêneros alimentícios e de outras pequenas coisas de necessidade imediata. Maria se mostrava toda agradecida e recebia aquelas dádivas a título de esmolas, portando-se humildemente e com muita gratidão para com as pessoas que os ajudavam e, mais tarde, corresponderia ao benefício com o fruto de seus trabalhos manuais. Durante as visitas que recebia dessas pessoas, embora com poucas palavras, evidenciava sempre sua gratidão e todos se admiravam com sua cortesia, modéstia e graciosidade, a ela se afeiçoando e desejando tratar sempre com ela. É verdade que, se no início as recebia com prazer, também se mostrou mais arredia posteriormente em razão do tempo que as visitas consumiam. Entretanto, sempre recebeu com muita satisfação as jovens, virgens e temerosas, que a procuravam e com as quais mantinha conversações de caráter religioso. O Santo, havendo providenciado às suas necessidades momentâneas, retornou para junto de sua esposa pois, além de não se sentir à vontade longe dela, sua presença o alegrava sobremaneira.

Havendo entregue as coisas providenciadas, passaram ambos a louvar e agradecer ao Senhor pelos benefícios proporcionados. José encontrou logo trabalho com o qual podia prover o sustento de ambos, sendo que ela também se dedicava a alguns trabalhos externos que auxiliavam a vida de ambos; Deus assim providenciou para que pudessem superar rapidamente as naturais dificuldades iniciais. E eles se maravilhavam com todas aquelas medidas divinas e não cessavam de louvar e bendizer o Senhor, que se mostrava muito condescendente com eles e a tudo providenciava com grande amor. De seu lado, entusiasmavam-se cada vez mais em corresponder àqueles benefícios todos que Deus lhes concedia e com seu crescente amor por Ele.

ANTES DA ENCARNAÇÃO DO FILHO DE DEUS

Após terem providenciado os pertences necessários para a casa, Maria e José definiram como seriam usados os tempos que iriam dedicar às conversas de caráter geral, os que empregariam em confabulações religiosas e aqueles que seriam destinados aos respectivos afazeres diários. Essa organização foi feita com muita sabedoria e muita ordem, pois Maria agia conforme orientações recebidas diretamente de Deus, com as ações

praticadas depois de consultas prévias quanto à Sua vontade. Todas as manhãs, muito cedo, ocupavam-se com declamações de salmos de Davi e, depois disso, José ia para o seu trabalho deixando sua Maria ocupada com os afazeres domésticos e preparo das refeições. E ela utilizava para isso tempos reduzidos, tais eram a frugalidade e simplicidade de suas vidas. No almoço, tomavam alguma sopa, umas poucas frutas e, mais raramente, uma pequena porção de peixe. Vez ou outra, ela preparava algo um pouco mais substancial para José que, dado o desgaste que tinha em seu trabalho, mais se cansava e mais necessitava de recuperação condizente. Ela, por sua vez, procurava manter-se dentro daquela alimentação mencionada e dizia para o marido que não se preocupasse com o fato de sua abstenção de carne, uma vez que pouco se fatigava e que aquela alimentação a satisfazia plenamente. José deixava a ela completa liberdade nesse aspecto, ciente de que sua ação era sempre sábia e prudente.

Terminadas suas horas de trabalho, José ia ao seu encontro e juntos proferiam então louvações a Deus, após as quais tomavam a necessária refeição do período, durante a qual conversavam também sobre problemas religiosos. Em determinadas ocasiões, o Santo se entusiasmava de tal forma com as palavras de sua esposa que chegava a não se alimentar corretamente. Depois da refeição, agradeciam a Deus e passavam algum tempo em novas confabulações religiosas, sendo essa a hora que José mais apreciava pois tinha a possibilidade de ouvir mais longamente as palavras e convicções de sua esposa e, às vezes, era tomado por um daqueles seus característicos estados de êxtase espiritual em razão do que dela ouvia. Era também nessas ocasiões que José relatava ocorrências de sua vida passada, das inúmeras graças e favorecimentos por ele recebidos de Deus e também das muitas coisas que lhe eram ditas pelo anjo durante seu sono. Neste aspecto, dizia que, após seu casamento, o anjo lhe aparecia mais raramente e que para ele era suficiente a santificada companhia dela. Essas afirmações todas eram de muito agrado para Maria, que não perdia oportunidade de agradecer ao Senhor por isso. José lhe dizia a esse respeito: *“Agora o anjo não mais me fala com a mesma frequência que anteriormente, mas sim bem mais raramente. Entretanto, estou plenamente satisfeito com as decisões divinas e para mim basta a felicidade de poder conviver contigo, pois tinha grande necessidade de alguém com quem pudesse trocar idéias sobre a grandeza das obras do Senhor e meu anjo me havia prometido que eu teria essa desejada companhia. Mas eu jamais teria acreditado que teria a grande sorte de poder privar contigo e de ouvir tuas palavras tão cheias e cobertas da sabedoria divina”*. As respostas de Maria eram humildes e prudentes. Ela lhe dizia que Deus era de todo confiável em termos de Suas promessas e que por isso deveriam manter-se ambos fiéis no amor que tinham por

Ele e também totalmente devotados ao Seu serviço. José então lhe perguntava, com grande solicitude, sobre aquilo que deveria ser feito para agradar ao Senhor. Humildemente, ela respondia que ao Senhor muito agradava ser servido com amor, lealdade e fidelidade; que as pessoas deveriam esforçar-se para cumprir a Sua vontade em todas as suas ações e atitudes. E então discorria sobre as virtudes através das quais as almas se capacitam a receber os favorecimentos divinos e a mostrar gratidão e reconhecimento a Ele. Com tais palavras, o Santo era tomado por grande amor ao Senhor, pois as palavras de sua esposa possuíam uma tal força que eram capazes de inflamar o coração de qualquer pessoa. E muito mais inflamado ficava o espírito de José, já de natureza inflamado nesse aspecto. Dependesse isso de sua vontade, permaneceria constantemente a ouvi-la, dia e noite, sem mesmo lembrar-se de trabalhar, alimentar-se ou até mesmo dormir.

Chegava mesmo a acontecer, com certa frequência até, que o Santo, durante seu trabalho, sentindo-se cansado e atribulado, se dirigisse de súbito para sua casa a fim de encontrar sua esposa e recuperar-se; e, com a simples presença dela, isto de fato acontecia. Ela o consolava e o confortava com muita graciosidade e o animava para que enfrentasse aquelas atribulações vindas do seu trabalho. E dizia: *“Se é tão grande a tua alegria somente em falar a respeito do Senhor, como seria então se pudesse falar com Ele e desfrutar de visões celestiais em Seu Reino? Rezemos com fervor para que Ele se digne a nos enviar com presteza o prometido Messias para que, por meio Dele, sejamos dignos de entrar no Céu e de lá usufruir eternamente de Sua companhia.”* Dessa forma, passavam a discorrer sobre a vinda do Salvador, ocasião em que Maria se mostrava de tal maneira entusiasmada que José acabava por ter também intenso desejo nesse sentido e dizer: *“Rezemos mesmo com grande força e continuidade porque o Senhor deseja que assim seja feito”*. José, entretanto, não lhe contava que, desde a mais tenra idade, havia sempre desejado incensamente a vinda do Messias e que sempre havia rezado fervorosamente para que isso acontecesse depressa, e que o anjo lhe havia manifestado o grande câmpromisso de Deus com essas suas súplicas em favor da vinda do Redentor e que o havia orientado no sentido de que as mantivesse. Maria, embora ciente de tudo o que José lhe relatava, mostrava grande satisfação e lhe dizia: *“Apliquemo-nos então em pedir com fervor para que essa graça nos seja concedida logo, pois ela é do agrado de Deus e Ele deseja concedê-la”*. Uniam então suas preces nesse sentido e o Senhor se mostrava muito satisfeito com esse ardente desejo que tinham em seus corações.

Todavia, embora o Santo fosse imensamente feliz e sossegado espiritualmente em seu convívio com sua santificada esposa, não lhe faltavam

problemas também. Enquanto se encontrava trabalhando, certas pessoas iam à oficina para recriminá-lo por ter-se permitido chegar a tal estado de pobreza e também para acusá-lo de ter dissipado os bens todos que seu pai lhe deixara. E lhe diziam ásperas palavras de desdém. Ele não lhes dava qualquer resposta e sofria as injúrias todas com grande paciência e serenidade, embora pudesse notar que elas o tinham por pessoa pouco ajuizada. Elas clamavam também que seu mutismo era uma prova muito clara de estar ciente de todo o mal praticado. Ele permanecia ainda silente e oferecia todos esses seus sacrifícios ao Senhor, por cujo amor se encontrava em tal estado e tolerava todos aqueles desaforos. Encontrando Maria, ele a tornava ciente dos fatos ocorridos e ela tentava confortá-lo dizendo que ele deveria alegrar-se pois essa era a vontade de Deus. Ele então lhe contou sobre a morte de seus genitores e sobre os fatos que a sucederam e de como havia atingido tal estado de pobreza. Maria se alegrava de conhecer todos aqueles sacrifícios de seu marido e procurava consolá-lo tanto quanto podia. Em muitas ocasiões, nas quais ele estava totalmente desprovido de dinheiro, sentia grande pena de Maria por não ter condições de prover o seu sustento. Ela, porém, o entusiasmava nessas ocasiões de desânimo e o animava no sentido de que seria melhor alegrar-se do que afligir-se; o Santo acabava por conformar-se, admirando aquela virtude verdadeiramente heróica de sua esposa. E então se voltava para Deus e agradecia a grande dádiva que lhe havia proporcionado quando lhe dera esposa tão perfeita e virtuosa.

Ao se encontrarem eles sem qualquer alimento, e sem mesmo saber como conseguir algum, Maria dizia para que se sentassem à mesa. Então ela suplicava a Deus conforto espiritual para seu marido, **tão necessitado e impossibilitado de alimentar-se. Depois disso, conversavam sobre a grandeza das obras do Senhor e Maria falava** tão ardentemente a respeito que José acabava em um daqueles seus êxtases e, por vezes, ela também. Assim permaneciam por longos períodos nos quais Deus lhes permitia que desfrutassem de Sua doçura e suavidade. Voltando a si, sentiam-se completamente saciados, como se tivessem tido refeição de iguarias esquisitas e delicadas. E Maria sempre tinha motivos para animar seu marido, para que se mantivessem alegres até mesmo naqueles momentos difíceis, pois o Senhor os havia saciado com suas graças. O Santo se maravilhava progressivamente com a bondade e resignação de Maria e estava certo de que Deus o favorecia somente em função dela. Às vezes Deus providenciava, através de pessoas às quais inspirava, para que eles recebessem qualquer doação em termos do que necessitavam ou encontravam, surpreendentemente, **pão e frutas sobre sua mesa, providenciados pelos anjos do Céu.** Isso porém só acontecia quando já tinham esgotado todas as suas próprias possibilidades nesse sentido; e eles então passavam o resto do tempo em louvações e agradecimentos ao Senhor.

Por todos esses motivos o casal crescia na prática das virtudes, sofria com alegria sua pobreza e se humilhava perante Deus, assistindo-se mutuamente com muito respeito. Maria se mostrava muito zelosa em tudo, a tal ponto que os próprios anjos a homenageavam. Crescia nos dois: seu amor a Deus e seu coração estava sempre inflamado quando conversavam sobre Ele. Nada mais existia em seus pensamentos a não ser Sua existência, Suas palavras, Suas ações, e Ele era profundamente amado pelo casal.

Não será fácil explicar quanto José progredia em seu amor e em suas virtudes, crescimento esse que lhe permitia poder agora conversar livremente com sua esposa. Reconhecia os favores todos que o Senhor lhe concedia e se mostrava profundamente grato por isso. Conseqüentemente, Deus o cobria cada vez mais com suas bênçãos divinas.

Embora extremamente pobres, não deixavam de dar esmolas. Quando recebiam qualquer quantia, proveniente dos trabalhos que executavam, reservavam certa parte para ser distribuída aos mais necessitados, tirando disso grande alegria. Maria não desejava receber pessoalmente esses frutos de seus afazeres deixando que José o fizesse e que dispusesse também o dinheiro segundo seu julgamento. Apenas solicitava dele que não esquecesse das esmolas aos pobres. O Santo respeitava seus desejos e fazia largos donativos, quando de posse de algum numerário, reservando para eles só o absolutamente indispensável para sua sobrevivência. As esmolas eram feitas para agradar a Deus e para que Ele enviasse logo o prometido Messias. Faziam orações e jejuns, sabedores que esses atos eram de grande agrado de Deus. O casal, na verdade, se comportava exemplarmente em tudo, era muito agradecido ao Senhor e O servia com muita lealdade, procurando em tudo Seu beneplácito, Seu prazer e Sua glorificação. O Senhor lhes proporcionava inequívocos sinais de agrado em termos daquela fiel servidão.

O Demônio fervia em ódio e desdém por Maria e José, ao vê-los tão iluminados por Deus; sentia debilitado seu poder, sem poder tolerar todas aquelas admiráveis virtudes do santificado casal. E, principalmente, pelo ardente amor a Deus que via em seus corações, pela sua humildade, sua pureza e sua abstinência. Dessa forma, não ousava aproximar-se deles, mantido à distância por forças superiores às suas. Mas não deixava de procurar submetê-los às mais variadas formas de tentações. Uma foi a de procurar introduzir a discórdia entre eles. Assumia que, conseguindo romper os laços de amizade e respeito existentes, poderia mais facilmente conseguir seus inconfessáveis objetivos. A partir de tal princípio, passou a instigar alguns vizinhos contra o casal. Invejosos da amizade e respeito reinantes na casa deles, procuravam visitá-los com maior freqüência e em tais ocasiões tentavam voltar José contra sua esposa. Perguntavam-lhe quais as razões de ela manter-se tão freqüentemente em retiros, traba-

lhando tão pouco, e também por quê não mais cuidava dele tão bem, portando-se de forma pouco dedicada. Diziam ainda outras coisas mais que, embora frívolas, lhes pareciam ser relevantes, como acontece com pessoas movidas por sentimentos apaixonados emocionais ou intrigantes. As afirmações eram tão veementes, que pareciam ser suficientes para que o Santo se virasse contra Maria. Todavia, não atingiram seus baixos objetivos pois José, derrotando mais uma vez seu inimigo do inferno, lhes respondia amar muito sua santa esposa. E elas então, desapontadas, não mais lhe falavam a esse respeito.

Não faltavam outros que tentavam influenciar Maria contra ele, procurando desacreditá-lo perante ela. Entretanto, com toda sua lucidez e sabedoria, ela virava as palavras ditas contra as próprias pessoas e as tornava assim confundidas, fazendo com que percebessem quanto erradas estavam. As pessoas se admiravam com as virtudes e inteligência demonstradas e retornavam às suas casas profundamente desapontadas. Esses fatos todos faziam com que o Demônio se enfurecesse ainda mais, **fúria essa mais voltada para Maria, pois suas virtudes enfraqueciam sobremaneira sua ação demoníaca.** Nem por isso, ele deixava de procurar alguma outra forma de perturbá-la. Jamais o conseguiu, e se tornou cada vez mais confuso frente àquela grande força de Maria. Sua confusão vinha do fato de achá-la uma pessoa igual às outras, sem saber que ela era dotada de virtudes divinas e de plenas graças por parte de Deus. Ela, vendo que o inimigo cada vez mais se enfurecia contra ela e contra seu marido, não deixava de precavê-lo e, com grande humildade, o alertava para que permanecesse atento quanto aos ardis todos empregados pelo Demônio. Os dois faziam então muitas preces em conjunto, jejuns mais frequentes e mais atos de humildade a fim de poderem debilitar ainda mais o já enfraquecido inimigo comum, que muito se abatia com isso. Nesses atos todos, acrescentavam maiores valores a si próprios, além de provocarem os citados estados de confusão para o inimigo. Ao ser perturbado por qualquer pessoa da qual o Demônio se servia, o Santo se dirigia imediatamente para sua esposa e era então animado a enfrentar com paciência essas atribulações, pois somente assim teria agradado a Deus. Ele não apenas se alegrava mas se animava também a sofrer com alegria e assim crescia sempre seu amor pelo Senhor.

Às vezes, o trabalho manual de José o cansava muito e ele então parava de trabalhar e ia ter com Maria, pedindo que ela lhe proporcionasse algo repousante, como por exemplo, que cantasse alguma cantiga de louvores ao Senhor. Ela o atendia, e os cânticos entoados faziam com que o Santo atingisse um daqueles seus êxtases, no qual ele lhe dizia: *“Querida Maria, tu és tudo para mim e o teu canto conforta e consola o meu aflito coração. Oh, como sabes confortar-me! Como és repousante! Que felicidade a minha em conviver contigo, em poder ouvir-te! Se já*

tua visão me alegra e consola, podes imaginar o que sinto ao ouvir tuas canções! Que farei em favor de Deus, que me beneficiou com tão grande dádiva?”.

A santificada Maria via em tais palavras maiores motivos para louvar ao Senhor, verdadeiro provedor de todos esses benefícios. E então exortava seu marido para que fizesse crescer nele progressivamente seu amor a Deus e que fosse grato a Ele pois, dizia ela, é o Senhor quem me concede a graça de poder consolar-te em tuas aflições, para que possas trabalhar em sossego. E assim cresciam verdadeiramente nele seu amor e sua gratidão, além de admirar-se cada dia mais com sua santíssima esposa.

ANSIEDADE DE JOSÉ PELO MESSIAS. SUA ENCARNAÇÃO EM MARIA

Desenvolvia-se diariamente no coração da santíssima Virgem a ansiedade pela vinda do Messias, a tal ponto que todas as suas preces eram no sentido de que o Senhor O enviasse depressa. **Conversava assiduamente com José a respeito e lhe contava sobre esse seu ardente desejo.** E ele, concomitantemente, sentia crescer nele também esse sentimento de ansiedade e se dirigia a Deus dizendo: *“Meu Deus, é chegado o tempo em que deveis cumprir a Vossa promessa e que Vos digneis a enviar o tão esperado e desejado Messias, para que Ele possa redimir a Humanidade toda, que vive em estado de permanente escravidão. Sabeis perfeitamente quão poucos são os que Vos conhecem e Vos amam. Portanto, urge que envieis Aquele que Vos tornará conhecido, que difundirá Vossa força, Vossa infinita bondade, Vossa misericórdia, para com todos e também a divina perfeição de Vossas obras. Somente o Vosso Unigênito será capaz de realizar tão grande tarefa e ensinar a todos o caminho do Céu e da santidade”.* Depois, voltando-se para Maria, acrescentava: *“Esposa e pomba minha, suplica continuamente para Deus, pois Ele muito te ama e não deixará de atender teus pedidos”.* Ela, humilde e expondo seus desejos, lhe respondia: *“Estamos unidos nesses pedidos e jamais deixaremos de suplicar até que o Senhor nos atenda e Ele, sendo infinitamente bom, não nos faltará”.*

José contava então para sua esposa todas as coisas que o anjo lhe havia dito, que envolviam o Messias prometido e todas as virtudes que iria praticar. Ela o ouvia com muito interesse e grande satisfação e lhe pedia que falasse com mais freqüência a esse respeito, pois muito a agradava ouvir e poder conversar sobre elas. E as conversas que tinham eram cada vez mais acompanhadas de preces, muitos jejuns e largas esmolas feitas aos pobres, quando tinham condições para tanto. E diziam um para o outro: *“Se tivermos a felicidade de conhecer a vinda do Messias ao mundo, iremos com certeza adorá-Lo e prestar nossos serviços que, embora poucos e pequenos, esperamos venha Ele a aceitar de bom grado.*

Seja qual for a parte do mundo onde Ele estiver, iremos para lá sem demora. Benditos e felizes seríamos se pudéssemos ter a ventura de vê-Lo com nossos próprios olhos e de poder ouvir Suas palavras!”.

E o Senhor se comoveu a tal ponto com as contínuas súplicas da santíssima Virgem, que decidiu antecipar a vinda do Prometido ao mundo, pois muito lhe agradavam também as preces de José nesse sentido. Entretanto, jamais passou pelas suas mentes que lhes estivesse reservada graça tão sublime qual fosse a de que o Messias iria nascer deles próprios, encarnar-se e adotar forma humana no ventre da santificada e pura donzela Maria, pois, extremamente humildes que eram, julgavam-se somente aptos para ser seus servidores e seguidores.

Chegado o tempo determinado para que um tão grande benefício fosse concedido ao mundo, e em atenção às fervorosas súplicas de Maria, veio o Verbo Divino a encarnar-se e tomar forma humana no ventre da Virgem Maria.

Não é necessário narrar os fatos que ocorreram com a santíssima Virgem após essa encarnação, pois já foram descritos em muitas outras narrativas. Será somente abordado o que se passou com José. Depois de passar o dia praticamente em colóquios com sua esposa, em clamores pela vinda do Messias, e todo inflamado por esse desejo, o anjo lhe falou novamente durante seu sono e lhe disse: *“José, levanta-te depressa e suplica a Deus com fervor, pois Ele teve por bem determinar que um grande benefício seja feito para a Humanidade toda”*, embora não explicitasse que tipo de benefício seria esse. O Santo, levantando-se imediatamente, colocou-se em preces e não tinha qualquer outra súplica a Deus que não fosse a de que Ele se dignasse a enviar o prometido Messias. No próprio instante da encarnação do Verbo Divino, ele se encontrava a orar exatamente nesse sentido. E o mesmo ocorria com Maria, que havia passado toda aquela noite rezando e suplicando para que isso acontecesse.

Durante o acontecimento dessa encarnação, José foi levado a um daqueles seus êxtases de profunda concentração, no qual teve ocasião de conhecer os profundos mistérios divinos que estavam envolvidos, sem contudo ter tido conhecimento de que Maria seria a afortunada mãe do Verbo Divino, embora lhe fosse manifestado o quanto querida ela fosse para o Senhor e quanto todas as suas súplicas penetravam no Seu coração. E também que o Senhor estava disposto a atender a essas súplicas todas e acelerar a vinda do Redentor.

Voltando a si, José rendeu fervorosos agradecimentos a Deus. Cada instante passado lhe parecia ter a duração de horas, tão ansioso estava em dar conhecimento para sua esposa sobre esse maravilhoso fato que lhe fora transmitido pelo anjo, para que ela também se alegrasse com aquela graça concedida e pudesse agradecer em seu próprio nome.

Maria tardou em deixar seu retiro naquela manhã, concentrada que estava em seus louvores a Deus e os favorecimentos todos recebidos. José, que de nada sabia, e achando estar ela imersa em suas preces, não ousou perturbá-la. Esperou com paciência até que ela deixasse seus aposentos. Durante sua espera, rezou para que o Altíssimo a mantivesse sempre coberta de graças. E Ele estava ciente de todas as suas virtudes e já Se havia claramente manifestado quanto aos seus merecimentos e sublime santidade.

Estando o Santo à sua espera para contar-lhe os acontecimentos, Maria deixou seu quarto — já Mãe do Verbo Divino, embora sem fazer qualquer menção a respeito. Muito prudente que era, manteve para si aquele segredo que envolvia o Redentor, aguardando para que Deus, Ele mesmo, se manifestasse quando chegada a hora devida. **A primeira vista, ela lhe pareceu mais linda e mais graciosa que nunca, com seu semblante irradiando luz;** José se maravilhou com seu aspecto e sentiu grande veneração por ela, achando que mantivera contatos com o Senhor naquelas suas orações. Nada lhe perguntou e permaneceu silente. Ela então o saudou e, embora já sabedora de ter sido escolhida para missão tão sublime, **mostrou-se mais ainda humilde do que habitualmente.**

Encerrava em seu ventre o Unigênito de Deus mas não o deixava transparecer. Entretanto, seus olhos cintilavam como estrelas e ela os mantinha semi-cerrados, voltados para o chão, contendo seus impulsos, a fim de não exteriorizar o júbilo que tinha em seu coração. O Santo saudou-a mais reverentemente do que comumente fazia, pois estava maravilhado com aquela grandeza de graças que existia nela. Contou-lhe logo as palavras que lhe haviam sido ditas pelo anjo e lhe disse: *“Querida esposa, creio que serás tu a pessoa mais favorecida pelo Senhor pois vejo disso claramente os sinais. E, tendo eu também sido favorecido, pobre miserável que sou, como não o haverias de ser tu, tão amada que é por Ele, que te cobre com tantas graças?”*.

Maria inclinou sua cabeça e pediu ao seu marido para que se alegrasse e louvasse a Deus junto com ela, e que ambos se mostrassem gratos por todas as graças que Ele lhes concedera. Muito contente com o convite, ele se juntou a ela e ambos entoaram cantigas religiosas de agradecimentos. Maria disse então: *“Tendo o anjo já te dito que Deus nos concederá uma grande graça, agradeçamos ao fato, também em nome da humanidade, pois não sabemos se outras pessoas agirão dessa forma pois, não tendo o anjo se manifestado também para elas, o fato será mantido em segredo. Agradeçamos pois em nome de todos”*. José apreciou muito essas palavras e cantaram cânticos de gratidão e louvores. Assim permaneceram por certo tempo, e José pôde maravilhar-se com as virtudes e graciosidade de sua divina esposa, louvando interiormente a Deus, que lhe concedia a graça de compartilhar de tudo isso com ela. Terminadas

essas preces, o Santo se dirigiu ao seu trabalho e Maria permaneceu em seus afazeres domésticos. Embora levasse em seu ventre o divino Verbo Encarnado, executou suas tarefas normais diárias, servindo a José com toda dedicação. Embora soubesse de sua maternidade santificada, jamais deixou de considerar-se somente Sua humilde serva.

Durante seu trabalho, o Santo sentia grande afeto por Maria e desejava constantemente ir para sua companhia. Experimentava por ela amor crescente, e mais forte, progressivamente santificado. Não apreciava ficar distante dela e, sendo isso necessário, sentia mesmo como se estivesse violentando-se a si próprio, pois seu Deus Encarnado o solicitava constantemente. Embora ele não tivesse ciência disso, esse amor era tão intenso que ambos desejavam permanecer sempre juntos para que se vissem e pudessem manter colóquios religiosos.

Ele tinha grande apreciação pela convivência com Maria e disse extraia especial prazer. O Verbo Divino muito Se alegrava com a presença daquele José sempre solícito e o aquinhoava cada vez mais com Suas graças. E Maria entendia tudo e se alegrava com os acontecimentos.

José contou para ela todos esses seus sentimentos e lhe solicitou seu perdão por molestá-la tão freqüentemente com suas visitas e por perturbar-lhe o sossego. Entretanto, dizia, não conseguia evitar tais emoções, que provocavam nele o constante desejo de estar com ela. E que, em sua presença, tinha imensa alegria, como jamais tivera.

Ela se mostrava muito amável e dizia que ele não se preocupasse com esses fatos, porque eles assim cantariam cânticos de louvor e então Ele reconheceria neles os necessários méritos para maiores favorecimentos. Dessa forma, José procurava Maria sem quaisquer temores e com muita satisfação. E, nessas ocasiões, achava-a cada vez mais linda, mais cheia de graças e mais digna de admiração e veneração.

Todavia, foi de curta duração essa plena felicidade de José. Por ocasião da anunciação feita a Maria, o anjo lhe havia dito que sua prima Isabel também estava grávida, e de seis meses. E, sabendo a Virgem Maria ser desejo do Unigênito abençoar pessoalmente Seu precursor João Batista, mostrou sua intenção em visitá-la. O anjo, durante o sono do Santo, também lhe falou sobre esse fato e o orientou no sentido de que conduzisse sua esposa até Isabel, para que assistisse os três meses faltantes da gravidez de sua prima. Esse aviso foi como uma espada que penetrasse no seu coração, pois deveria manter-se distante dela por todo aquele longo período. Contudo, inclinou sua cabeça em sinal de assentimento e se conformou com as decisões divinas. Contou para Maria o que o anjo lhe dissera e se mostrou disposto a conduzi-la até Isabel. Maria, que conhecia a vontade de Deus, e vendo seu marido em tão grande aflição, lhe disse: *“Não há o que temer, pois estarei sempre pensando em ti e não deixarei de orar pelo teu bem estar. Passados esses três*

meses, estaremos juntos outra vez e juntos louvaremos e serviremos ao Senhor. Nesse período, estaremos juntos espiritualmente e pelo amor que temos a Deus, digno de ser louvado e servido lealmente. Ele, através dessa nossa separação, testa nossa fidelidade e lealdade, e também nossa resignação frente à Sua vontade. Devemos mostrar-nos fiéis, porque Ele disso é merecedor e porque nós, acima das outras criaturas, temos desfrutado de Suas graças e favores”.

Confortou-se o Santo com essas palavras e se sentiu muito satisfeito em poder cumprir com a divina vontade. E aceitou voluntariamente e com satisfação aquela ausência necessária de Maria, tão querida e toda sua alegria. E passou a ter como prioritária a vontade divina, à qual se submeteu completamente. E ela, contente em vê-lo assim resignado, rendeu muitas graças ao Senhor.

JOSÉ CONDUZ MARIA ATÉ ISABEL

Estando ambos de acordo com a visita a ser feita a Isabel, e com hora de partida já devidamente acertada, passaram a orar e suplicar a ajuda divina para a viagem. O Santo se preocupava em conduzir Maria através daquelas estradas, que sabia ruins e perigosas, pois ela, tão frágil e delicada que era, iria com certeza sofrer durante o percurso a cumprir. E não deixava de transmitir-lhe essas suas razoáveis preocupações. Maria procurava animá-lo assegurando que a viagem seria muito feliz pois que eles estavam somente atendendo à vontade do Senhor. E que Ele, por esse motivo, iria lhes dar toda Sua assistência e providenciar a tudo o que fosse necessário. E José se confortou e alegrou com essas afirmações de sua esposa.

Maria ansiava por viajar logo, ciente que estava das razões da viagem e que o Verbo Divino — que levava em seu ventre — desejava abençoar pessoalmente Seu precursor João Batista. Por tais motivos, desejava ardentemente obedecer prontamente à vontade divina, permitindo que o precursor fosse devidamente abençoado.

José notou bem essa ansiedade e lhe perguntou pelos motivos de tanta excitação e alegria em torno daquela viagem, tão perigosa que era: “Com certeza”, disse ele, “será para poder enfrentar todos os sacrifícios exigidos por essa viagem e poder desejar sofrer, em razão de seu grande amor por Deus”. E Maria lhe respondia que sua ansiedade repousava somente em seu desejo de atender de pronto à vontade divina. Na verdade, essa era a causa primeira de seu desejo. Entretanto, nada mais comentou pois conservava ocultos em seu coração os segredos todos que o Verbo Encarnado lhe confiara.

O Santo, conhecedor dos motivos de sua esposa, foi também tomado do mesmo sentimento de partir rapidamente. E eles então se foram, alegres e exultantes, certos de estarem cumprindo a vontade divina. Maria pediu a bênção de Deus, e também a de José, que a concedeu com grande afeto e ternura, pois nada lhe podia negar, tais eram a graça e delicadeza de seus pedidos ajoelhada a seus pés com humildade, porém com nobreza. Tendo ele dado sua bênção a ela, partiram imediatamente. Maria andava com passos apressados, pois o Espírito de Deus que carregava em seu ventre lhe permitia essa aceleração em sua caminhada. O mesmo fazia José, sem qualquer aborrecimento ou cansaço, mas sim com grande alegria em seu coração. Falava com ela sobre os divinos mistérios e divinas perfeições. **Em certas ocasiões, supreendia-se com a pressa de Maria e a fazia ciente disso.** Ela, encontrando nisso motivos para louvores a Deus, lhe dizia: *"Podes assim ver como é bom o nosso Deus e como abençoa as nossas ações e nos dá forças para que realizemos a Sua vontade"*. E ambos então declamavam louvores ao Altíssimo, pedindo o Santo então para que ela entoasse algum cântico ao Senhor pois, estando eles sós, ninguém mais o ouviria. Ela, atendendo, entoava cantigas de louvor ao Verbo Divino que sabia encerrado em seu ventre. E José passava àquele seu estado de êxtase com toda a sua doçura e caminhava muito tempo totalmente absorto. Maria cantava também outros cânticos em louvor ao Verbo Encarnado, em termos de gratidão pelos favorecimentos todos que Ele lhe concedera, não só a ela mas também a toda a humanidade; essas cantigas entretanto, não eram ouvidas por seu marido.

Eles eram agora acompanhados por multidões de anjos, que cortejavam seu Rei e sua Rainha e que cantavam louvores ouvidos somente por Maria. E também muitos pássaros voavam em torno de ambos, cantando harmoniosamente em louvor ao seu Criador, cantos esses que José podia ouvir perfeitamente e com os quais se deliciava. Voltando-se para sua esposa, dizia: *"Sente, esposa minha, como esses pequenos animais nos convidam a louvores a Deus com seus cantos. Louvemos pois a Ele em conjunto"*. E ambos então se colocavam em preces nesse aspecto.

José tinha para si que tais atos prodigiosos eram executados por ordem do Senhor, em razão do grande amor que Ele tinha por Maria, embora não recebesse qualquer manifestação a esse respeito. Mostrava-se alegre e agradecido pela felicidade em receber de Deus tão boa companhia, e agradecia profusamente por isso. Dessa forma, realizaram a viagem tomados de grande satisfação. Ao entardecer, paravam em qualquer sítio para repouso e se alimentavam frugalmente, em geral de pão e água. A pedido de Maria, José às vezes se alimentava de algo mais consistente, para poder enfrentar os esforços físicos exigidos pela viagem. Parte do repouso noturno era empregado em preces, após as quais senta-

vam-se juntos para repouso. José permanecia algumas horas em tal posição, enquanto Maria se entretinha em sagrados colóquios com Deus. Em seguida, repousava também por algum tempo, embora em seu sono mantivesse sempre seu amor e contatos com Deus.

Terminada a viagem, foram logo para a casa de Zacarias. José permaneceu parado à entrada e fez muitas saudações ao dono. Isabel, por seu lado, tomada de repente ímpeto do amor — proporcionado pelo Espírito Santo — correu de encontro a Maria para abraçá-la. Tão logo olhou em seus olhos, soube que sua virgem prima era a verdadeira Mãe do Verbo Divino, nela encarnado como pessoa humana. Maria saudou-a e a chamou de mãe do grande profeta e precursor do Messias. Isabel devolveu-lhe a saudação, nominando-a mãe do Verbo Divino e exclamando: *“A que devo tão grande honra, a de que a mãe do meu Deus venha ter a mim?”*. Ninguém ouviu essas palavras, pois todos os presentes se entretinham com José e Zacarias, sendo que este — mudo na época — fazia entender-se através de mímica, motivo pelo qual as pessoas presentes permaneciam ao seu lado para transmitir a José o que lhe era dito. Nessa ocasião, Maria entoou o famoso cântico de louvores, o Magnificat. Durante tais ocorrências, o Verbo Divino — no ventre de Maria — revelou-se a João Batista, não sem antes solicitar de seu Pai Divino que concedesse ao seu precursor a graça de ser santificado no ventre de sua mãe e que lhe concedesse o uso antecipado de razão, para que ele conhecesse o Deus Encarnado antes mesmo de abandonar o ventre materno. Obtida essa graça, o Verbo Encarnado fez-Se então conhecer ao seu precursor, clara e inequivocamente, e o santificou naquele mesmo instante. João Batista exultou e, no próprio ventre materno, adorou seu Redentor, fato que foi perfeitamente notado por Isabel. João Batista agradeceu profusamente e se ofereceu todo ao Redentor que o santificara. Por Seu lado, o Verbo Divino também agradecia ao Seu Pai pelo grande favorecimento de ter santificado aquele seu precursor.

Terminados os cumprimentos habituais, Isabel e Maria se retiraram do aposento e permaneceram em colóquios religiosos por algum tempo. Zacarias fez grandes demonstrações de afeto a José, o mesmo acontecendo com os demais presentes, pois a vinda do casal havia levado grande júbilo àquela casa.

Maria permaneceu junto de Isabel pelos três meses faltantes e também santificou sua casa com suas virtudes e ações abençoadas.

A essa altura, era chegada a hora do retorno de José à sua casa e ao trabalho. Acertada a hora de sua partida, todos externaram sua tristeza e seu desejo de que ele permanecesse por mais tempo. Entretanto, ele desejava atender à vontade divina, qualquer que fosse. Fez muitas recomendações a Isabel, por Maria, e a todos os demais da casa, dizendo ser ela um tesouro e que deixava seu coração com eles, pedindo que

a assistissem com todo carinho. Falou depois com Maria e lhe pediu para que não o esquecesse, pois partia muito triste em virtude da separação que deveriam enfrentar. Maria o consolou dizendo que jamais iria esquecê-lo e que partisse tranqüilo. E ele partiu, mas deixou seu coração.

Sempre assistido por Deus e pelas orações de Maria, que orava para que ele fosse protegido e tivesse forças para tolerar aquele separação, o Senhor mostrou Sua disposição em atendê-la. José sentiu logo o Seu amparo e proteção tanto durante a viagem de volta, quanto no tempo restante. Enquanto podia ainda ver a casa de Zacarias não parou de voltar-se para olhar na sua direção, pois lá estava sua amada esposa Maria.

O Santo caminhava de volta e refletia muito sobre cada virtude particular de sua santa esposa e a bendizia e agradecia a Deus por havê-la coberto de tantas virtudes e graças. O pensamento de que logo iria reconduzi-la a Nazaré mitigava em algo os seus sofrimentos de ter que permanecer distante dela. Pensando em todas as suas virtudes, entretanto, acabava por sentir grande ternura e esses fatos todos o consolavam durante sua caminhada de volta. Embora só, o fato de tê-la sempre presente em seu espírito fazia com que ela lhe parecesse estar verdadeiramente presente.

Uma vez em Nazaré, agia como se ela de fato lá estivesse. Entoava os cantos de louvor, suplicava pela vinda do Messias, trabalhava com afinco e fazia todas as esmolas que sua condição lhe permitisse. Uma vizinha muito caridosa e amiga o assistia em suas necessidades domésticas e ele realizava freqüentes jejuns. Voltando cansado do trabalho, e não podendo conversar com Maria, ia aos aposentos dela e lá permanecia ajoelhado, lembrando-se de que era ali que ela se mantinha em suas contínuas preces, orações e colóquios divinos. E ele chorava e pedia ao Altíssimo ajuda e proteção. Sentia-se assim mais confortado, pois fora naquele quarto que se operara o grande milagre da Encarnação e Deus apreciava muito o local e lá espalhava suas bênçãos celestes. Ao perceber esse fato, José — ao ser assaltado por qualquer aflição — para lá se dirigia achando que o local fosse santificado só pelo fato de que Maria também lá estivera.

Todavia, não faltaram também atribulações para o Santo, durante a ausência de sua esposa. Certas pessoas, cientes de que Maria havia sido conduzida até Isabel, e por instigação do Demônio, dirigiam-se à oficina onde José trabalhava e o aborreciam com o fato de ele haver permitido sua permanência na casa de outras pessoas. O Santo, embora sofresse com essas acusações, nada lhes respondia e nem mesmo se ressentia com elas. Outras, a título de pena, criticavam Maria que o havia abandonado tão só, fato que lhe deveria causar grande tristeza, diziam. Essas palavras, dirigidas contra Maria, feriam duramente seu coração e ele preferia não ouvi-las. Com boas maneiras, repreendia as pessoas,

no sentido de que medissem suas palavras e não ofendessem a Deus com aquelas acusações. **Passou por muitas atribulações desse tipo durante os três meses da ausência de Maria.** Estava plenamente consciente desses seus sofrimentos todos e pedia a Deus que lhe desse força para suportá-los com dignidade.

O anjo lhe falava agora mais freqüentemente e lhe dava notícias sobre sua esposa e lhe garantia que ela o assistia constantemente através de suas preces e orações. Dizia também que ela crescia progressivamente em suas virtudes, em seu amor e em seus agradecimentos a Deus e isso tudo fazia com que ele procurasse imitá-la e desenvolvia seu desejo em poder revê-la e conviver novamente com ela e chamasse pela sua volta. A Virgem Mãe, de seu lado, não deixava também de enviar-lhe anjos para sua companhia que, através de suas inspirações, o consolavam naquelas suas aflições todas. Assim José teve o auxílio distante de sua esposa e foi muitas vezes assistido e confortado. Seu grande consolo e alegria, contudo, era o de poder orar no pequeno quarto dela, onde encontrava o desejado sossego e, por vezes, se via iluminado com entendimento para os muitos segredos e mistérios divinos.

Ficava também muito satisfeito quando seu anjo lhe dava notícias de Maria e lhe assegurava que ela o mantinha permanentemente em sua lembrança e que muito orava por ele. O Santo reconhecia essas graças e agradecia profusamente ao Senhor nesse aspecto, vendo em tudo Sua infinita bondade e os muitos méritos de sua amada esposa. Colocava-se então a orar por ela para que continuasse coberta pela graça divina e que assim sempre permanecesse, em seu já grande amor por Deus.

Maria, conhecedora que era de todos esses fatos, sentia-se muito grata a José, **que algumas vezes se mantinha conversando com sua vizinha sobre as virtudes todas de sua esposa.** Essa pessoa, que preparava as refeições do Santo, **era muito temente a Deus, muito amiga do casal e reconhecia também as virtudes de Maria e muito a elogiava por isso.** José, muito confortado com suas palavras, chorava de alegria e tinha imenso desejo de ter Maria de volta para o convívio de ambos. Suspirando, dizia: *"Oh, minha querida esposa, quando te terei novamente em casa para podermos conversar sobre os assuntos sagrados? Tu estás longe, mas meu coração está contigo e eu te amo em razão de seres de fato uma santa esposa e porque o Senhor deposita em ti tantas graças. Creio que esse meu amor não desagrada a Deus pois se fundamenta em Sua graça e também porque, habitando Ele em teu coração, eu em ti também amo Sua misericórdia e Seu amor. Anseio por tua volta para que em mim se acenda cada vez mais o amor que tenho por Ele, pois tuas admiráveis virtudes são estímulos para meu coração e me fazem crescer em perfeição e na prática das virtudes todas que te caracterizam".* Assim falava e Maria, embora distante, podia ouvi-lo perfeitamente e endereçava

ao Senhor todos aqueles louvores de seu marido. Confessava-se muito humilde. O louvava, O honrava e agradecia a Ele por tudo. Orava muito por José, a cujo favor pedia continuamente a concessão de novas graças e favorecimentos. José sabia desses fatos e também agradecia ao Senhor e rezava por Maria.

O Santo jamais deixou as práticas executadas antes de seu casamento. Ao contrário, praticava-as ainda mais intensamente e com maior perfeição. Essas atividades se referiam à assistência que sempre dava aos agonizantes, pelos quais fazia fervorosas orações, suplicando para que Deus lhes desse o descanso eterno e os libertasse das tentações do Demônio e lhes desse também forças para enfrentá-lo. Orava muito também pelos pecadores, de forma geral, para que fizessem as necessárias penitências e fossem assim perdoados de suas culpas. Suas súplicas eram sempre acompanhadas de vigílias noturnas, jejuns, esmolas e — com muitos suspiros — pedidos para que o Senhor ajudasse aquelas almas que se encontrassem tomadas de idolatria. Pedia muito para que o Messias fosse enviado logo ao mundo para iluminar com Sua luz todas as pessoas que se encontrassem à beira da morte. O Senhor muito se satisfazia com esse tipo de pedidos e retribuía através de graças muito especiais, aumentando seus merecimentos, e favorecimentos correspondentes, e desenvolvendo nele ainda mais seus caridosos desejos, para que se tornasse progressivamente mais digno de Suas graças divinas.

JOSÉ CONDUZ MARIA DE VOLTA PARA CASA

Aproximando-se o final do período previsto de três meses de permanência de Maria junto a Isabel, o anjo falou novamente com José e lhe ordenou que fosse ter com ela e a conduzisse de volta a Nazaré, uma vez que essa era a vontade do Senhor. José já havia pensado nessa possibilidade, mas aguardava justamente ordens nesse aspecto. Ficou pois muito alegre ao recebê-las e muito se rejubilou com a perspectiva de reconduzi-la de volta para casa. Ao amanhecer, depois de suas habituais orações, colocou-se a caminho com muita alegria, certo de que Maria iria rezar por ele durante a caminhada. E nisso não errava pois ela — ciente de tudo — de fato orava para que ele fosse assistido e protegido durante a viagem. Tais preces não foram inúteis e o Santo teve mesmo assistência muito especial durante a viagem e foi objeto de muitas graças divinas. Seu caminhar era normalmente rápido, mas na verdade acelerou muito seus passos, tal era seu amor por Maria e seu desejo em vê-la o mais rapidamente possível. E mantinha seu pensamento em Deus, que considerava como objeto principal de seu amor. Amava sua esposa em Deus, pois a considerava como sendo extraordinariamente amada por Ele e muito favorecida por Suas graças muito especiais.

José olhava sempre para o céu, onde habitava seu grande tesouro, e assim se mantinha a contemplar as obras da Suprema Sabedoria que, em um instante, havia criado todas as coisas e criaturas. Lá mantinha seus olhos em estática admiração. Noutras ocasiões, parava e olhava as pequenas plantas, árvores, campos e mais uma vez admirava a sabedoria do Senhor em criar tudo com tal ordem. Profundamente emocionado, exclamava: *Oh, Deus onipotente, sábio, incompreensível, inmensurável e inenarrável. Como Sois digno de ser amado! Oh, como é possível que nem todas as criaturas Vos amem? Como podem não amar tanta bondade? Como podem ser infelizes esses corações e não apreciar as Vossas divinas obras, se sois todo amor por elas e tanto haveis feito para servi-las e confortá-las? E, tendo elas sido criadas para Vos amarem, como Vos negam esse amor? Ah, Senhor, é mesmo verdade que elas existam em tão grande número?*”. A partir de tais idéias ele se punha a chorar, em razão de pesar que tinha por Deus não ser devidamente amado por todos.

Desde sua mais tenra idade, já havia mostrado grande propensão para Deus pois permanecia, já na época, muito tempo olhando para o céu, nisso encontrando grande satisfação. Saciava assim seus desejos e lá mantinha seus olhos por longos tempos, com seu espírito vagueando, pois seu pensamento mais alto era o de contemplar a Deus naquele Seu reino santificado. Desejava lá habitar e pedia constantemente pela vinda do Messias. Suspirava repetindo as súplicas feitas pelos profetas e patriarcas e tais pensamentos acabavam por transformar-se em maior amor pelo seu Deus. E o Senhor muito se comprazia com esses pedidos e o enchia de alegrias, iluminando sua razão e seu espírito. Assim, o Santo podia entender muitos dos mistérios divinos e se assegurava da próxima vinda do Messias ao mundo, dizendo: *“Estou certo de que Vós atendereis às muitas súplicas feitas continuamente por minha esposa Maria, pois estou ciente que ela Vos é muito querida. E sei que suas súplicas serão atendidas”*.

Entre outros, tais eram os pensamentos afetivos de José e os colóquios que tinha com Deus durante a sua viagem, e ele de tal forma se mantinha assim entretido que nem mesmo percebeu seu término, tais eram seu amor pelo Senhor e a satisfação em contemplar Suas obras e também em transmitir a Ele os desejos que tinha no coração.

Em um desses dias, após longa caminhada, **quedou-se admirando o céu e a terra, até onde sua vista alcançava; e exclamou:** *“Meu Deus, Vós sois o Senhor absoluto de tudo o que vejo. O céu, a terra, os mares, os rios, são todos Vossos e todos se encontram sob Vosso domínio. No entanto, embora tão grande, Vós não Vos sentireis rebaixado em habitar entre os homens! E então irão existir aqueles que terão a grande ventura de Vos conhecer e do Vosso convívio. Oh, grande Senhor! Como*

sois grande!''. Neste estado de espírito o Santo pôde conhecer um êxtase tal no qual teve consciência não somente de que o Messias verdadeiramente viria habitar entre os homens, mas também que Ele seria muito humilhado por eles e que iria conviver com os miseráveis, os simples e os pobres. Cheio de alegrias, ele dizia então: *''Então, se é assim, e Ele chegar nestes nossos tempos, não se sentirá rebaixado em coabitar conosco, embora pobres e miseráveis. Oh, como seremos felizes então! Benditos seremos, se de fato nos mostrarmos dignos de tão grande ventura!''*. A partir desse instante, o Santo não só clamava com mais ardor a vinda do Messias, como também permaneceu, com grande júbilo em seu coração, à espera do prometido Messias, seguro de que Ele não se envergonharia em conviver com ele.

Terminando a viagem, dirigiu-se imediatamente para a casa de Zacarias, onde sua esposa e as demais pessoas o aguardavam, combinada que havia sido sua volta ao fim de três meses para buscar Maria. Foi acolhido com grandes demonstrações de carinho e afeto, em especial de parte dela, que imediatamente lhe deu boas-vindas. Quando a viu, exultou e se rejubilou em seu coração, tendo-a por mais linda e mais graciosa, *cada vez mais ornada de graças divinas*. Tomado de grande sentimento de amor e veneração, ele a saudou com uma profunda inclinação de cabeça e disse: *''Oh, minha querida Maria! Quanto tenho ansiado em ver-te outra vez e quanto esse pensamento alegrou minha viagem! Neste instante, só em ver-te, ficam saciados todos os meus desejos. Tendo eu recebido de Deus a ti como companheira fiel e amiga, simplesmente não posso mais viver longe de tua presença, a não ser à custa de grandes sofrimentos''*. Maria o convidou então para que louvassem a Deus pela graça que lhes havia concedido e eles assim o fizeram, com louvores e agradecimentos a Ele pelo que lhes concedia é também por Sua assistência e proteção durante a viagem feita pelo Santo.

Encontrando já nascido o precursor do Messias, João Batista, *reconheceu que aquele menino havia sido gerado entre bênçãos divinas*, ficando também logo ciente da graça divina presente no mesmo. João Batista, de seu lado, também o reconheceu pois, ao vê-lo, inclinou sua cabecinha para saudá-lo, exteriorizando assim sua alegria em tê-lo presente. José se congratulou muito com os pais de João Batista pelo grande favorecimento que lhes havia sido concedido pelo Senhor e lhes *disse prever para o menino importantes acontecimentos, acreditando que ele se tornaria um grande profeta, muito respeitado por Deus e pelos homens*. E, juntamente com todas essas palavras, todos os presentes se rejubilaram e se uniram em louvores e agradecimentos pelo feliz acontecimento.

Maria e José se decidiram então por partir. Isabel e Zacarias queriam muito que eles lá permanecessem por mais tempo e se mostraram muito tristes com a sua partida e em terem que se abster de sua prezada compa-

nhia. Todavia, o casal se mostrou decidido pela viagem imediata, pois eles desejavam cumprir com as ordens divinas. E lhes explicaram, muito amavelmente, aquela sua necessidade em retornarem a Nazaré. O casal desejou também fazer doações para Maria e José, mas eles não as aceitaram pois haviam já decidido sua permanência em estado de pobreza e aceitaram somente o que lhes era absolutamente indispensável para a jornada.

Em sua partida, muitas foram as lágrimas derramadas por seus parentes e pelos coabitantes da casa, pois todos haviam tido grandes alegrias com Maria e também muitas satisfações com sua maneira de ser. Isabel foi a que mais sentiu aquela partida, pois estava ciente de quem era sua prima e do tesouro que encerrava em seu puríssimo ventre. Muitas vezes dirigiu-se a José como sendo abençoado pela grande ventura de ter sido escolhido para marido da santíssima donzela Maria e invejando-o santamente por aquela tão grande sorte. O Santo então lhe pedia para que agradecesse ao Senhor em seu nome por esse verdadeiro favorecimento que lhe fizera.

Executados todos os atos normais às partidas, Maria e José se foram, com grande alegria, e todos os da casa se sentiam gratos pelos benefícios recebidos da divina mãe, embora se mostrassem também tristes e aflitos por se privarem de sua tão amável companhia. Não se cansavam deabençoá-la e de comentar suas inúmeras qualidades e virtudes. José e Maria partiram muito contentes pois sabiam ser essa a vontade de Deus. Entre todos, José era quem se mostrava mais satisfeito, muito alegre por poder conduzir de volta para casa sua querida esposa, parecendo-lhe mesmo que levava um verdadeiro tesouro com ele. E não errava, **pois conduzia o Redentor e a Rainha do Céu e da Terra.** Ninguém pudera avaliar quanto exultante estava e a alegria que tinha em seu espírito, pois só ele mesmo sabia.

Na viagem de retorno, o Santo narrava para ela todos os acontecimentos de sua viagem de ida e sobre quanto favorecido havia sido pelo Senhor durante o percurso. Contava o que havia ouvido sobre a vinda do Messias e de como Ele iria dignar-Se a viver entre os humildes, os simples e os mais necessitados. E dizia: *“Querida Maria, nós somos muito pobres. Se tivermos a felicidade de vê-Lo — se vier durante os nossos tempos — estou plenamente seguro de que Ele não se envergonhará em tratar conosco. E como seremos felizes então!”*. Muito se alegrava Maria em ouvir essas emocionadas palavras de seu marido e lhe disse que isso seria um extraordinária motivo para que louvassem e agradecessem a infinita bondade do Senhor. E essas suas palavras tornavam ainda mais inflamado o amor que ele tinha em seu coração. Dessa forma, passaram ambos a louvar o seu Criador em conjunto.

José lhe pedia para que entoasse algum cântico de louvores ao Senhor e ela o atendia prazerosamente. Com muita graça, cantava e compunha hinos de louvor ao Criador e ao Verbo Divino Encarnado que levava em seu ventre. Eram tais a doçura e suavidade desses cantos que o Santo se via extasiado de contentamento. Uma grande quantidade de aves parava para ouvir as cantigas de Maria e fazia coro com ela, como se fossem dotadas de razão e desejassem acompanhá-la e imitá-la. O Santo se maravilhava com tais cenas de amor e com todas as qualidades mostradas por sua esposa, virtudes que lhe eram concedidas pelo Senhor em razão dos seus grandes méritos. Terminados os cânticos, ele se voltava para ela e lhe dizia: *“Podes ver, Maria, como o nosso Deus te ama e te favorece? Também através de sinais exteriores Ele deseja manifestar Seu agrado e faz tudo isso para te agradar. É claro que esses pequenos animais O louvam, seu criador que é. Mas louvam também a ti, porque só a ti prestam tais homenagens”*. Na verdade, as aves todas se mostravam alegres e festivas, permanecendo sempre em torno dela, que se humilhava e dizia serem aqueles louvores destinados ao Criador e que Ele lhes concedia aquela graça para que se animassem e se maravilhassem com Sua infinita bondade. E dizia mais: *“Se Ele nos ama tanto, e nos dá sinais tão claros de Seu amor, quanto devemos nós amá-Lo e também promover inequívocos sinais de manifestação do nosso amor por Ele?”*. E ela passava então a discorrer sobre o amor que deviam ao Senhor e em seu rosto se viam então inflamadas chamas. José observava que na fisionomia virginal de Maria, podia ver-se também intensa luminosidade, que provocava nele veneração e alegria. E também se inflamava todo, pois suas palavras eram como dardos ardentes que penetravam em seu coração e que cada vez mais aumentavam o amor já existente nele.

Eles não sentiam qualquer cansaço durante a viagem pois empregando seu tempo como foi dito, o caminho lhes parecia fácil e até mesmo agradável. A José, particularmente, não parecia verdade que ele tivesse Maria novamente em sua companhia. Encontraram muitas pessoas durante o percurso e a santíssima Virgem a todas servia de apoio e consolo, segundo as necessidades de cada uma, pois o Verbo Divino dela Se servia como instrumento de concessão de graças aos homens, uma vez que nela já Se encontrasse presente a fim de redimir a Humanidade. Maria suplicava a Ele por todos os necessitados, muito especialmente pelos que se encontrassem em situação de pecado, aos quais podia reconhecer perfeitamente, pedindo que Ele os iluminasse e lhes desse o verdadeiro arrependimento de todas aquelas suas culpas. E pedia para que Ele os perdoasse. O Verbo Encarnado atendia a esses pedidos e concedia a eles as misericórdias solicitadas. Ela suplicava também para que o Senhor aumentasse o estado de graça divina no espírito de seu marido, no que

era também atendida pois o Santo crescia progressivamente na graça de seu amor por Deus.

José conhecia perfeitamente quando o Senhor o favorecia e também estava ciente do crescimento de seus méritos perante Ele. E dizia para Maria: *“Entendo que tais graças me sejam concedidas por ter a sorte de conviver contigo e porque Ele me concedeu a elevada graça deste convívio e de ter-te como fiel companheira. Meu coração se inflama de amores pelo Senhor e meu espírito não é capaz de mais nada que não seja deleitar-se com Sua presença e nem anseia por qualquer outra coisa, mas sim deseja completar-se com Seu amor. Tenho algo em minha alma que me é totalmente desconhecido, que simplesmente não sei narrar. O Senhor me capacita a desfrutar Sua doçura de forma ainda mais intensa que antes. Estou certo de que tudo me seja concedido em razão de tua intervenção junto a Ele, pois Ele muito te ama”*. A santíssima Virgem, ouvindo tais palavras, se mostrava ainda mais humilde e exaltava a infinita bondade de Deus dizendo: *“Sabes bem quanto é bom o nosso Deus, e quanto condescendente e amoroso é para as pessoas que O amam. Tu desejas destinar todo teu amor a Ele, dedicando-te todo ao Seu serviço e obedecendo em tudo à Sua vontade. Não há pois porque te maravilhares quando Ele se mostra condescendente para contigo. Não sabes que, sendo Ele o grande Senhor, poderá dar-nos muito mais do que podemos entender e aceitar?”*. Ao ouvir tais palavras de Maria, José exclamava: *“Oh, Deus grande! Oh, Senhor bondoso! Oh, infinito Criador! Quando conseguirá este Vosso servo amar-Vos tanto quanto mereceis? E quando se empregará ele totalmente a Vosso serviço?”*. Dizendo essas palavras emocionadas, passava a um daqueles seus estados de êxtase e se maravilhava.

Maria o observava com grande contentamento pois nele via claramente crescer o seu amor por Deus. E ela então o louvava e agradecia em nome de seu marido, que aliás sempre lhe pedia para que assim fizesse, dizendo: *“Sinto-me de todo incapaz de agradecer, e também não suficientemente digno para tanto. Agradece em meu nome, pois sabes fazê-lo muito melhor que eu e porque és plena de sabedoria e de graças”*. Ela, ao ouvir estas palavras, se mostrava ainda mais humilde e exaltava a bondade e a grandeza do Criador e Sua condescendência toda para com eles, dizendo: *“Louvemos e agradeçamos conjuntamente ao Senhor, que é tão condescendente, pois que, mais do que quaisquer outras pessoas, temos tal obrigação. Ele já se mostrou assim também com outras criaturas e não será de admirar a que também aja assim conosco, concedendo-nos distinção entre todos e nos elegendo como se fossemos Seus”*. Ambos se colocavam em louvores e agradecimentos por Suas divinas concessões e benefícios. Essas eram as conversas que tinham durante a viagem de retorno, sempre referente aos seu Deus, Sua grandezas,

Suas obras divinas, Sua infinita bondade, Seu grande amor por eles, procurando sempre mostrar sua gratidão.

E o Senhor muito se comprazia com esses colóquios e com a honra e glorificação que faziam eles em termos de Sua divina majestade. O Verbo Divino, encerrado no ventre de Maria, manifestava para ela quanto agradáveis Lhe eram os ardentes desejos de José. Ela agradecia profusamente e, voltando-se para ele, o orientava para que procurasse crescer progressivamente em seu amor por Deus, **pois o Criador estava preparado para conceder-lhe graças infinitamente maiores ainda.** E dizia: *“Jamais devemos nos cansar de pedir, pois tenho para mim que ainda receberemos muitas outras graças e maiores favorecimentos. Continuemos pois a louvar e a agradecer ao Senhor, porque Ele o merece e muito se compraz com a nossa gratidão. Nada mais devemos fazer que ser fiéis a Ele, agradecendo também de forma contínua as graças todas que nos concede. E declarar-nos inteiramente a Seu serviço, para que novas e maiores graças nos venham a ser ainda concedidas”.*

José permanecia muito atento a todas aquelas palavras de sua esposa, afirmações essas que ficavam gravadas em seu coração e que ateavam nele amor e gratidão cada vez maiores ao seu Deus.

Maria e José terminaram sua viagem com muita felicidade e muita alegria em seus corações, e até não notaram o quanto era longo o percurso que haviam feito. Agradeceram à infinita bondade do Senhor, Sua grande misericórdia, e também por toda aquela condescendência que havia mostrado para com eles.

DA ENCARNAÇÃO DO VERBO DIVINO ATÉ A PERMANÊNCIA NO EGITO

DE VOLTA A NAZARÉ. OS PRIMEIROS DIAS DEPOIS DO RETORNO

Chegando de volta a Nazaré, sua terra natal, Maria e José se sentiram muito satisfeitos quando entraram em sua pequena casa. A santíssima Virgem, em razão da grande veneração que tinha por aquele seu pequeno quarto — no qual havia ocorrido o grande mistério da encarnação do Verbo Divino — e José por ser aquele o local em que havia recebido graças especiais e grandes favorecimentos por parte do Senhor. Embora não estivesse ciente dos acontecimentos todos, tinha grande amor por Deus, e devoção muito especial, motivos pelos quais, tão logo chegados, solicitou a sua esposa que o conduzisse aos seus aposentos para que agradecessem a Ele as providências todas para que chegassem, em segurança, de volta à sua terra natal. O pedido agradou muito a Maria e eles então, ajoelhados, adoraram ao Senhor e agradeceram. Mais uma vez, o Criador teve por bem conduzir o Santo a um daqueles seus estados de êxtase no qual desfrutou da suavidade de Seu espírito e compreendeu muitas das grandes ocorrências que envolvia sua santificada esposa, sendo que Deus o fez saber quanto ela lhe era querida e apreciada. Nessa ocasião, também a Mãe Divina foi agraciada com muitos favorecimentos.

Depois de passar certo tempo naquele estado, José tornou a si e teve ocasião de observar Maria envolta em luz resplandescente. Permaneceu admirando-a naquele estado de graça do Senhor e não cansava de maravilhar-se.

Maria também se encontrava em elevado estado de contemplação e o Santo mais uma vez se alegrava por vê-la tão favorecida pelo Senhor. Agradecia humildemente por Ele o haver honrado com uma esposa assim tão digna. Chorando profusamente, ele dizia para ela: *“Oh, minha querida e amada Maria! Desde quando mereço conviver contigo e desfrutar de companhia assim tão agradável? É uma graça que jamais tenho merecido e que somente me foi concedida em razão da infinita bondade do nosso Deus, que é extremamente condescendente comigo, ser mísero e humilde que sou!”*.

Enquanto José dizia essas coisas, Maria voltou também a si de seu estado de contemplação e ambos então conversaram sobre a infinita bondade do Criador e Sua grande complacência e cantaram cânticos de sublime beleza referentes à Sua infinita sabedoria. O espírito de José estava profundamente mergulhado em mar de alegrias e ele se desfazia em amores pelo seu bom Deus, crescendo cada vez mais sua veneração por sua santificada esposa. Em seguida, contou-lhe sobre os acontecimentos naquele quarto, durante sua ausência, sobre suas orações todas lá e das muitas graças a ele concedidas por Deus, consolando-o naquelas atribulações, fatos dos quais, aliás, Maria estava perfeitamente ciente. Apesar disso, ouvia-o atentamente e com muita satisfação aparente. Muito humilde que era, dizia para que ele se sentisse reconhecido por tudo isso e que agradecesse ao Senhor em termos de Sua complacência em conceder determinadas graças em certos locais. E que eles bem poderiam pensar que aquele quarto fosse mesmo um deles, onde Ele havia demonstrado toda Sua bondade e lhes concedido muitos favorecimentos.

José estava convicto da veracidade dessas palavras e **lhe pediu permissão para dirigir-se ao local, vez ou outra, para orar, especialmente quando estivesse aflito, ou incapaz de enfrentar certos problemas**, a fim de que lá recebesse as graças divinas desejadas. E lhe disse: *“Embora seja suficiente para consolar-me em minhas atribuições, sinto necessidade desse conforto adicional de poder orar em teu quarto. Mas isso não deve atrapalhar teus retiros, pois lá irei só quando estiveres ocupada com outros afazeres da casa e no preparo dos necessários alimentos para nossa vida”*. Maria, inclinando sua cabeça em sinal de assentimento, atendeu ao seu pedido e ele muito se alegrou com isso. E desde então, ao encontrar-se ela ocupada, ele se dirigia ao seu quarto e lá o Senhor lhe concedia muitas graças e enchia sua alma de contentamentos.

Muito freqüentemente também o Santo, vendo que Maria lá se encontrava em preces, evitava perturbá-la de qualquer forma com sua presença. Fora do quarto, porém, ele também se ajoelhava a Deus e suplicava para que pudesse compartilhar de suas orações e de seus puros sentimentos. Tudo isso, em razão do grande amor que tinha por ela, que lhe havia sido concedida por Deus como fiel companheira e amiga. E o Senhor não deixava de atendê-lo e se comunicava com seu espírito. José se mantinha humilde e se reconhecia indigno de todas essas graças e pedia constantemente que Ele concedesse novas graças à sua esposa, em razão de seus muitos méritos, pois estava ciente do quanto ela era amada e apreciada, além de favorecida por Ele.

Com essas ações todas, o Santo crescia progressivamente em termos de veneração e estima por sua esposa. A tal ponto chegavam esses seus sentimentos que, quando ela estava em preces em seu quarto ou em qualquer outro local, ele — cuidando para que ela não o visse — inclina-

va-se em sua direção com respeito, movido por algum estranho impulso interior. Ele mesmo acreditava que essa sua atitude fosse motivada pela elevada santidade envolvendo Maria. Na realidade, a causa era muito mais sublime e se referia ao fato de ela encerrar o Verbo Divino em seu ventre e Ele o solicitava para que O adorasse e venerasse, mesmo estando onde Se encontrava.

Em Maria José observava crescerem progressivamente sua grandiosidade e sua beleza, além de se multiplicarem as suas já numerosas virtudes, e ele se maravilhava com isso, convencido de que o **Senhor, sendo ela tão boa e santa, lhe concedesse favorecimentos** cada vez maiores, fato que era mesmo verdadeiro, pois era o Verbo Divino — que nela habitava — que provocava essa aparência exterior de Sua divina luz para conforto de seu amado José.

E assim viviam os dois, parte de seu tempo em orações, parte em recitações de louvações divinas e trabalhando o resto do tempo para a manutenção de suas vidas. Empregavam também parcela de seu tempo em freqüentes colóquios religiosos sobre as palavras ditas pelos profetas relativamente à futura vinda do Messias e também sobre as afirmações das Sagradas Escrituras. José, que não entendia muito das coisas ditas ou escritas, pedia a ela que as explicasse para ele, pois estava ciente do quanto versada e qualificada era nesses assuntos. Ela concordava e, muito obediente a seu marido, lhe explicava com pormenores o que já havia sido profetizado envolvendo a vinda do Messias e ambos então choravam de alegria pelas admiráveis qualidades que Ele mostraria quando estivesse presente. Maria entretanto, chorava em razão do conhecimento que tinha de tudo aquilo que seu Filho deveria sofrer para redimir a Humanidade, mas mantinha para si esse segredo. Não falava a esse respeito para não afligir muito severamente seu marido e sofria sozinha, sem quaisquer manifestações de tristeza e sem permitir que ele compartilhasse dessa sua dor imensa. José já observava que ela chorava de forma estranha quando eles conversavam sobre o Filho de Deus e acreditava piamente que isso ocorresse em razão de seu grande desejo pela vinda do Messias. E, na verdade, ela assim agia em função da grande dor que tinha por conhecer todos os sofrimentos pelos quais Ele teria de passar. **O Santo notava também que ela não mais o exortava para que suplicasse a Deus pela vinda do Redentor.** Entretanto, nada lhe perguntava e assumia estar ela, em razão de comunicações divinas, segura de Sua vinda para logo e que suas súplicas seriam atendidas nesse sentido. Podia também observar que, ao conversarem sobre todas as Suas qualidades, nela resplandescia uma intensa luminosidade, fato que não sabia como explicar mas que desejaria muito saber as causas. Entretanto, mantinha-se em silêncio, sem perguntas, por achar-se indigno de quaisquer questionamentos nesse aspecto. Estava seguro de que o Senhor muito

se comprazia com aqueles colóquios e que isso seria um sinal de Sua satisfação para com eles. E ele se alegrava muito com tudo isso, embora se confessasse indigno de tantos favorecimentos.

Verificava também que ela se mantinha às vezes muito abstráida e que, em determinadas épocas, passava dias inteiros sem comer; e achava que essas suas estranhas atitudes eram para motivar o Senhor para que enviasse rapidamente o Messias. Nessas ocasiões, ele procurava jejuar também moderadamente, tomando somente os alimentos estritamente necessários. Maria, porém, procurava exortá-lo para que se alimentasse bem, a fim de que pudesse enfrentar os esforços físicos todos que sua atividade profissional exigia. O Santo, todavia, só de olhar para ela já sentia estar completamente saciado. Delicadamente solicitava seu acordo para permanecer jejuando, uma vez que isso, sendo bom para ela, seria aceitável também para ele. Maria via nisso mais motivos para louvar a Deus e ambos se punham então a rezar e depois a conversar sobre a grande benevolência do Senhor.

Dessa forma, José encontrava renovação espiritual muito ampla e intensa e se sentia plenamente alegre, como jamais se sentira antes. Parecia-lhe ter um imenso tesouro em sua casa, tão grande que nem mesmo inveja dos anjos do Céu ele tinha, anjos que coabitavam com os Espíritos Santificados e com Deus, Ele mesmo. O Santo não mais necessitava olhar constantemente para o alto, pois um simples olhar para sua esposa lhe era suficiente e nada mais tinha a desejar. Ele não sabia exatamente de onde provinham tais sentimentos, fato que lhe causava certo temor e preocupação também, dizendo para ele mesmo: *"Meu Deus, é também possível que não Vos ame tanto quanto anteriormente, não mais de todo coração? Seria esse o motivo porque não mais olho para o céu, onde habitais, para saciar as ânsias de meu coração?"*. Tentava olhar para dentro de si mesmo, cuidadosa e atentamente, e podia então entender que Deus era de fato o objeto único de todo seu amor. Voltava-se então para Ele e dizia: *"Ah, Deus meu! Sois meu único e verdadeiro amor, meu único Bem, meu Tesouro e meu Tudo. Meu coração anseia somente por Vós e tenho muito amor por minha esposa, pois a reconheço como sendo objeto de Vosso amor e de Vossas graças. Amo-Vos nela pois estou ciente de que nela haveis feito Vossa habitação. E Vós mesmo a haveis dado a mim como fiel companheira e me haveis ordenado que a amasse, pois é merecedora de todo esse amor, tão santa e plena de virtudes que é"*. E o Santo então se aclamava e desfrutava livremente de todas essas graças que o Senhor lhe havia concedido.

Embora tivesse tantas alegrias em seu coração, não lhe faltavam também atribulações. Enquanto se mantinha ocupado na oficina de trabalho, alguns desocupados e vagabundos para lá se dirigiam a fim de conversar com ele e assim passarem o tempo. Ele porém, ocupado e contem-

plando todas as grandezas que lhe eram concedidas por Deus, não lhes dava trela e, por isso, acabava por tornar-se objeto de brincadeiras e chalaças por parte daqueles desocupados, que o nominavam de estúpido, insensato e imprestável. Embora muito humilhado, sofria com paciência e muita resignação. Às vezes eles lhe perguntavam como a sua esposa podia ser tão idiota em conviver com ele e agüentar sua presença. Eram pessoas instigadas pelo Demônio, que lhe diziam muitas ofensas pois o diabo tentava de tudo para que ele se impacientasse e se tornasse possuído pela ira. Ele, todavia, usava tudo isso para exercitar-se em sentido contrário e, com isso, aumentar seus méritos e praticar mais virtudes. De forma bastante amável lhes solicitava para que partissem e os repreendia, com boas maneiras, por estarem ofendendo a Deus dessa forma. Quando finalmente elas se retiravam, José orava e rezava para que o Senhor as iluminasse e perdoasse os seus pecados, preces essas que ele fazia com toda humildade, praticando assim as virtudes da paciência e da resignação, além de caridade.

O Demônio, seu grande inimigo, por sua vez, **fremia de ódio contra ele e também contra sua esposa, pois não conseguia introduzir entre eles a cunha da discórdia.** Terminava sempre por ser derrotado e era mantido distante do casal pelo imenso poder divino e também pela grande força de unidade mostrada por Maria e José e pela profunda humildade de ambos, sua grande pureza e total abstinência, sem falar no grande amor a Deus que tinham em seus corações. José contava todos esses acontecimentos para ela e era então animado a sofrer com paciência, uma vez que isso seria de agrado para o Senhor. E ambos então rezavam em favor de todas aquelas incomôdas pessoas que os perseguiam e molestavam.

Passaram assim algum tempo em que ambos encontravam plena alegria e consolo em seu amor por Deus. Entretanto, **era também Sua vontade testar de novo aquele Seu servo através de atribulação tão grande como jamais tinha tido anteriormente.** É preciso saber porém que o Senhor já o havia preparado para ela à custa das muitas graças que lhe concedia e dos muitos favorecimentos feitos.

JOSÉ ENFRENTA TERRÍVEIS INQUIETAÇÕES

Estando o Santo muito alegre e contente em companhia de sua querida esposa, e muito satisfeito pelos inúmeros favores recebidos de Deus, observando-a atentamente pôde notar nela inequívocos sinais de gravidez; **o fato o deixou atônito, extraordinariamente perturbado e profundamente ferido em seu coração.** A princípio tentou enganar-se achando que os sinais seriam provenientes de alguma enfermidade qualquer. Porém, não via nela qualquer sintoma de doença, mas sim a via muito

vigorosa e desembaraçada. E dizia para si mesmo: *“Se de fato fosse alguma doença existiriam sintomas característicos. Mas ela mostra perfeita saúde!”*. E completava esses pensamentos: *“Oh Deus! O que noto eu em minha mulher? Estou por acaso sonhando? Ou estou mesmo acordado? Veriam meus olhos uma coisa por outra? Oh, Deus, que se passa com ela? Não ousei perguntar-lhe pois, sendo a santa que é, não posso permitir-me tal desrespeito. Entretanto, vejo com absoluta clareza o seu estado! Deus, socorrei este Vosso servo, dando-lhe iluminação para entender esse fato tão difícil de compreender, pois ele nada mais pode reconhecer do que vê com seus próprios olhos!”*. Maria já havia pressentido todas essas inquietações de seu marido e rezava fervorosamente para que o Senhor o ajudasse com Sua misericórdia divina nessa situação.

Naquela noite José se recolheu muito combalido, refletindo sobre o significado daquele acontecimento tão insólito. Dormiu muito pouco e o tempo lhe custava muito a passar tão ansioso estava por ver Maria novamente e verificar seu eventual erro em termos de seu estado. Ficou acordado por muito tempo, esperando que ela deixasse seu quarto e passando por forte angústia.

Pela manhã ela assim o fez, cumprimentando José muito cordialmente, como habitualmente fazia. Ele a observou e a achou extraordinariamente linda e graciosa. Entretanto, por outro lado, teve ocasião de ver plenamente confirmados os sinais indicativos do dia anterior. Muito ferido em seus sentimentos, e triste, verificou não estar errado, mas que suas primeiras impressões eram verdadeiras. E disse para si mesmo: *“Oh Deus! Muito me alegram a beleza e a graciosidade de minha esposa! Mas meu coração está ferido pois nela vejo sinais claros e inequívocos de gravidez. Meu Deus! Socorrei-me nesta tão grande aflição, tão grande que pode mesmo matar-me se eu não tiver forças para enfrentá-la e não tiver a Vossa orientação necessária”*.

Maria, de seu lado, rezava muito por ele que, por tal motivo, conseguiu encontrar algum sentimento de compreensão e de alívio de sua dor. Pensava, com ele mesmo, ser mais conveniente dar algum tempo e ver como se desenvolveriam as coisas naquele sentido, seguro de que o Senhor não deixaria de manifestar-Se e de tomar providências a respeito, e dizia: *“Tenho certeza de que Maria é muito santa e muito amada por Deus e dela não posso absolutamente duvidar. Por agora, é melhor que me acalme e aguarde certo tempo pelos resultados que certamente virão”*. E assim se acalmou, pelo menos por instantes, embora cada vez que olhasse para ela visse os sinais indicadores que ele tanto temia, e se sentisse profundamente aborrecido. Obteve mais algum alívio através de muitas orações que fez e também por meio das que ela realizava por ele. Maria se mostrava cada vez mais amável e carinhosa com ele e compartilhava, sem seu conhecimento, de toda aquela angústia.

Diariamente, pela manhã, aguardava ansioso pela saída dela de seu quarto e observava como andavam aqueles sinais que tinha visto. E a clareza de sua gravidez era um fato que não podia evitar. Passou a consumir-se em desespero, parecendo mesmo doente de alguma enfermidade repentina. **Na verdade esse seu estado emocional era mais grave do que muitas doenças que pudesse ter, pois se sentia profundamente abalado e ferido, angustiado em razão da situação que se apresentava.** Rezava e orava muito a Deus, praticava constantes jejuns, fazia muitas esmolas e tudo exercitava para que o Senhor o confortasse e o iluminasse naquela situação tão aflitiva. Olhava para ela, sempre com muito amor e carinho, dizendo continuamente a si próprio: *"Oh, Maria, tu que és a causa de todas as minhas alegrias, como podes também ser motivo de tanta dor. Ah, se pudesse entender todas estas minhas angústias, certamente não deixarias de acalmar-me, contando-me a causa dessa tua gravidez"*. Maria via, através da mente de seu marido, todos esses seus dolorosos pensamentos e tinha muita pena dele. Entretanto, permanecia calada, sofrendo também com paciência e resignação, esperando que o Senhor se compadecesse e confortasse José nessa sua tão grande angústia. Ele, porém, desejava testar mais uma vez a confiança de seu muito leal servo José e nisso tudo lhe dava ocasião de prová-la.

Finalmente, o Santo se decidiu a perguntar a Maria qual seria a causa daqueles sinais exteriores. Todavia, embora tal decisão tivesse sido tomada repetidas vezes, não conseguia colocá-la em prática e acabava por tornar-se confuso e temeroso, cada vez mais inquieto, dizendo para ele mesmo: *"Oh, meu Deus! Que coisa é essa que se passa comigo? Vejo claramente a condição de gravidez de minha esposa; ela se mostra carinhosa e amorosa comigo, e me trata com grande amabilidade e, portanto, estou seguro de que nada me esconderia se eu lhe perguntasse o que desejo. Contudo, não sou capaz de fazê-lo, mas também não consigo libertar-me dessa tão grande dor que me atinge. E não posso entender o que esteja acontecendo. Ah, Deus meu! Somente Vós podeis consolar-me e acalmar-me e, por esse motivo, recorro ao Vosso auxílio e deixo todo este meu sofrimento em Vossas mãos"*. Entretanto, o Senhor não lhe dava qualquer resposta e permitia que ele permanecesse em sua terrível angústia.

Maria, de seu lado, esforçava-se muito com o intuito de confortar e consolar seu marido com muitas delicadezas e amabilidades. Pedia para que se alimentasse bem e lhe perguntava como poderia ser-lhe mais agradável ainda. Cantava louvores a Deus, mas ele nada mais fazia do que dizer-lhe que seu coração estava tomado de grande tristeza e muita dor, dizendo também: *"Querida Maria, tu trazes grande alívio às minhas aflições, não posso negar. Mas eu não consigo afastar esses sentimentos do meu coração. Reza pois para que Deus se apiede de mim e me auxilie nesta atribulação tão grande"*.

Ele, muito aflito que estava, teria desejado dizer mais do que isso e contar-lhe a verdade sobre seus sofrimentos todos e respectivos motivos. Porém não o conseguia e dizia para si mesmo: *“É mesmo possível que ela não perceba a causa do meu sofrer? Com certeza não pode manifestar-se a respeito, embora saiba de tudo”*.

O Santo se via muito humilhado e chorava perante seu Deus, achando bem merecer todos os sofrimentos, uma vez que não mostrava sua gratidão por todos os Seus grandes favorecimentos. Embora se visse como o mais afortunado dos homens, a quem havia sido dado esposa tão virtuosa, considerava-se também o mais aflito e mais angustiado. Com a passagem do tempo, sua dor aumentava à medida que os sinais da gravidez de Maria se tornavam mais evidentes, sendo que a criança, àquela altura, já deveria estar a termo, fato que o deixava ainda mais confuso.

Ocasionalmente, tentava desabafar sua dor dizendo para si próprio: *“Ah, querida Maria! Como podes manter-me tão angustiado? No que teria te ofendido ou desgostado para seres tão cruel comigo? Estás muda em teu comportamento pois, de carinhosa e amável que eras, passas a cruel e impiedosa, uma vez que, conhecendo toda a verdade, a manténs em segredo”*. Maria podia sentir todas essas aflições e também se preocupava e sofria. Calava-se por não ter a devida permissão de Deus para revelar-lhe o que ocorria. Nada mais podendo fazer, orava por ele.

O Santo ia normalmente para seu trabalho mas suas forças já estavam algo combalidas e ele passava a sentir-se incapacitado de exercer sua profissão normalmente. Por esse motivo, ia para o quarto de Maria e lá dizia: *“Oh, meus Deus! Como conseguir consolo se minha esposa, antes toda a minha alegria, é agora a causa desta minha tão grande dor? Vendo o estado em que se encontra, sinto minha alma extremamente dolorida. Não obstante, mesmo em tais condições, tenho sempre fortes desejos de ir até ela para conversarmos”*.

De fato, ia para onde ela se encontrasse e, embora não fosse capaz de tirar seus olhos do chão, desejava ouvir sua voz. Ela lhe falava docemente, com tal graciosidade e boas maneiras, que ele se via consolado de alguma forma e encontrava alívio para seu espírito. Entretanto, quando elevava seus olhos e a via no estado em que estava, sentia-se novamente muito atingido em seu coração aflito. Decidiu-se por mostrar a ela uma fisionomia fechada e séria, e manter-se distante tanto quanto pudesse. Mas nem mesmo isso conseguia fazer. Ouvindo suas palavras, era tomado pelo amor que lhe tinha e ficava afável e sereno, embora constrangido. Muitas decisões tomou nesse estado. Não as materializava, entretanto, pois reconhecia que seu estado emocional seria muito propício a decisões apressadas e erradas. E a graça que habitava em sua alma fazia com que agisse de forma muito prudente e cautelosa.

Presa dessas grandes aflições que era, e vendo que seu anjo não mais lhe falava — e tendo sempre presente a sua grande dor — exercitou as mais nobres e raras virtudes possíveis, quais seja, a da paciência ilimitada, a da grande resignação, da modéstia, embora visse sua esposa evidentemente grávida. Jamais pensou mal a seu respeito, não a julgou por antecipação, e jamais se desesperou. Aguardava humildemente que Deus se manifestasse e esclarecesse vez por todas a causa da gravidez de Maria. Praticou inúmeras virtudes, crescia muito em seus méritos e aguardou a graça sublime da qual lhe falara o anjo, em termos de poder tomar conhecimento do grande mistério envolvido com a encarnação do Verbo Divino no puríssimo ventre de sua esposa.

Vivendo em meio a tão grandes preocupações, e sabendo perfeitamente que Maria estava prestes a dar à luz, mais do que nunca orou para que o Senhor o iluminasse e lhe dissesse como agir naquela situação, dizendo: *“Vejo claramente que minha esposa se encontra a termo e que logo nascerá a criança. Não posso acusá-la, segundo manda a Lei, pois estou seguro de sua santidade e pureza e nada de mal posso pensar sobre ela. Todavia, não conheço a origem dessa criança e, como tal, não tenho condições de garantir minha paternidade para ela, uma vez que nada tenho a ver com o acontecimento. É melhor que eu parta, que me torne um ser errante, e termine meus dias nestas amarguras e dores pois será muito difícil para mim viver distante de Maria. Mas, como conseguir abandoná-la, tão santa e cheia de qualidades que é? Entretanto, seria preciso que eu a deixasse, para libertar-me desta angústia tão grande”*. Dizendo tudo isso para si mesmo, decidiu-se finalmente por abandonar sua esposa, e por isso, tinha seu coração repleto de dores e de amarguras, sem possibilidade de qualquer espécie de alívio em seus sofrimentos.

Havendo tomado tão dura decisão, retornou ao seu quarto e rezou ajoelhado, pedindo ao Senhor que o ajudasse: *“Oh, Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó! Oh, meu Deus! Desde minha tenra infância me tendes mantido sob Vossa proteção e também me haveis prometido assistência durante toda a minha vida. Ah, eu Vos suplico — por Vossa infinita bondade, Vossa grandeza, imenso poder, pelo amor que me haveis dispensado e, principalmente, pelo que tendes concedido a Maria — mais uma vez que Vos digneis a manter as promessas feitas em ajudar-me e proteger-me sempre. Não me abandoneis, frente a tantas necessidades! Coloque-me inteiramente em Vossas mãos paternais. Fiz de mim aquilo que mais Vos agrada. Suplico-Vos também por minha Maria, cuja guarda me confiastes. Tenho tentado executar tudo o que me tem sido ordenado. Neste instante, porém, desejo deixá-la aos Vossos cuidados, pois devo abandoná-la em razão dos motivos que bem conheceis. Tenho bem merecido tal castigo pois mostrei-me incapaz de aproveitar os santos exemplos e conselhos e agora, dela distanciado, irei por certo penitenciar-me de*

todas minhas culpas e pecados. Embora me pareça não ter tantas culpas e pecados, Vós conheceis bem quais sejam, motivo pelo qual Vos peço que me perdoeis e a graça de poder enfrentar e sofrer essas grandes inquietações com dignidade. Não tenho forças e coragem para despedir-me de Maria e assim peço a ajuda de Vossa grande bondade nesse particular, e também que ela venha a ser consolada e confortada em sua situação tão angustiante, além de Vossa proteção em todas as circunstâncias. Suplico-Vos também que abençoeis todos os meus passos em direção a Jerusalém, onde irei para Vos adorar. Suplico também que olheis a angústia que reina em meu espírito e também a grande aflição que toma meu coração, e que tenhais piedade de mim”.

Dessa forma, em parte aliviado em sua dor e angústia, o Santo dirigiu então seus pensamentos para Maria e com ela se lamentava dolorosamente: *“Ah, minha querida Maria! Minha inocentíssima pomba! Vou agora afastar-me de ti. Como podes ver-me em tão grande angústia sem me dares sequer um gota de consolo? Por que não me esclareces sobre a tua gravidez? Tu, que sempre tens sido tão carinhosa e amorosa, por que te esqueces de mim nesta ocasião tão importante? Como farei para manter-me distante de ti, que és toda a minha alegria? Minha querida esposa, devo deixar-te e não sei se jamais te tornarei a ver. Devo abandonar-te, completamente só, e como meu coração sofre por isso. Entretanto, nas atuais circunstâncias, não vejo que outra solução poderia libertar-te do castigo que a Lei impõe para esses casos e também libertar-me dessa tão grande angústia”.*

Derramando profusas lágrimas, José terminou suas preces e passou a apanhar as cousas todas que necessitaria para a viagem que iria fazer, fazendo com elas uma pequena trouxa. Aguardou a aurora do dia pois, havendo decidido que partiria ao nascer do sol, não desejava que sua esposa o visse, seus vizinhos, aos quais não queria ter de explicar os motivos de sua partida. Durante todo esse tempo, Maria estava entretida com suas súplicas ao Senhor para que Ele se dignasse a consolar e confortar seu aflito marido, sendo que ela também se encontrava tomada de grande tristeza e aflição.

O ANJO ANUNCIA A JOSÉ A ENCARNAÇÃO DO FILHO DE DEUS

Antes de sua partida José dormiu algum tempo, aguardando o nascer do sol, e seu anjo apareceu outra vez e lhe disse: *“José, filho de Davi, nada temas quanto à Maria, pois o filho que encerra em seu ventre foi concebido por obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho ao qual darás o nome de Jesus, que será a salvação de teu povo e de toda a Humanidade, uma vez que a redimirá e irá libertá-la de seus pecados. Reconheça a graça sublime que o Senhor te concede quando fez nascer*

de tua esposa o prometido Messias. E observa quanto santificada e digna ela é. Enquanto pretendes abandoná-la, Deus a selecionou entre todas as mulheres para ser a mãe do Verbo Divino". E o anjo então desapareceu. O Santo se viu então tomado de súbito júbilo e ficou de tal forma emocionado que o Senhor teve por bem acalmá-lo para que essa grande emoção não o matasse de entusiasmo.

De mãos erguidas para o alto ele exclamava: *"Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Oh, Deus da bondade infinita! De onde mereço tão sublime graça? Quem poderia pensar que ela seria concedida a mim"* Em seguida, colocando seu rosto na terra, suplicou perdão pelo grande erro que havia cometido, em desejar abandonar sua esposa. Chorava mesmo de arrependimento e dizia: *"Ah, meu Deus! Que ingrato fui em termos do grande favorecimento de ter como esposa uma pessoa tão digna e eu — temerato e insensato — pretendia dela afastar-me! Não me tivesse esse grande segredo sido revelado, teria perdido meu grande tesouro. Que teria sido de mim então, infeliz miserável? Oh, meu Deus, como sois bondoso e condescendente para comigo e me concedeis graças tão elevadas, a mim, ingrato e insensato! Não tenho dúvidas de que as concedeis em razão dos grandes méritos e das súplicas de minha esposa. Por esses merecimentos todos dela eu Vos suplico que perdoeis os erros cometidos".*

Assim prostrado, com seu rosto no chão, estava ele pedindo humilde perdão para o Senhor quando ouviu Sua divina voz penetrando em seu coração e lhe assegurando o solicitado perdão, mas também afirmando o grande amor que Ele lhe tinha, e essa voz lhe dizia também: *"José, fiel e leal servo, tu és amado pelo Senhor"*.

Muito confortado com essas palavras, o Santo se levantou e rendeu suas graças a Ele, repetindo continuamente as palavras do profeta: *"Quando eu estava oprimido de angústias, o Teu conforto me consolou"* (Salmo XCIII 19).

José estava agora tomado de grande ansiedade por ver Maria e dizia dentro de si: *"Oh, digníssima Mãe do Verbo Divino Encarnado! Como posso aparecer diante de ti? Meu coração anseia por ver-te mas temo que me afastes de tua presença, com toda razão, pois viste quanto ingrato sou. Porém, como o Senhor já me perdoou, espero o mesmo de ti, que és toda clemência e bondade. Oh, Mãe divina, por isso te vejo banhada em tão grande luz, em tanta claridade, tão bela e tão graciosa. Em teu puríssimo ventre encerras o Filho de Deus e eu, mísero que sou, desfrutei de teus serviços quando deles necessitei. Ah, minha tão amada Maria, como posso comparecer à tua presença? Entretanto, meu coração anseia por ver-te, para pedir teu perdão e também para adorar em ti a majestade do Senhor"*.

Proferindo tais palavras, ajoelhou-se na frente do quarto dela, esperando que ela o deixasse, a fim de prestar-lhe as homenagens devidas

pois seria a Mãe do Verbo Divino Encarnado. Nessas condições, foi tomado de um súbito êxtase no qual pôde ver Maria entretida em suas preces, viu e adorou ao Messias presente em seu puro ventre, como se Ele estivesse guardado em santificada redoma, totalmente protegido. Foi tomado de profundo sentimento de alegria e, nesse seu estado, o Verbo Divino lhe revelou os altíssimos segredos e mistérios envolvendo a Sua Encarnação.

Quando retornou ao seu estado normal, Maria não havia ainda deixado seu quarto e o Santo então tratou de desfazer a trouxa que havia preparado e de colocar as coisas todas em seus devidos lugares. Feito isso, ajoelhou-se outra vez no mesmo lugar e esperou por ela. E, quando Maria saiu de lá, ele a viu cercada de grande luminosidade, extremamente bela e graciosa. E ele pôde então ver tudo o que já havia visualizado em seu espírito em seu anterior êxtase. Com profunda adoração, homenageou o Messias feito homem nas entranhas de sua esposa e se colocou completamente a Seu serviço. Prestou também suas homenagens à Mãe Divina — pedindo perdão por suas temerárias intenções de partir — e se apresentou como seu humilde servo entre lágrimas de alegria e de dor: *“Oh, Santíssima Mãe do Verbo Divino! Aqui estou para adorarte e para solicitar teu perdão. Sinto-me indigno de estar em tua presença e mereço que me afastes de ti”*. E foram inúmeros os atos de humilhação, de reverências e de dor praticados por José, sendo que a Rainha Santíssima a todos superou com muita humildade. Garantiu-lhe seu amor, compreendeu sua decisão em deixá-la e não permitiu que ele se portasse como seu servo, mas quis que esse comportamento se mantivesse como de anteriormente. O Santo se levantou e com ela conversou sobre tudo o que o anjo lhe havia dito e revelado. E abençoava agora todos os sofrimentos tidos naquela contingência, pois ele assim talvez se tivesse tornado merecedor de tão elevada graça quanto a de poder conhecer os mistérios da encarnação do Messias. E dizia: *“Oh, que alegria existe em meu coração! Não sei como expressar meus sentimentos mas estou seguro de que os entendes. Peço-te pois que agradeças ao Senhor por mim, por Sua bondade infinita”*. Ambos se colocaram assim a louvar e agradecer ao Senhor e Maria passou a cantar novos cânticos correspondentes. Mantiveram-se então a conversar sobre a graça especial que lhes havia sido concedida, e à Humanidade toda, da vinda do prometido Messias ao mundo e que Ele assumisse a forma humana no ventre de Maria do que, muito humildamente, se tinha por indigna. E José lhe dizia: *“Que felicidade a nossa! Quem poderia louvar e agradecer suficientemente tão grande graça? Miserável que sou, sou com certeza indigno disso. Entretanto tu, minha amável esposa, com certeza o mereces pois foste escolhida por Deus para ser Sua mãe.”*

Maria se mostrava muito humilde ao ouvir tais palavras. E ambos, considerando o extraordinário daquela situação, se viam tomados de profundo êxtase de alegria. Depois disso, o Santo Ihe contava sobre os sinais que havia visto nela e dos fortes impulsos interiores que tinha tido continuamente em vê-la, e de quanto ele a amava, mesmo quando distante dela. E dizia: *"Não é de admirar que eu tivesse tais impulsos, pois que o meu Deus já habitava em teu ventre. E meu espírito era conduzido a adorar o tão ansiado Messias e era perfeitamente natural que se sentisse alegre com tua presença, de não poder manter-se distante, a menos que violentando-me a mim mesmo"*. E acrescentava: *"Vós tendes atraído meu coração e eu não sabia a causa dessa atração nem como agir. Já Vos amava sem mesmo Vos conhecer e clamava por Vossa presença sem nem saber onde Vos encontrar. Louvo e exalto Vossa majestade e grandeza, embora não o tivesse feito quanto o deveria, por não Vos conhecer. Mesmo assim, me haveis concedido tantas graças e tantos favorecimentos"*.

José voltava então a conversar com Maria e Ihe contava sobre as ocasiões que a havia vista circundada por grande luminosidade e do extraordinariamente suave odor que sentira em sua proximidade, que não sabia de onde proviria e nem mesmo ao que compará-lo em termos de doçura. E que tais elementos faziam com que ele se sentisse renascendo, e chegara mesmo a assustar-se com a imensa imponência que ela demonstrara nessas ocasiões. Mas também que, frente a eles, ele se animava e se sentia cheio de fé e confiança. E que acreditava que todos esses fatos estavam envolvidos com a permanência da graça divina nela e que eram ocasionados por suas conversas com o Senhor durante as preces que fazia. E que jamais teria imaginado que o Verbo Divino Se dignasse a fazer-Se homem no ventre dela e que lá passasse a habitar. E dizia mais: Se eu pudesse ter imaginado tais circunstâncias, com certeza não teria cometido as irreverências e ingratidões que havia mostrado e não teria permitido que ela tanto se aplicasse em suas rudes tarefas dos afazeres domésticos. Com certeza teria seu comportamento totalmente diverso e teria, com muito mais freqüência, adorado e venerado ao Deus Homem que ela levava em seu ventre. Maria Ihe respondia, com muita humildade, ter sido essa a vontade do Senhor e que ela, enquanto mãe do Verbo Divino, deveria humilhar-se profundamente e servir como sempre fizera, entretendo-se normalmente com as tarefas diárias da casa, mesmo as mais humildes, pois o Filho de Deus agiria da mesma forma.

José, confuso e envergonhado, observava serem de todo infrutíferos seus esforços em agradar com suas amáveis palavras e que não atingia seus intentos; com isso sofria, pois Maria não mostrava interesse em agrados ou servidão. E Ihe dizia, com grande deferência: *"Permite, pomba*

minha, que eu te sirva pois, com minha servidão, desejo praticar o amor que tenho pelo Deus que habita em tuas entranhas". Com muita amabilidade e cortesia ela lhe respondia que tivesse paciência, pois teria a ocasião de assim agir, tão logo Ele viesse a nascer. E lhe dizia: *"Teremos ambos então ocasião de servir, pois nossos braços o agasalharão e lhe servirão também de berço em muitas oportunidades, local onde Ele descansará".* Ouvindo tais palavras, o Santo chorava de alegria e dizia: *"Oh, divina Mãe! É mesmo verdade que irei ter a grande felicidade de apertar em meu peito, e segurar em meus braços, aquele que será o meu Redentor? Oh, que graça tão sublime! Por quê foi concedida para mim?!"*. Dizendo essas palavras, entrava outra vez em profundo estado de êxtase e se inflamava todo em amor, enrubescendo de tal forma que passava a ter a aparência de anjo. Essas atitudes todas agradavam sobremaneira a Maria e ela agradecia ao Senhor, em nome de José, pois Ele tanto o favorecia em encher seu espírito de tantas graças e de tão grande amor. Nesse estado de José, o Verbo Divino lhe revelava muitos dos mistérios de Sua Encarnação e fatos envolvendo a vida futura do Messias, revelações essas que ele se apressava em transmitir para sua esposa. Ela, embora ciente de tudo, mostrava estar satisfeita com essas narrações e nelas achava ainda maiores motivos para mais intensos louvores à divina bondade e para que fossem exaltadas todas as grandezas das obras de Deus. E eles se maravilhavam conjuntamente por tudo isso, e diziam: *"Infinita é a bondade do Senhor, e infinito é também o Seu amor! E também a Sua caridade! Quem teria pensado que Ele, em Sua natureza infinita, pudesse dignar-se em coabitar conosco, em meio a tanta pobreza, e Se mantivesse assim completamente desconhecido da Humanidade toda?"*.

Maria orientava seu marido em termos de que a eles caberia suprir as faltas mostradas por aqueles que ainda não haviam travado conhecimento com Deus e de que — tendo sido concedida a eles a graça de conhecê-Lo e de com Ele conviver — deveriam praticar constantes atos de louvor e de agradecimentos, de reconhecimento e de amor, e que deveriam tentar corresponder, à altura, a tão grandes benefícios.

AS ATITUDES DE JOSÉ ANTES DO NASCIMENTO DE JESUS

Tendo José executado, para com Maria, todos aqueles atos necessários e convenientes para a situação, e tendo feito o mesmo para com o Verbo Divino feito homem, e tendo também tido com ela inúmeras e variadas conversas sobre o fato da Encarnação, passaram a decidir sobre como deveriam eles comportar-se entre si e optar pela manutenção do comportamento e da vida que mantinham até aquele momento. Ela concordou com que ele adorasse ao Verbo Divino, que ela encerrava

em si, quando ele assim o desejasse. Ficou muito satisfeita com isso, pois sabia ser essa a vontade divina. O Santo, por seu lado, também se mostrou muito alegre e rendeu suas graças ao Senhor e a ela. Ia ao trabalho com seu pensamento fixo em Deus, e no Deus feito homem, ao qual amava de todo seu coração. Entretanto, não conseguia manter-se distante por muito tempo e, freqüentemente, voltava à casa para rever a divina Mãe e se ajoelhava diante dela e O adorava com o coração pleno de amor. Realizados esses atos voltava para o trabalho, em silêncio, sabendo que Maria permanecia em êxtase e não desejando perturbá-la. Por isso, deixava-a sem vê-la, em muitas ocasiões. Em outras, em que ela se encontrava atarefada com afazeres domésticos, mantinham apenas breves colóquios e louvores a Deus.

Tais visitas causavam muitos efeitos sobre José e ele, em muitas dessas oportunidades, podia ver — de forma velada — o Verbo Divino no ventre de Maria. E ele então O adorava e se oferecia todo, ocasiões em que o divino Menino o olhava com amor e afeição.

Retornando ao seu estado normal, contava tudo isso para Maria e se mostrava com profunda elevação de espírito, dizendo: *"Oh, minha querida esposa, que lindo, gracioso e querido é o nosso Deus-Homem! Tenho como certo de que, já em razão de Sua grande beleza, nos fará desfrutar de imensa alegria e que acabará por chamar para Si todas as pessoas do mundo e que isso será para elas uma grande ventura. Quem, na verdade, poderá resistir ao Seu amor? Quem poderá evitar de adorá-Lo, sendo tão grande a Sua beleza, que toma os corações de todos somente em imaginá-la? Como é bom poder desfrutar dessa beleza e poder vir conviver com Ele, e saber disso em segredo! Que grande felicidade a nossa! Que afortunados somos, pois vamos poder viver intimamente com Ele! Tenho para mim que isso já bastaria para provocar inveja até mesmo para os anjos do Céu! Abençoados e afortunados somos!"*. Assim dizendo, ele chorava copiosamente, enquanto Maria se aplicava em compor novos cânticos de louvor, cantando-os para José com grande doçura em sua voz. E ele, outra vez em êxtase, admirava não somente a beleza daquelas melodias mas também os versos compostos por ela. Retornando ao normal, agradecia profundamente ao Senhor por todas aquelas graças concedidas à sua esposa e transmitidas a ele por ela.

Todas as vezes, quando se dirigia ao trabalho ou quando deixava a casa para providenciar elementos de manutenção, José se inclinava respeitosamente frente ao Verbo Divino e solicitava Sua ajuda e bênção, que lhe eram concedidos de pronto e profusamente. Ele teria desejado pedir as bênçãos também para Maria mas, sendo ela tão humilde e não desejando que a servisse de forma alguma, não o fazia em sua presença, para não constrangê-la. Permanecia somente nas intenções, e com isso se sentia profundamente feliz. O Santo tinha seu coração muito oprimido

por sua grande pobreza e por não poder fazer por sua esposa tudo o que desejaria, não somente no sentido de servi-la, mas também em termos de que não tinha condições de providenciar todos os alimentos adequados à sua delicadeza e fragilidade. E dizia constantemente: *“Ah, minha querida Maria, quanta pena sofre o meu coração em não poder comprar tudo o que sei ser necessário para a tua correta alimentação, pois minha pobreza só permite aquisições inadequadas, além de insuficientes. Por isso, nosso querido Menino Jesus — Senhor de todas as criaturas — somente poderá receber de ti a alimentação proveniente de tão poucas coisas”*. Maria se mostrava sorridente e o animava para que não se preocupasse com isso, uma vez que essa era a vontade do Senhor e também de seu querido Filho, plenamente satisfeito e saciado. Não fosse assim, Ele daria a José condições e possibilidades de agir diferentemente, afirmações essas que muito acalmavam seu preocupado marido.

Em muitas oportunidades, conversavam sobre o tipo de vida que teria o Redentor e do quanto Ele deveria sofrer por ter que conviver com eles em tão extrema situação de pobreza. E eles então choravam em razão daquela grande penúria a que o Senhor do Universo estaria submetido. Às vezes ela recitava algumas passagens da Sagrada Escritura e dos Salmos de Davi, nas quais estão descritos os sofrimentos todos pelos quais o Redentor deveria passar para que pudesse salvar a Humanidade, conversando também sobre Sua dolorosa Paixão. Tudo era dito com grande cautela, a fim de que José não se abalasse demasiadamente pois ele, ao ouvir tais passagens, era tomado de grande dor, chorando copiosamente. Por esse motivo, ela conversava com ele a respeito, sabedora que era ser essa a vontade de Deus e também que Ele desejasse submeter seu marido a muitas amarguras — e não somente a alegrias — através das quais ele viesse a crescer em seus méritos. E isso realmente acontecia pois, entre as graças todas concedidas, o Senhor adicionava as tristezas vindas do conhecimento dos sofrimentos todos do Messias — ainda não nascido — dos quais José compartilhava sem mesmo estar presente. Por toda sua vida, ele participou dessas agonias e muito se compadeceu por elas.

Em muitas ocasiões, durante tais conversas, o Santo se tornava subitamente iluminado pelo Senhor e podia conhecer, com toda clareza, o quanto o Verbo Divino se afligia com as ofensas que as pessoas faziam ao Seu divino Pai. José relatava a Maria esse fato e oferecia ao Pai suas lágrimas candentes, a fim de aplacar Seus ressentimentos com a Humanidade, suplicando para que todos os pecadores se convertessem. Nessas condições, o Santo dizia para Deus: *“Ah, meu Deus! É ruim e triste observar que as pessoas Vos façam tantas e tão grande ofensas a Vós que sois tão misericordioso para com elas pois lhes concedeis a graça de enviar Vosso Unigênito ao mundo, sob forma humana, para salvar a Huma-*

nidade. Como pode tão grande amor ser retribuído com tanta ingratidão? É porque elas não estão ainda cientes desse grande favorecimento. Por isso, eu que conheço a verdade, devo desdobrar-me em amor, corresponder a tão sublime graça e suprir a falta dos demais. Embora miserável e indigno, estou pronto para — em nome de todos — Vos amar ardorosamente, Vos agradecer e Vos louvar. Dai força e virtude a este humilde e indigno servo para que assim possa agir, com correspondência e dignidade”.

Deus sentia grande alegria por essas afirmações afetuosas de José e disso lhe dava inequívocos sinais, pois enchia seu espírito de graças e consolações, e também de amor o seu coração. E o Santo passava dias inteiros em profundas concentrações, com fisionomia acesa e inflamada, deixando as pessoas em dúvida se era ou não criatura deste mundo. Passava dias e dias sem qualquer alimentação que não fosse a plenitude daquela alegria que Deus introduzia em sua alma. Mantinha seus pensamentos completamente afastados das coisas materiais e terrenas, com seu coração sempre voltado para Deus, objeto único de seu amor. Tal comportamento se desenvolveu ainda mais após a revelação dos mistérios da Encarnação, a partir da qual sua mente estava incapacitada de quaisquer outros pensamentos, permanecendo concentrada no Deus-Homem, com quem conversava continuamente em seu interior. E praticava continuamente atos de gratidão, amor, devoção e veneração, sendo mesmo necessário reproduzir toda a sua vida para enumerar todos eles. As próprias palavras que proferia eram sempre endereçadas àquele seu tão amado objeto de amor. Ocorria mesmo que pessoas, que o procuravam para a encomenda de trabalhos, acabavam por ouvir dele: *“Louvemos sempre nosso Deus! Oh, quanto admiráveis e maravilhosas são as Suas obras! E como é infinito o Seu amor!”.*

Algumas dessas pessoas, tementes a Deus que já eram, aproveitavam e se fortaleciam com suas palavras. Outras, imersas em culpas e pecados, faziam pouco delas e trocavam brincadeiras e alusões jocosas a seu respeito. E não faltavam também as que o caluniassem e o tomassem por alcoólatra, à semelhança do que haviam dito os judeus sobre os Apóstolos, quando tomados pelo Espírito Santo e inebriados por seu amor a Deus. O Santo jamais se queixava, tolerava tudo isso com alegria e jamais deixou de externar-se sobre a infinita bondade de Deus e Sua extrema condescendência para com as pessoas. Oferecia a Ele, como sacrifício, todas as desonras e menosprezos de que era alvo e ainda suplicava pelo perdão de todos os que o ofendiam.

José progredia também em orações e súplicas que fazia pelas pessoas mais próximas e, muito em especial, por aqueles que estavam agonizantes. Sabedor que alguma pessoa se encontrasse nessa situação, ele se ajoelhava na frente do Menino Jesus até sentir que a graça da melhora

do estado da pessoa lhe havia sido concedida, ou então seu descanso eterno. E fazia também o mesmo por aqueles que sabia se encontrarem em estado de pecado. Derramava lágrimas por eles frente ao Redentor e rezava até achar ter sido conseguida sua conversão. A essas suas súplicas todas se juntavam as de Maria, muito agradáveis ao Senhor e muito bem recebidas por Ele.

Maria era continuamente orientada pela Divina Sabedoria que portava em seu ventre, sendo que o mesmo acontecia com José através de iluminações que tinha ao manter-se continuamente ao lado dela. Embora Maria, durante aquele tempo, falasse raramente — permanecia em silêncio na maioria das vezes, absorvida em seu trato com o Verbo Encarnado — o Santo mesmo assim recebia as necessárias orientações por seu intermédio, embora as palavras ouvidas dela fossem sempre cheias de mistérios — ocasionadas que eram pela Sabedoria Divina — motivo pelo qual José permanecia atento a quaisquer palavras suas, que mantinha no íntimo de seu coração e sobre as quais meditava muito, por serem orientações de extraordinária importância.

Tão grande era o seu desejo em comportar-se conforme essas instruções — e de agradar ao Deus-Menino — que não podia evitar perguntas a Maria, muito frequentes aliás, tendentes a saber como deveria agir para agradar. Ela, porém, se sentia muito embaraçada e constrangida, pois nem sempre podia dar-lhe as respostas verdadeiras. O Santo lhe pedia então que não se constrangesse, pois os questionamentos eram feitos para agradar ao Unigênito, cujos desejos eram do conhecimento dela. Maria o confortava dizendo — com humildade, graça e cortesia — que ele apenas deveria permanecer exercitando suas virtudes: *“Ao Verbo Divino é muito agradável que as pessoas lhe cedam seus corações. E faz já muito tempo que nós — favorecidos com o uso da razão — fizemos tal doação. Devemos agora somente confirmá-la continuamente e desejar que todas as pessoas façam o mesmo, fazendo tudo que estiver ao nosso alcance para que isso se concretize”*.

José apreciava imensamente essas palavras, chorava de alegria e lhe agradecia, suplicando também a Deus e ao Verbo Divino para que mantivessem sempre sua esposa como objeto de suas dádivas e graças. Algumas vezes, com tão grande amor aceso em seu coração, chegava mesmo a compor alguma pequena poesia em louvor ao Deus-Menino, fato que muito agradava a Maria que então recitava os versos, em nome de José, para o Unigênito em seu ventre. E assim José se alegrava muito e entrava em êxtase, no qual o próprio Verbo Divino lhe comunicava Sua alegria em razão daqueles versos compostos em Sua homenagem.

Sendo extrema a sua pobreza, a tal ponto que às vezes nem mesmo de alimentos eles dispunham, José tinha muito medo de que Maria passasse fome naquele estado. E então orava a Deus para que Ele se dignasse

a prover tudo o que ela eventualmente necessitasse nesse aspecto, dizendo: *“Senhor, não falo por mim mesmo, pois sei que de nada sou merecedor, mas sim por minha esposa. Ajudai-me a poder supri-la com todo o alimento de que venha precisar”*. E de fato, não tardavam as providências divinas nesse sentido — seja através de pessoas, seja de anjos — e eles acabavam por ter pão, frutas e outros alimentos em sua mesa, tudo segundo as necessidades de Maria. E o Santo se mostrava muito agradecido a Deus e reconhecia toda Sua condescendência para com ele. E rendia as suas graças ao Altíssimo pela ajuda recebida. Entretanto, essa sua extrema pobreza representava um sofrimento contínuo para ele — não pessoalmente, pois até apreciava esse estado de coisas — mas pelo quanto desagradável era em termos dos méritos e direitos de sua esposa. Todavia, ela sempre o animava e afirmava que a virtude e a pobreza era de fato muito apreciada por Deus e pelo Verbo Divino, que a abraçava voluntariamente e desejava nascer e viver pobremente, como poderia ser visto no transcurso de Sua vida futura. E dizia ainda mais: *“Podes estar certo de que, fosse Seu desejo viver entre riquezas, não teria jamais me escolhido por mãe, pobre que sou, mas sim alguma outra, nobre e rica. Devemos louvá-Lo pois — sendo dono de todas as riquezas e infinito em Sua grandeza — dignou-Se a abraçar a pobreza voluntariamente, para poder assim ensiná-la a todos. Por tal motivo, nos coube essa grande felicidade e imensa sorte. Não fossemos pobres como somos, talvez não tivéssemos a fortuna desses desfrutes”*.

José admirava tanta sabedoria e ficava confortado com as palavras de Maria, passando então a render graças pela sua pobreza. Meditava continuamente sobre o que ela lhe havia dito e se admirava cada vez mais pelo fato de o Menino Jesus haver escolhido viver entre pobres, dizendo para si mesmo: *“Ah, quantas vezes talvez eu tenha que ver o Deus-Menino vivendo entre tanta pobreza, passando até fome e sede! E quanto meu coração irá sofrer por isso! Mas, sendo essa Sua vontade, devo conformar-me e desejar ardentemente o mesmo para mim. Oh, que raro exemplo esse, que as pessoas dificilmente poderão entender! Mas, com certeza, virá o tempo em que entenderão e passarão a imitar meu amado Senhor!”*.

O Santo desejava ardentemente que todas as pessoas viessem a conhecer os grandes benefícios que significava para elas a encarnação do Verbo Divino, a fim de que todas se mostrassem gratas a Deus, e ele suplicava por tal graça, repetindo continuamente: *“Oh, Verbo Encarnado! Urge que Vos apresseis em vir ao mundo para que todos possam então louvar-Vos e exaltar Vossa infinita misericórdia, e possam corresponder ao Vosso amor!”*. Assim se externava o Santo, por não estar ciente de todos os maus tratamentos que Ele iria receber quando estivesse presente e de como as pessoas corresponderiam às Suas graças com ofensas

e ingratidão. Maria, entretanto, — já conhecedora de todos esses fatos — sempre lhe dizia que Ele seria objeto de muitos maus tratos quando aqui estivesse, afirmação essa que provocava profundo sentimento de dor em seu marido, levando-o a exclamar: *"Oh, meu Deus! Será mesmo possível que Vos venham tratar mal e que não mostrem reconhecimento por tão grande favorecimento? Meu coração não poderá tolerar tanto sofrimento de Vossa parte! Todavia, assim afirma Vossa santa e divina mãe e convém que me prepare para enfrentar todas essas grandes atribuições. Dai pois, Senhor, forças a este Vosso servo, para que agüente tão grande injustiça e tão descabido atentado à Vossa bondade e ao Vosso infinito amor!"*.

Mesmo assim, a partir das afirmações de Maria, começava ele já a amargar sua imensa alegria em estar presente frente ao Deus-Homem, e até mesmo seu habitual contentamento em conversar com sua esposa. Em meio a todas as satisfações que tinha, era também possuído de grande sentimento e dor, reflexo de tudo aquilo que o Redentor deveria sofrer e suportar em Sua vida terrestre. E dizia então para Maria: *"Deus me dá um mar de alegria, em razão das graças que me concede e por ter-Se dignado a estar conosco e a nascer de ti, minha querida e amada Maria! Mas, ao mesmo tempo, Ele também provoca imensas amarguras quando me faz ver, através de ti, tudo o que deverá sofrer e suportar em sua vida no mundo! Será mesmo que não venha a ser amado por todos, e que o mundo não terá desejos de conhecê-Lo? Oh, Verbo Encarnado! Então não sereis conhecido e reconhecido por todas as pessoas, mas sim sereis gratificado com ingratidões? Oh, meu Deus! Oh, Deus meu!"*. E chorava amargamente, até que Maria lhe dizia, a título de consolo: *"Anima-te, José. Devemos agradecer à Divina Bondade que nos concedeu a graça imensa de podermos conhecê-Lo e de termos ocasião de Lhe agradecer por isso. Alegremo-nos por sermos objeto de tanta alegria e felicidade!"*. E José, enxugando suas lágrimas respondia: *"Sim, minha querida Maria, isso é verdade, Louva-O tu, e agradece em meu nome, pois tu sabes fazê-lo melhor que eu. E eu te acompanharei em tuas louvações e agradecimentos em termos de Sua infinita bondade!"*.

Maria compunha então novos cânticos de louvor e de agradecimentos, e os cantava docemente, no que José a acompanhava e muito se alegrava.

O Verbo Divino Se mostrava muito satisfeito com tais demonstrações de Maria e José, e lhes dava disso testemunhos bem claros, enchendo seus corações de felicidade. José, com pensamento sempre fixo no Deus-Menino que habitava em Maria, sentia-se tomado de grande sentimento de reverência, mesclado de inquietação e até mesmo de temor. Não ousava levantar seus olhos em sua direção, assoberbado com tanta majestade em seu porte. Ao mesmo tempo, sentia também muito amor por ela e um grande desejo em admirá-la e olhar para ela, em razão do Fruto

que levava em seu ventre. Sentia-se também cheio de confiança e de fé, e se colocava em secretos colóquios com o Verbo Divino, contando-Lhe seus ardentes desejos em poder vê-Lo logo trazido à luz dizendo: *"Oh, Deus-Menino, quando terei a felicidade de poder ver-Vos com meus olhos e poder ter-Vos em meus braços? Com certeza meu espírito deixará esta prisão do meu corpo, tal será a alegria que terei na ocasião. Por isso, eu Vos peço a nova graça de conservar minha vida até lá para que eu possa desfrutar dos Vossos abraços. Oh, Verbo Encarnado! Terei eu mesmo a felicidade de poder ver-Vos, apertar-Vos em meus braços e Vos alimentar com o meu trabalho? É chegado o tempo do cumprimento de Vossa promessa, e pelo qual tanto clamo, quando estarei totalmente a Vosso serviço. Oh, que tempo tão feliz será! Que grande dádiva me é concedida, a mim, humilde e indigno servo! Quem imaginaria que Deus me elevasse a tão digno posto, acima dos demais homens? Quantos patriarcas e profetas suplicaram também por Vossa vinda ao mundo e não Vos puderam ver. E eu, mísero servo que sou, não apenas Vos verei mas também irei conviver convosco, Vos alimentarei e poderei apertar-Vos em meus braços. Oh, que ventura será essa!"*. Assim dizendo, o Santo passava para aquele seu característico êxtase e se inflamava todo em amores. E, nessas condições, seu espírito podia tratar diretamente com o Deus-Homem, Dele recebendo em contrapartida também Seu amor e Suas delicadezas, fazendo com que ele se sentisse como no Paraíso com Sua presença.

José podia lembrar-se das palavras de sua mãe Raquel, ditas durante sua infância: *"Filho, bendito sejas!"*. E o Santo dizia, a respeito: *"Tinha razão minha mãe quando afirmava que eu seria abençoado pelo Senhor. Muito sábia e temerosa a Deus que era, sabia da grande felicidade que Ele me destinara e estava certa quando me orientava para que rezasse pela vinda do Messias, pois sabia que Deus atenderia às minhas preces. Ah, estivesse ela presente, quanto se alegraria por mim!"*. Assim, José tinha em mente aquelas palavras de sua mãe, não compreendendo, todavia, ter sido ela feita co-participante daquela graça que ele recebera de Deus. E admirava as virtudes de Raquel, sua sabedoria e prudência em não lhe haver dito tudo sobre o fato mas de ter apenas nele desenvolvido aquela ânsia e esperança em termos de vinda do Messias, e de ter somente feito com que ele clamasse por essa vinda. E o Santo contava tudo isso para Maria, dizendo: *"Tivesse minha mãe tido a sorte de poder viver presentemente, e de poder conhecer-te como minha esposa, seria tomada de imensa alegria. Iria servir-te convenientemente e honrar-te por teus méritos, mais do que eu faço. O Senhor, porém, teve por bem que ficássemos sós, e pobres, e que permanecemos desconhecida de todos. Eu, que tenho a felicidade de conhecer-te e desfrutar de tua companhia, não sei como agir para servir-te condignamente. Peço-te que sejas complacente*

comigo e que perdoes minhas faltas e, ainda mais, que agradeças em meu nome a Deus, pois que, pessoalmente, não sei como fazê-lo”.

Maria recebia essas palavras com muita humildade e lhe pedia para que não a cobrisse de tantos louvores pois, embora ela os endereçasse a Deus por sua vez, sentia-se algo embaraçada, uma vez que se tinha pela mais pequena das criaturas do Senhor. Era agora José quem se embaraçava e se constrangia em fazer elogios, pois tinha para si que nada mais tinha feito que não fosse louvar ao seu Deus e à sua esposa. Todavia, para ser-lhe agradável, calava-se e permanecia apenas em seus louvores ao Deus-Menino, e Maria se mostrava satisfeita e feliz com isso. Entretanto, ele não deixava de louvá-la interiormente, ou em sua ausência, mas sempre com muita cautela e prudência para que ela não ouvisse. Quando lhe perguntavam sobre seu comportamento com ele, dizia nada mais ter a desejar, que nela encontrava todas as qualidades e virtudes características de boa e leal esposa; mantinha outras opiniões para si mesmo, pois essa era a vontade dela.

OS PREPARATIVOS PARA O NASCIMENTO DE JESUS

Estando próxima a época em que Jesus deveria nascer, José refletia sobre como deveria portar-se durante aquela ocasião e sobre o que deveria ser feito em termos de preparativos. Ficava cada vez mais solícito e prestativo, e seu coração se inflamava de amor e desejo de ver logo presente o Messias prometido pelo qual tanto suplicara a Deus. Perguntava frequentemente a Maria como fazer e como preparar-se para o Seu nascimento. Ela lhe respondia que das coisas necessárias para o evento já havia preparado todos os panos de linho imprescindíveis. O Santo decidiu então fabricar um pequeno berço que servisse para o repouso do Unigênito. E dizia a Maria, que não desejava contrariá-lo naquela empreitada: *“É bem verdade, Maria, que nossos braços seriam o melhor leito possível para o divino Redentor. Mas, mesmo assim, devo também providenciar o berço, para que Ele lá repouse durante a noite, ou até mesmo durante o dia, quando estivermos ocupados com nossos afazeres”*. Ele empenhou então todos os seus conhecimentos profissionais de artesão para que o pequeno berço ficasse bonito e cômodo. Durante a fabricação da peça, o Santo chorava lágrimas de alegria, só de pensar que fabricava algo que iria servir ao Menino Jesus. E dizia muitas vezes para si mesmo: *“E é nesta pequena cama, tão simples e tão pobrezinha, que irá descansar o Rei do Céu e o Senhor do Universo!”*. E, assim pensando, passava para aquele seu estado de êxtase e seu espírito se inundava de alegrias, participando dos altíssimos mistérios da vida do Deus Encarnado. Retornando a si, ia ter com Maria e lhe contava tudo, quando então, em conjunto,

agradeciam a Deus pelos contínuos favorecimentos que lhes fazia. Depois disso, voltavam às suas tarefas.

Maria já tinha conhecimento de como seria o nascimento de seu filho, de toda a pobreza envolvida na ocorrência e de que tudo aconteceria sem a menor comodidade e até mesmo com carência de coisas absolutamente necessárias. Contudo, nada disso comentou com José pois sabia ser essa a vontade do Senhor. Ele, por seu lado, acreditava que o nascimento se daria naquela casa onde habitavam e tratava de providenciar o que julgava necessário. Tais preparativos agradavam sobremaneira a Deus e muito especialmente a Maria que, de sua parte, testemunhava constantemente a gratidão de José. E o Divino Menino, também, não cessava de encher o espírito do Santo com novas graças e favorecimentos ainda maiores.

Ao mesmo tempo que desfrutava de tão grande alegria, ocasionada pela proximidade do nascimento de Jesus, José tomou conhecimento de um edital do Imperador romano, que ordenava a todos os súditos que se registrassem em suas cidades de origem e que, mais uma vez, se reconhecessem como submetidos a Roma. O aviso preocupou e aborreceu o Santo pois ele deveria dirigir-se a Belém, de onde era sua família, com exceção de seu pai. Ele se dirigiu imediatamente a Maria e lhe relatou a respeito daquela publicação oficial. Eles se lamentaram e preocuparam pela necessidade de terem de realizar a viagem naquela estação tão severa do ano, especialmente porque Maria já estava prestes a dar à luz. Ela, entretanto, procurou confortar seu marido lembrando-o de que deveriam estar sempre prontos para atender às instruções divinas e reconhecer, naquela ordem do Imperador, verdadeiramente um comando do Rei Supremo.

José se mostrou resignado com essas palavras, mas se via em situação bastante aflitiva. Não aceitava a idéia de deixá-la sozinha e não queria estar ausente durante o parto. Por outro lado, levá-la seria problemático, pois temia por ela durante o longo percurso; e poderia também acontecer de que tivesse o parto durante a viagem, fora das comodidades de sua casa, fato que representaria sério problema. Depois de muito conversarem a respeito, decidiram ouvir qual seria a vontade de Deus nesse sentido. Maria lhe disse o que sentia intuitivamente, ou seja, que ela deveria acompanhá-lo fossem quais fossem os problemas envolvidos. E essa posição ia também de encontro às idéias de José.

Naquela noite, o anjo apareceu para o Santo e lhe disse que eles deveriam seguir o que haviam combinado pois essa era a vontade do Senhor. José ficou muito satisfeito com a notícia e contou logo para Maria, que também muito se alegrou de sua parte. E ambos renderam então graças ao seu Deus. José disse a ela: *“Tenho como certo de que o Verbo Encarnado não virá à luz até que tenhamos retornado à nossa*

casa, pois é Sua vontade que me acompanhes a Belém e não é de se acreditar ser Seu desejo nascer fora de casa. Embora tenhamos lá muitos parentes e amigos que nos acolherão amavelmente, creio não ser Seu desejo vir ao mundo lá, mesmo porque muitos fatos maravilhosos e miraculosos acontecerão no dia do Seu nascimento”.

Maria não respondeu. Inclinou levemente sua cabeça e disse que, havendo já o Redentor determinado o local e a maneira do Seu nascimento, a eles competia somente estarem preparados para recebê-Lo e adorá-Lo nesse lugar, e que ela deveria tão somente levar os necessários panos de linho que havia confeccionado.

Ao Santo nada mais restava que se submeter às ponderações prudentes de sua esposa, das quais reconhecia a propriedade, mas se afligia de qualquer maneira em pensar que o Messias — nascendo fora de casa — iria passar por muitos inconvenientes, até mesmo em virtude da severa estação do ano em que se encontravam. E dizia para o Verbo Encarnado: *“Oh, meu Deus — feito Homem para nos salvar — que eu não Vos veja nascer fora de nossa casa, sofrendo de frio e com desconfortos! Dai a mim tais agruras e incômodos! Concedei-me a graça de nascer depois de nosso retorno, quando então poderei providenciar a tudo o que Vos seja necessário e à Vossa santificada mãe. Caso contrário, como poderei agir nesse sentido e como aguentará meu coração todas as atribulações advindas?”.*

O Santo temia que o Redentor pudesse, e até mesmo desejasse, nascer fora de casa, em razão das palavras ditas por Maria nesse aspecto. De qualquer forma, o fato lhe parecia muito estranho. De outra parte, tinha esperanças de que tal não acontecesse. E a dúvida o angustiava e preocupava. Por um lado muito lhe agradava a companhia de sua esposa, mas por outro se amargurava com seu eventual desconforto e sofrimento durante o percurso. E ele desabafava suas preocupações com ela, que sempre o confortava e animava.

Acertado o dia da partida, saíram de viagem, tendo já realizado suas preces e orações para que Deus os protegesse e amparasse durante o percurso a fazer. José dizia: *“Oh! temos permissão de viajar com segurança e alegres, pois levamos junto o Verbo Encarnado! Quem imaginaria que tu conduzes o grande Filho de Deus em teu ventre? Que grande tesouro temos a ventura de levar conosco!”.* Maria permanecia muito concentrada e contemplava aquela grandeza de seu Filho Divino e se preparava para o parto que sabia estar bem próximo. Tratava com Ele e realizava atos de gratidão em Seu louvor, de agradecimentos e de amor que tinha por convenientes e que lhe eram sugeridos por seu coração. Fazia muitos pedidos em favor da Humanidade em geral, mesmo antes que Ele salsse de suas entranhas. E José se maravilhava ao vê-la nesses profundos e concentrados silêncios. E Deus não tardou em fazê-lo ciente

do fato de que sua esposa, mais que nunca, confabulava intimamente com o Verbo Divino — prestes a deixar seu ventre virgem humano — motivo pelo qual aproveitava ela, ao máximo, aquela união tão particular, e tão estreita, e se preparava assim para a grande ocasião do parto. José, entendendo tudo isso, chorava de alegria.

Na difícil viagem de Nazaré a Belém, não levaram outras provisões além das que Maria tinha por absolutamente necessárias. E caminhavam completamente absortos, contemplando e se maravilhando com o grande tesouro que transportavam. José se ajoelhava com frequência e adorava ao Verbo Encarnado, com profundo sentido de veneração. Seu coração se encontrava em meio a um mar de alegrias, embora tomado de forte sentimento de dor por ver os sofrimentos que Maria deveria enfrentar naquela tão severa estação do ano e na viagem tão difícil. Aves apareciam para cantar harmoniosamente com eles os cânticos de louvor que entoavam para o Criador. Tudo isso era de muito agrado para o Santo, embora tivesse também de passar por alguns dissabores durante a viagem. Com frequência, encontravam outros homens em viagem pelo mesmo motivo que José, e alguns deles o trataram como se fosse irresponsável por levar sua esposa junto, já em evidente ocasião de parto, não faltando até mesmo os que o nominassem de indelicado e impiedoso até.

O Santo não lhes dava respostas, mas as acusações o envergonhavam sobremodo. Esse sacrifício ele oferecia ao Senhor, tudo tolerando com grande paciência, sem quaisquer ressentimentos com as pessoas. Uma vez passados os incidentes, Maria o confortava e o animava a sofrer ainda mais pelo Verbo Encarnado e dizia então o Santo: *“Oh, minha querida! Essas pessoas me tratam assim com toda razão. Mas desconhecem o tesouro que levas contigo e também que eu, ao levar-te comigo, atendo à vontade divina. Mesmo assim, suas palavras me ferem com se fossem espadas pois vejo muito bem todos os teus sofrimentos”*.

Ela, todavia, lhe assegurava estar muito satisfeita em poder sofrer pois assim estava atendendo à vontade de Deus, fato que tranquilizava José. Não faltavam também pessoas que tentassem pressionar no sentido do retorno de Maria e para que José prosseguisse a viagem sozinho, pois afirmavam ser uma irresponsabilidade total permitir que ela, no estado em que estava, o acompanhasse durante o resto da viagem. José, embora afrontado, não lhes respondia. Maria, de sua parte, inclinava levemente a cabeça e agradecia àquelas pessoas, e todas elas terminavam por envergonharem-se e por admirarem sua firmeza de propósitos. Ela então orava para seu Filho Divino, por todas elas, e pedia que Ele lhes concedesse luz e graças em seus espíritos, além de uma boa viagem. E assim, todas foram favorecidas.

Maria e José realizavam freqüentes paradas em sua caminhada, quando então cantavam louvores ao Verbo Encarnado. José, olhando os cam-

pos, dizia: *"Maria, minha querida, tudo o que vemos foi criado por esse Deus que levas em teu ventre. Por isso, peço-te que cantes hinos de louvor em meu nome, reverenciando as Suas infinitas sabedoria e criatividade"*. Maria atendia ao seu pedido e cantava, com extrema doçura, cânticos que levavam o Santo a um daqueles seus estados de êxtase profundo.

Muitos foram os sofrimentos e atribulações passados por Maria e José durante a viagem, causados pela sua extrema pobreza e pelas agruras da estação do ano. Todavia, foram também muito grandes as alegrias causadas em seu espírito pelo Verbo Divino, sendo que, mesmo frente a todos os sofrimentos, eles se mostravam sempre contentes e satisfeitos pois estavam cumprindo com as vontades do Senhor.

OS HABITANTES DE BELÉM REJEITAM O CASAL

Tendo eles chegado a Belém, renderam logo conjuntamente suas graças ao Senhor que até lá os havia conduzido com segurança e felicidade. O Santo acreditava poder encontrar imediatamente local conveniente para repouso de Maria, e também para ele, necessitados de descanso que se encontravam, sem falar no frio que enfrentavam. Em tais condições, entraram finalmente na cidade em hora já tardia da noite.

Belém estava repleta de forasteiros e os albergues se encontravam todos lotados, justamente pela grande afluência de pessoas de fora, que lá se encontravam pelo mesmo motivo que José. Ele imaginara poder passar aquela noite em um desses albergues, e que pudessem repousar e recuperar suas forças depois da exaustiva viagem que tinham feito. No primeiro deles não encontrou qualquer disponibilidade de lugares e esse fato muito o afligiu, pois Maria se mostrava deveras cansada. Foram a outra hospedaria noturna e lá também não existiam leitos vagos. Com crescente preocupação, José esperava ainda poder encontrar algo em algum outro lugar. Essas buscas todas, porém, o envergonhavam sobremaneira, pois Maria se fatigava ainda mais com elas. Apesar disso não desistiam da procura, embora nada encontrassem mais uma vez. Aumentava a preocupação do Santo por ver que não eram aceitos em lugar algum, transidos de frio e cansados que estavam. Ele transmitia a Maria essa sua aflição e ela não deixava de confortá-lo dizendo que tudo o Altíssimo permitia para os Seus fins. Mas o aflito José dizia com lágrimas: *"É mesmo possível esposa minha, que não exista local algum para o repouso do Senhor do Universo? Meu Deus, como sofre meu coração!"* Decidiram então buscar lugares junto aos parentes de José. Mas, essas esperanças foram também em vão. Maria, como se sabe, estava plenamente ciente de tudo o que deveria acontecer. Mas, nada dizia ao seu marido e deixava que ele tentasse solucionar o problema à sua maneira, pois tinha certo ser essa a vontade do Senhor e do seu Filho.

Foram a vários lugares — casas de parentes e amigos — mas nada conseguiram pois estavam repletas e as pessoas muito estranhavam seu tão extremo estado de pobreza. Certas delas, que os haviam visto vagando de cá para lá, chegaram mesmo a chamá-los de vadios, por estarem circulando pela cidade em hora tão imprópria e inusitada da noite com um tempo tão desfavorável. Eles suportavam todo esses sofrimentos com heróica paciência e mantinham encerrada em seu coração toda aquela aflição que tinham. José pediu então para Maria que suplicasse ao seu Divino Filho no sentido de Ele providenciar algo para eles, uma vez que, sendo já tão tarde, ele não mais sabia como agir.

Maria procurava confortá-lo e o exortava a sofrer com paciência e a tolerar aquela falta de cortesia toda. Ele deveria aguardar a ação da divina providência e aceitar o que o Senhor havia previamente determinado. José, pessoalmente, se acomodaria à situação, qualquer que fosse ela, mas dizia: *“Quem imaginaria que tantas pessoas, que vieram para cá como nós, tenham conseguido lugares para repouso e que somente nós dois sejamos sempre recusados. O meu coração sofre ao ver-te, minha querida, passando por tantas necessidades sem que eu possa fazer algo para teu repouso e proteção contra o frio. Entretanto, se o Deus-Menino passa também por todos esses dissabores devemos nós também poder aguentá-los”*.

Maria tratava de dar-lhe algum conforto e de animá-lo para que sofresse tudo aquilo com alegria e por amor ao Deus que tinha em seu ventre, dizendo *“Como deve sofrer o Verbo Encarnado vendo a ingratidão das pessoas desta cidade, nenhuma das quais mostra disposição em recebê-Lo em suas casas!”*. Sendo já tarde da noite, e sem qualquer lugar para repousarem, acabaram por ficar muito aflitos e sem saber como deveriam agir naquelas circunstâncias. É fácil imaginar-se a preocupação de José, que sabia ser sua esposa a mulher que conduzia o Unigênito em seu ventre, ela e nenhuma outra no mundo.

Maria, de seu lado, absorvia-se completamente em tratar com seu Filho Divino e clamava para que Ele viesse à luz o mais rapidamente possível, para benefício de toda a Humanidade. Nesse instante, Deus provocou uma inspiração em José e fez com que se lembrasse da existência, não muito distante de Belém, de uma pequena gruta que normalmente servia de abrigo para animais de camponeses das redondezas. O Santo decidiu então que eles deveriam dirigir-se para lá e assim não ficassem aquela noite ao relento. Com grande preocupação falou com Maria a respeito e ela tranquilamente concordou com sua decisão. E assim fizeram.

José chorava aflito e explicava ao Verbo Encarnado seus sentimentos: *“Oh, meu divino Redentor! Quem iria imaginar que Vós, e Vossa Divina Mãe, fossem reduzidos a um tal estado de pobreza, sem mesmo um lugar para repousarem em privacidade, e que viessem a ser obrigados*

a pernoitar em abrigo destinado a animais! Com certeza as minhas culpas e minha incapacidade são as causas de tão grande indignidade e tão grandes sofrimentos!”.

Mas o Verbo Divino o consolava, e também à Sua Divina Mãe, iluminando-os interiormente para que sofressem reconhecendo ser essa a Sua vontade para aquela ocasião.

Chegados à procurada gruta, encontraram-na vazia e desocupada. Ao entrarem sentiram-se subitamente alegres, como se estivessem em algum palácio. José pôde então imediatamente reconhecer a vontade de Deus em tudo aquilo. Juntos renderam graças aos Senhor e seus corações se encheram de júbilo. Ali se restabeleceram e se fortificaram, e louvaram ao seu Deus admirando e respeitando Suas acertadas decisões.

José manifestou a Maria a grande alegria que tinha e ela nisso viu motivos para animá-lo a sofrer sempre com satisfação pois que Deus tanto os favorecia. José então dizia: *“Querida esposa, é mesmo verdade que Deus se mostra extremamente condescendente em sua recompensa por todas as atribulações que tivemos e pelo muito que temos sofrido em razão de nosso amor por Ele. Quero que Ele venha a ser conhecido, reconhecido e venerado por todos. Entretanto, ao vê-Lo assim rejeitado e que tu, escolhida que foste para Sua mãe, também foste recusada por aquelas pessoas — objeto de respeito, consideração e amor, que deverias ser — então me vejo tomado de forte sentimento de dor e de revolta vendo tão grande falta de consideração e tão imensa ingratidão por parte delas. De minha parte, nada tenho a queixar-me pois sou merecedor de tudo isso. Mas que tais atitudes tenham sido dispensadas a ti, e ao teu Divino Filho, parece-me inconcebível mesmo! Meu único consolo é pensar que tudo tenha acontecido em razão da vontade do Senhor e de suas inexplicáveis finalidades, conforme sempre tenho ouvido de ti”.* José teve então por bem acender algum fogo para aquecer sua esposa, e o fez da melhor maneira ao seu alcance, dentro daquela miséria e pobreza que os caracterizava, confortado e resignado por ser aquela a vontade de Deus. E ele O bendizia e O louvava continuamente no interior de seu coração.

O NASCIMENTO DE JESUS

Maria e José passaram algum tempo em colóquios religiosos e sentiam-se já algo recuperados em suas necessidades — dentro do que aquela sua pobreza permitia — quando então ela se retirou para um canto da gruta para passar a noite em orações e em sagrados colóquios com Deus. José fez o mesmo e permaneceu descansando sobre o chão, uma vez que não tinha qualquer outro conforto disponível.

Sua esposa se encontrava totalmente concentrada e absorta, em elevada contemplação e já havia compreendido ser chegada a hora em que deveria nascer o Redentor. E se mantinha observando o Grande Mistério.

José adormecera após suas orações. Em seu sono, sonhava que o Redentor nascia ali mesmo naquela gruta e que dois animais viriam aquecê-Lo, com seus hálitos quentes.

Terminado esse sonho, e já no meio da noite, o anjo lhe falou novamente: *"José, levanta-te rapidamente e adora ao Redentor do mundo, pois Ele já nasceu!"*. Simultaneamente, Ele se fez ouvir através de Seu choro de criança. O Santo se levantou de súbito, comovido e alegre, embora também triste uma vez que o nascimento o encontrara dormindo.

Viu logo o recém-nascido Salvador. Sua fisionomia irradiava uma claríssima luz, mais brilhante mesmo que a do Sol, e a gruta toda se iluminara com grande esplendor. José se colocou de joelhos, aos pés do Divino Menino, e O adorou com seu rosto colado ao chão. E, dada a imensa alegria que tinha, não sabia o que dizer e como comportar-se. Seus olhos lacrimejavam profusamente de alegria, embora também com tristeza por ter o Verbo Encarnado nascido em meio a tanta pobreza e porque ele nada podia ter feito para evitá-lo. Realizava todos os atos possíveis de adoração, veneração e gratidão pelo nascimento de Deus que deveria redimir e salvar a Humanidade.

O Santo Menino fixou nele seus pequenos olhos e olhou para ele com grande ternura e amor, fato que provocou nele um súbito amor e inflamou completamente seu coração. E tudo isso aconteceu praticamente em um breve instante. Maria, voltando a si, pôde ver que já havia nascido o seu filho, que era o Deus Verdadeiro Encarnado. E então O adorou e realizou todos os atos de amor característicos das mães em relação aos seus filhos.

Ao seu lado, José estava completamente absorto e admirado, com seu espírito inundado em um mar de alegrias, não podendo desviar seu olhar dos olhares amorosos que lhe lançava seu querido e amado Deus e Senhor. Sentia apertado seu coração por ver que Ele estava no chão, completamente despido e tiritante de frio. Não ousava tomá-Lo em seus braços, esperando que Maria o fizesse. Muito se maravilhava o afortunado José com o Divino Menino e Nele podia ver toda a grandeza e majestade do Senhor.

O Menino Jesus olhava para a Sua mãe como que para pedir que ela O tomasse em seus braços. José sentia por Ele um grande amor e muita pena em vê-Lo assim tiritando de frio. Coros angelicais cantavam em louvor e glórias ao Altíssimo, como que anunciando a paz na Terra aos homens por Ele amados. Embora não dando muita atenção a esses hinos, o Santo participava de tudo e se entretinha admirando e contemplando o Verbo Encarnado, nascido em meio a tanta pobreza. Todavia,

muito lhe agradavam aquelas festas todas e também os cantos entoados de júbilo pelos anjos em glorificação ao Redentor.

Teve visões esclarecedoras e tomou conhecimento dos motivos pelos quais o Salvador teria desejado nascer naquela gruta, pobre, completamente desconhecido e em total anonimato. Mantinha-se extraordinariamente atento a todas as ações de Maria, admirava a prudência, a graça, a humildade, a caridade e o amor que dedicava ao seu Divino Filho, dizendo para si próprio: *“Desde quando eu mereço graça tão sublime como a de ter esposa e companheira que é mãe de um Deus, e poder observar e presenciar milagres tão esplendorosos? Que poderei fazer para mostrar-me devidamente grato por tanta misericórdia e benevolência do Senhor para comigo, servo ingrato que sou?”*.

Praticava também muitos atos de agradecimentos a Deus e ao seu Redentor. Maria, então, tomou em seus braços o Deus nascido e o coração do Santo teve consolo ao ver que não mais estava deitado no chão. Colocou-se ele de joelhos em frente dela e assim adorou novamente ao Deus Encarnado nos braços de Sua Mãe. E Ele, mais uma vez, olhou para José com fisionomia alegre e sorridente, mostrando Sua satisfação por encontrar-Se finalmente no colo de Sua muito querida e amada Mãe.

Rejubilante em seu coração, e desfrutando muito daquela grande felicidade de sua esposa, dizia José: *“Oh, meu Redentor! Como Vos vejo satisfeito nos braços de Vossa mãe! E como sois semelhante a ela em temperamento! E como a haveis coberto de virtudes e graças! Participo da imensa felicidade dela — escolhida entre todas as descendentes de Adão — a quem elevastes a essa posição tão digna e sublime. Agradeço a escolha que fizestes de mim para Vos proteger, Rei Supremo! Dai-me pois a forma correta de agir, assim como as virtudes e a capacidade para exercer minhas funções da melhor maneira”*.

O Santo ansiava para que todas as pessoas do mundo viessem adorar e reconhecer o Verbo Encarnado nascido naquela gruta para a salvação geral. Mas, não se realizando naquele momento esse seu desejo, efetuou ele mesmo muitos atos de gratidão em nome de todos, com os maiores afeto e veneração. Tais atos muito agradaram o Menino-Deus que então sorriu e inclinou Sua cabeça na direção dele, fato que muito o alegrou.

E José assim se dedicou ao Redentor, para sempre, como se fosse verdadeiramente seu servo e escravo, renovando continuamente essa sua devoção: *“Oh, meu Deus! De fato, haveis cumprido Vossa promessa! Embora eu tenha aguardado por muito tempo, os atuais acontecimentos superam todas as minhas expectativas! Esperava pelo cumprimento dessas promessas desde a minha tenra infância, mas jamais poderia ter imaginado realidade tão sublime. Oh, como Vos haveis superado no cumprimento delas! A mim cabe corresponder e servir em tudo que Vos tenho prometido, e espero a graça de poder seguir-Vos fielmente e com perfei-*

ção. E, meu querido e amado Senhor, que eu me aplique todo a Vosso serviço!”

E ele passou então a saudar Maria: *“Não te dizia eu, minha querida, que o Redentor seria de beleza tão rara que encheria nossas almas de imensa alegria? E Sua majestade e afabilidade nos conduzem a amá-Lo e reverenciá-Lo”*. Maria se alegrava vendo seu marido tão contente e agradecido ao Deus-Menino. E ambos então se uniram em louvores. E ela compôs novos cânticos para o Salvador nascido. Enquanto isso Ele permanecia repousando em seu colo, mostrando-Se extraordinariamente satisfeito. Passado algum tempo, Maria O enfaixou e O colocou na manjedoura, pois sabia ser essa a vontade de Deus. Nessa ocasião, dois animais se aproximaram e, por orientação divina, passaram a aquecer o Salvador com seus bafos quentes; eram um boi e um jumento das redondezas. O fato causou grande surpresa a José, que se encontrava ainda ajoelhado, adorando; e ele pôde então contemplar mais um grande mistério que provocava maravilhosos sentimentos em seu espírito. Depois, também pastores se aproximaram, enviados pelo anjo, e passaram a adorar e venerar o Santo Salvador. E José se surpreendia vendo aqueles homens simples assim agirem, embora Ele se encontrasse naquele lugar tão pobre e miserável. Admirando as grandes obras do Menino Jesus, o Santo apreciava cada vez mais sua pobreza, pois notava que ela muito agradava ao Redentor. Observou também que a visita dos pastores foi de grande agrado para Ele e pôde entender Seu amor pela simplicidade e pelos simples, Ele que era dotado de tanta sabedoria e majestade. E dizia: *“Os sentimentos do Senhor são diferentes dos das demais pessoas, que nada mais conhecem e apreciam que não sejam as futilidades, as riquezas e o luxo. Vê-se perfeitamente que Ele veio para a difusão de doutrina totalmente diferente daquelas que são praticadas! Mas, serão muito poucos os que O seguirão e a praticarão! Mas eu terei a felicidade de segui-la, pois tive a grande sorte de ser eleito Seu protetor e de conviver com Ele. Seguirei Seus exemplos, ouvirei Seus ensinamentos e espero tornar-me bom discípulo!”*

Os pastores olhavam e adoravam ao Redentor e se mostravam imensamente alegres, desfrutando aquela doçura do seu Deus, e o Santo foi então levado a um daqueles seus êxtases, no qual lhe foram revelados altíssimos mistérios envolvendo o nascimento do Salvador naquela tão pobre gruta. Voltando a si, e tendo adorado novamente, notou que os pastores partiam para seus rebanhos, muito alegres e satisfeitos. José decidiu-se então por ir à cidade, a fim de providenciar alimentos para Maria e para ele mesmo. Ela se encontrava ajoelhada, contemplando o Verbo Divino Encarnado, e ele aguardou algum tempo para solicitar-lhe seu acordo em partir. Ela então se levantou e tomou novamente em seus braços o Menino Jesus, ocasião em que José pôde falar-lhe. Ajoelhou-se,

solicitou a bênção do Salvador e o beneplácito de Maria, no que foi atendido. E então partiu para adquirir os alimentos necessários, embora se sentisse muito relutante em deixar o amado Menino. Andando, voltava-se continuamente em direção à gruta, onde deixara seu amado tesouro. E Maria permaneceu e deleitou-se com os colóquios que tinha com aquele seu tão amado Filho.

Conforme suas condições o permitiam, o Santo providenciou o que julgava ser necessário e retornou apressadamente à gruta para ver novamente seu Redentor. Realizou contínuos atos de amor e gratidão. Ora chorava pelos sofrimentos do Menino, ora ria de alegria pelo nascimento pelo qual haviam ansiado durante tantos anos. Chegando ao local, adorou novamente ao Deus-Menino e saudou carinhosamente Maria, sendo por ela recebido com especial afeto. Ela agradeceu à sua solicitude e José externava o amor e prazer tidos em poder servir a ela e ao Menino-Deus. Afirmava estar constrangido por, em sua tão grande pobreza, não poder efetivar tudo o que desejaria, dizendo: *“Tudo o que faço é somente movido pelo meu grande amor e pela vontade de servir”*. E Maria se mostrava muito grata por tudo e suplicava ao seu Filho Divino para que concedesse novas graças ao seu marido.

O Santo preparou uma refeição frugal e ajeitou um lugar para que sua esposa pudesse sentar-se, ter algum repouso, e convalescer, pois estava muito fatigada em razão do cansaço da viagem e da infrutífera procura de lugar nos albergues da cidade. O Santo havia providenciado, na cidade e na volta, os materiais de que necessitava para confeccionar um assento para Maria, e também para que pudesse acender algum fogo no interior da gruta, tudo naturalmente dentro de suas parcas possibilidades. O Senhor lhe havia concedido poder adquirir pelos menos os mínimos indispensáveis para que eles pudessem manter-se durante algum tempo no local, tempo esse que seria objeto da determinação divina.

Dessa forma, José se sentia muito grato e, embora nada mais pudesse fazer pelo momento, tinha para si que habitasse suntuoso palácio, pois ali estava toda sua fortuna, seu imenso prazer, seu tesouro, sua verdadeira riqueza, e toda a felicidade que poderia ter em seu coração. Maria mantinha seu Filho no colo e desfrutava de sensações que jamais poderão ser imaginadas e muito menos ainda entendidas. Ele, por seu lado, se alegrava em ver o Menino em seus braços, desejando também fazer o mesmo, ou seja, tomá-Lo nos seus. Mas, com se julgasse indigno, não ousava pedir isso a Maria. Somente confabulava com Deus interiormente, dizendo: *“Oh, Deus Encarnado! É grande o desejo que tenho em poder apertar-Vos em meus braços! Mas, no colo de Vossa mãe estais muito confortável e alegre! Sei que não devo privar-Vos dessa satisfação. Todavia, como Vos dignais a estar algumas vezes na manjedoura, quem sabe Vos digneis também a permanecer no indigno colo deste servo. Ah, como meu coração*

anseia por isso! Embora me saiba indigno, Vos peço a graça em nome e méritos de Vossa mãe, minha querida Maria. Confortai pois este Vosso servo que Vos ama tanto, anseia por Vós e Vos aguarda!”.

O Menino Jesus se alegrava muito com tais desejos de José e com suas solicitações. Maria, que penetrava todos os anseios dele, rezava e pedia para o Salvador que os atendesse. E Ele não tardou em confortar o desolado José, manifestando Seu desejo de estar com ele. E, assim, Maria o fez, com muito gosto, pois que ele merecia.

O Santo recebeu o Menino-Deus ajoelhado e O apertou fortemente em seu peito. Colocando Sua cabecinha no ombro do Santo, fez com que ele sentisse a plena satisfação em seu espírito e tivesse mesmo a impressão de guardar o maior tesouro do Paraíso em seus braços, o que de fato acontecia. E José entrou no mais forte estado de êxtase que já havia experimentado, pela imensa doçura daquele instante. Mais uma vez teve revelações sobre a vida do Redentor, conheceu profundos mistérios e esse respeito e sua alma se engrandeceu com graças plenas. Pôde então ver com mais clareza quanto sublime era a missão que Deus lhe confiara, a de ser marido de Maria e, por meio dela, ser pai adotivo do Verbo Divino Encarnado.

Muitas horas durou tal êxtase. Maria, de seu lado, adorava ao Menino Jesus, que repousava tranqüila e serenamente no colo de Seu pai. Ela se alegrava muito com as graças recebidas por ele, pois estava ciente de tudo, e rendia fervorosos agradecimentos a Deus. Desejava ter o Menino outra vez em seu colo, mas se satisfazia em privar-se de tal encantamento, uma vez que seu marido O desfrutava naquele momento. E, se pudesse, faria com que todas as criaturas do mundo também participassem daquela tão grande ventura, tal era a sua caridade para com todos.

Voltando a si, José observou o Divino Menino que descansava em seu colo doce e tranqüilamente. E chorou, tal a ternura que tinha, permanecendo absorto em contemplar a grandeza daquele Deus que apertava em seus braços. O Menino acordou e passou a olhar amorosamente para Maria, mostrando desejo de voltar para ela. José percebeu essa intenção e O devolveu a ela que, também ajoelhada, O recebeu com imensa alegria em seu coração, pois desejava ardentemente que isso acontecesse. O Santo agradeceu mais uma vez ao Senhor, pelo grande favorecimento recebido, e depois também a Maria. E os dois, em conjunto, agradeceram outra vez ao Salvador por todas aquelas graças que Ele lhes concedia.

Dessa maneira, eram maiores as graças na alma de José e ele progredia em seu amor pelo Redentor. Tomava-O constantemente em seus braços, desejando assim permanecer para sempre. Entendia agora todas as coisas claramente e rendia suas graças ao amado Senhor. E Maria, que de tudo já sabia, também entoava tais agradecimentos em nome

dele. Muitas vezes, o Menino Jesus fixava Seu olhar em seu pai adotivo e, sorrindo, fazia com que ele sentisse sua voz: *"José, meu querido, quanto te amo e quanto sou grato por tua servidão e pelo teu amor! Depois de minha tão querida mãe, és mesmo a criatura que mais amo!"*.

A alma de José se desfazia em alegria ouvindo essas palavras e era tomado por intenso amor e grande gratidão. E agradecia frequentemente dizendo: *"Oh, meu querido Jesus, és o único objeto de meu amor! És toda a minha riqueza, minha alegria, minha vida e minha paz! Depois de Ti, amo tua mãe, como a mais santa e mais digna de todas as criaturas atuais ou futuras. Eu a amo como cheia de virtudes que és, de graças, esposa e companheira, por mim recebida somente em razão da infinita bondade divina. Amo também todas as demais criaturas, como sendo elas fruto e obra do trabalho de Deus. E as amo em Ti, que és minha vida e minha verdadeira fortuna!"*.

Jesus se alegrava muito com essas manifestações de seu pai querido e mostrava seu contentamento olhando-o com amor e enchendo seu coração de alegria e satisfação. Dessa forma o Santo, naquela gruta tão pobre e miserável, vivia alegremente com a Divina Mãe e o Divino Menino. Alimentava-se muito frugalmente, em razão daquela sua tão extrema pobreza. Muito frequentemente eram visitados pelos humildes pastores que, vendo-os em tal estado, deles se compadeciam e lhes davam alimentos para que se alimentassem. Eles aceitavam aquelas ofertas com muita humildade, tomando somente aquilo que lhes fosse estritamente indispensável, e nada mais. Nos primeiros dias após o nascimento do Salvador comiam muito espaçadamente pois na maior parte das ocasiões permaneciam em elevada contemplação da natividade do Unigênito. Sua rara beleza, graciosidade, gentileza e docilidade os haviam tomado por completo e eles, saciados espiritualmente, também assim se sentiam em termos corporais como se estivessem fartamente alimentados. Totalmente concentrados que estavam na contemplação do Redentor, parecia-lhes não poderem cuidar de quaisquer outros assuntos que não fossem de sua grande alegria com a presença física daquele seu tão amado e desejado Deus. José, com toda a solicitude, cuidava do provimento das necessárias condições de vida para que a Divina Mãe não sofresse e, tanto nesse sentido como nos demais, mostrava-se extraordinariamente atento e jamais faltava com suas obrigações. E assim ele se portou durante todo o tempo de sua permanência naquele local, especialmente nos oito dias que antecederam à circuncisão do Menino Jesus, ato que — conforme rezava a lei mosaica — deveria ser efetivado oito dias após o nascimento.

A CIRCUNCISÃO E A ESCOLHA DE NOME

No oitavo dia após o nascimento do Salvador, José e Maria tomaram providências sobre a circuncisão do Divino Menino e para que Lhe fosse

dado um nome, tudo segundo a vontade do Senhor. O Santo procurou quem de direito e o conduziu à gruta, onde seria realizada a cerimônia. O sacerdote que levou se mostrou espantado com a extrema pobreza em que se encontravam, mas realizou os atos adequados para a situação, sendo que o nome escolhido foi Jesus. E ele se admirou muito com a extraordinária beleza do Menino e também com a modéstia e formosura de Sua Mãe. José se mostrava humilde e resignado com toda a sua pobreza, mas muito triste pelas dores pelas quais o Verbo Encarnado passaria durante a cerimônia, suplicando para a pessoa encarregada que a executasse com um mínimo de dores para Ele. Permanecia extremamente atento a tudo, admirando com amor e compaixão Seu Divino Filho. E o sacerdote lhes perguntou então sobre o nome que haviam escolhido. José permaneceu calado, não ousando dizer o nome, esperando que Maria o fizesse. Entretanto, por orientação do Senhor, ambos pronunciaram simultaneamente o nome Jesus. A circuncisão foi realizada e o ministro determinou que o Menino teria então aquele nome.

No pronunciamento do nome Jesus, os anjos celestes se inclinaram reverentemente e O adoraram. E o mundo todo se alegrou e O adorou nas pessoas de Maria e José, e também do sacerdote, responsáveis que eram pela escolha e oficialização daquele nome. Até mesmo o inferno tremeu frente ao seu poder, embora lá não se soubesse sua origem. Maria e José foram tomados de inexplicável sentimento, mergulhando em profunda alegria. O próprio ministro, ao pronunciá-lo, sentiu-se estranhamento contente e tomado de profundo respeito. O Santo, em especial, chorava alegre mas, simultaneamente, tinha pena do Divino Menino, que vertia lágrimas derramando Seu preciosíssimo sangue. Ele oferecia essas lágrimas para o Seu Pai Celeste, e o Seu sangue para a redenção dos pecados da Humanidade. Tais oferendas tinham o acompanhamento de Maria e José, que foram iluminados por Deus naquele instante e tiveram reveladas as razões das oferendas feitas por Ele. José, acompanhando-O, ofereceu-se também todo e mostrou-se pronto para seguir a vontade divina em tudo e por tudo.

O casal, com grande veneração, guardou para si a preciosa relíquia representada pelo sangue derramado pelo Salvador e ela lembrava constantemente ao Santo que Ele, tão logo chegado ao mundo, já derramara Seu sangue e o oferecera ao Pai Celeste. O ministro partiu então e José falou com Maria — que tinha Jesus em seus braços — e ambos trocaram idéias sobre todo o mistério daqueles acontecimentos e de como, em toda essa estranha situação, o Filho de Deus demonstrava desejar assumir a figura de um pecador. Admiraram-se da grande humildade Dele e Maria compôs um cântico versando sobre a circuncisão ocorrida. Após isso, ela cantou suavemente e fez com que Ele adormecesse em seu colo. Terminado esse doce canto, José passou para um daqueles seus estados

de êxtase e nele lhe foram revelados altos segredos sobre a circuncisão de Jesus, que foram mantidos para sempre em sua lembrança e foram motivações para sua veneração e devoção especiais. Voltando a si, contou a Maria o acontecido e ambos, em conjunto, renderam graças a Deus e louvaram profundamente Sua infinita bondade, mostrando-se gratos pelas graças que Ele lhes concedia permanentemente.

José continuava preocupado com a estada naquele lugar — onde eram grandes os sofrimentos de Maria e de Jesus — e pedia a ela para que entendesse corretamente qual fosse realmente a vontade do Senhor, a de que eles deveriam retornar a Nazaré, para maior comodidade de todos. Maria, embora de acordo com essa conveniência, manifestou-se contrariamente àquela volta imediata e lhe disse que ali deveriam permanecer por mais algum tempo, pois o Senhor decidira lá realizar grandes milagres e maravilhas, das quais eles deveriam ser testemunhas, sendo que uma delas, como será visto, seria a chegada dos Reis Magos. José inclinou sua cabeça e concordou, mostrando-se preparado em obedecer àquela vontade divina. E disse: *“Tu sabes que, pessoalmente, nada tenho contra permanecermos aqui, pois todos os sofrimentos que enfrentamos só me trazem alegrias. Sofro apenas vendo os sofrimentos e atribulações do nosso Jesus, e os teus também, e esses fatos me trazem preocupações e tristezas. Mas, é meu consolo pensar que essa seja a Vontade de Deus e que, portanto, deve ser minha também. Muito me aborrece, porém, vendo que passas por tantas necessidades e agruras”*.

Maria gostava muito desse amoroso sofrimento de José, embora o exortasse a não se afligir por ela dizendo que, nesse seu sofrimento, via uma grande compaixão pelo tão querido Jesus, que passava por tantas agruras em Sua tão tenra idade. José agradecia àquelas palavras e endereçava seus sofrimentos em benefício de Jesus, muito se entristecendo pela pobreza em que Ele vivia. Muitas vezes se ajoelhava frente a Maria, que O tinha no colo, e falava com Ele, tentando explicar o sofrer que tinha em vê-Lo em meio a tantas atribulações. Jesus olhava para ele com grande sentimento de amor e lhe dizia que tudo fazia voluntariamente no sentido de atender à vontade do Pai e para a salvação da Humanidade, dizendo: *“Muitos outros sofrimentos ainda me estão destinados no futuro, que desde já aceito prazerosamente, ansiando pelo momento em que mostrarei ao mundo quanto e como amo a meu Pai e à Humanidade, pois foi justamente para a redenção de todos que desci do Céu para a Terra, que aqui me encarnei e abraçarei os sofrimentos que deverei ter para cumprir com a obra da redenção humana”*.

Tais palavras confortavam o Santo mas, ao mesmo tempo, o afligiam e preocupavam. Consolado por ouvir interiormente essas vozes do Verbo Divino, ele se enchia de alegria, confiança e fé. Preocupado, por estar ciente de que Ele deveria enfrentar tremendos sacrifícios e sofrimentos,

e morrer para cumprir aquela obra de redenção. Dessa forma, as alegrias e prazeres de José eram sempre acompanhados por outras tantas dores por ver que o Deus-Homem sofria, e muito deveria ainda sofrer, no futuro. Entretanto, era de tal forma resignado à vontade de Deus, que aceitava tanto uma, como outras, com aparência serena e até jovial. É bem verdade que chorava freqüentemente mas, por outro lado, se alegrava pelas graças que recebia e se contentava muito em ver o Salvador em forma humana — cuja beleza o deixava estático — sentindo que seu coração se enchia com Sua graça e amabilidade. Voltava-se então para qualquer outra preocupação, temendo manter seus olhos fixados naquele objeto tão amado e tão desejado por ele. E dizia para si mesmo: *“Vê que grande felicidade te coube! Que grande sorte a tua! Que imensa alegria é viver em companhia de Maria e do Messias, esperado por tanto séculos, e depois ser ainda premiado em ser pai adotivo do Verbo Divino! Quantos patriarcas e profetas ansiaram por vê-Lo e não tiveram essa ventura! E quantos suspiraram pela Sua vinda! Davi desejava ardentemente poder estar em Sua presença e beijar o local onde pisasse. Eu, além de vê-Lo, posso desfrutar de Sua presença. E mais, posso recebê-Lo em meu colo e tenho a grande honra de ser Seu protetor e provedor. Oh, que grande graça essa! Oh, dádiva jamais imaginada e nunca merecida por mim!”*.

Com essas palavras interiores, e tomado de grande amor e gratidão pelo Salvador, ele se ajoelhava frente a Maria e lhe solicitava para que também agradecesse, em nome dele, pelos grandes favorecimentos que Ele lhe dispensava, dizendo: *“Tu, muito digna mãe do Redentor, faze-o por mim, agradece a nosso Deus, que Se dignou a eleger-me para teu companheiro e me elevou a tão extraordinária posto. Pessoalmente, não sei como mostrar-me devidamente agradecido em meio a tantas graças. Sinto-me embaraçado e confuso e não sei como agradecer favores tão especiais. Oferece tu, por mim, a Ele a minha completa vassalagem, servidão e a mim mesmo, inteiro. Dize-me também o que devo fazer para agradar ao nosso Deus, em que devo empregar-me, pois me vejo fora de mim ao levar em consideração essas graças tão elevadas e especiais. Querida esposa, conheces bem quanto indigno sou, quanto insignificante e quão miserável. Faze-o por mim, portanto!”*.

Maria muito se alegrava com essa gratidão mostrada por seu marido e — respondendo com muita humildade, muita prudência e muita graciosidade — lhe assegurava que eram muito do agrado do Senhor aquelas suas expressões afetuosas e que ele, reconhecendo os benefícios e graças recebidas, se preparasse para o recebimento de muitas outras mais. E lhe prometia atender aos seus pedidos e realizar muitos atos de louvores e agradecimentos em seu nome.

A CHEGADA DOS REIS MAGOS

Jose desejava ardentemente que todas as pessoas viessem reconhecer os grandes benefícios que Deus havia feito à Humanidade ao mandar seu Unigênito encarnar-se no Messias e assim redimi-la de seus pecados. Entretanto, vendo que as pessoas não O conheciam e não O compreendiam, sentia-se aflito e preocupado e pedia ao Senhor para que conduzisse o gênero humano ao reconhecimento dessa tão grande dádiva, que todas as pessoas se mostrassem agradecidas e, mais ainda, que seu Benfeitor fosse adorado e respeitado devidamente. Esperava também poder ainda ver muitas outras obras prodigiosas do Altíssimo, ainda naquela gruta, conforme Maria o tinha já informado.

Antes da chegada dos Reis Magos, certa noite o anjo lhe falou, como sempre durante seu sono, sobre a vinda futura de três Reis do Oriente, que viriam adorar ao Redentor e oferecer ricos presentes. E que ele deveria ficar muito satisfeito com isso, pois, através desse acontecimento seriam satisfeitos, pelo menos em parte, todos aqueles desejos que tinha em seu coração e que assim seriam atendidas suas justas pretensões. Acordado, o Santo louvou e agradeceu ao Senhor, que Se dignara a atender seus pedidos, e — tomado de grande júbilo — contou esses fatos para Maria que, apesar de ciente dos mesmos, nada demonstrou nesse sentido. Alegrou-se junto com ele e se mostrou muito satisfeita em saber que o Divino Infante seria adorado pelos três Reis e que eles Lhe ofereceriam presentes e sua vassalagem. E neles, a humanidade toda estaria reconhecendo e adorando ao Deus Verdadeiro. E ambos então renderam muitas graças por tão grande acontecimento.

Em seguida, José perguntou a ela se seria vontade divina que eles se deixassem encontrar em meio a tanta pobreza naquela gruta ou deveriam procurar maiores comodidades ou local mais decente para receberem tão importantes personagens. Embora o anjo lhe tivesse dito que eles viriam àquela gruta, ainda assim desejava saber de Maria se deveria tomar alguma providência. E ela, sabendo já de tudo, lhe respondeu que aquele lugar tinha o beneplácito divino e pediu ao Senhor para que Lhes mostrasse Sua vontade a respeito. E o Deus-Menino então manifestou Sua vontade nesse sentido e que eles deveriam mesmo permanecer ali e obedecer à vontade de Deus. Não deveriam ter qualquer preocupação com sua pobreza, pois nela os três Reis reconheceriam os imensos tesouros do Rei Supremo. Seu grande poder, e iriam adorá-Lo e a Ele oferecer seus corações. José, com um misto de humildade e vergonha, ouviu atentamente à resposta e imediatamente se submeteu àquela vontade, sentindo-se ainda mais maravilhado com a grandeza das obras de seu Deus.

E vieram os três Reis Magos, do Oriente, para a adoração do Menino-Deus. José, vendo o que se passava entre eles e o Menino Jesus, perma-

necia estático e atônito. Teve grande respeito pela humildade, amor e devoção que mostraram e também pela dignidade, afabilidade e graça mostradas pelo Divino Infante naquela ocasião. E o Santo podia mesmo observar como eles se mostravam influenciados por aquela Sua graciosidade toda e de como foram iluminados e reconheceram a Divina Majestade, envolta naquela sua aparência humana. E ele desfrutava em ver tão honorificado o seu Deus Encarnado e também a feliz sorte dos três Reis.

Tendo eles adorado o Deus-Menino e desfrutado de Suas graças em seus alegres espíritos, passaram então a congratularem-se com a Divina Mãe e com ele próprio, a quem invejaram a grande sorte, tendo também muito se alegrado por ele. José falou-lhes somente algumas poucas palavras, todas elas porém repletas de penetrante amor. E os três Reis puderam então tomar conhecimento dos grandes méritos do Santo e entenderam com que grande dignidade ele havia assumido aquele posto tão difícil, e o tiveram por cheio de virtudes e qualidades. E pediram insistentemente para que rezasse, para aquele Rei, pela salvação deles próprios, e também de todos os seus súditos, pois ele tinha a grande felicidade de poder estar sempre em Sua companhia e de desfrutar aquela Sua tão adorável e amável presença. José lhes prometeu assim agir e lhes afirmou sua satisfação de que tivessem comparecido no sentido de reconhecer e adorar ao Deus Verdadeiro.

E então os três Reis Magos partiram de volta para os respectivos reinos, após terem feito suas oferendas e de terem sido iluminados e brevemente instruídos, por Maria e José, a respeito dos mistérios envolvendo aquela nova Fé. O casal permaneceu na gruta, junto com o Menino Jesus, quando o Santo se ajoelhou, com grande humildade e reverência, para adorar o seu Salvador novamente. Nesse ato foi tomado de extraordinário êxtase no qual lhe foram revelados mistérios e segredos referentes à vinda daqueles Reis e sobre quanto Deus havia operado em suas mentes no interior daquela gruta. Foi informado também que, com o passar do tempo, a Humanidade toda iria conhecer adorar ao Deus Verdadeiro. O Santo muito se alegrou com as notícias e as contou para Maria, já ciente de tudo. E ambos rezaram então em conjunto.

Em seguida, mantiveram-se entretidos conversando sobre a vinda daqueles reis e sobre o fato de que apenas eles, entre todas as pessoas do mundo, haviam sido considerados dignos para o conhecimento e adoração do Deus Verdadeiro, e mesmo considerando que o povo hebreu era o eleito de Deus, somente os simples pastores das redondezas haviam sido escolhidos para aquela mesma tarefa envolvendo o Messias nascido. Estavam verdadeiramente surpresos com os acontecimentos e se maravilhavam com os caminhos e ações escolhidos pelo Altíssimo. E, por tudo isso, eles O louvavam através de efusivos agradecimentos.

Observando atentamente os presente deixados pelos três Reis, José pôde entender perfeitamente seus significados ocultos. E muito se alegrou com eles, especialmente o incenso, do qual se serviram para honrorificar o Menino-Deus. Não deu grande atenção para o ouro pois tendo escolhido livremente a pobreza, tinha aversão ao mesmo, utilizando-se de dinheiro tão somente para o absolutamente indispensável para a subsistência. Todo o restante foi destinado ao Templo, no que atendia também à vontade de sua esposa. Ele se mostrava muito satisfeito com aquelas visitas e não se cansava de agradecer ao Senhor e de rezar pelos três Reis, e Maria o acompanhava com gratitude e devoção.

E eles foram extraordinariamente felizes nos quarenta dias passados em Belém. O Santo recebia muitas graças e favorecimentos do Menino Jesus e O tinha freqüentemente em seu colo, com Sua cabecinha repousando em seu peito. O Menino lhe fazia muitas carícias de natureza infantil, ora olhando-o sorridente e amoroso, ora pousando sua divina cabeça em seu ombro, ora inclinando-a, como que agradecido por tudo o que José fazia por Ele. E, através de tais atos, o Santo recebia continuamente novas graças e se alegrava imensamente em seu coração. Seu espírito se inundava em um grande mar de alegrias, no qual ele se consumia em amor ao seu Deus, a tal ponto que permanecia estático por longos períodos de tempo, ocasiões essas em que Maria precisava mesmo como que acordá-lo para que se alimentasse e não se debilitasse demasiadamente naquele tão grande amor que o consumia. Ele, na verdade, nem mesmo se lembraria dessa necessidade, não fossem os insistentes pedidos de sua esposa nesse sentido.

O Santo mostrava intenso desejo em transmitir a todos os que visitavam o Menino-Deus as obras maravilhosas que o Senhor executava, e de fazer com que todos O pudessem conhecer, louvar e adorar, além de lhe prestarem suas homenagens e agradecimentos. Comunicava tais desejos a Maria e ela prudentemente o aconselhava a manter secretas as manifestações divinas que haviam acontecido, e que ele transmitisse somente o necessário àquelas almas que os procuravam. Argumentava que o Deus Encarnado agiria por Ele mesmo e Se manifestaria para aqueles que fossem de Seu agrado, que iriam então corresponder devidamente àquela graça. *"Ele os iluminará,"* dizia ela, *"no momento, é melhor permanecermos somente maravilhados e calados, louvando, agradecendo e suplicando — através de amor e gratidão — por todas as faltas cometidas pelas pessoas".* José se alegrava com isso e estava de pleno acordo com ela. E agradecia, sendo que Maria o exortava então a render suas graças ao Senhor, que lhes concedia todas aquelas coisas.

Repousando o Menino na manjedoura, o casal se mantinha em conversas religiosas, relacionadas com as grandiosas obras de Deus, e O admirava, somente tendo pena pelo fato de Ele encontrar-Se naquele

local tão pobre. O Santo, nessas ocasiões, ansiava para que Maria O tomasse em seu colo, pois estava seguro de ser lá o local que Ele mais apreciava. É bem verdade, entretanto, que Ele freqüentemente mostrava desejo de privar-Se desse prazer pois mesmo em Sua tenra idade, já queria sofrer pelos pecados todos da Humanidade, a fim de atender à justiça de Deus.

Estando Jesus na manjedoura, algumas vezes José dizia para Maria: *“Minha querida Maria, não seria talvez melhor se me desse o teu Filho, e que eu O mantivesse em meu colo e que Ele assim ficasse algo mais confortável, e eu também com isso me alegrasse?”*. E ela, com suas características prudência e sensibilidade, lhe respondia que, querendo Jesus sofrer aquele desconforto, desejava que eles O acompanhassem em seu sofrimento. Queria que também sofressem por verem o Seu sofrimento e que ficassem também privados do contentamento de tê-Lo em seus braços. José inclinava então humildemente sua cabeça e se resignava à vontade de Deus, dizendo: *“De minha parte, sofro voluntariamente ao privar-me dessa alegria. Entretanto, aborrece-me o desconforto de nosso querido Filho, e isso muito me sensibiliza. Desejaria sofrer, e até mesmo muito, para que Jesus não sofresse. Mas é grande a minha tristeza quando vejo o nosso Salvador e Redentor padecer em tão tenra idade”*.

Maria, sofria muito ela mesma, pois sentia tais padecimentos de Jesus em dose muito mais alta, porque também O amava mais intensamente ainda. Contudo, ainda consolava seu marido e o animava a sofrer resignadamente, uma vez que isso era do agrado do Senhor. E dizia: *“Sabes, meu caro José, que no meio de tantas alegrias que temos, Deus nos faz também passar por agruras como esta. E não é nada fácil estar presente aos sofrimentos do nosso querido objeto de amor, principalmente por ser Ele tão digno, como é o nosso Jesus”*. Com tais palavras, o Santo chorava e respondia: *“Sabes, Maria, que passo por sofrimento duplicado. O de ver nosso querido Jesus em padecimentos e também em presenciar esses teus sofrimentos, tu, a quem amo intensamente como sendo Sua mãe e minha esposa e fiel companheira. Esse meu amor é também por todos os benefícios que recebi por teu intermédio, pelas muitas graças que pediste ao Senhor por mim e pela grande misericórdia que tens comigo. Também, como criatura amada e favorecida por Ele que és, cheia de graças e de virtudes. Podes assim imaginar o meu compadecimento em ver-te sofrendo, tu que és por natureza tão gentil, tão nobre e tão delicada”*. Maria, embora entristecida com essas palavras, mostrava a José que muito lhe agradavam o seu afeto e sua bondade para com ela. E ele se contentava em saber que seu amor a agradasse — pois humildemente disso não se achava digno — e se entusiasmava, dizendo para si mesmo: *“Uma vez que a Mãe Divina agrada o meu afeto e a sinceridade do meu amor, certamente agradecerão também ao seu Filho*

e meu Salvador. Portanto, que grande felicidade a minha, uma vez que esses meus sentimentos são de agrado para pessoas tão dignas e tão sublimes!”.

JOSÉ NA APRESENTAÇÃO DE JESUS AO TEMPLO

Tendo passado quarenta dias do nascimento de Jesus, Maria pôde entender Seu desejo em ser apresentado no Templo conforme as prescrições da Lei de Moisés. Na noite anterior, o anjo já havia também falado a José da vontade do Altíssimo em termos daquela apresentação, como de hábito, e que Jesus fosse então resgatado, através da costumeira soma em dinheiro. E que José e Maria deveriam se encarregar da apresentação. Acordando, o Santo revelou a Maria as instruções que havia recebido.

Assim, eles tiveram por bem deixar Belém e ir para Jerusalém para o cumprimento da tarefa. De certa forma, penalizaram-se em deixar aquela tão amada gruta pois, de um lado, ali acontecera o grande mistério do nascimento de Jesus e, de outro, era naquele local que desfrutavam as mais queridas delícias do convívio com seu amado Filho. Todavia, sentiam-se também alegrados pois Ele não mais estaria sujeito a tantos desconfortos e misérias. Assim, com muito entusiasmo, abandonaram a gruta querida e se dirigiram a Jerusalém. Maria acomodou Jesus em seu colo, enquanto José carregava a preciosa relíquia do sangue colhido durante a circuncisão e levava uma pequena trouxa contendo as mais necessárias coisas para a viagem. Antes de partirem, adoraram conjuntamente o local de nascimento do Salvador, onde havia ficado também após o parto. Cantaram novos cânticos de louvor ao Deus Encarnado e solicitaram Suas bênçãos. Com a proteção divina, e carregando o Deus-Menino, partiram para Jerusalém, acompanhados de grande multidão de anjos do Céu.

Embora fosse inverno, o dia era extremamente agradável e o ar suave, pois a Divina Mãe assim o havia solicitado, a fim de que aquele seu Deus, e Filho, não sofresse muito frio em Sua primeira viagem. Dessa forma, ela comandava o tempo, Rainha e Senhora de todas as coisas que era, domínio decorrente de ser a mãe do Salvador e Redentor. As condições climáticas agradaram muito a José, pois atendiam também aos seus desejos de não serem demasiadamente severas para o Menino, embora bastante rígidas. O casal caminhava junto com seu querido Jesus, jubiloso e alegre, em razão do inestimável tesouro que portava. Nenhum dos dois sentia qualquer cansaço ou tédio durante o percurso que faziam, mas grande alegria, tendo sido espectadores de vários prodígios que o Senhor promoveu através de Suas criaturas, como sejam plantas e animais. Por exemplo, árvores se inclinavam em reverência ao seu Criador, e delas saíam bandos de aves cantando harmoniosamente em louvor a Ele. José observando atentamente esses fatos, voltava-se para Maria,

dizendo: *“Observa, Maria, como até mesmo os seres inanimados e os animais irracionais se inclinam e homenageiam seu Criador. Mas os homens, para cuja salvação Ele veio, permanecem indiferentes, e são muito poucos os que O conhecem”*. Tais palavras eram acompanhadas de lágrimas e suspiros, e ele acrescentava ainda: *“Felizes e bem-aventurados somos, escolhidos para essa tão grande felicidade, não só de podermos tê-lo conosco, mas também em podermos conhecê-Lo! Devemos nos sentir gratos ao Senhor por todas essas graças das quais podemos participar!”*. E Maria então compunha e cantava novos cânticos de louvor e o Santo passava para aquele seu estado de êxtase característico, em razão de todas as alegrias que tinha.

Às vezes, paravam — não por cansaço — pois não o tinham, mas sim porque o Menino-Deus deseja alegrar plenamente seu pai adotivo, indo repousar em seu colo. E disso tornava Sua mãe ciente, que então O transferia para os braços de José, privando-se ela mesma desse prazer. O Santo, por seu lado, embora o desejasse ardentemente, não ousava pedir essa concessão à sua esposa. Somente orava fervorosamente, no íntimo de seu coração, para que Deus atendesse àquele seu desejo. E ele então O recebia em seu colo, ajoelhado, com grande afeição e devoção. Rejubilava-se, alegrava-se e se inflamava todo em amores, e as chamas desse amor podiam até mesmo ser notadas em sua fisionomia, pois Maria, nessas ocasiões, o via todo iluminado, e sobretudo até mesmo formoso. E o Senhor fazia então com que visse também a rica alma do Santo, seus muitos méritos e virtudes, e isso provocava nela alegria inexplicável, que a levava a agradecer a Ele a graça de ter-lhe concedido marido tão puro, santo e coberto de qualidades e merecimentos. E ela dizia para José: *“Meu caro José, se soubesses quanto maravilhosa é uma alma cheia de virtudes, de graças e de merecimentos, com certeza te espantarias!”*. E lhe contava sobre as belezas de uma tal alma, embora sem dizer-lhe que se referisse especificamente à dele. Falava somente em sentido amplo e geral, de uma alma que contasse com a graça e a amizade do Senhor. O Santo ouvia com a máxima atenção e desejava, em seu íntimo, que se tratasse de sua alma. Voltando-se para ela, ele dizia: *“Oh, minha querida Maria, clamo ardentemente para que minha alma venha a ser como essa de que falaste. Por esse motivo, peço-te para rezares ao Senhor no sentido de que Ele me conceda essa graça tão elevada”*. E Maria então dizia: *“Louvemos a Deus em conjunto e sejamos gratos por ter Ele sido tão bondoso nos concedendo tantas misericórdias e tão grandes favorecimentos”*. E eles então assim agiam.

Maria acompanhava de perto as oferendas que seu Filho fazia para o Divino Pai e, com muita frequência, dizia para José que O acompanhasse nesses oferecimentos, e também nas súplicas todas que Ele fazia a Seu Pai, muito glorificantes na verdade. E o Santo lhe pedia então para que

o ensinasse quais as coisas que deveria fazer para agradar ao Pai Celeste e ao Seu Filho. Ela o atendia nesses pedidos e muito assim o alegrava, e ele se mostrava sempre grato nesse sentido. Dessa forma, caminhavam os percursos a fazer, ora cantado em louvor ao Senhor, ora conversando sobre Suas misericordiosas obras, ora ainda empregando parte do tempo em assuntos religiosos ou admirando as obras do Altíssimo. Acima de tudo, entretanto, mostravam-se gratos por tudo o que Ele lhes concedia de alegrias e pela salvação do gênero humano.

Chegados a Jerusalém, prepararam o necessário para a apresentação de Jesus e Seu devido resgate. José providenciava tudo com a máxima solicitude, quais sejam, as duas pombas e as duas rolinhas para a mãe e cinco moedas para o filho, como de hábito. Nessa ocasião, pôde mais uma vez admirar as muitas virtudes de Maria e a grande humildade que punha nas tarefas de purificações — como feitas pelas demais mulheres — embora fosse isenta de quaisquer máculas e extremamente pura. Admirou-se também da extrema humildade mostrada pelo Salvador, que desejava ser apresentado e resgatado como as demais crianças. O Santo se maravilhava com tais acontecimentos e os mantinha em seu coração. Meditava também sobre sua vida e recordava as ações praticadas pelo Salvador e por sua mãe, tanto no presente quanto no passado.

Foram então para o Templo, junto com o Menino Jesus, e lá entrando foram imediatamente recebidos, com grande amor e carinho, pelo já encahecido Simão e também por Ana, agora profetisa, pois ambos, sob a inspiração do Espírito Santo, haviam se dirigido ao Templo a fim de poderem ver cumprida a promessa de que veriam o Redentor antes de suas mortes.

Uma vez feitas as cerimônias de purificação de Maria, conforme as prescrições da Lei, Simão tomou Jesus em seu colo, para oferecê-Lo ao Senhor. E tendo recebido o Messias em seus braços, sentiu-se pleno de alegrias, sentimento esse também fruto do Espírito Santo. Reconhecendo Sua voz, compôs então o cântico *“Deixai agora Senhor, que o Vosso servo possa morrer em paz, e mesmo clamar por sua morte, após ter recebido de Vós a graça que lhe fora prometida”*. O Santo observava com muita atenção a todos esses acontecimentos e pôde ver que o Deus-Menino resplandecia em claríssima luz. Cheio de alegria, passou para um daqueles seus estados de êxtase, no qual lhe foram revelados os mistérios envolvendo a apresentação do Redentor ao Templo.

Havendo Simão desfrutado, por algum tempo, da presença do Salvador em seus braços, Maria O resgatou com as cinco moedas tradicionais. Simão O devolveu então para ela, e Jesus exultou por estar novamente no colo de Sua mãe. Voltando a si, José prestava outra vez muita atenção para os fatos ocorrentes. Simão lhe transmitiu sua alegria pela felicidade que lhes tocara e recomendou muito a ambos para que cuidassem daquele

Menino tão especial. Em meio a toda essa alegria, ele, voltando-se para Maria, lhe disse que seu Filho seria a destruição e a salvação de muitos. E também que muitos se oporiam a Ele, e que sua alma seria trespassada pela espada da dor e do sofrimento. José se sentiu profundamente ferido por aquelas palavras de Simão, pois pôde intuir algo de mau do que ele dissera. Por mais que tentasse mostrar estar bem, ficou extramamente abatido e chorou amargamente. E desse instante em diante, teve sempre essa contínua aflição, além de intensa dor. Entretanto, mais abalada ainda se viu Maria, pois entendia claramente o significado daquela afirmação de Simão. E essa dor jamais deixou seu coração. Ana também lhe falou, profetizando a Paixão e Morte de seu tão querido Filho. Para grande felicidade de José, ele não entendeu claramente aquelas mensagens todas. Tivesse sabido de seus significados, teria certamente morrido de dor. Mesmo assim, encontrava-se de tal forma angustiado com aquele estranho sentimento que tinha, que foi mesmo necessária a graça do Senhor para que ele se mantivesse em aparentes condições de suportar aquela tão difícil situação. Maria, de tudo já ciente, teve por força que enfrentar sua imensa dor. Embora de tudo soubesse, era extremamente dolorido ouvir de alguém aquelas frases tão candentes e tão reais. Mesmo assim, procurou manter-se inalterada e ainda mostrou forças para consolar o aflitíssimo José.

O Santo se encontrava muito ansioso em poder falar-lhe particularmente, para que pudesse confirmar o que havia ouvido e entendido. Mas eles permaneceram ainda por algum tempo mais no Templo, Maria tendo Jesus apertado entre seus braços, realizando atos de amor, gratidão, compaixão e agradecimentos, características da extraordinária mãe que era. Seu querido Filho não deixou de confortá-la e ela então lhe pedia para que fizesse o mesmo com seu muito aflito marido, no que foi plenamente atendida pelo Deus-Menino.

VIAGEM DE RETORNO A NAZARÉ

Desobrigados de suas tarefas em Jerusalém, Maria, José e Jesus permaneceram ainda algum tempo na cidade e foram novamente ao Templo, onde já haviam também feito a entrega dos presentes dos Reis Magos. Desejavam saber, em termos de vontade divina, se lá deveriam permanecer ou se deveriam retornar a Nazaré, para lá habitarem em definitivo. E souberam que seu destino seria mesmo o de Nazaré, fato confirmado a José por seu anjo durante a noite. O fato agradou ao Santo de certa forma, pois tinha para si que lá estariam mais comodamente, sem tantos problemas para sua esposa e Jesus. Falou a Maria sobre sua satisfação em voltar. Ela, já sabedora de tudo, conhecia o fato de sua futura fuga para o Egito, a partir de Nazaré, motivada pela perseguição por parte

de Herodes. Contudo, nada disse e também se mostrou muito alegre com aquela volta à cidade natal.

Estando os dois a sós, José lhe contou sobre as ocorrências do Templo, sobre aqueles mistérios sobre os quais entendera, e também sobre a profunda dor que tinha em virtude das profecias de Simão envolvendo Jesus. Estava em lágrimas e suspiros prolongados, e dizia repetidamente *"Oh, Maria, minha inocente esposa, é muito grande a dor que ainda deverás suportar! De mim, não sei o que terá acontecido, ou se estarei presente nessas ocasiões. Mas, se estiver, como poderei agüentar tantas tristezas?"*. E chorava amargamente. Maria, como sempre, tentava confortá-lo para que nada temesse, pois o Senhor a tudo providenciaria e os assistiria com Sua graça. E dizia: *"Deus está conosco e nada devemos temer. Deixemos que tudo aconteça segundo Sua divina vontade. Por ora, alegremo-nos e desfrutemos o fato de termos resgatado nosso querido Jesus, e Ele é todo conosco. Usufruamos de Sua companhia e apreciemos Suas amabilidades e doçuras. O simples pensamento de que está conosco, e é todo nosso, será suficiente para amenizar nossas amarguras que sejam"*.

O Santo se confortou algo com essas palavras e Jesus, desejando confortá-lo ainda mais, inspirou a Maria para que ela O passasse para o colo do Santo, para que ele se alegrasse com Sua proximidade. De fato, foi grande o contentamento de José, que O tomou em seus braços e disse: *"Oh, meu Deus Encarnado! Agora sois todo nosso e Vos resgatamos em benefício de toda a Humanidade. Entretanto, até agora, só nós fomos tidos por suficientemente dignos de conhecer-Vos, e de poder-mos nos alegrar com Vossa presença"*. E, enquanto se mantinha nesses colóquios com o Salvador, Ele — todo sorridente — colocava sua cabecinha sobre o peito de José e, com isso, permitia que ele desfrutasse as delícias do Paraíso e entrasse naquele seu característico estado de êxtase, no qual permaneceu bom tempo desfrutando de Sua companhia. Maria, muito satisfeita, também se deliciava em ver José tão alegre e disso agradecia ao Senhor.

Voltando a si, o Santo olhava para o rosto de Jesus e, considerando todos os favorecimentos que Ele lhe fazia, chorou tenramente enquanto o Menino lhe fazia carícias e trejeitos, que são característicos das crianças, e enquanto lhe falava também quanto o amava e como era agradecido por tudo. E o Santo lhe respondia: *"Oh, meu querido Jesus! Que deverei fazer por todos os favorecimentos que me fazes? Oh, que grande felicidade ter-Te em meus braços! Quem poderia ser tão favorecido? Simão, ao ter-Te em meu colo, nada mais mencionou que não fosse a morte desejada. Que deveria eu então desejar, que continuamente posso estreitar-Te em meu peito? Que pedirei então? Devo, como Simão, clamar pela minha morte, pelo fato de poder desfrutar de Tua companhia ainda por muito*

tempo, e porque devo estar a Teu lado, e providenciar a tudo o que precisas? Dessa forma, posso apenas pedir poder amar-Te para sempre, e servir-Te fiel e humildemente, além de que todas as pessoas possam também conhecer-Te, amar-Te e agradecer todos os benefícios que lhes fazes. E, em especial, por Te teres feito homem para redimir a Humanidade. São essas as coisas que peço e que desejo ardentemente”.

O Deus-Menino se alegrava sobremaneira com essas afirmações de José — tão ansioso pela Sua glorificação, tão inflamado de amores e tão interessado no bem estar geral das pessoas. E lhe mostrava Sua gratidão por olhá-lo amorosamente e sorrindo — sorriso jovial e majestoso ao mesmo tempo. Com isso, o Santo entendia bem que aquela majestade divina Se mostrava grata e carinhosa com ele. Dessa forma, crescia em José progressivamente aquele seu já tão grande amor por Deus.

Devolveu então Jesus para o colo de Maria, dizendo: *“Recebe, puríssima Virgem, o teu Filho Deus Encarnado. É em teus braços que Ele estará sempre bem. Uma vez que te escolheu entre todas as mulheres, estou certo que também te cobriu de todas as graças e virtudes e que és digno objeto do Seu amor, e também o lugar acertado onde Ele pode repousar e desfrutar dos mais tenros carinhos”.* Maria se mostrava humilde e confirmava o que José dissera, cantando então o Magnificat: *“Minha alma glorifica o Senhor...”*, que ela havia composto por ocasião de sua visita a Isabel.

Eles partiram então, alegres e entusiasmados, levando junto o Divino Menino, que também Se mostrava muito contente e satisfeito. Alternavam a tarefa de carregá-Lo, mas nem mesmo sentiam Seu peso, somente um grande sentimento de repouso e tranquilidade. Jesus estava assim ora nos braços de Maria, ora nos de José, e alegrava a ambos com Sua presença. Também nessa viagem, o santificado casal pôde observar ocorrências maravilhosas pois todas as criaturas da natureza, inclusive as irracionais, reverenciavam o seu Criador. Pássaros os acompanhavam cantando festivamente, batendo alegremente suas asas e competindo entre si nessas manifestações. José observava tais fatos com muita atenção e louvava a Deus por eles, muito satisfeito em vê-Lo glorificado e reconhecido até mesmo pelos irracionais, sendo que os racionais não tinham ainda tido a oportunidade de conhecê-Lo, não podendo pois ainda glorificá-Lo de forma generalizada. Eles viajavam tomados de grande ansiedade pela chegada, e José não se cansava de dizer para Maria: *“Querida Maria, retornamos agora à nossa casa onde, com muita serenidade, podemos desfrutar a companhia de nosso querido Jesus. Lá estaremos sossegados pois Ele não mais passará por tantas atribulações, e O teremos em lugar confortável, mesmo não estando em nossos braços”.* Ouvindo, Maria inclinava sua cabeça e dizia: *“Devemos ir diretamente para Nazaré e lá estar prontos para obedecer à vontade divina deste nosso Deus que*

Se humanizou para sofrer e não para desfrutar alegrias, usufruir da vida e descansar. E Ele deseja que O imitemos nesse aspecto". E José, confor-
mado com esses supremos desígnios, dizia: *"Estou plenamente preparado e pronto para executar a vontade divina"*. Mas, certamente não visualizava corretamente a extensão e significado daquelas palavras de Maria, sabe-
dora de que eles, muito brevemente, deveriam novamente abandonar sua terra natal e fugir para o estrangeiro. E que, nessa oportunidade, passariam por muitos sofrimentos, eles e também o Menino Jesus. Entre-
tanto, ela não se manifestava claramente a esse respeito e mantinha para si mesma os divinos segredos que só ela conhecia, esperando que Deus os transmitisse para José, seja por inspiração Sua, ou através do anjo em seu sono. Durante a viagem, Maria louvava continuamente a Jesus, cantando hinos em Seu louvor, no que José a acompanhava alegremente, pois eram muitos os sentimentos que tais canções lhe causavam. Às vezes chorava, outras vezes passava àquele seu estado de êxtase, e ainda em outras se inflamava em amores por Deus, agradecendo àquelas graças que recebia através de Maria. Acontecia também dele cantar fervorosa-
mente, e Maria muito se admirava.

O Santo padecia de fome, sede e frio, mas suportava as agruras contente, achando ser pouco tudo o que pudesse sofrer. Queria sofrer mais e apenas o preocupavam os desconfortos de Jesus e Maria, com os quais sofria, sendo que a espada da dor — profetizada por Simão para Maria — jamais lhe deixava o pensamento.

Finalmente, chegaram a Nazaré. Foram imediatamente para sua pequena casa, adoraram o local de encarnação do Salvador e foram tomados de alegria em seus corações. Ajoelharam-se no pequeno quarto de Maria — local do grande milagre da Encarnação — adoraram o Criador e rende-
ram graças por terem retornado são e salvos. José teve ocasião de desfrutar em paz a querida companhia de Jesus e de Maria. Preparou correta-
mente o pequeno berço de Jesus, tarefa que lhe proporcionou grande satisfação. Todavia, em meio a todos esses agradáveis sentimentos, resta-
va sempre a amargura de os ver em tanta pobreza e que não lhe podia proporcionar o que desejava. Mas resignava-se à vontade de Deus. Maria se entreteinha em colóquios com seu Filho-Deus e José então saiu para providenciar alimentação para todos, com o beneplácito de Jesus, que entendia através de Maria.

Andando pela cidade, várias pessoas lhe perguntaram sobre as ocor-
rências de Belém. Ele sacudia os ombros e lhes respondia rapidamente, dizendo que a viagem havia sido para atender à vontade divina, uma vez que as pessoas o criticavam por ter levado Maria com ele, pois ela já se encontrara à beira do parto e que ele deveria ter previsto a ocorrência durante a viagem, durante aquela dura estação do ano, fato que teria acarretado muitos desconfortos e sofrimentos para ela. José ouvia com

paciência e não respondia. Não faltaram aqueles que, instigados pelo Demônio, lhe dissessem até mesmo ofensas, dizendo terem feito mal em dar-lhe Maria como esposa, tão delicada que era. Afirmavam que ele não lhe dava a devida consideração, que a fazia sofrer e que não reconhecia a preciosa companheira que recebera, e que acabaria mesmo por provocar sua morte. Essas palavras dilaceravam o coração do Santo, que estava ciente do grande amor que tinha por sua esposa e do quanto agradecido se sentia por tê-la sob sua custódia. E respondia: *"Estais enganados, pois sei muito bem a sorte que me tocou em receber esposa tão digna. Acontece que minha pobreza não permite fazer por ela o que deveria, e que sei ser merecedora, e que isso a faz sofrer. Mas, sendo ela tão boa e generosa, contenta-se em viver assim, sem qualquer queixa"*. Dizia isso com muita serenidade em sua face e jamais se alterava com quem quer que fosse, embora não lhe faltassem ocasiões. Deus permitia que assim exercitasse a prática de virtudes, especialmente as da humildade, da paciência, do amor, do sofrimento resignado e da caridade. Ele agia sempre muito generosamente, com prazer e alegria, pois sabia que assim agradaria ao Senhor, e se tornava cada vez mais merecedor de Seu amor e favorecimentos.

Maria, de sua parte, também se alegrava vendo seu marido praticar todas aquelas virtudes e rezava sempre a Deus para que o assistisse e lhe concedesse mais graças e amor. E o Senhor a atendia, fazendo com que o Santo crescesse progressivamente em seus méritos, virtudes e amor por Ele, com ardente desejo de que todas as pessoas também O amassem igualmente. Tão grande eram esses sentimentos que ele, em lágrimas, exclamava: *"Oh, meu Deus! Por que não sois amado por todos? Que posso fazer para que essas criaturas Vos conheçam e Vos amem? Como pode ser que não sejais amado, bondade infinita, grandeza imensa, beleza suprema e inatingível?"*. Dizendo isso, passava àquele seu êxtase e permanecia horas, orando e desfrutando as perfeições do Senhor, e entendia com grande clareza as razões de seu amor por Ele. Voltando a si, inflamado em amores, dizia para Maria desejar ir pela cidade glorificando as obras divinas. Ela, entretanto, o continha e dizia: *"Rezemos em nome de todos"*. E ambos se entretinham em louvores e o Santo se acalmava, e dizia: *"Bendita sejas, minha querida, que tanto amas ao Senhor! Tens razão, pois Ele o merece. Ama-O cada vez mais e supre assim o amor que não recebe dos outros. Ama-O também por mim, tu que tens o coração capaz de tanto amor. O meu, pequeno que é, não comporta todo o amor a Ele devido"*.

Como sempre, Maria se alegrava com esse amor mostrado por seu marido e seu coração também se inflamava. José via seu rosto enrubescer-se e ser tomado de uma grande luminosidade, e se entusiasmava ainda mais. Ela, vendo-o tão ardente, passava Jesus para seu colo e José,

apertando o Menino em seu peito, se acalmava e tinha satisfeitos todos seus desejos. Às vezes, adormecia com Jesus no colo, e o Menino se mostrava muito satisfeito com isso e em lá estar. E Maria via então que seu marido repousava tranqüilamente em Deus, desfrutando daquela paz que as pessoas abençoadas têm no Céu.

O EXÍLIO

Estando José calmo e tranqüilo, cogitando de permanecer em Nazaré — e desfrutar do convívio de Jesus e de Maria — tomou conhecimento da perseguição encetada por Herodes e das ordens que o rei havia expedido nesse particular. E o Santo foi tomado de uma grande dor, da qual não podia libertar-se. Entretanto, tinha para si que o Senhor providenciaria o que fosse necessário para a situação. Falou com Maria que lhe disse para que não temesse e se conformasse com as disposições divinas. E o Santo se acalmou, por aquele momento pelo menos. Todavia, à noite o anjo lhe falou novamente no sentido de que conduzisse Jesus e Maria para o Egito, lá permanecendo até que ele o informasse sobre a data do retorno de todos. Disse-lhe também que Herodes, com muita urgência, tinha em mente a morte do Redentor. O Santo muito se afligiu ao entender o aviso sobre a perseguição de Herodes. Amargo, e chorando, dirigiu-se a Maria e lhe contou tudo.

Ela se mostrou muito compreensiva, muito humilde, preparada e resignada para tudo. O Santo também se conformava com as ordens recebidas. Somente o preocupava a idéia das atribulações todas que Maria e Jesus deveriam enfrentar naquela viagem. E dizia: *“Ah, querida Maria, quem imaginaria que tão logo chegados a Nazaré, tivéssemos que viajar outra vez, em época tão dura do ano, e ainda mais, para uma nação de infiéis? Certamente, tudo isso devemos aos meus deméritos em relação às graças que o Senhor nos concede. Pessoalmente, presto-me voluntariamente a tudo e me conformo com Sua vontade. Só me aborrece pensar nos sofrimentos que ambos deverão ter que passar na viagem”*. Maria o confortava assegurando que se alegraria em partir, pois essa era a vontade do Senhor. Quanto a Jesus, ela também tinha algumas preocupações, mas a vontade divina devia ser respeitada à risca. E dizia mais: *“Já não te disse anteriormente que Jesus veio ao mundo não para desfrutes, mas sim para sofrimentos? É grande a graça que nos concede quando nos escolhe como companheiros desses sofrimentos, motivo pelo qual devemos agradecer e louvar”*.

Como sempre, o Santo se mostrou confortado com as palavras que ouvira e arrumou apressadamente o necessário para a viagem fazendo uma pequena sacola, que levava em suas costas. Maria, levava faixas para Jesus e algumas coisas mais de utilidade. Eles adoraram a Jesus

— que repousava sossegado — e se prepararam para partir. Fizeram-no à noite, como se fossem fugitivos, e aceleraram seus passos. José tinha medo e preocupação, pois nem mesmo conhecia o caminho do Egito. Abandonou-se completo à providência divina, que invocou juntamente com Maria. Apesar de todas as preocupações, caminhavam com segurança e plena confiança, certos de que o Senhor os guiaria corretamente e os protegeria totalmente.

Maria levava Jesus em seu colo e pedia a Ele para que os protegesse contra todos e tudo. José estava surpreso de que o Salvador estivesse submetido a ordens terrenas, que tivesse que fugir das perseguições de Herodes. E comentava o fato com Maria. Ela, muito sabiamente, afirmava que deveriam estar preparados para tudo e para ver na situação a ocasião de praticarem atos de virtude, como a obediência, a resignação, o sofrimento e a paciência. O Santo então se conformava e procurava praticar tais virtudes, com a máxima perfeição. E dizia: *“Oh, querida Maria, acredito que o Salvador queira deixar muitos exemplos de virtude ao mundo, pois que começa a praticá-los desde Seu nascimento. Felizes nós, primeiros a segui-Lo e imitá-Lo!”* E assim procurava animar-se aos sofrimentos e às virtudes. Voltando-se para o Redentor, dizia: *“Oh, meu Redentor! Sois o mestre do caminho seguro para o Céu! Sois o mais digno exemplo das virtudes! Dai-me a graça em imitar-Vos com perfeição e aprender a Vossa sabedoria. Sois o Senhor do Universo, o mais alto Rei e Soberano! E, no entanto, Vos submeteis e fugis da perseguição de rei iníquo, em meio a sofrimentos! Quem sou então para queixar-me? Não o faço, e não o farei no futuro! Adoro Vossos santos desejos, sigo-Vos e me submeto às Vossas vontades!”*

Assim falava José com o Senhor Deus Encarnado e lhe transmitia os desejos de seu coração em amá-Lo e de que todas as pessoas também o fizessem. E dizia: *Vê, querido Jesus, que clamo para que sejas amado e adorado, mesmo quando vejo que és perseguido. Desejo que não sofras, mas devo ver-Te em sofrimentos. Como padece este meu coração ao ver-Te em fuga, tenro e delicado Menino que és, sofrendo frio e desconfortos! Ah, meu querido! Se já sofres em tão tenra idade, que irá acontecer mais tarde então? Como irá meu coração agüentar tantos sofrimentos?”* E chorava amargamente. O Menino-Deus, então, inspirava Maria para que ela O passasse para os braços de José que, com isso, se mostrava mais consolado e calmo. O Menino lhe falava diretamente ao coração, o animava e consolava, e nele desenvolvia desejo em sofrer e em amá-Lo cada vez mais. José caminhava, com Ele em seu colo, dizendo: *“Grande felicidade e sorte é a minha pois posso levar o Criador em meus braços, o Rei do Céu e da Terra! Céu, não invejo vossa sorte. Vós o desfrutais ocultamente. Eu O tenho Encarnado, apertado neste meu peito.”*

O Santo se via muito ágil quando caminhava com Jesus em seu colo. Portava-se como se voasse, alegre e com seu espírito em um mar de delícias. Contava essas emoções para Maria, perguntando-lhe se o mesmo ocorria com ela que, com muita graça, respondia: *“Então não sabes como o Senhor é condescendente com as pessoas em termos de graças? Podes crer que, comigo, Ele é ainda muito mais. Sendo eu somente uma serva Sua, Ele me elegeu para ser Sua mãe”*. José gostava dessas palavras, pois imaginava quanto grande seria a sua alegria, por seu Filho e por ele, desmerecedor de Suas graças.

Foram muitos os sofrimentos enfrentados por Maria, José e Jesus durante essa viagem. Primeiramente, era severa a estação do ano. Muito freqüentemente encontravam-se eles em pleno campo aberto, sem qualquer abrigo, e pernoitavam a céu aberto, fato que muito afligia José, pelo grande amor que lhes devotava. Tentava fazer uma pequena barraca com seu manto para que pudessem ter alguma pequena proteção. Passavam a noite rezando, cantando hinos de louvor e contemplando a grandeza, a beleza e a bondade daquele Deus que levavam. E também repousavam um pouco. Tiritavam de frio, sem poder esquentar-se. O Divino Poder, entretanto, estava presente. Ao acharem que não poderiam mais tolerar tais sofrimentos, conversavam sobre o infinito amor que Deus devotava à Humanidade e seus corações se inflamavam a tal ponto que o calor se transferia também para seus corpos. E lhes parecia então estarem devidamente aquecidos, como se tivessem fogo aceso para isso. Rendiam graças em conjunto, e o Senhor os confortava com caridade e amor. Passaram fome e sede, atravessando mesmo dias inteiros sem se alimentarem. Ocasionalmente encontravam alguma hortaliza pelos campos com a qual se alimentavam frugalmente. E o sabor lhes parecia até mesmo agradável. Bebiam água somente ao encontrarem algum pequeno poço, o que raramente acontecia na verdade. Apesar de todas essas dificuldades, sentiam-se alegres por terem Jesus em sua companhia.

Passavam, às vezes, por campos nevados e gelados, com sofrimento ainda maior. Nessas ocasiões, anjos enviados pelo Senhor lhes levavam algum alimento com os quais se fortaleciam transitoriamente. Eles se maravilhavam verdadeiramente com essas providências divinas, que cuidavam deles em locais sem qualquer possibilidade de auxílio humano. Entretanto, era também comum que se encontrassem famintos, sem qualquer tipo de alimentos. Eram as ocasiões em que Deus os testava quanto à capacidade de sofrimento, de resignação e de fé. Mesmo sem alimentos, o Senhor os saciava completamente, e lhes parecia terem comido à farta. Na verdade sofriam, embora confortados nesses sofrimentos. E louvavam a Deus em conjunto por todos os benefícios concedidos, quais fossem os do sofrimento e resignação, pelo menos.

José se mostrava preocupado e temeroso em que Jesus sofresse muito frio. Ao estar Ele no colo de Maria, o Santo perguntava constantemente se não teria frio. Maria o tranquilizava dizendo estar Ele bem aquecido, além de abrigado convenientemente. Entretanto, ocorria às vezes de estar Ele de fato gelado de frio. Mas era porque assim o desejava. Maria informava José desse fato para que ele soubesse ser essa a Sua vontade e se acalmasse. Todavia, seu marido continuava aflito e chorava, por não poder aquecer Jesus a contento. Mas Ele o consolava inspirando Sua mãe para que O passasse para o colo do Santo, que o recebia com grande afeição, desejando transferir para Ele todo o calor de que dispunha para aquecê-Lo. Na verdade, isso muito agradava ao Redentor, que de fato Se aquecia no fogo do amor que irradiava do coração de José, que assim se conformava. Contava tudo para Maria e ela também se alegrava. E eles rendiam graças conjuntas ao Senhor por tudo isso.

Acontecia às vezes que, no fim da tarde, atingissem um lugarejo, onde procuravam algum albergue noturno para não pernovernarem ao relento, fato que só passou a ocorrer quando já se encontravam no Egito. Seus hospedeiros mostravam-se admirados com as extraordinárias beleza, seriedade, graça e modéstia de Maria. Chegavam mesmo a destratar José, taxando-o de insensato por conduzir Maria — tão frágil e delicada — por aquelas regiões estranhas, em época tão severa do ano. As pessoas o maltratavam e ele não lhes dava explicações ou quaisquer justificativas. Sofria com paciência e oferecia seus sofrimentos ao Senhor, por cujo amor suportava todas as ofensas. E dizia para si mesmo: *"Oh, Deus! Sabeis de tudo, e porque me encontro errante, obedecendo a Vossas ordens. Pessoalmente, agrada-me ser maltratado, pois assim deixarão em paz Maria e o querido Jesus"*.

Uma vez em seu quarto, José desabafava com Maria aqueles seus sofrimentos, dizendo: *"Oh, Maria! Essas palavras me ferem profundamente, como espadas penetrantes em meu coração, porque elas são verdadeiras. Com tanto sofrimento teu, conduzo-te a estas partes. Parece até mesmo crueldade minha, pois és tão delicada e frágil. Mas, é necessário que sejam obedecidas as ordens do Senhor e isso me conforta em todas essas angústias. Obedeço à Sua vontade e permaneço tranquilo. Pensa agora o que diriam tais pessoas se soubessem quem és e que é que trazes em teus braços! Com certeza me matariam!"*.

Como sempre fazia, ela tentava consolá-lo e estimulá-lo a ter paciência. Dizia que devia alegrar-se pois o Senhor agia dessa forma para testá-lo e dar-lhe ocasião de mostrar-se digno de Seus favorecimentos. E ele de fato o era, pois sofria com resignação, dando muita satisfação a Deus que, por sua vez, o cobria progressivamente com Suas graças. Nessa viagem José se exercitava em sua caridade para com o próximo. Ao entrarem em algum vilarejo para repouso e recuperação, o Santo pedia

a Jesus para que abençoasse a população local, a iluminasse e lhe fizesse algum tipo de benefício. Na verdade o Salvador, entrando naquelas localidades, transmitia Suas graças aos habitantes e, em especial, aos enfermos para que se restabelecessem. Tinha, nesse sentido, sempre as súplicas de José, preocupado e afetuoso para com os doentes, em particular com os agonizantes; por estes pedia fervorosamente a interferência de Jesus. Quando, por acaso, se encontrassem em locais habitados por infieis o Santo pedia a Jesus para que curasse os enfermos, pois esperava, à medida da passagem do tempo, que eles se convertessem e abraçassem a fé verdadeira que Ele viera difundir, e Jesus o atendia continuamente.

O Demônio fervia de ódio porque se sentia privado de suas forças e não podia aproximar-se de José, cuja sustentação divina o mantinha afastado dele. E enfurecia-se ainda mais por não conhecer de onde vinha essa força tão grande. Entretanto, desejava perturbá-lo de alguma forma. Deus o permitia, para que o Santo crescesse em seus méritos, e o diabo agia então da seguinte forma: ao se aproximarem de um vilarejo qualquer, o inimigo instigava os habitantes maus para que o maltratassem. Na verdade, em muitos desses locais o Santo foi vilipendiado por muitos, até mesmo com palavras pesadas e ofensivas. Em outros lugares, negavam-lhe alimentos. José aceitava tudo com paciência e resignação. E com isso derrotava o Demônio, que se retirava mais furioso que nunca. Mas não desistia, nem mesmo se acalmava, pensando sempre em novas maneiras de atormentá-lo em todas as ocasiões que se apresentassem, pelas quais aguardava ansiosamente.

Assolados pelo frio, pela fome e pela sede, sem alimentos de qualquer natureza, retiravam-se então para algum lugar onde pudessem sentar-se para repouso. Por inspiração divina Maria então colocava Jesus no chão, sobre o manto de José, e ambos se ajoelhavam e adoravam a seu Filho. Ele então os olhava amavelmente e sorria para eles. Contemplavam aquela face divina — cuja beleza os tomara completamente — e passavam ambos àquele estado de êxtase, tal a alegria que tinham. Eram estados repletos de alegrias, nos quais entendiam claramente muitos dos grandes mistérios divinos e respectivos segredos. Seus corpos se sentiam saciados e descansados plenamente. Voltados a si, sentiam-se como que completamente revigorados e, pegando Jesus, colocavam-se outra vez em marcha, agradecendo ao Senhor, que tanto os favorecia e alegrava. Maria entoava cânticos de louvor, muito docemente, e isso agradava sobremaneira a seu marido, que chegava mesmo a chorar de tanta felicidade.

Todavia, o Santo teve também muitas atribulações e aflições, pois que, subitamente, o Menino se punha a chorar em razão dos muitos sofrimentos de outras crianças e de outros homens também. Ele sofria muito por eles, e Seu choro era também devido às muitas ofensas que as pessoas faziam para Deus, seu Pai Divino. José não se apercebia dessa

fato e acreditava que Seu choro fosse ocasionado por todos os sacrifícios pelos quais Ele passava, especialmente pelo frio. Afligia-se e era tomado de grande dor, chorando juntamente com Maria. Contudo, ela lhe dizia que, tanto seu pranto, como o de Jesus, eram motivados mais pelas muitas ofensas feitas ao Pai Celeste, e que também deveria acompanhá-los na tristeza, e que deveria oferecer suas lágrimas ao Pai, suplicando para que Ele convertesse os pecadores que O ofendiam. José então agia dessa forma, muito afetuosamente, e com lágrimas duplicadas. Em seguida agradecia a Maria pelo que ela lhe havia dito e ensinado e ela, com muita graça e sabedoria, lhe respondia que aqueles louvores e agradecimentos deveriam ser endereçados ao Senhor, Referência de tudo, Autor e Doador de todos os eventuais benefícios. José assim agia, e Maria o acompanhava na consecução daqueles atos.

Foi longa e fatigante a viagem feita pelos Santos Peregrinos ao Egito. Sofreram muito, embora tivessem também desfrutado dos favorecimentos divinos e muitas vezes tivessem sido alvo da condescendência divina. Usufruíram muito contentes da querida companhia de Jesus e isso já lhes bastava para que adoçassem quaisquer dissabores ou amarguras e para que tolerassem com muita paciência as atribulações todas que tiveram de enfrentar, e ainda para que se mostrassem alegres e contentes com seus sofrimentos, por maiores que fossem.

A CHEGADA AO EGITO

Após muitos sofrimentos passados naquela viagem tão longa e difícil, chegaram finalmente ao Egito. José tremia de medo frente à necessidade de entrarem na cidade a que chegaram, e também de morar nela, juntamente com Maria e Jesus. Temia fortemente aquele gente bárbara e idólatra, com medo de que pudessem maltratar sua amada esposa e seu tão querido Jesus. Colocava-se em candentes súplicas a Deus, pedindo que lhe concedesse a graça de ser ele o objeto dos maus tratos, e palavras ofensivas eventualmente destinados a eles dois: *"Meu Deus, que Vosso Filho Unigênito, e Sua Santificada Mãe, não tenham que suportar quaisquer afrontas. Aqui estou, e me ofereço, voluntariamente, para passar por elas pessoalmente, para que eles fiquem livres dessa necessidade. Meu Deus! Que não passem eles por maus tratos, pois são muito inocentes, merecedores de estima e muito virtuosos. Eu, entretanto, servo inútil e miserável, mereço todos esses males. Que sejam feitos a mim, e não a eles!"*. Tudo isso ainda e mais, José dizia com o coração voltado para Deus. Revelou seus temores a Maria, que o conformou e estimulou no sentido de que nada temesse, dizendo: *"Não há nada a temer, José! Temos Deus em nossa companhia e Nele devemos confiar plenamente! Ele nos enviou para cá e providenciará a tudo, com muita condescen-*

dência, como tem feito até aqui. Temos observado, e experimentado, quanto grande é Seu cuidado para conosco. Que devemos temer, portanto? Ele estará sempre junto de nós e isso será suficiente para que permaneçamos tranqüilos com relação a todos os acontecimentos e perigos”.

Com essas palavras, José se mostrava mais sereno, mais seguro e com as graças de seu Deus. Entraram na cidade e, durante essa entrada, ocorreu que todos os ídolos lá existentes caíram por terra, ídolos adorados pelo povo da cidade e da nação. Esse fato provocou profunda comoção em todos os habitantes, não havendo quem pudesse atinar com as causas do fenômeno ocorrido. Pois não podiam entender que, nela entrando o Deus Verdadeiro, Seu poder imenso acabaria com a força de todos os falsos deuses. O Demônio já se havia decidido a perseguir implacavelmente José e sua esposa. E, ao vê-los se aproximarem da cidade — local onde imperava soberanamente — desejou perturbá-los, ficando assaz satisfeito com a idéia. Todavia, mais uma vez viu-se totalmente derrotado, abatido por aquela grande força — que entendeu ser maior que a sua — responsável pela queda por terra dos ídolos da cidade. Viu-se assim na contingência de fugir tomado de enorme fúria contra eles. Mesmo assim instigou muitas pessoas contra os santificados peregrinos, pessoas essas que, entretanto, pouco ou nada puderam fazer contra os mesmos. Vendo-os pobres, tão humildes e modestos, concluíram que não poderiam ter sido responsáveis pelos acontecimentos, embora muito instigados pelo diabo nesse aspecto. O Santo foi alvo de grosserias e injúrias, e algumas pessoas não o queriam mesmo na cidade. Entretanto, também não faltaram os que, mais compreensivos e compadecidos, lhes dissessem para ficar e tratassem de providenciar meios para o seu sustento. Assim agiam de pena de Maria, e por achá-la de rara beleza, modéstia e graça, e que ela não deveria ser objeto de maus tratos. Muito ao contrário, até invejavam a sorte de José, acompanhado que estava de mulher tão rara. Mas não tinham em mente qualquer intenção de tomá-la dele, ou outro qualquer mau pensamento a respeito de Maria. Apenas apreciavam sua sabedoria, beleza e graça, e a olhavam com muita admiração.

José sofria com as grosserias daquelas pessoas e com as palavras injuriosas que delas ouvira. Suportou tudo com grande paciência e agradeceu àquelas outras, de boa vontade, que haviam defendido sua esposa. Tinha satisfação em seu coração de ver caírem por terra as estátuas dos deuses pagãos durante a entrada do Menino Jesus na cidade, fato que lhe deu esperanças de que sua população ainda acabaria por converter-se e por adorar ao Deus Verdadeiro. Esse pensamento muito o agradou e ele falou com Maria a respeito. Ela, sabiamente, concordou e ambos então renderam suas graças ao Senhor.

Todavia, andavam pela cidade sem saber onde iriam alojar-se naquela noite. Buscavam local retirado onde pudessem repousar por algum tempo.

Mas não o encontravam. E o Santo se via muito aflito e preocupado, por amor a Jesus e Maria, e se recordava de Belém, onde também não haviam conseguido qualquer lugar para seu repouso noturno, mesmo entre parentes e amigos. Voltou-se então para Deus suplicando Sua ajuda naquela situação aflitiva, edizendo: *“Se não encontrávamos lugar, mesmo entre crentes, e pessoas aparentadas, que dirá agora, entre bárbaros infiéis? Meu Deus, nesta situação, é necessária a ação de Vosso grande poder. Socorrei pois este Vosso servo para que ele coloque em lugar seguro o Vosso Filho Unigênito, e também Sua Divina Mãe, ambos sob minha proteção que estão”*. E o Senhor atendeu àquelas súplicas e fez com que José encontrasse pessoa que, movida por compadecimento de Maria, se ofereceu para dar-lhes ajuda na busca de uma hospedaria noturna, ou qualquer outro lugar. E de fato, providenciou para eles uma pequena cabana, em lugar retirado, onde poderiam viver com certa tranquilidade. Eles aceitaram prazerosamente aquela caridade, embora de infiel e descrente, pedindo José a Deus para que a retribuisse convenientemente. Uma vez retirados à cabana e devidamente alojados todos, descansaram e renderam suas graças a Deus pelo benefício que lhes fizera em conduzi-los até ali e por ter providenciado para eles algum conforto e sossego.

A cidade se encontrava em polvorosa em virtude daquela tão estranha queda dos ídolos por terra e, enquanto isso, os Santos Peregrinos se encontravam orando e agradecendo ao Senhor por tudo o que Ele lhes havia concedido. O Santo não ousava abandonar a cabana para providenciar os necessários alimentos para a manhã seguinte. E Deus, como sempre fazia aliás, não tardou em prover a essas necessidades, em tão aflitiva situação. José dizia para Maria: *“Querida Maria, como faremos para encontrar os alimentos dos quais necessitamos? Quem se arriscará a vagar pela cidade, em meio a tanta confusão e comoção? Temo por muitos problemas e tenho para mim que seja melhor permanecer aqui, retirado, até que tudo volte ao normal pois, se me virem, que farão comigo?”*. Maria o animava e exortava a ser complacente e sofrer tudo aquilo pelo amor que tinha pelo Menino, que tanto sofria — e ainda deveria sofrer no futuro — por todas aquelas pessoas, e pela Humanidade toda. José então se recompunha e sofria voluntariamente, embora muito se aborrecesse por ver a pobreza extrema em que se encontravam o Filho de Deus e Sua Divina Mãe. Preocupava-se deveras, especialmente naquele momento, em que não tinha condições de providenciar aquilo que eles necessitavam. Passando rapidamente seus olhos pela cabana, e vendo-a tão miserável, dizia para si mesmo: *“Ah, pelo menos não é um estábulo, como aquele em que nos encontrávamos em Belém! Pelo menos, estamos abrigados. E essa é a vontade do Senhor e, portanto, deve ser a minha também. Se o Verbo Encarnado não se importa em ficar em lugar tão pobre, e tão miserável, não devo importar-me também, mesmo porque*

sempre me satisfaço com o que o Senhor me dá. Só me preocupam os sofrimentos de Jesus e de Maria. Todavia, sendo essa a vontade de Deus, devo satisfazer-me também". E José se consolava com esses pensamentos. Passaram a noite parcialmente louvando a Deus, e parte contemplando a extrema beleza e graça de seu tão querido Jesus, que os alegrava e enchia seus corações de júbilo. Finalmente, repousaram por algum tempo, deitados no chão. O manto de José servia de leito para o Menino Jesus, mesmo porque nada possuíam que pudesse substituí-lo.

Na manhã seguinte, após as costumeiras orações que faziam, José estava bastante animado e então — com a concordância de Maria, e beneplácito de Jesus — deixou a cabana e se dirigiu à cidade, onde deveria providenciar algo para a alimentação dos três. Encontrou os alimentos com certa facilidade, pois não faltaram aqueles que se compadeceram e que se encarregaram de fornecê-los. Dessa forma, o Senhor permitiu que ele, mesmo entre pagãos e idólatras, acabasse por encontrar pessoas que se mostrassem caridosas e lhe fornecessem a ajuda que não havia encontrado em sua terra, mesmo entre parentes e amigos.

Tendo conseguido alimentos para Maria e para si mesmo, retornou à cabana contando os acontecimentos para sua esposa. E então renderam suas graças a Deus.

Embora a comida fosse de má qualidade, eles se alimentaram fartamente e louvaram depois à divina providência que os socorrera tão condescendentemente. E José disse para Maria: *"Oh, Maria, acredito que podemos estar bem nesta cidade, embora de pagãos e onde reina a idolatria, e aqui podemos encontrar o que necessitamos para viver, ainda mais do que em Belém mesmo"*. E Maria encontrava em tais palavras motivos para glorificar a bondade e a condescendência divinas. E dizia para ele: *"Podes ver como Deus cuida de nós, com carinho muito especial, uma vez que, mesmo em país estranho, Ele não deixa de prover ao nosso necessário sustento"*. E então conversaram sobre a grande sorte que têm os que confiam no Senhor em quaisquer circunstâncias, pois Ele jamais abandona essas pessoas. Ficaram então admirando Jesus, todo satisfeito e festivo. E o Santo observava que, quanto mais se encontravam em dificuldades — em situações em que nada tinham para comer mesmo — mais festivo e alegre se mostrava Jesus que, apesar da tenra idade, parecia desfrutar todas aquelas vicissitudes. E era em tais momentos que podia entender, com toda a clareza, quanto Ele admirava e respeitava a pobreza, e quanto Se comprazia de Suas próprias necessidades. E tratavam então de imitá-Lo, alegrando-se também com a falta que tinha de todas as coisas.

Já foi visto como o Santo se empenhava na conversão daqueles que se encontravam em estado de pecado, e quanto ele pedia a Deus nesse sentido. Estando agora entre infiéis e idólatras, teve oportunidades

ainda maiores de exercitar sua caridade, clamando constantemente para que aquelas pessoas pudessem conhecer o Deus Verdadeiro. Bastava o simples pensamento de que ele se encontrava entre pessoas inimigas de seu Deus — que não O conheciam e não O adoravam — para que ele chorasse copiosamente, suplicasse de forma candente e se empregasse todo em súplicas para conversão de toda aquela nação. Ele e Maria se juntavam nessas orações, na certeza de que o Senhor iria ouvi-los em suas pretensões. E José dizia constantemente para Maria: *“Querida Maria, estou certo de que o Senhor concederá muitas graças a esta nação, pois Ele decidiu que aqui deveríamos morar, quem sabe por quanto tempo. Já em Sua entrada na cidade, jogou por terra os ídolos pagãos existentes nela. Resta saber quanto benefícios mais irá fazer durante Sua estada aqui. Essa esperança me alegra e me anima a manter minhas súplicas a Ele. Pois o nosso Menino-Deus sempre retribui com muita condescendência a tudo o que é feito por Seu amor, mesmo as menores coisas. Com certeza, muito fará por todas essas pessoas, pois eles O abrigam. E também por todas aquelas que se mostram caritativas conosco e que, de bom coração, partilham de nossa pobreza”*.

Maria ouvia com muita satisfação a essas palavras e, amorosa e prudente, respondia, concordando plenamente com aquelas impressões de José. Ele se mostrava muito confortado, especialmente animado, e lhe dizia: *“Quando essas pessoas puderem observar-te, e ouvir tuas palavras, não existirão as que não desejem estar contigo. Bastará que uma tenha essa oportunidade para que todas as outras também venham para admirar todas as tuas virtudes, com o passar do tempo. Estou plenamente seguro de que isso irá acontecer. Dessa maneira, convém que ilumines algumas das vizinhas, que mostres boa vontade para com elas, e elas então transmitirão às outras sua apreciação por ti. Assim, levaremos benefícios àquelas almas para as quais o Senhor nos enviou, fazendo que — por teu intermédio — venham a ser iluminadas e cheguem ao conhecimento do Deus Verdadeiro. De minha parte, miserável que sou, não tenho condições de realizar qualquer tipo de bem por meio de minhas exortações aos outros. Todavia, com o tempo espero poder aplicar-me também nessa direção, fazendo com que as pessoas venham a conhecê-Lo. Assim com todos com os quais eu venha conviver, e com os que se mostrem receptivos. Nosso Deus me dará forças para assim atuar e irá conferir virtudes às minhas palavras, que penetrarão fundo nos corações daqueles com quem tratarei”*.

Maria lhe assegurava toda sua assistência e cooperação em tudo o que precisasse, fato que fortaleceu ainda mais seus propósitos. Tais sentimentos e desejos, que tiveram tão logo entraram no Egito, iriam permanecer em seus pensamentos e lá crescer progressivamente, porque toda a sua alegria estava em que o Senhor fosse conhecido e amado

por todos. Nascia dessa forma em José o pleno conhecimento dos méritos de Deus, e nele brotava também o imenso benefício que fizera ao mundo ao enviar Seu Unigênito para salvar e redimir a Humanidade.

A PERMANÊNCIA NO EGITO

Havendo José e sua família se acomodado naquela cabana, procurou ele algum lugar para trabalhar em sua profissão de carpinteiro para, com seu trabalho, poder sustentar Maria e Jesus. Aconselhou-se com ela e lhe pediu para que consultasse a vontade divina, se deveria mesmo trabalhar dessa forma ou então procurar algum tipo diferente de trabalho. A resposta foi a de que deveria permanecer dentro de suas capacidades e ele então se colocou à procura. Não possuindo os instrumentos e ferramentas necessários, deveria arranjá-los emprestados provisoriamente. Algumas pessoas atendiam a esses pedidos, e outras não, até mesmo com indelicadeza e Deus assim o exercitava em termos de paciência e resignação. Ao lhe negarem essa ajuda, ficava constrangido e atribula o fato à sua falta de méritos. Mas persistia até conseguir seus intentos e então mostrava suas habilidades às pessoas que o ajudavam. Executava com perfeição e rapidez as ordens de serviço recebidas. Na verdade cativava a muitos, com sua humildade e trato gentil. Aplicava-se diligentemente a nunca lhe faltava serviço, pois trabalhava bem e não se queixava das remunerações. Ao lhe pagarem menos do que o correto, recebia os pagamentos mais como se fossem esmolas ou caridades, agradecendo como se tivesse sido corretamente remunerado.

Com o passar do tempo, providenciou algumas comodidades para Maria e Jesus, que sempre se alimentavam muito frugalmente a partir de donativos de alguns vizinhos solícitos. Dessa forma, o que ganhava foi empregado em utilidades para a casa e também para algumas ferramentas de que necessitava. Maria executava trabalhos manuais a ela levados pelo Santo ou por vizinhas, que assim agiam não tanto por necessidade mas sim pela sua fama em termos de beleza, virtudes, modéstia, que se havia espalhado, fama essa que também envolvia a extrema graciosidade de Jesus. Aquelas pessoas, quando olhavam para Ele, se sentiam tomadas de profunda afeição e invejavam a sorte de Maria. Ela permitia essas visitas de vizinhas, embora se entretivesse com elas apenas por instantes. Suas palavras penetravam fundo em seus corações e elas se afastavam sempre com o desejo de retornar, também para ver aquele lindo Menino, cuja beleza e graciosidade as maravilhavam. Embora infiéis, ficavam nelas marcados o amor e a veneração pela grande majestade de Jesus, muito mais palpável que nas outras crianças da idade. Apesar de que Ele se mostrasse sempre amoroso, alegre e jovial, era também imponente e grave.

José fazia muitas esmolas aos necessitados mesmo em sua pobreza, inclusive a pedido de Maria. De seus pagamentos destinava parte aos pobres, o mesmo acontecendo com os de Maria. Embora se aplicasse arduamente em seu trabalho, José orava sozinho e também em conjunto com sua mulher. Cansado, ele se dirigia para casa e contava para Maria quanto fatigado se encontrava. Ela então lhe dava Jesus, inspirada por Ele mesmo nesse sentido; e o Santo O recebia humildemente, pois disso se achava indigno. Mas, sentia-se revigorado, com novas forças. Tinha sua alma alegre e olhava para Jesus carinhosamente. E o Menino retribuía com as graças naturais da idade, artes essas que levavam José a um êxtase, tal a sua alegria. Tomado de fortes sentimentos de amor, apertava Jesus em seu peito e O beijava, ora nos pés, ora no corpo, ora no peito. Jesus demonstrava Seu contentamento com os agrados e sorria para o Santo que, de tão entusiasmado, precisava devolvê-Lo para sua esposa, não controlando seu grande amor por Ele. E pedia para Jesus que lhe desse um coração maior, suficiente para abrigar aquele imenso amor.

Às vezes, ao entrar em casa, encontrava Maria acariciando Jesus no seu colo. E Ele então mostrava vontade de passar para os braços de José, no que Maria O atendia imediata e prazerosamente. O Santo, tal era sua alegria, entrava em êxtase e, tornando a si, chorava de alegria e dizia para Jesus: *"Oh, Jesus, amor meu! Por que eu, tão miserável, mereço tantas graças? Se viesses para meu colo a meu pedido, já seria grande coisa. Mas, voluntariamente — e que ainda mostres o desejo — já é demais! Como posso agradar-te? sou todo teu, faz de mim o que quiseres!"*. A essas palavras, olhava Jesus fixamente para ele, amorosamente, e sorria mostrando quanto aquelas expressões de José O agradavam.

O Santo fabricou um pequeno berço e pertences para que Jesus nele repousasse. E lá Maria O colocava quando ocupada em seus afazeres de alimentação. Mantinha-O perto enquanto trabalhava e O contemplava e admirava. Em seu retorno, José O via em seu bercinho, ajoelhava-se e O adorava. Se Ele por acaso dormisse, apenas O olhava e se sensibilizava, juntamente com Maria. E ambos diziam: *"Na verdade, é o Unigênito do Pai Celeste, o Messias prometido, Verbo Divino e Senhor do Universo! E aqui Se encontra, com vestimentas de mortal!"* Voltando-se para Maria, José dizia mais: *"Tiveste muita sorte em poder dar-Lhe Sua forma mortal. Tornaste possível o impossível, o Finito em Infinito, e o incompreensível em compreensível. Que grande felicidade a tua! Que distinção incomparável te fez Deus!"*.

Enquanto José assim falava Jesus acordou. Olhava amorosamente, ora para José, ora para Maria. Nele convergiam o majestoso, o afável, o amoroso. Eles admiravam então a divina majestada que estava oculta em Sua forma humana. E cantavam hinos e louvores ao Deus Encarnado,

compostos por Maria. Em certa ocasiões, ao comerem por exemplo, eram tomados de profundo êxtase quando observavam as lindas feições de Jesus. Paravam de comer e O observavam concentradamente. E essa concentração lhes servia de alimento, como se tivessem comido lauta e fartamente. Rendiam graças por tudo e assim mostravam seu agradecimento pelos favores recebidos. Agindo dessa forma, tornavam-se progressivamente mais dignos de novos favorecimentos dispensados por Jesus.

Entretanto, não lhes faltavam também amarguras, pois era desejo do Senhor que eles mostrassem grandes méritos. Muitas vezes Jesus demonstrava Seu desejo em retornar ao berço, privando-Se da alegria do colo de Sua mãe, e lá chorava amargamente. Maria chorava, mas não tinha instruções de pegá-Lo novamente nessas ocasiões. Ajoelhada, chorava juntamente com Ele, o mesmo acontecendo com José ao vê-los chorando. Ele então chorava, sem mesmo saber por que ela e Jesus choravam. E Maria lhe explicava que era em razão dos pecados da Humanidade e porque o Pai Celeste estava extremamente ofendido com isso. O Santo se amargurava por ver chorando seu tão amado Jesus e, inconsolável e amargurado, imaginava concorrer também com suas culpas para essa tristeza por Ele demonstrada. Colocava seu rosto no chão e suplicava perdão a Jesus, pedindo para que Ele transferisse para si as Suas tristezas e que deixasse de chorar pois o seu coração não tolerava tal choro. E dizia: *"Oh, querido Jesus! Meu Divino Salvador! Peço-te que não chores mais e que transfiras para mim todos os teus sofrimentos! Eu, culpado, sou quem deve chorar e não tu, que és inocente!"*. Em seguida, oferecia ao Divino Pai aquelas lágrimas todas de Jesus, que eram derramadas em razão das muitas ofensas que o Pai recebia das pessoas. E, nesse ato, José era devidamente orientado por Maria.

Quando Jesus se encontrava aflito e lacrimajante, olhava — ora para Maria, ora para José — suplicante, como pedindo compadecimento dos dois, e também consolo. Esses olhares feriam o Santo, que ansiava por consolá-Lo. embora não soubesse como. Sentia partido seu coração e pedia para sua esposa que tentasse entender a Sua vontade, para que pudessem confortá-Lo. Ela, que sabia de tudo, dizia ser em razão de que o Pai Celeste desejasse ser conhecido e amado por toda a Humanidade. E José se inflamava ainda mais nesse sentido. Entretanto, nada podendo fazer, louvava ao Senhor, com Maria, em nome de todas as pessoas do mundo, fato que muito agradava a Jesus, que então deixava de chorar. Depois disso, mostrava desejos em ir para o colo de Maria e ela O atendia com grande amor. Ela O acariciava, O apertava em seu peito e depois O passava para José que, por sua vez, também O agradava, apertava profundamente e chorava alegremente, suplicando para que Ele não se afligisse: *"Meu caro Jesus, dá a mim todas essas aflições e sofrimentos! Tu não debes tê-las, pois assim enches de dores meu coração!"*.

E Jesus lhe mostrava Seu agrado por toda aquela afeição, pelas gentilezas e consolações. Falava diretamente ao coração do Santo e manifestava Seu grande amor por ele, além de Seu agradecimento e agrado por estar em seu colo. Dessa forma, transformava em alegrias as amarguras de José. Certas ocasiões, estando José presente quando Maria desenfaixava Jesus, Ele — livre das faixas que cerceavam Seus movimentos — abria os braços formando uma cruz e assim permanecia imóvel na posição por algum tempo, como se Se oferecesse ao Seu Pai Celeste. Maria O observava e também O acompanhava nessas oferendas. O Santo se preocupava e perguntava qual a causa disso. E Ele dizia estar oferecendo-Se ao Seu Pai, pronto para quaisquer sofrimentos para a salvação da Humanidade. Maria, entretanto, não se externava sobre o fato de que Ele estivesse Se oferecendo para morrer crucificado, embora José tivesse qualquer presságio a respeito do quanto Jesus deveria sofrer no futuro, intuição essa que motivava nele choro inconsolável. Maria, mais preocupada e triste que ele, o consolava e o animava a sofrer com paciência e resignação, pois isso seria de agrado do Pai Celeste. E o Santo se acalmava e se resignava aos desígnios do Senhor.

Terminadas essas oferendas e pedidos, Jesus olhava para José e, inclinando sua cabeça, mostrava desejo em que se aproximasse, ao que o Santo atendia com presteza e reverência. E Jesus colocava Suas pequenas mãos em seu rosto e o acariciava docemente. Muito contente com isto, José se mantinha ajoelhado adorando à majestade do Menino e desfrutando daquelas Suas carícias de criança. Beijava Seus pés, com muito amor, e se maravilhava com Sua graciosidade e extrema beleza, e jamais se cansava. Observava a beleza do envoltório humano de Jesus sem poder afastar-se, com impulsos de adoração e de poder saciar-se nas consolações divinas experimentadas naqueles seus atos de veneração. Ao receber de Jesus alguma atenção especial — naqueles seus estados de êxtase — seu rosto se iluminava e parecia como se pertencesse a um anjo, sendo que aquela luminosidade maravilhava a todos os que o viam nessa situação. Saindo ele assim de casa, para providenciar alimentos, as pessoas se sentiam propensas a obsequiá-lo, tal era a luz que irradiava de seu rosto. Embora pagãs e idólatras, Deus mesmo assim lhes permitia serem espectadores daquele tão prodigioso fenômeno, para que assim elas se preparassem para a aproximação de José e para que as palavras dele as esclarecessem sobre a natureza do Deus Verdadeiro.

Assim, não faltaram os que correspondessem a esse desejo, pois aproximavam-se do Santo e conversavam com ele. Ficavam presas às suas palavras — pois ele era extremamente gentil — e até mesmo o acompanhavam em sua caminhada. Ele então, com boas maneiras, procurava levá-las ao conhecimento da verdadeira fé, ao Deus Único, e mostrar-lhes a falsidade dos ídolos que adoravam. E isso fazia com muita eficiência,

pois elas entendiam rapidamente as verdades ditas. José não agia coletiva e publicamente, mas sim individualmente com os mais íntimos. E achou mesmo alguns mais animados em conhecer o Deus Verdadeiro. Essas transmissões não foram generalizadas pela cidade, mas de caráter particular. E as pessoas acabavam por levar tais conhecimento para suas casas, para familiares e amigos próximos. As virtudes praticadas pelo Santo, a santidade da vida que levava e também suas palavras, abriram profundas brechas nos corações daqueles com que tratava. Suas palavras, além de plenas de espírito do Senhor, eram acompanhadas por suas santas ações condizentes e pelas virtudes todas que mostrava possuir em elevado grau.

JOSÉ É PERSEGUIDO. PESSOAS QUEREM AFASTAR MARIA DELE

Embora José tivesse muitas alegrias em suas conversas com Maria e Jesus, não lhe faltavam atribulações e angústias também, aborrecimentos esses que o Senhor lhe proporcionava para mantê-lo na prática de suas virtudes.

O Demônio tinha ódio de morte por ele e procurava, de todas as formas possíveis, quebrar sua paciência e abalar sua paz. Por isso, instigava constantemente pessoas de má índole contra ele, em cujos corações introduzia o ódio. Elas não mais toleravam vê-lo em seu meio pois, vivendo na escuridão, naturalmente odiavam qualquer luz. E muitas delas acordaram entre si em maltratá-lo e injuriá-lo, e até mesmo em tentarem expulsá-lo da cidade. Esses fatos eram obviamente provocados pelo Demônio, que temia as conversões através das palavras e ações de José. Elas decidiram então procurá-lo, aproximaram-se dele com más palavras e lhe perguntaram o que viera afinal fazer no Egito, e por que motivos havia deixado sua terra natal, dizendo que por certo ele era homem de mau caráter e que, por delitos, foi expulso e exilado de sua cidade. E que, com certeza, ele para lá fora a fim de fazer algum tipo de mal. O Santo inclinava sua cabeça, e replicava: *“Vim a esta cidade a fim de atender à vontade do Senhor e não para praticar qualquer espécie de mal, do que as minhas ações vos dão claro testemunho”*. As pessoas então responderam com palavras pesadas, às quais José não respondia. Ameaçaram-no então de agressão física caso não partisse imediatamente, afirmando que desejavam expulsá-lo antes que cometesse algum crime. E que se cuidasse pois que, se o encontrassem novamente, iriam espancá-lo. E que, se não o encontrassem casualmente, iriam procurá-lo em sua casa e o expulsariam da cidade com métodos violentos. E o deixaram em paz naquele momento.

José não se deixou perturbar excessivamente pois sabia que nada poderiam contra ele, a menos que o Senhor assim o desejasse e permi-

tisse. Entretanto, temia que fossem à sua casa e perturbassem maldosamente Maria. Pediu então a Deus que mostrasse Seu imenso poder e impedisse que seus inimigos pudessem praticar qualquer mal contra eles. E dizia: *"O meu Deus! Sabeis a finalidade de nossa vinda e as razões pelas quais aqui permanecemos. Defendei portanto Vosso Unigênito, Sua Divina Mãe, e a mim mesmo. Não anseio por nada mais que não seja atender à Vossa santificada vontade. Todavia, sendo Vosso desejo que nos tornemos aflitos, e que sejamos perseguidos, que somente eu passe por tudo isso. Voluntariamente receberei as afrontas, as injúrias, as pancadas desde que deixeis em paz Maria e Jesus. Suplico-Vos essa graça, justificada que é. Peço-Vos de não negá-la"*.

Assim dizia ele quando de seu retorno para casa. Deus o confortava interiormente, assegurando não abandoná-lo à sanha daqueles perversos e também que o protegeria e defenderia, afirmações essas que consolaram José.

Uma vez em casa, encontrou Maria com Jesus no colo. O Menino mostrou então desejo em ir com José, que O recebeu com alegria em seu espírito, desfrutando daquelas Suas carícias de criança. Contou a Maria o acontecido e lhe pediu para que solicitasse a graça e a iluminação do Senhor para a sua alma. Refez-se logo de todas aquelas injúrias e desejou o bem para todas as pessoas que as haviam cometido. Maria, já sabedora de tudo, o exortou a ter paciência, animando-o também para que se mostrasse calmo e que nada temesse, pois aquelas atribulações eram obras de Deus para testar a sua fidelidade e também conceder-lhe maiores méritos.

José se mostrou muito alegre e, devendo ir à cidade à busca de alimentos, preparou-se devidamente para enfrentar e sofrer as maldades que porventura encontrasse. Pois aquelas pessoas, além de falarem mal dele, instigavam também tantas outras nesse sentido. O Demônio se utilizava dessas hostilidades e fazia com ele fosse odiado, além de perseguido, embora soubesse de sua plena inocência e bondade e que ele não faria mal algum a quem quer que fosse. E, quando José atendia aos seus afazeres particulares, ou à sua profissão, sem mesmo olhar para os lados, com seu pensamento sempre fixado em Deus — aconteceu de encontrar os que o perseguiam. E eles o injuriaram novamente com más palavras, intimidando-o a deixar o Egito. O Santo, fazendo uso de sua grande paciência, lhes disse que fossem também pacientes, pois que ele com certeza partiria tão logo fosse essa a vontade do Senhor. E essas suas palavras só serviram para acirrar ainda mais os ânimos dos que o odiavam, fazendo com que o ofendessem ainda mais. Ele sofria calado, com imensa paciência e resignação, e rezava por aquelas pessoas. Felizmente, jamais chegaram a cumprir suas ameaças de ir à sua casa, tão somente pelo fato de se encontrar muito distante, em lugar muito retirado. Talvez tivessem

até mesmo feito alguma tentativa. Por algum estranho motivo porém, desistiram.

Depois de muitas perseguições, acabaram por cansar-se. Refletindo um pouco sobre a extraordinária paciência mostrada pelo Santo, terminaram por deixá-lo em paz e isso muito o alegrou.

Contudo o Demônio, seu inimigo permanente, cada vez mais enfurecido, procurava, de todas as maneiras, fazer com que José abandonasse o Egito, onde era senhor e adorado. Não satisfeito, instigou outras pessoas a algo muito mais terrível para José, qual seja, a de que elas deviam afastar Maria de seu convívio. E essa foi realmente uma tremenda atribuição para o Santo.

Já se alastrava pelas redondezas que Maria era dotada de extraordinária beleza e isso serviu para que algumas pessoas tentassem afastá-la de seu marido, pessoas essas que achavam ser ele homem de pouco respeito e que não ligaria a mínima para o que pudesse acontecer com ela. Devidamente instigadas pelo Demônio afirmavam que, sendo ele pobre e miserável, até que gostaria de ver-se livre dela e ficar mais tranqüilo. Informado desse terrível plano, José se amargurou, não porque temesse por Maria — pois sabia que o Senhor estava com ela e a protegeria — mas por lembrar-se daquela ofensa que ele lhe fizera quando tivera intenções de deixá-la, após tomar conhecimento do fato de ela estar grávida. Dessa forma achou que, com isso tudo, Deus tinha em mente puni-lo através dessa terrível atribuição. Retornou à casa, onde encontrou Maria em suas orações e Jesus dormindo. Não desejando perturbar Maria na altíssima concentração em que se encontrava, colocou-se também a orar separadamente, suplicando a Deus para que o libertasse daquela tão grande aflição. Chorava muito ansioso e dizia para Deus que, se tal permitia, era com certeza porque ele o merecesse por aquele erro que cometera no passado e, muito aflito, dizia: *“Senhor, sabeis bem porque desejava eu agir assim naquela ocasião, e que não estava ciente do que acontecera a ela. Por isso, eu Vos suplico perdão e que não venhais permitir que minha esposa seja afastada de mim, e que seja privado de sua tão querida companhia”*. Maria, sabedora de tudo, rezava muito para a serenidade de seu marido.

Terminadas aquelas orações, Maria se dirigiu a José para confortá-lo e animá-lo em sua grande aflição. E ele, ajoelhado aos seus pés, contou-lhe o que estava ocorrendo. Ela o amparou e o animou a nada temer, pois o Senhor jamais teria permitido que isso acontecesse. Mas José lhe dizia: *“Ah, querida Maria, temo que o Senhor acabe por permitir que tal ocorra, porque O ofendi gravemente quando — ao tomar conhecimento de tua gravidez — havia decidido deixá-la”*. E tais palavras eram acompanhadas de copiosas e sentidas lágrimas. Maria sofria com ele e tentava consolá-lo assegurando que Deus jamais consentiria em tamanha maldade. E José

então lhe pedia seu perdão por aquela intenção que tivera durante sua gravidez e dizia: *"Oh, Maria, estou certo de que já me perdoaste e que inclusive tens pedido a Deus que também me perdoe. Peço-te perdão novamente e para que intercedas junto a Ele para que também o faça. E também a imensa graça de que jamais venha a ser privado de tua querida companhia. Pois, que faria eu sem ti? Com certeza terminaria meus dias em lágrimas e amarguras, além de profundamente infeliz!"*. Maria lhe garantiu outra vez que tal jamais aconteceria e que ele nada tinha pois a temer. Suas palavras o confortaram e ele se tranqüilizou em seu espírito, que havia enfrentado grande dor.

Nesse meio tempo, Jesus acordara. Olhou com afeto para José e quis ir para seu colo. Ele O recebeu com carinho e afeto e O apertou com amor em seu peito. Jesus fez então muitas das gracinhas características das crianças da idade, artes essa que levaram José a um êxtase no qual teve revelações de altíssimos mistérios sagrados e ficou ciente de que o Senhor desejava testá-lo e dar-lhe ocasiões de crescer em seus méritos e de praticar aquelas virtudes que Lhe agradavam. Permaneceu nesse estado durante algum tempo, com Jesus no colo e, voltando a si, agradeceu ao Senhor e a Maria por tudo o que lhe dissera para consolá-lo. E ambos louvaram a Deus conjuntamente.

A atribulação por que passavam desapareceu totalmente pois o Senhor permitiu que aquelas pessoas não levassem adiante seus planos, pois enviou para elas preocupações de tal naipe que simplesmente não mais tiveram tempo de pensar no que haviam planejado para José. Sem mais aquele problema, agora calmo e tranqüilo, o Santo teve de enfrentar outro, de menor importância porém. Havendo sido roubadas de um outro carpinteiro algumas ferramentas e instrumentos, além de algumas peças de madeira, José foi apontado como culpado do delito pois que, sendo muito pobre, havia furtado para prover suas necessidades, diziam, afirmando ser ele mesmo afeito a tais procedimentos. E diziam ainda: não terá sido casualmente que veio para este lugar. Sendo muito pobre, é bem provável que tenha furtado também em sua cidade natal, motivo pelo qual foi expulso de lá.

Todas essas insinuações eram provocadas pelo Demônio para que José fosse caluniado e expulso do Egito. Ele foi avisado, por pessoa que o apreciava, de que deveria cuidar-se pois poderia ser preso como delinqüente, e que muitos estavam certos de sua culpa no furto. José ficou surpreso com o aviso, agradeceu efusivamente, mas afirmou estar inocente, sem ter qualquer intenção de abandonar a cidade pois confiava que o Senhor o defenderia mostrando sua inocência a todos. Pedia a Deus que o livrasse da falsa acusação e que fizesse com que todos soubessem a verdade a respeito. Apesar de tudo isso, acabou sendo preso — pelas próprias pessoas responsáveis pelo furto — e severamente interro-

gado para que dissesse onde guardara o fruto dos roubos. Dando de ombros, disse nada saber a respeito. E, embora as pessoas conhecessem sua inocência, o maltrataram e o injuriaram ameaçando-o mesmo de castigos corporais. Ele nada disse em sua defesa, a não ser que, sendo muito pobre, era desapegado das coisas materiais e que o que possuía lhe bastava plenamente. Embora tivesse muito pouco, se as pessoas desajassem privá-lo daqueles poucos bens que o fizessem, que para ele estaria bem pois o Senhor providenciaria quanto à suas necessidades.

Essas palavras acalmaram aquelas pessoas violentas, que acabaram por deixá-lo em paz. Indo de encontro a Maria, contou-lhe o acontecido e ela, como sempre fazia, o confortou e animou dizendo para que tivesse paciência e assim crescesse em seus méritos perante Deus. E, juntos agradeceram ao Senhor que os livrara daquela perigosa situação. Os verdadeiros ladrões foram localizados e todos souberam então da verdadeira inocência do Santo. Tomando conhecimento do fato, não criticou seus acusadores, considerando-os com condescendência. Aquelas pessoas, entretanto, nem mesmo se desculparam, pois tinham para si que ele não merecia a atenção, pobre miserável que era. Também nesse caso o Demônio foi inexoravelmente derrotado e isso fez que se enfurecesse ainda mais com José, a quem não conseguia fazer perder a calma, a paciência e a resignação. Mas, nem por isso deixava de instigar as pessoas contra ele pois quando o Santo ia para casa, acabava sempre por encontrar aqueles que lá estavam para maltratá-lo e vilipendiá-lo. Foi mesmo prodigiosa a paciência que sempre demonstrou nessas ocasiões no Egito. Teve sempre problemas e muitas atribulações, mas jamais mostrou qualquer ressentimento com quem quer que fosse, e nunca se queixou. Passou por todos os sofrimentos com grande resignação, e até mesmo alguma satisfação. Para os que o perseguiam, nada mais dizia que: *“Que o Senhor vos perdoe!”*. Na verdade, acompanhava suas palavras com ações e rezava para Deus no sentido de que Ele beneficiasse de alguma forma aquelas pessoas para que elas chegassem ao conhecimento do Deus Verdadeiro, lacrimejando mesmo quando realizava esses pedidos por elas.

Estava sempre ansioso para que o Senhor permitisse, àquele seu tão humilde servo, exercitar-se na prática de virtudes. Estando entre pagãos e infiéis, temia afrontas a Maria e a Jesus. Essa preocupação o atormentava permanentemente e ele dizia para si mesmo: *“Tais pessoas, que me querem verdadeiramente mal, querendo desagradar a mim, poderão destratar Maria e Jesus, podendo até mesmo expulsá-los daqui na minha ausência”*. Por tal motivo, estando ele ausente, preocupava-se sobremaneira e não via hora que o tempo passasse e ele pudesse certificar-se de que nada houvesse ocorrido com seus queridos Maria e Jesus. Embora certo de que o Senhor os protegeria, tinha para si que Deus desejava para ele essa permanente dúvida em seu coração.

Enfrentava galhardamente todos esses problemas, e com tal resignação que jamais alguém diria estar ele inquieto ou perturbado, pois mostrava sempre fisionomia serena e jovial. Até mesmo com os que o haviam maltratado mostrava-se impassível, sem expressar quaisquer sentimentos de desprezo ou de perturbação frente a elas. Agia como se elas jamais o tivessem aborrecido ou atribulado com problemas, fato esse que causava nelas profunda surpresa e até mesmo grande admiração por ele, pois não conseguiam entender como pudesse ele mostrar-se tão indiferente a todas as coisas más que lhe faziam.

DA VOLTA DO EGITO PARA NAZARÉ ATÉ O DESAPARECIMENTO DE JESUS

POBREZA E MUITOS SOFRIMENTOS ACOMPANHAM JOSÉ NO EGITO

Como já foi visto, José e os seus permaneciam no Egito em meio a grande pobreza. Suas receitas eram provenientes do seu trabalho e pelo que Maria também oferecia. Com muita frequência, passavam por grandes dificuldades, mesmo porque nem sempre recebiam em dia seus pagamentos. O Santo não se queixava e preferia sofrer as agruras conseqüentes. Em certas ocasiões nem mesmo pão tinham para alimentarem-se pois o Senhor testava a prática de virtudes mostrada pelo seu servo.

José sofria ainda mais vendo que Maria também estava a sofrer todas essas necessidades. E não sabia para onde voltar-se para solucionar todos aqueles problemas que tinham. Decidia-se então a procurar seus devedores e lhes solicitava a misericórdia de que cumprissem com os combinados pagamentos. Embora a eles se dirigisse maneiramente, e com muita paciência, na maioria das vezes recebia somente maus tratos e palavras pesadas. Os habitantes locais já conheciam sua natureza extremamente boa, sua imensa paciência, e disso se valiam para ludibriá-lo e até mesmo desfazer dele pois idólatras e pagãos que eram, não tinham em alta conta as virtudes pessoais. José tolerava pacientemente todas as ofensas e ameaças que deles recebia e, embora explicasse sua necessidade de dinheiro para prover o sustento de sua família, recebia muitas negativas, inclusive descortesias às vezes. Extremamente aflito, retornava a sua casa e se consolava pensando tratar-se da vontade divina. Maria sofria com essas suas aflições e dizia para que aguardasse as providências do Senhor, que ambos então invocavam. E não tardava que Ele os socorresse, mandando mesmo alimentos através de anjos celestes; mas isso somente ocorria após ter José se exercitado em termos de paciência, passando fome e sede resignadamente.

Muitas vezes José via frutas, com as quais Maria apreciava alimentar-se e das quais gostava. Desejava comprá-las para ela. Mas, sem dinheiro para isso, nada podia fazer e isso o aborrecia sobremaneira. Seu coração se amargava mesmo por não poder levá-las para casa pois tendo muito amor por Maria, desejava ardentemente fazer por ela coisas convenientes

e de poder providenciar tudo o que ela necessitasse ou desejasse. Mas ele teria muito ainda que abrir mão de seus desejos e justificadas satisfações. Nas estações frias do ano as coisas pioravam ainda mais. Sua pobreza era tal que eles não tinham como se abrigar do intenso frio, nem mesmo lenha para fogo. Algumas vezes conseguia algo para amenizar todos esses sofrimentos, mas o normal era mesmo não terem disponibilidades nem mesmo para as coisas indispensáveis. Ele tiritava de frio, sabendo que o mesmo ocorria com Maria e com Jesus. Não sabendo como agir e resolver esses problemas, que eram mesmo praticamente insolúveis, voltava-se para ela e manifestava sua grande tristeza; entregava-lhe seu manto — para que ela cobrisse Jesus — e lhe dizia: *“Que eu sofra posso aceitar, pois é razoável. Mas que isso aconteça contigo, e com nosso querido Jesus, é de fato intolerável! Oh, Maria, como sofre o meu coração por tudo isso!”*. Ela o animava a sofrer com resignação, pois era a vontade do Senhor, dizia. E também que — tanto ela, quanto Jesus — sofriam voluntariamente, pois assim pelo menos tinham esse consolo, embora provisoriamente.

Estando José muito aflito, tiritante de frio, Maria lhe passava Jesus ao colo — inspirada por Ele mesmo — e José O apertava fortemente em seu peito, e Jesus o aquecia com Seu calor divino, inflamando imenso calor religioso em sua alma, calor esse que acabava por transmitir-se para o seu próprio corpo. Em outras ocasiões, sofrendo terrivelmente com frio, eles se ajoelhavam a rezar frente a Jesus. Contemplando aquele Deus Encarnado, acabavam também por aquecer-se na ardente chama de Sua caridade. Acontecia também que nem mesmo lenha possuírem para fogo de aquecimento ou qualquer alimento para sua alimentação e para saciarem a fome que tinham. José sofria e meditava: *“O Senhor me fez provedor e protetor de Seu Divino Filho e de Sua Santificada Mãe. A mim caberia pois prover o necessário para eles. Mantendo-os em tão extrema pobreza, falho com meus deveres. É, pois, necessário que eu passe a prover-lhes esse necessário”*. E, voltando-se para Deus, dizia mais: *“Oh, Meu Deus! Sabeis claramente o estado de penúria em que estou, e que não tenho sido capaz de desencumbir-me das obrigações que me destinastes. É preciso que eu tenha condições de executá-las. Se não me socorreis, não sei como poderei providenciar o que precisam. Vejo que minha esposa e Vosso Unigênito sofrem e não posso resolver o problema. Os que me devem do meu trabalho, me enganam e não me pagam. Como posso fazer sem Vosso socorro?”*. Dessa forma, José transmitia suas preocupações para o Senhor e Dele recebia conforto e orientações para que procurasse quaisquer donativos de pessoas. E assim fazia.

Deus tinha em mente manter sempre humilde aquele Seu servo, fazendo com que fosse forçado a mendigar e procurar a caridade das pessoas

para prover o necessário à sua família, quando poderia perfeitamente ter providenciado os pagamentos devidos ao Santo. Com isso, o Altíssimo desejava que o Santo superasse seu orgulho em pedir esmolas. José, muito tímido que era, corava e se sentia humilhado em ter que agir daquela forma. Mas superava essa repulsa para atender à vontade divina. E se nivelava a qualquer mendigo miserável, comportava-se como tal, e agia como verdadeiro pobre que era. Com essa auto-superação de orgulho o Santo agradava sobremaneira ao Senhor e, retornando a sua casa, era recebido com muito amor por Jesus, que lhe oferecia carinhos muito especiais e particulares, com os quais o fazia saber que aquela sua humildade e mortificação muito O satisfaziam. E Jesus, em Sua voz interior, lhe dizia nessas ocasiões: *"Querido José. Tu me dás muitas satisfações e teus méritos crescem progressivamente frente aos Meus olhos! E o meu Divino Pai reserva para ti uma grande misericórdia!"*. Ouvindo isso, o Santo chorava de alegria e contava a maravilha para Maria. E ambos agradeciam então ao Senhor por todas aquelas graças que Ele lhes concedia com tanto amor.

Na estação quente não eram menores os sofrimentos que tinham em razão do calor sufocante. José se esforçava, cansava-se muito no trabalho, e — muitas vezes — nem mesmo água tinha para saciar sua sede. Poderia até mesmo obtê-la se desejasse. Entretanto, abstinha-se e sofria. Meditava sobre os magníficos exemplos que o Senhor lhe dera através de Maria e procurava imitá-la. Muitas vezes ela, conhecedora de suas necessidades, providenciava algo para que ele bebesse e pudesse refrescar-se um pouco. Ele recebia essas dádivas com satisfação e cordialidade e agradecia ao Senhor e a Maria, dizendo: *"Oh, querida Maria! Como é bondoso o nosso Deus, que tanto me conforta por teu intermédio, pois tu conheces todas as minhas necessidades"*. Nessas ocasiões, jamais demonstrou falta de cortesia ou recusou quaisquer oferendas por parte dela. Recebia com alegria e devoção, mesmo porque necessitava delas e vinham de suas graciosas mãos. Na verdade, as considerava como sendo do próprio Senhor, como de fato eram. Recebendo algo de Maria, segundo suas necessidades momentâneas, era tomado de grande alegria interior e também por completa sensação de saciedade, como se tivesse ingerido substância de grande poder nutritivo, de excepcional sabor. Chegou mesmo a perguntar-lhe quais seriam as causas daquelas tão boas sensações que experimentava. Maria, com muita graça e inteligência, dizia que o Senhor assim agisse por querer alegrá-lo. E ambos então agradeciam a Ele por todos aqueles favores. O Santo desejava ardentemente poder ele também levar satisfação e conforto para Maria, mas na verdade não sabia como fazê-lo. E suplicava a Deus para que o orientasse nesse aspecto e que lhe indicasse algo que ela verdadeiramente necessitasse, ou apreciasse. E o Senhor, às vezes, o fazia entender de

que ela estava precisando de água para aliviar o tremendo calor que fazia naquela época. E ele tomava imediatamente providências nesse sentido. Ela, como sempre, mostrava grande satisfação com sua gentileza e isso era de grande agrado para o Santo, que agradecia ao Senhor pela orientação recebida. Maria era muito grata por tais atenções e retribuía generosamente, intercedendo junto a Jesus para que Ele concedesse novas graças a José e também novos favorecimentos.

Dessa forma, ambos viviam em permanente troca de gentilezas e atenções, embora fosse Maria a sobressair-se nesse particular. Mostrava-se sempre muito agradecida e, sem nunca deixar de dar a devida atenção a Jesus, providenciava para o Santo as coisas das quais precisasse. Ao vê-lo cansado e desanimado, preparava alguma refeição mais saudável e apetitosa, para que ele pudesse refazer-se e manter suas forças, e assim trabalhasse a contento para prover o necessário sustento de todos. José sabia perfeitamente de todos esses cuidados que ela tinha com ele, era-lhe muito agradecido por isso e sentia crescer em si, progressivamente, o já grande amor que tinha por ela. E muito mais por seu Deus, que a havia destinado para ele.

O COMPORTAMENTO DE JOSÉ DURANTE O CRESCIMENTO DE JESUS

Jesus crescia de maneira esplêndida — em estatura, graciosidade e beleza — e Maria tratou então de vesti-lo conforme os hábitos normais da época, tendo ela mesma confeccionado as primeiras roupas, com o amor e o carinho que podem ser perfeitamente imaginados. O Santo se alegrava muito com essas ocorrências, embora lhe parecesse demorado o tempo necessário para que visse seu querido Jesus em vestimentas de menino, livre daqueles enfaixamentos todos habitualmente usados. Pois José sofria vendo Jesus tão pouco confortável dentro das faixas. Achava que, sendo Ele já dotado do uso da razão, deveria sentir-se muito constrangido com a situação. Por isso, vendo Maria confeccionar aquelas primeiras vestes normais, mantinha-se vigilante para que fossem feitas depressa. Satisfazia-se muito vendo Maria trabalhar — com aquela sua graça e amor — e lhe dizia: *"Oh, minha querida Maria, logo veremos nosso querido Jesus vestido como nós mesmos. Abençoada és pela grande felicidade em confeccionar as roupas que Ele usará!"*. Maria, vendo-o tão ansioso, confortava-o dizendo que ele poderia também fazer algo pelo Menino: *"Podes fazer uma pequena cadeira para Ele, para que sente comodamente"*. José exultou com a idéia e colocou-se imediatamente a fabricar um pequeno banco, no qual seu querido Jesus pudesse sentar-se. O banquinho foi fabricado em meio a grande alegria e também do choro do Santo, em virtude de certas reflexões que fazia. José aplicou nele a máxima perfeição que podia. E se preparava para a ocasião em que Maria e ele deveriam vesti-lo pela primeira vez.

Finalmente, chegada a hora adequada para isso — que já era conhecida por Maria — eles se ajoelharam para a cerimônia habitual. Jesus olhava amorosamente — ora para Maria, ora para José — com ar sorridente, mas majestoso. Balbuciante, Ele os chamava para si e inclinava delicadamente Sua pequena cabeça, em ato de agradecimento. Uma vez vestido, Jesus externou muitas delicadezas para com Maria, acariciando seu rosto com Suas mãozinhas. Voltando-se para José, fez o mesmo com ele, que se inclinou e beijou seus pequenos pés, após terem sido calçados com pequenas sandálias, e passou para aquele seu estado de êxtase em razão da imensa alegria que ia em sua alma. Passando algum tempo nesse estado, algumas revelações lhe foram feitas quanto às obras que faria o Deus Encarnado em Sua vida, e também que, como as outras crianças, a Divina Sabedoria queria aprender a andar. Viu também que Jesus agradecia a Maria por tudo o que fazia por Ele, transmitindo-lhe Seu amor e gratidão pelo que recebia. E, não será fácil descrever as emoções todas pelas quais Sua mãe passou ouvindo tão amorosas palavras de seu querido Filho.

Voltando a si, José adorou Jesus novamente e O recebeu em seu colo por breve espaço de tempo, mostrando a imensa satisfação que tinha por aquele seu tão grande Bem. Depois disso, ele e Maria lhe deram as mãos e passaram a ensiná-Lo como andar e dar Seus primeiros passos. É impossível narrar-se a alegria que ambos tiveram quando executavam tais atos. O Santo chorava, sem conter a alegria em seu coração. Suspirava convulsivamente e sua fisionomia revelava amor de natureza celestial. Jesus, tão logo vestido, desejou ajoelhar-se para rezar ao Seu Pai Divino e realizar muitos atos já descritos em outra obra. José se admirou muito com essa atitude do Menino e de todas as ações que externava, conservando tudo em sua memória para que sobre elas pudesse meditar durante seu trabalho. E acompanhou Jesus naquelas orações e oferendas, devidamente orientado por Maria, que já tinha todas as revelações concernentes.

Tendo adorado Seu Pai Celeste, Jesus estendeu seus braços em formato de cruz, como que se oferecendo para morrer cruxificado quando assim fosse determinado por Ele. Presenciando o fato, José teve profunda dor no coração — como que pressentindo acontecimentos futuros — e chorou amargamente. Maria, embora muito aborrecida ela mesma, procurou consolá-lo, embora soubesse tudo de antemão. Disse que o Santo não deveria considerar seriamente o que ocorreu, pois muitas vezes veria o Menino naquela posição estranha. Nisso deveria apenas ver a obediência de Jesus às ordens de Seu Pai além de Sua forte resignação. José se acalmou temporariamente e tratou de não considerar muito a fundo o caso naquele instante, dizendo-se apenas aflito com aquela curiosa posição de Jesus. Havendo o Menino terminado Seus atos de reverência

e oferendas, foi para o colo de Sua mãe, enquanto que o Santo saía para o trabalho.

Trabalhou o tempo todo muito absorvido na contemplação dos atos de seu querido Jesus, sempre desejando revê-Lo logo. Queria dirigir-se a Ele, para agradá-Lo, mas também não desejá-lo importuná-Lo demais. Por esse motivo, muitas vezes desistia dessas suas intenções. Entretanto, Jesus também desejando consolar José, convidava-o — através de vozes interiores — para que fosse vê-Lo. E o Santo então ia, aceleradamente e com muito amor, para onde Ele se encontrasse. Jesus o abraçava carinhosamente e, balbuciante, o chamava de pai. Quando tal fato se deu pela primeira vez, à semelhança de quando Se vestiu normalmente pela primeira ocasião, Ele disse a José palavras tidas como mágicas: *“Meu pai!”*; e, uma vez no colo dele, acariciava seu rosto com Suas delicadas mãos. É plenamente possível imaginar-se a emoção de José quando tal aconteceu e também a extasiante alegria que teve, a ponto de chorar, pois disso tudo se considerava indigno. Todavia, mostrou sua grande gratidão e rendeu suas graças ao Senhor por mais essa graça, pedindo a Maria para que também agradecesse, tanto ao Pai Celeste quanto ao Menino Jesus.

Ela assim o fez e muito se alegrou por José e por sua grande felicidade. Em seguida oraram em conjunto e se mostraram gratos ao Senhor por todas as graças e por ter permitido a José ser chamado de pai pelo Seu Divino Filho. Tal alegria permaneceu para sempre no Santo pois cada vez que Jesus assim o nominava, sentia-se mais pleno de amor por Ele que, sendo Filho de Deus, ainda assim Se dignava a chamá-lo de pai. Embora muito reconhecido com essa deferência, sentia-se também confuso e indigno de tão honroso título e o fato produzia nele os mais variados efeitos. Falava freqüentemente com Maria sobre isso, sobre o grande favorecimento que recebia, e lhe contava suas emoções: *“Oh, querida Maria! Não é que o Senhor me promoveu a esse posto?! Que imensos favorecimentos e graças Ele me concede! Com certeza, são em razão de teres grandes méritos, pois não sou digno para tanto! Tu, escolhida que foste para mãe do Messias, és sem dúvida a causa dessas minhas fortunas pois por teu intermédio compartilho dessas graças todas. Agradece ao Altíssimo, em meu nome, para que Ele me faça novas graças e concessões. Muito em especial, que me conceda poder corresponder a esse grande amor que tem demonstrado para comigo. E que poderia eu fazer para agradecer-te, tão inútil que me sinto?”*.

Como de hábito ela respondia, com graça e sabedoria, que ele deveria ver em tudo isso a infinita bondade do Senhor para com as Suas criaturas. Compunha novos cânticos de louvor e os cantava, juntamente com o marido, em honra ao Criador de todos os Bens. E José, muito alegre, voltava então ao trabalho.

O Santo não ousava dirigir-se a Jesus por “filho”, embora seus sentimentos fossem mais que paternais. E perguntou a Maria se seria lícito que ele assim O chamasse. Jesus fez com que Sua mãe entendesse que, se Ele o chamava de pai — e verdadeiramente o considerava como tal na Terra — muito Lhe agradaria ser chamado de filho pelo Santo, pois essa era a vontade do Senhor. E era também de que Ele, Seu Filho, se submetesse a José como sendo um filho verdadeiro. E que o Santo deveria comportar-se como Seu autêntico pai. Com grande alegria no coração, Maria transmitiu a José essas considerações e ele derramou copiosas lágrimas de alegria. Ambos agradeceram ao Senhor e José dizia para si mesmo: *“Sou agora completamente feliz, pois tenho a sorte de poder dirigir-me ao Verbo Divino como meu filho, embora verdadeiramente Ele seja Filho do Pai Celeste”*. E dizia repetidamente para si: *“Jesus, meu filho! Jesus, meu filho!”*. Enquanto assim falava, passou por um êxtase profundo, no qual Lhe foi revelado o grande mistério oculto em Jesus desejar que ele o chamasse de filho, concedendo-Lhe o título de pai.

Voltando a si, o Santo contou tudo para Maria que, embora ciente de tudo, se declarou muito satisfeita com o fato. José conversava todos seus problemas com ela, em razão de sua grande sabedoria e do conforto que recebia dela e, ainda mais, pela sua permanente afirmação de que o Senhor Lhe dispensava grande amor.

A recíproca era verdadeira e ele, sentindo-se incapaz de agradecer a Deus pessoalmente, pedia que ela o ajudasse a louvá-Lo e agradecer, pois sabia ser muito querida e aceita pelo Senhor, que a havia escolhido para mãe do Seu Unigênito. Embora José tentasse falar-Lhe com naturalidade, tinha por ela verdadeira veneração. Inclusive, considerava-se até mesmo indigno de olhá-la. Ficava humilde e confuso, mas não Lhe revelava tais emoções pois sendo ela quem era, e também muito humilde, poderia constranger-se e embaraçar-se em ser tratada dessa forma por seu marido.

O GRANDE AMOR DE JOSÉ POR JESUS. SUA ANSIEDADE PELA SALVAÇÃO DA HUMANIDADE

Jesus crescia lindamente e em José crescia também o amor por Ele, o ardente querer que tinha no coração. Era muito difícil para ele manter-se afastado do Menino pois era cada vez mais bonito e mais gracioso. Às vezes, permanecia completamente estático admirando-o, até mesmo por longas horas, ocasião em que derramava lágrimas enternecidas.

Esse tão grande afeto era extremamente agradável para Jesus e disso dava inequívocos sinais, camuflados entretanto, pois não desejava mostrar Seus sentimentos tão claramente. José, todavia, não continha os seus e, freqüentemente, assim se externava: *“Oh, meu querido e amado*

Jesus! E acrescentava: *"Meu querido filho!"*. E com essas palavras, seu coração se tornava pleno de alegrias e júbilos. E não podia mesmo controlar a imensa força daquele amor. Se de uma forma era tão imenso esse seu amor por Jesus, por outra não entendia como pudesse Ele ser desconhecido para muitas outras pessoas, que até mesmo O ofendiam com suas ações pecaminosas. Passava às vezes noites em claro em tais pensamentos, chorando por essas ofensas que Lhe eram feitas; e dizia: *"Oh, Deus Encarnado! Será mesmo possível que, sendo infiéis, não se convertam a Vós!? Por piedade! Iluminai esta pobre gente com Vossa tão poderosa Luz! Fazei com que essas pessoas Vos conheçam, se convertam e Vos adorem!"*. Dessa forma, clamava para que todos os egípcios pudessem conhecer o Deus Verdadeiro e adorassem a Seu Filho Unigênito. Por isso, dizia sempre a Maria: *"Parece-me serem séculos esse tempo que Ele toma para que todos O conheçam! Creio impensável que todos esses pagãos e idólatras não sejam atingidos por Seu amor! Pois assim O veríamos amado, embora não conhecido. Oh, como se tornariam todos prisioneiros desse amor se O vissem — tão belo e tão gracioso — andando pelas ruas da cidade! Eu O conduzirei e O terei sempre perto de mim e tenho certeza de que essas pessoas irão invejar-me pela minha grande sorte!"*.

José desabafava assim suas mágoas com Maria e ela muito se alegrava em ver que ele desejasse tanto que Jesus fosse conhecido e amado por todos. E, para animá-lo, dizia: *"Virá o tempo em que Ele será conhecido por muitos, será seguido por eles e amado! Porém, da mesma forma, será também odiado por outros tantos, e perseguido, pois sempre existirão os cegos que odeiam a luz. Conheces bem a profecia de Simão. Ele será a derrota de muitos e a vitória de outros tantos. Por isso, preparemo-nos, pois esse tempo virá!"*. José se via muito preocupado e triste com essas palavras, pois desejava que Jesus fosse somente conhecido e amado, e não odiado. E, olhando para Ele, dizia: *"Querido Jesus! Será mesmo possível que alguém não Te ame?! Como não amar tanta beleza, graça e bondade?! Pois tua presença fascina até mesmo aos irracionais! Como não irá atingir os corações humanos?! Tudo isso me aborrece e me amarga! Pois serás também odiado, questionado e perseguido mesmo. Espero não estar presente no tempo dessas ocorrências! Que eu morra antes de ver-Te maltratado e espezinhado, Meu querido, tão digno de apreciação e amor que és!"*.

José usava grande parte de seu tempo meditando como fazer para que Ele fosse amado por todos. Embora sua razão lhe sugerisse variadas possibilidades, examinando-as chegava sempre a concluir que elas, na verdade, se pudessem vê-Lo, acabariam por amá-Lo. E não errava nessa reflexão. Eram tais a beleza e o encanto de Jesus que quem o visse, se sentiria tendente a amá-Lo. Entretanto, eram muito poucos os que

assim se sentiam por saberem quem Ele era. Era tão grande esse amor de José pelo Menino que, frequentemente, até nem mesmo precisava alimentar-se, esquecendo-se até das coisas mais necessárias. Maria, que o conhecia bem, lhe perguntava o que estaria acontecendo com ele, e isso lhe dava margens para que desabafasse suas preocupações e desse asas àquele seu imenso amor. E ele lhe falava sobre a ardente chama que tinha no coração e de todos os outros clamores também. E então eles abordavam o assunto dos méritos de Jesus para ser amado por todos. Desafogavam assim seu amor por Ele e se inflamavam progressivamente até que, em estado de êxtase, ambos desfrutavam durante horas aquele tão grande amor que tinham.

Em muitas ocasiões Jesus, ajoelhado, juntava Suas pequenas mãos em ato de humildade oferecendo-Se todo ao Seu Pai Celeste. Vendo-O assim, José perguntava o que estaria Ele dizendo para o Pai. Ela, ciente de tudo, afirmava que Ele Se oferecia ao Pai Divino para sofrer em benefício de toda a Humanidade. E o Santo, ajoelhando-se também, acompanhava Jesus em Sua oferta. E o fazia com tanto fervor que Ele, levantando-Se, afagava sua cabeça tenramente.

O Santo então abraçava e solicitava Sua intervenção junto ao Pai para que Ele o tornasse digno perante Seus olhos. Pedia também que intercedesse por todos os pecadores e pela sua conversão ao Senhor. E dizia: *"Oh, meu querido Jesus! Que o Pai Divino ilumine a todos, para que saibam quem és e que Te amem, como de direito!"*.

O pequeno Menino sorria ante essas palavras e demonstrava Seu agrado, respondendo já ter feito aqueles pedidos mencionados, fato que levava grande calma ao Santo.

A esta altura, Jesus já caminhava normalmente e também já falava com muita graciosidade. Juntamente com Seus pais, participava das orações que faziam, através de Salmos de louvor, fazendo-o com tal encanto que ambos se sentiam enternecidos e em êxtase, com toda aquela doçura. E é mesmo impossível narrar-se a alegria de José nessas orações junto com Jesus! Ansiava sempre por esses momentos, devidamente estabelecidos, e os tempos de espera lhe pareciam séculos. E também as outras ações conjuntas normais — como a de se alimentarem ou conversarem — eram instantes de imensa alegria para ele. A máxima satisfação, entretanto, tinha quando o Menino Se externava sobre a perfeição das obras divinas. Apesar de Sua pouca idade, falava com tal sabedoria que chegava a surpreender Seus pais, e até mesmo aos próprios anjos, que O ouviam com muita atenção e toda a cortesia. Eram ocasiões em que José se inflamava todo — com sua fisionomia acesa de amor por Deus — e exalava ardentes suspiros, sem poder resistir ao fogo imenso que tinha no coração. E exclamava: *"Oh, meu Deus! Apesar de tudo, não sois nem conhecido, nem amado! Por piedade, dai-me um coração maior, pois o que tenho*

é insuficiente para Vos abrigar, para Vos entender e para acolher tão grande amor!''. E assim, em estado de êxtase, permanecia por longos períodos de tempo.

Sentado à mesa com Maria e Jesus, ocorria que, muitas vezes, o Santo observava-O atentamente, alimentando-Se com tanta graça. Assim permanecia longamente sem alimentar-se. E o Menino lhe dizia para que comesse, dando-lhe os alimentos com Suas próprias mãos. Ele então comia, com olhos lacrimejantes por toda aquela atenção. E tudo o que comia parecia ter sabor muito mais doce e mais delicado do que habitualmente. Comia com grande prazer, como se aquele alimento fosse maná do Céu.

Em outras ocasiões, José encontrava Jesus ajoelhado, com Seus braços abertos em cruz, orando para o Pai Celeste e derramando lágrimas. O fato feria José profundamente e ele se dirigia a Maria para saber a causa daquele choro do Menino, dizendo: *"Querida Maria, por que o nosso querido Jesus chora dessa maneira? Terei eu feito algo indevido, ou cometido algum erro?"*. Ela então o acalmava e afirmava que nada ocorria com Ele, que chorava pelas ofensas que a Humanidade fazia para o Seu Pai Divino. E que, chorando, implorava ao Senhor para que se mostrasse misericordioso e que aplacasse Sua ira por aquelas ofensas todas. E que a posição de Jesus representava Sua disposição em morrer na cruz pela salvação da Humanidade pecadora. José agradecia àquelas explicações e, ajoelhando também, implorava conjuntamente por aquela misericórdia divina, chorando amargamento por todas aquelas ofensas cometidas contra o Senhor. E, inconsolável, se oferecia também para sofrer todos os males, desde que Deus não fosse mais ofendido. Pois era grande o seu amor pelo Senhor e ainda maior seu sofrimento em termos das ofensas que recebia.

Jesus precisava mesmo consolar e animar seu pai pois, do contrário, ele permaneceria continuamente atormentado, chorando sem parar. Para que isso não acontecesse, Jesus lhe pedia para que se levantasse e se animasse, dizendo com muita graciosidade: *"Pai! Levanta-te, pois que já chega. Tuas súplicas e oferendas agradaram muito ao meu Pai Celeste. Podes estar certo de que virá o tempo em que Ele será conhecido e amado por muitos e que tuas orações não são vãs. Com o tempo, teus pedidos serão atendidos"*. Dessa forma, Ele consolava e animava José, que então agradecia aquelas palavras. Jesus então o acariciava tenramente e o coração do Santo se enchia de alegrias por esse motivo.

Estando já suficientemente crescido, Jesus quis ir com José providenciar o necessário para a manutenção familiar e disso lhe deu ciência. O fato alegrou imensamente o Santo, que então decidiu atender àquele pedido e, com o beneplácito e satisfação de Maria, passou a levá-Lo com ele para efetuar as costumeiras compras. Dessa forma, Jesus saiu

pela primeira vez com ele. O próprio ar se mostrava mais leve, limpo e puro, sereno e tranqüilo, nesse dia, pois o Filho de Deus andava pelas ruas pela primeira vez! Todos os egípcios foram tomados de estranha alegria, sem que soubessem o motivo disso. O Menino caminhava graciosamente, mas com fisionomia serena e majestosa. José andava com alegria inenarrável, pois sabia levar junto o Tesouro do Paraíso, o Filho do Pai Celeste, o Senhor. Encontravam muitas pessoas pelo percurso e todas se mostravam surpresas com a extraordinária beleza e graciosidade de Jesus e se congratulavam com José pela distinção de seu filho. Entretanto, não faltaram os que mostravam comportamento diferente, dizendo: *"Que judiação! Pena que esse menino tão lindo deva ser filho de alguém tão pobre! Pois, na verdade, é dono de um ar tão nobre e de uma beleza tão rara! E é extremamente amável e gentil!"*. De fato, todos se mostravam extremamente fascinados com a visão do Menino Jesus. Muitas crianças os acompanharam pelo caminho e Ele, muito amável, lhes fazia festa, sorrindo alegremente. José retornou então à casa, onde Maria o aguardava em grande expectativa.

Espalhou-se rapidamente pela cidade aquela fama do filho de José e muitos queriam então vê-Lo. Não ousavam ir a sua casa, esperando que o Santo saísse novamente com Ele, para que pudessem apreciá-Lo convenientemente. Alguns vizinhos, ouvindo todos aqueles rumores, chegavam a arranjar motivos falsos para irem a Maria e ver aquele Menino tão falado. Pretextavam mesmo levar algum trabalho para ela, para poderem admirar toda aquela beleza, graciosidade, e majestade de Jesus. Ela e o Menino recebiam todos prazerosamente, e as pessoas davam muito respeito e atenção ao que ela dissesse. Saindo José de casa sozinho, todos lhe perguntavam por Maria e Jesus, desejosos de poder vê-los. Por esses motivos, Maria teve grandes oportunidades de ensinar-lhes a Verdadeira Fé e também de fazer com que conhecessem o Deus Verdadeiro daquela fé, principalmente para os que mostravam boa vontade e receptividade nesse sentido. Muitas crianças, por seu lado, apreciavam brincar com Ele e lhe levavam frutas e pão dos quais se alimentavam conjuntamente. Ele as recebia com grande prazer, as abençoava, as alimentava, e brincava muito com elas, desfrutando de sua companhia. José observava todos esses fatos e gostava muito do que via, agradecendo ao Senhor o fato de que pelo menos aquelas crianças tinham assim ocasião de conhecê-Lo, a Ele, o Deus Verdadeiro.

Naquelas ocasiões em que saíam juntos, quando notava que todos O admiravam, que as crianças O acompanhavam, e que Se via entre amigos, Jesus olhava para o alto e dizia: *"Lá no alto, é a casa do Meu Pai Celeste!"*. E as crianças, em sua inocência, O imitavam e exclamavam: *"Lá em cima é a casa do Pai Celeste!"*. José se alegrava muito com isso, olhava ele mesmo para o Céu, e permanecia quieto contemplando

a glória toda daquele Pai Divino. Passando pelas ruas com o Menino, pessoas os convidavam para que entrassem em suas casas para poderem observar mais comodamente o Menino e desfrutar Sua presença com maior tranqüilidade. José, muito amavelmente, recusava tais convites de forma geral. Entretanto, onde existissem crianças, com as quais Jesus teria gostado de brincar, aceitava as ofertas e entrava. E todos os da casa corriam então para ver o Deus-Menino e privar com Ele por alguns momentos.

Jesus mostrava comportamento muito afável, mas mantinha também uma atitude de certa forma majestosa, imponente, e as pessoas acabavam por não ousarem carícias e carinhos normalmente dispensados às crianças. Todos admiravam Sua extraordinária beleza, majestade, graciosidade, embora se sentissem algo magoadas por aquela distância demonstrada. Todavia, com as crianças Jesus confraternizava e as acariciava. E elas O acompanhavam para onde fosse, juntamente com José. O Santo agradecia aos que os haviam convidado e seguia seu caminho. Todos lhe diziam considerar-se muito afortunado em ter um filho como tinha. Até mesmo por pessoas de posições muito importantes naquela cidade o Santo era invejado por esse motivo.

Indo embora, ele se colocava a meditar sobre todas aquelas demonstrações de afeto e de entusiasmo pelo seu querido Jesus. E, refletindo sobre o lastimável estado em que elas se encontravam — privadas do conhecimento do Deus Verdadeiro — sentia grande pena e sofria por elas. Chorava a sua desgraça e pedia a Jesus para que intercedesse junto ao Seu Pai Celeste para que elas também pudessem conhecer aquele Deus Verdadeiro, fazendo o mesmo com aqueles que o saudavam e admiravam Jesus, para que também fosse aquinhoados com um filho como o seu. Passadas as pessoas, ele dizia para o Senhor: *"Oh, Meu Deus! Estes nem mesmo Vos conhecem e no entanto mostram boa vontade para conosco! Que poderei fazer para que também Vos conheçam e Vos amem? Se necessário, darei até mesmo minha vida para que eles se convertam a Vós!"*. Dessa maneira, o Santo desejava e clamava permanentemente para que isso acontecesse. Muitas pessoas o viam chorando e lhe perguntavam o motivo daquelas lágrimas. Respondia estar triste por ver que muitos eram privados do Bem verdadeiro e que ele, assim os vendo privados de tão grande felicidade, não podia deixar de chorar por eles. As pessoas não entendiam exatamente o significado dessas afirmações, e assumiam que ele se referisse a bens materiais ou temporais. E diziam entre si: *"Como é simplório! Sendo tão pobre como é, julga que também o somos todos nós!"*. Encontrando pessoas perversas em seu caminho, notava a tristeza de Jesus para com eles. Ele então se afligia e rezava para que se recuperassem.

JESUS NA OFICINA DE TRABALHO COM JOSÉ

Havendo já atingido a idade mínima necessária para poder trabalhar, e podendo assim ser de alguma ajuda a José, Jesus desejou — voluntariamente — acompanhar seu pai adotivo na oficina para, além de ajudá-lo, alegrá-lo com sua agradável companhia. Era difícil para o Santo crer que Ele realmente desejasse rebaixar-Se a tal ponto, como o de empregar-Se em ofício tão humilde. Por isso, quando Ele externou Seu desejo, viu-se altamente surpreso com o fato, afirmando mesmo que jamais teria sua permissão para tanto, a menos que recebesse instruções do Pai Celeste nesse sentido. Disse para Jesus: *“Como podes, sendo a Eterna Sabedoria, querer rebaixar-Te a esse ponto? Como posso eu, humilde servo que sou, ver-Te aplicado nessa atividade, frágil e delicado como és, além de que tens continuamente que lidar com o Pai Celeste assuntos da mais alta importância como a salvação da Humanidade?! Como poderei tolerar vendo que Te aplicas a mister tão baixo e vil?”*. Jesus o acalmou, afirmando ser essa a vontade do Pai Divino e que não tinha vindo para ser servido, mas para servir. E que deveria também ensinar o desprezo pela opulência e soberba mundanas.

O Santo teve que submeter-se à vontade do Senhor, nada mais disse e meditou sobre como era feliz em ter Jesus na oficina onde trabalhava, pois a idéia o agradava sobremaneira. Nominou-se felizardo e bem-aventurado. Voltando-se para Maria, disse o quanto se penalizava porque ela iria ficar sem a agradável companhia de seu Filho. Ela, entretanto, conformada com a vontade de Deus e cheia de compreensão e entendimento, lhe garantiu estar feliz com o fato; sendo a vontade divina, deveria ser cumprida. José se viu extremamente feliz e então passou a levar Jesus junto com ele para o trabalho, sendo que, vendo lá Jesus como seu auxiliar, sentia-se como no Paraíso. O Menino, de sua parte, fazia de tudo para aprender quais as coisas necessitadas por José, para providenciá-las a tempo justo, ora lhe passando as ferramentas, ora as pranchas de madeira a serem trabalhadas. Embora tivesse apenas seis anos, desejava mostrar-Se como adulto e robusto, pois muito se esforçava ao carregar as pesadas pranchas. José se surpreendia com todos aqueles esforços do Menino e, na medida do possível, tentava fazer com que Ele não Se cansasse demasiadamente ou que ficasse muito aflito no cumprimento das funções de ajudante. Todavia, Jesus era tão aplicado que podia até mesmo adivinhar as coisas que José estava necessitando em determinado instante do trabalho.

Em certas ocasiões, o Santo se absorvia completamente olhando para Ele, contemplando a Verdadeira Divindade que Lhe era peculiar, característica da qual dava inequívocos sinais exteriores ao executar todas as tarefas com perfeição, extrema graciosidade e talento, enchendo os olhos

de alegria de quem O observasse trabalhando. E muito mais a José que tanto O amava. Certas vezes, quando Jesus passava qualquer coisa às suas mãos, José as segurava e assim permanecia como que em êxtase, durante algum tempo, tão intensa era sua alegria. Outras vezes, olhava fundo dentro dos lindos olhos de Jesus e tanto se emocionava a ponto de precisar parar com seu trabalho por alguns instantes. Sentava-se então em um **banco** e Jesus segurava suas mãos e as acariciava. Voltando a si, daqueles momentos tão emocionantes, o Santo dizia: *“Meu querido Jesus! Meu amado e dileto filho! Como tenho misericórdia tão grande por parte do Senhor, como seja, poder estar sempre em Tua companhia! Meu coração nem pode abrigar a tão grande alegria que me traz Tua amada presença!”*. E Jesus dizia ser aquela somente uma pequena migalha do contentamento que lhe estava preparado na casa do Pai Celeste quando lá chegasse. E José demonstrava grande satisfação com aquelas palavras e desejava verdadeiramente poder desfrutar eternamente daqueles benefícios de certa forma impenetráveis para a mente e conhecimento humanos.

Os habitantes da cidade haviam observado que Jesus agora acompanhava seu pai e trabalhava com ele diariamente. E todos ficavam muito admirados de que Ele, com tão pouca idade, pudesse realmente ajudar Seu pai. Mas o fato tinha seu lado conveniente para eles, pois assim podiam vê-Lo com frequência e admirar Sua grande beleza. Na verdade, muitos se maravilhavam com a graciosidade, a modéstia e a formosura do Menino. Apreciavam também aquele Seu porte majestoso e principalmente a atenção com a qual ajudava José em cada instante do trabalho. Diziam mesmo a José ser ele um felizardo em ter um filho dotado de tantas qualidades. Outras pessoas, entretanto, criticavam José e o chamavam de insensível e até mesmo de irresponsável por permitir que seu filho, tão pequenino, se aplicasse na oficina e tivesse que se esforçar mais que suas forças o permitiriam. Essas palavras eram como espadas que atravessassem o coração do Santo. Não tinha respostas para dar, embora a culpa não lhe pertencesse. Apenas se mantinha calado oferecendo ao Senhor aquele seu sofrimento todo.

Jesus se mostrava muito amável nos Seus afazeres, e também muito afável e amoroso, realizando além disso todos aqueles atos, junto ao Seu Pai Divino, que caracterizavam Sua vida, e que já foram mencionados. As crianças quando O viam corriam para Ele e brincavam, enquanto recebiam instruções sobre a Verdadeira Fé e seus mistérios. Muitas outras pessoas apareciam também que, conhecedoras da pobreza em que vivia, levavam algo para que Se alimentasse. Ele os recebia com extrema cortesia e repartia aqueles alimentos com outras pessoas necessitadas. Outros ainda, iam à oficina a pretexto de encomendarem trabalhos e dos quais verdadeiramente não necessitavam somente para vê-Lo e poderem con-

versar com Ele. E José tinha muito trabalho a fazer e se cansava deveras. Jesus, além de ajudá-lo, também o animava com delicadezas, até mesmo enxugando o suor de sua face com as Suas santificadas mãos. Sua ajuda simplificava as tarefas do Santo e Ele ainda se esforçava por fortalecê-lo com Seus favorecimentos.

Trabalhavam os dois com perfeição e agradavam aos clientes todos quanto à qualidade de seu trabalho. O soldo recebido das pessoas que pagavam voluntariamente era repartido de forma que, retirada a parcela necessária para a manutenção familiar, o restante era destinado para os pobres e mais necessitados. Essa prática era de grande agrado para Jesus, que animava Seu pai para que trabalhasse bastante e assim pudessem destinar maior ajuda aos pobres pelos quais nutria grande afeição e carinho. Existiam na cidade algumas pessoas de alta representatividade, que se dirigiram a José para falar-lhe sobre Jesus. Diziam ser o Menino dotado de um ar tão nobre, e ser tão delicado, que não seria justo mantê-Lo em tarefa tão rude na oficina. Afirmavam também que, sendo José tão pobre, não tinha condições para criar e educar convenientemente o Menino e de endereçá-Lo a uma profissão mais condizente. E também que estariam dispostos a fazer grandes donativos nesse aspecto e que o Menino estaria muito bem com eles, que se encarregariam de encaminhá-Lo para as ciências ou artes.

José tremia e empalidecia de medo frente àquelas palavras. Agradecia profusamente, mas afirmava também que Jesus era tudo o que ele possuía, sua alegria, sua vida, seu Bem, sua herança, seu tesouro enfim. E que preferia derramar seu sangue, e oferecer sua vida mesmo, a ter que ficar privado daquela convivência com seu Filho. As pessoas então diziam: *“Tendes razão, José. Não temos esse direito”*. E o Santo então se acalmava, se alegrava novamente, e dizia para Jesus: *“Meu querido e tão amado filho! Não debes permitir que me privem de Tua amada companhia, embora eu o mereça por não corresponder à altura ao Teu amor. Sei que estarias bem com aquelas pessoas, que Te apreciam e querem Teu bem. Entretanto, a perder-Te, prefiro morrer. E sei que não buscas comodidade e conforto, pois que amas a pobreza. Por isso, espero que jamais deixes de conviver comigo”*.

Jesus tentava animar José, dizendo que jamais o abandonaria, que sempre lhe obedeceria e em tudo Se submeteria à sua vontade. Ouvindo isso, o Santo agradecia e chorava. Contava depois tudo a Maria, que também se mostrava alegre e satisfeita, embora já soubesse de tudo.

Jesus ia regularmente com José para a oficina de trabalho. Todavia, algumas vezes permanecia em casa em companhia de Sua mãe, no intuito de também alegrá-la com Sua amável companhia e com ela manter conversas de caráter religioso. Nesses dias o Santo sentia profundamente a falta do Menino, suspirava mesmo por Sua presença, que desejava

ardentemente, e dizia para si mesmo: *“Como Maria deve sofrer quando Jesus se encontra distante dela, impedida de Sua tão agradável presença. Sei quanto deve sofrer, porque também sofro quando Ele não Se encontra presente. Com certeza, ela sofre ainda mais que eu, pois que é Sua amantíssima mãe, e Ele o seu Filho Verdadeiro. É justo, portanto, que Ele permaneça muitas vezes junto dela”*. Em muitas dessas ocasiões, estando ele a trabalhar sozinho, afastava-se da oficina sem o perceber e ia ao encontro de Maria e Jesus. Vendo o que acontecera desculpava-se, explicando que era tão grande seu amor por eles que acabava por assim agir, sem mesmo perceber o que fazia. E eles sempre o recebiam com grande estima e afeição. Participava então das discussões religiosas com muito agrado seu. Agradecia a Deus por tais oportunidades que lhe dava e voltava ao seu trabalho meditando sobre o que tivesse visto ou ouvido. Cansava-se muito, embora não sentisse os efeitos daquela fadiga pois seu amor não lhe permitia sofrimentos físicos. Apreciava o cansaço, pois assim atendia à vontade do Pai Celeste e alimentava Jesus e Maria. Além disso, fazia ainda alguma caridade com o que sobrasse, sabendo que isso muito agradaria ao Senhor e a Maria.

Ela lhe dava inequívocas provas de sua gratidão por aquele seu sacrifício todo em prover o necessário para a casa e em distribuir aquela parcela aos pobres. Tais eram essas demonstrações, que o Santo se constrangia. Embora agradecesse às amáveis expressões de Maria, em sua grande humildade sentia-se indigno delas e lhe afirmava não ser merecedor dos elogios e de sua gratidão pois muito mais ainda deveria ser feito. E era muito grande sua felicidade por ver que ela e Jesus se alegravam com sua servidão e que ele se sentia indigno dessa alegria. Na verdade, José mostrava grande humildade e modéstia, achando não merecer mais do que trabalhar por ela e Jesus afirmando ter muita sorte em poder cansar-se por eles e pela sua subsistência. Quando levava gêneros para casa, como hortalças e frutas, Jesus ia ao seu encontro e, tomando os alimentos, dizia mostrando Seu afeto: *“Que o Pai Celeste Vos pague a caridade!”*. Ouvindo isso, o Santo chorava, constrangido e alegre ao mesmo tempo.

Jesus continuava indo ao trabalho com José, nada fazendo porém que representasse Sua própria imaginação e talento. Sua primeira obra foi uma pequena cruz, feita em Nazaré, quando já se encontrava entre os que tinha como Seus, como será visto mais adiante.

A ORDEM PARA O RETORNO A NAZARÉ

Estava José muito contente no Egito, pois todos o apreciavam e à sua família. Jesus e Maria eram mesmo muito queridos de todos. Embora já tivesse conversado com ela sobre uma possível volta a Nazaré — para

o que não havia entretanto ainda recebido qualquer instrução do Senhor — estava satisfeito e contente naquele local para onde havia sido enviado por Ele para que fosse salva a vida do Seu Unigênito, e nem mesmo cogitava mais de um retorno à sua cidade natal. Certa noite, todavia, o anjo lhe ordenou que voltassem a Nazaré, sua terra de origem, pois Herodes morrera e, com ele, também o perigo de morte para Jesus. Acorrendo, José contou satisfeito para Maria o acontecido durante aquela noite. Ela, apesar de saber de tudo, não deixou que o Santo disso se apercebesse.

Recebido o aviso, ajoelharam-se e adoraram O Senhor por aquela Sua ordem. Conversaram com Jesus a respeito e Ele então discorreu sobre a Divina Sabedoria e determinações respectivas, fazendo-o com muita graça e inteligência. De um lado, o Santo se alegrava por voltar à sua terra natal. Por outro lado, preocupava-se em ter que conduzir outra vez Maria e Jesus em viagem tão problemática. Pensava em quanto deveriam sofrer na longa caminhada que tinham pela frente. Entretanto, após ouvir aquela preleção de Jesus, mostrou-se alegre e confortado, disposto a executar as orientações recebidas do Senhor. E dizia para Jesus: *“Tu, meu querido Jesus, sofrerás muito na viagem e isso me aborrece muito”*. Mas Jesus o confortava, com palavras de ânimo, dizendo ter prazer nesse sofrimento pois nisso repousava a vontade de Seu Pai Celeste.

Após essas conversas todas, o Santo passou a resolver todos os problemas pendentes de trabalho, tratava de vender suas ferramentas e utensílios e de fazer esmolas aos necessitados. Informou aos mais íntimos sobre a decisão familiar em partir e muitos até choraram, pois suas virtudes haviam sensibilizado até mesmo aqueles pagãos e idólatras. Também porque muitas pessoas tinham grande amor por Jesus, por Sua grande beleza e raras qualidades. Os íntimos de Maria se mostraram entristecidos por variados motivos, entre os quais a iluminação, e transmissão da Fé Verdadeira que dela recebiam. As mulheres, em sua maioria, choraram tristemente pois desejavam que aquela Fé lhes fosse transferida em sua totalidade, mostrando-se muito aborrecidas com a perda de sua mestra. Maria tentou consolá-las, prometendo que as incluiria sempre em suas preces e que sempre pediria ao Senhor por elas.

José agiu de forma semelhante com aqueles que lhe eram mais próximos e também devidamente instruídos por ele. De fato, muitas foram as pessoas que choraram ao saber daquela sua partida. E tinham razão de chorar, pois haviam recebido inúmeros benefícios materiais e principalmente espirituais, pois o casal sempre se havia mostrado muito solícito em ocasiões de necessidades ou enfermidades deles. Deixaram para esses amigos os poucos utensílios que tinham na casa e se prepararam então para a partida, sem levar quaisquer provisões, pois estavam seguros de

que o Senhor cuidaria deles. José levava algum pouco dinheiro, pronto para dá-lo a qualquer necessitado que encontrasse pelo caminho.

Durante os preparativos ele, por natureza muito terno e amoroso, não continha as lágrimas e agradecia a todos pelas gentilezas e afeição que lhes haviam demonstrado. Muitos o procuravam desejando saber quais os motivos daquela decisão tão repentina. E ele lhes dizia estar somente atendendo à vontade divina, pois quem o havia enviado o chamava agora de volta. Foram muitos os pedidos para que não partisse, inclusive com propostas de ajuda nos casos de necessidade. Ele agradecia a todos muito comovido e mostrava sua satisfação por toda aquela cortesia e boa vontade. Houve mesmo quem sugerisse a permanência de Jesus pois, tão novo e delicado que era, não deveria enfrentar todos aqueles perigos da viagem que, sendo muito longa e problemática, poderia até mesmo causar-lhe doenças repentinas. A pessoa em questão até mesmo repreendeu severamente José que, sorrindo, respondeu que jamais partiria sem seu amado filho. Não havendo Ele adoecido na viagem em direção ao Egito, apenas recém-nascido, não iria adoecer agora, mais crescido e robusto. E mais, que confiava plenamente na proteção e assistência do Senhor para aquela viagem como já acontecera antes muitas vezes. Com tais argumentos, o Santo calou as pessoas que o criticavam e elas reconheceram ter ele razão. Em seu lugar, também não deixariam para trás um filho tão bom e inteligente como Jesus.

E os três estabeleceram então o dia e a hora da partida segundo o que entendiam como sendo a vontade do Senhor. Antes da partida, ajoelharam-se e agradeceram a Ele tudo que lhes havia proporcionado de bom durante sua permanência na cidade e também por todos aqueles aos quais havia permitido o conhecimento do Deus Verdadeiro por seu intermédio. Solicitaram também Sua ajuda e assistência durante o longo percurso que tinham pela frente. Pediram também Sua caridade e misericórdia para com todos aqueles seus amigos que haviam demonstrado tanto carinho. Rezaram por todos os egípcios, sem distinções, no sentido de que a todos chegasse o reconhecimento do Deus Verdadeiro, pedindo também especial proteção para todos os conversos e já iluminados por Ele. No final, então, solicitaram também para eles Sua bênção paternal.

DURANTE A VIAGEM DE VOLTA A NAZARÉ

Uma vez recebida a bênção do Pai Divino, partiram bem cedo pois já se haviam despedido dos amigos na noite anterior. Os dois caminhavam com Jesus entre eles, após permanência de seis a sete anos no Egito.

José mostrava extrema cautela e cuidado conduzindo Maria e Jesus durante o percurso. Era gentil e amoroso e sua alegria era tão grande que podia ser vista em seu rosto, brilhante e majestoso. Embora muito

cedo, encontraram alguns egípcios que, mais uma vez, admiravam a extrema beleza de Maria e de Jesus. Essas pessoas comentavam a grande sorte de José por ter Maria como esposa e Jesus como filho. E que também Maria era muito afortunada pelo filho que tinha. Isso tudo agradava muito ao Santo e ele agradecia ao Senhor por ter sido eleito como pai adotivo daquela tão maravilhosa criança.

Dessa forma, em grande paz e felicidade, deixaram a cidade. Caminhavam louvando a Deus continuamente. José os observava permanentemente e adaptava seu ritmo de caminhar ao deles. E o grupo pequeno que formavam era admirado até mesmo pelos anjos do Céu que os acompanhavam pelo caminho. O ar da manhã estava extremamente puro e agradável, e parecia mesmo que todos os elementos da Natureza exultavam e festajavam o acontecimento à sua maneira própria, pois tudo o que havia sido criado mostrava sua alegria perante o Criador. Até mesmo os pássaros os acompanhavam, cantando com grande harmonia e beleza. O Santo observava esses fatos e não continha suas lágrimas, tal a alegria de que estava possuído.

Jesus praticava atos interiores — já descritos em outra obra — enquanto que Maria, sabedora de quem Ele era, O acompanhava, sugerindo a José que fizesse o mesmo e seguisse aquela contemplação de natureza interior; e ele assim agia, com grande amor e alegria em seu espírito.

Após terem caminhado por algum tempo, o Santo — para que Maria e Jesus não se cansassem e pudessem repousar um pouco — ordenou uma parada de recuperação, que se repetia espaçadamente. Nessas ocasiões sentavam-se e conversavam. Como qualquer criança da idade, Jesus se cansava e tinha fome. José pedia então ao Senhor para que transferisse para ele a fome e o cansaço mostrados pelos outros. E dizia para Jesus: *“Oh, querido filho! Deves pedir ao Pai Divino para que transfira para mim esse sofrimento e cansaço, porque somente eu sou o pecador. Sou eu quem deve sofrer e não tu e tua mãe, inocentes e santificados”*. Jesus com grande amabilidade, respondia que descera do Céu para a Terra para sofrer e que passava por tudo isso para cumprir a vontade do Pai e para salvar a Humanidade. E contava que tal sofrimento Lhe era até agradável; e o fazia com tanta graça, que José e Maria sentiam também prazer naqueles sofrimentos todos. E todas as agruras se tornavam simplesmente não importantes. Após repousarem por algum tempo, retomavam sua caminhada. Jesus, ao ver José cansado novamente, Lhe falava sobre as perfeições das obras divinas, palestras essas muito apreciadas por Maria e José, que não mais então sentiam os incômodos da fadiga. Caminhavam absorvidos, ouvindo com atenção, e até mesmo alegres em seus espíritos. Faziam assim longos percursos sem disso se aperceberem.

Para José, era desconhecida a estrada para Jerusalém. Todavia, não se preocupou em perguntar a direção porque em companhia de Jesus não poderia errar. De fato, Ele os guiava na direção correta. Paravam freqüentemente para repouso e Jesus aproveitava essas ocasiões para fazer com que admirassem a beleza dos campos e a imensidão do céu, dizendo: *“Observai como meu Pai Divino criou essas coisas todas em grande ordem e com infinita sabedoria”*. E falava dessa ordem e sabedoria divinas com tal eloquência, que eles se viam verdadeiramente extasiados, assim permanecendo por longos tempos. Em seguida, Jesus Se colocava em orações para o Pai Celeste e suplicava pela salvação da Humanidade. Voltando a si, retornavam à caminhada jubilosos e alegres.

Naquele dia Maria e José permaneceram em completo jejum, alimentando-se somente da alegria divina que representava a presença de Jesus, que os mantinha completamente saciados. Todavia, o Santo se preocupava, pois sendo Ele tão pequeno, necessitava alimentar-Se. Jesus o consolava dizendo: *“Caro José, não te aflijas. Nós todos nos restauraremos esta noite na hospedaria. Não te preocupes com o meu sofrimento, pois dentro em breve os enfrentarei verdadeiramente e passarei por muitas agruras no tempo. Não debes mortificar-te por pouco mas agradecer comigo ao Pai, que me dá ocasiões de sofrer algo e de poder mostrar-Lhe o amor que tenho por Ele e pela Humanidade”*.

Aproximando-se já a noite procuraram local adequado para o pernoite, onde pudessem repousar; o Santo se mostrava muito satisfeito, não por ele mesmo, mas sim por Maria e Jesus. Aceleraram seus passos para que chegassem a tempo, embora o Santo se preocupasse em que tal aceleração de marcha pudesse provocar sofrimentos ainda maiores aos seus dois queridos. Todavia,urgia que assim agissem para que não fossem apanhados pela noite durante a caminhada. Apesar de todas as alegrias que tinha, José não deixava também de ter suas aflições e preocupações com o bem-estar de Jesus e Maria.

No início da noite chegaram a uma hospedaria e lá se instalaram, alimentando-se de pão, água, hortaliças e algumas frutas. Retiraram-se para seu aposento e os hospedeiros — embora maravilhados com a beleza de Jesus e Maria — nada disseram e os deixaram repousar em paz. Passaram parte da noite orando louvando ao Senhor, e parte em repouso recuperando-se da fadiga extrema que tinham. Na manhã seguinte, bem cedo — após as costumeiras orações — partiram novamente. Muitos chamaram José de felizardo por ter esposa tão digna e filho tão belo, cuja graça e beleza cativaram a todos. José se alegrava ante essas afirmações e agradecia a Deus, reconhecendo os favorecimentos todos que Ele lhe dispensava.

Em certas ocasiões, estando Maria e José cansados, Jesus lhes tomava as mãos e caminhava entre eles, que então se sentiam mesmo como

se estivessem sendo carregados por alguém, sem sentirem mais qualquer fadiga. O Santo voltando-se para Jesus, dizia: *"Oh, meu querido filho! Tu alegras a minha tarefa e fazes com que não me canse, mas que me veja alegre e satisfeito! E quanto a Ti, tão pequenino, quem se encarrega de Teu sofrimento nessa tão longa viagem?"*. Com muita graça e afabilidade, Jesus respondia: *"O amor que vos tenho faz com que não Me canse. Ele adoça as minhas tristezas e faz com que eu possa tolerar tudo e caminhar com facilidade"*. Ouvindo tais palavras, o Santo exclamava: *"Oh, Amor Divino! Vinde para mim e inflamai também o meu coração!"*. Assim dizendo, extasiava-se de tal maneira que tinham até mesmo necessidade de parar por alguns momentos. Passado algum tempo, retomavam sua caminhada alegremente. O Santo, pela simples menção do amor, inflamava-se de tal maneira que parecia existir fogo em seu coração — como de fato existia — e se extasiava com o próprio significado da palavra, e também com sua doçura. Por isso Jesus recorria a ela com frequência falando em particular do grande amor que o Pai dispensava à Humanidade toda, pois havia enviado Seu Filho para salvá-la. Jesus tinha até por bem moderar algo esse Seu entusiasmo pois José se inflamava tanto que não podia mesmo mais controlar a força do seu amor, que o consumia como fogo. Pois as palavras de Jesus atuavam nele como ativadoras daquela imensa chama da qual estava possuído.

Após terem caminhado por bom tempo, paravam para recuperação do cansaço. Todavia, nada encontravam na região que lhes pudesse servir de alimento, pois nada havia mesmo a encontrar nela. Apareceram então alguns pássaros com algumas frutas nos bicos e as depositaram no colo de Jesus. Fortaleceram-se algo com esses alimentos e agradeceram carinhosamente ao Pai Divino que, mais uma vez, providenciava seu sustento, até mesmo por meio de seres irracionais. Alimentados, Jesus passou a falar sobre a Divina Providência, estimulando a fé existente no coração de José e também sua gratidão para com o Pai, que tanto os protegia e defendia. Em outras ocasiões, ao descansarem, surgiram pombos com ramos de oliveira nos bicos, que fizeram cair sobre Jesus. O Santo observava atentamente tais fatos e meditava sobre a grandeza das obras do Senhor, executadas através daqueles pequenos animais que saltitavam mostrando sua alegria. E ele os admirava, satisfeito por ver que assim agiam em honra ao Unigênito do Pai Celeste. Como será visto adiante, não faltaram também animais selvagens que fossem reverenciar o Criador, fatos que realmente pasmavam o Santo.

Dessa forma, seguiam seu caminho e muitas vezes foram forçados pelas circunstâncias a passar noites em pleno campo, sem mesmo encontrarem locais adequados para seu repouso noturno. Nessas situações, o Santo se via extremamente aflito ao ver que Maria e Jesus deveriam passar a noite completamente desabrigados. Utilizava seu manto para

cobri-los, tal como se fosse uma barraca de campanha. Fazia-o com tal engenho e arte, que ele se parecia mesmo com um abrigo, onde passavam a noite apreciando aquela pobreza. Entretanto, ele sofria vendo o desconforto de Maria e Jesus, sem poder socorrê-los naquelas circunstâncias. Em algumas dessas ocasiões receberam alimentos levados por anjos, ao que ele agradecia profundamente. Nessas ocasiões, de extrema necessidade, ele se voltava para o Pai e solicitava Suas providências, pedindo que não considerasse sua indignidade mas sim as necessidades enfrentadas pelo Seu Filho Unigênito e Divina Mãe. O Senhor não tardava em atendê-lo, de uma forma ou de outra. Contudo, em algumas dessas oportunidades, Ele teve por bem testar a fé daquele Seu servo e fez com que tardassem as necessárias providências. Nessas ocasiões, Jesus dizia: *"Oh, meu pai! Tenho necessidade de recuperação, pois tenho fome e sede!"*.

Essas palavras feriam José profundamente e ele chorava doloridas lágrimas. Levantava então suas mãos para o alto, clamando pela Providência Divina, e dizia para Jesus: *"Oh, meu filho! Como posso agir para socorrer-Te nessas necessidades? Sinto consumir-me frente a minha incapacidade em atender a situação tão aflitiva! Deves rezar para o Pai Celeste para que nos envie os alimentos necessários, pelo menos para ti e para tua mãe, pois que eu, que não o mereço, os dispenso voluntariamente"*. Jesus, como qualquer outra criança faria, dava de ombros e insistia em suas necessidades de comida. José se ajoelhava e, com lágrimas, rezava para que o Senhor socorresse seu filho. Deus, após ter provado a paciência e o sofrimento de Seu servo acabava por providenciar — até mesmo em excessos — os alimentos, agindo através de Seus anjos para isso. O Santo então agradecia, e rendia graças ao Senhor por aquelas providências. E pedia a Maria para que cantasse algum cântico de louvor para a Divina Providência. E ela assim o fazia, para grande alegria de Jesus e consolo de José, que se extasiava de tanta alegria.

O Santo teve de passar também por amarguras e aflições durante a viagem, principalmente nas ocasiões em que via Jesus triste e angustiado tratando com Seu Pai Divino, ocasiões essas que realmente o amarguravam. Não ousava perguntar a Ele quais as causas daquela Sua tão grande aflição. Indagava se tinha qualquer dor que o molestasse, ou se por acaso Se sentia mal, doente. Jesus apenas movimentava negativamente Sua cabeça como resposta e José ainda mais aflito, dizia para si mesmo: *"Oh, meu filho! Que é então que Te perturba tanto? Oh, inocente filho! Por quê Te afliges, Unigênito do Pai que és, alegria do Céu e de nossas almas? Como soffro por ver-Te em aflições e agústias! Com certeza, falhei em algo, ou Te desgostei!"*. E continuava amargado por não receber qualquer resposta de Jesus. Seguindo viagem, transferia sua aflição para Maria, também taciturna de seu lado, que acompanhava o estado de espírito de Jesus. Através de sinais, fazia com que ela entendesse suas

preocupações. E ela deixava que ele percebesse que Jesus se encontrava em colóquios com o Pai e que Ele se afligia pelas muitas ofensas que Lhe eram feitas pela Humanidade em geral. O Santo se acalmava temporariamente e, através de sinais de Maria, entendia a situação pois agora estava informado sobre suas causas. Uma vez seguro de não ser o motivo daqueles aborrecimentos de Jesus conformava-se, embora mantivesse ainda certa amargura por aquela Sua aflição tão grande. E ele mesmo meditava então sobre as muitas ofensas que o Senhor recebia das pessoas. Mortificava-se e chorava sentidas lágrimas. Jesus então Se acalmava e Lhe dizia: *“Meu pai querido, não te aflijas com as minhas angústias. Tu sabes que vim para salvar e redimir a Humanidade de todos os seus pecados. Sendo esse assunto da mais extrema importância, devo dele tratar continuamente com o Pai Divino. Estou ciente de quanto Ele ama todas as pessoas e também de que não recebe as devidas retribuições da Humanidade, ingrata em geral. Posso ver também o que o futuro reserva para Ele em maiores ingratidões. Portanto, nada mais posso que sentir-me amargurado e angustiado. Se Me vês aflito, não é por tua causa pois somente me das alegrias e não aflições.*

A essas palavras, José se ajoelhava derramando copiosas lágrimas, dizendo para Jesus: *“Tem compaixão e perdoa este humilde servo! Tenho pena em ver-Te triste, aflito, e angustiado, e chego a desejar minha morte. Não posso deixar de sentir-me dessa forma quando Tu, que és toda a minha alegria e meu consolo, Te mostras tão aborrecido e angustiado”.* E José então dizia coisas muito amáveis para Ele, contando também de seu grande amor. Pedia a Ele que transferisse para si as amarguras todas que O acabrunhavam, pois ele assim se sentiria melhor do que vendo Seu sofrimento, ele Jesus, a quem o Santo tanto amava, acima de si mesmo, e em quem depositava todo o seu amor.

NO CAMINHO DE JERUSALÉM

Da maneira descrita, seguiam seu caminho para Jerusalém. Embora tivessem a Divina Providência para socorrê-los em suas necessidades, passaram também por muitos problemas e sofrimentos, estando já bastante debilitados. Com essa viagem o Senhor desejava colocar à prova seu fiel servo José, e também Maria, para que aumentassem seus méritos por toda resignação que deveriam mostrar no exercício da virtude da paciência. Durante o percurso, muito freqüentemente nem mesmo tiveram o que comer, passando fome e sede! Em outras ocasiões, a chuva os castigava sem que tivessem lugar para se abrigarem ou para poderem secar seus corpos molhados. Outras tantas vezes, pernoitavam ao relento, em pleno campo aberto. Em outras ainda, chegando a alguma cidade, não encontravam alojamento e, castigados pela fome e pela sede, não encontravam nem mesmo água e pão com os quais pudessem saciá-las.

Nessas ocasiões, exaustos e debilitados, precisavam sair novamente da cidade à procura de algum tipo de hospedagem. Essas dificuldades atuavam como espadas no coração de José pois tais fatos o atormentavam e lhe provocavam imensa dor. Apesar de tudo, paciente como era, jamais se queixou sobre o que Deus lhe destinaria. Nunca reclamou das pessoas que lhes negavam até mesmo pão e jamais as tratou com menos cortesia por isso. O máximo que fazia era voltar-se para Jesus e dizer: *"Meu querido filho! Meu coração sofre por ver-Te objeto de tal tratamento por parte das pessoas. Deves perdô-las pois se soubessem quem és, com certeza não Te negariam um lugar para repouso, e também algo para Te alimentares. Por isso, são dignas somente de Tua compaixão!"*.

Encontrando-se eles em meio àqueles campos abertos e desolados, sem qualquer possibilidade de abrigo noturno, o Santo se afligia e se condola, por Jesus e Maria, e dizia para si mesmo: *"Ah, meu Deus! Desde minha tenra infância tenho a promessa de Vosso socorro em minhas empreitadas. Podeis agora ver em que difícil situação me encontro. Não me preocupo por mim, mas sim pelo Vosso Unigênito e por Sua Divina Mãe. É por eles que suplico pois, de natureza tão nobre e delicada que são, com certeza sofrem muito. Assim, eu Vos suplico que nada de ruim lhes aconteça, mas sim a mim somente!"*. O Senhor, conforme habitualmente, ouvia essas súplicas de Seu servo e lhe falava diretamente ao coração, fato que muito o agradava.

Caminhando por aquelas regiões desérticas, ocorria que animais selvagens e ferozes vinham prostrar-se na frente de Jesus. E, mais surpreendente ainda, não se afastavam enquanto Ele não lhes desse permissão. Partindo, inclinavam-se reverentemente também na frente de José e de Maria. O Santo observava atônito e, voltando-se para Jesus dizia: *"Como acontece que esses animais, selvagens que são, venham reverenciar-Te e reconhecer-Te como o Criador? E, assim sendo, como podem as pessoas racionais não Te reconhecerem como tal e não dispensarem a devida consideração, negando-te até mesmo alojamento, pão e água? Ah, que estranhas são todas essas coisas! Agora, ainda pequeno que és, as feras Te reconhecem, mas os homens não. Que acontecerá então quando cresceres?"*. Jesus, elevando Seus braços para o alto, e também Seu olhar, respondia: *"Serei tratado como está escrito que seja para mim, e todas as Escrituras serão respeitadas"*. José não entendia o verdadeiro sentido daquelas palavras pois, se entendesse, teria morrido naquela instante. Todavia, de certa forma tinha um presságio sobre o que iria acontecer no futuro e esse sentimento o preocupava muito.

O simples pensamento sobre os sofrimentos todos que Jesus deveria enfrentar significava para ele uma preocupação contínua e permanente. Era mesmo como uma espada que lhe trespassasse o coração! E, quando esse pensamento o atormentava sobremaneira mal podia sustê-lo de

pé e tinha que sentar-se para descansar. Maria e Jesus se aproximavam dele e o Menino colocava Suas pequenas mãos sobre os ombros do pai e o abraçava amorosamente. O Santo então se animava e afastava de si os maus pensamentos que tivera, tornando-se tão alegre quanto anteriormente estivera triste. Em outras ocasiões, cansados, sentavam-se à beira do caminho e Jesus então lhes falava sobre as perfeições divinas e eles ficavam assim extasiados com a grande alegria que os tomava.

Ao Jesus abraçar José, estando este possuído por aqueles maus pensamentos ou quando o coração do Santo se inflamava intensamente, Ele dizia para Maria: *"Podes ver, minha querida mãe, como José está tomado de amores!"*. E ambos se mostravam muito alegres com isso, vendo o Santo naquele seu estado de concentração tão profundo, desfrutando as delícias do abraço de Jesus. Passado algum tempo, eles o chamavam e diziam que o Pai ordenara que seguissem viagem. E ele se colocava à disposição dessas ordens e, completamente revigorado, punha-se a caminho de mãos dadas com Jesus, mãos que lhe pareciam forte sustentação e apoio, como de fato eram.

Tendo já viajado longo espaço de tempo, os santificados peregrinos finalmente se aproximaram de sua terra natal, tendo Jesus deixado suas bênçãos pelos locais por onde haviam passado.

Como era de se esperar, José não escondia seu contentamento pelo término daquela viagem tão difícil e atribulada, uma vez que assim terminariam os sacrifícios todos de Jesus e de Maria. E participou a ambos aquela sua grande alegria com a proximidade da terra natal. Entretanto, essa alegria teve curta duração pois na hospedaria em que pernoitaram, ficaram cientes de que, após a morte de Herodes, reinava no trono seu filho Arquelaus, tido como sendo um homem terrível também. José se aborreceu muito com a notícia e muito se atemorizou, temendo que Arquelaus pudesse também perseguir Jesus, de forma semelhante a seu pai Herodes. Todavia, não desejava demonstrar esse medo a Maria, para que ela não se preocupasse também, e muito menos ainda a Jesus. Dessa forma, apenas permanecia soturno e aflito. Maria, como sempre, era co-nhedora de todos os problemas e não tardou em confortá-lo e pediu a Jesus que fizesse o mesmo. E ambos lhe garantiram que nada aconteceria a Jesus, pois ninguém estava contra Ele. José nada deveria temer pois tudo se desenrolaria segundo a vontade de Deus. E, tendo o Senhor os chamado de volta a Nazaré, nada deveriam temer. Essas palavras de Maria e Jesus acabaram por acalmar o Santo, que afastou de seu coração todos aqueles temores. E eles seguiram sua viagem para Jerusalém.

Confabularam sobre o que lá deveriam realizar. Se deveriam ir imediatamente ao Templo. Se antes iriam à gruta em Belém, ato esse que José e Maria muito teriam apreciado, pois desejavam reverenciar aquele local

onde havia nascido seu querido Jesus, pelo qual tinham especial devoção. E conversaram também muitos assuntos correlatos. José, como chefe da família, tinha o poder das decisões. Mas solicitava as opiniões de Maria e Jesus, para que fossem atendidas as ordens divinas das quais tinham conhecimento. Tiveram então por bem que deveriam visitar o Templo em primeiro lugar, para que lá pudessem adorar ao Pai Divino e agradecer a Ele todos os benefícios que lhes havia concedido durante aquela severa viagem e também pelo fato de que, os havendo chamado de volta, tivesse permitido que eles chegassem sãos e salvos a Jerusalém. Decidiram também que, em seguida, iriam a Belém homenagear o local do nascimento de Jesus. Após tomarem tais resoluções, seguiram viagem muito alegres com tudo. O Santo então dizia: *“Será que no Templo e na cidade as pessoas nos reconhecerão? Como elas irão tratar-Te, Jesus? Mostrarão boa vontade? A mim basta que Te tratem bem, e também à sua mãe. Comigo, não importa como o façam, pois não ponho importância nisso. Tenho a Ti, e isso me basta”*.

Jesus, ouvindo tais palavras, apenas sorria e lhe afirmava que nada temesse, pois tudo aconteceria exatamente segundo as ordens do Pai Celeste. Por outro lado, mostrava seu agrado por aquelas preocupações de José em termos de que fosse bem recebido. E dizia mais: *“Querido pai! Podes crer que serás abundantemente gratificado por tudo o que fazes por mim, e por todo o bem que me desejas, pois meu Pai também retribui as boas intenções e pensamentos e não somente os atos. E assim serás largamente recompensado”*. José chorava ouvindo essas palavras e respondia: *“Oh, meu querido filho! Que mais elevada remuneração posso pretender que a ter-Te comigo? Mesmo sem qualquer outra retribuição, pelas minhas poucas e pequenas ações, já de haver-me Ele constituído como teu pai adotivo é uma compensação incomparável. Que mais posso desejar além de poder conviver contigo e ser-me permitido viver em Tua companhia?”*.

A SAGRADA FAMÍLIA NO TEMPLO DE JERUSALÉM

Uma vez em Jerusalém, os santificados peregrinos foram imediatamente ao Templo para a devida prestação de honras ao Pai Celeste. Muitos se impressionaram com a extraordinária beleza mostrada pelo Menino Jesus, e também por Sua Mãe, pois Ele com o passar do tempo crescia também em beleza, majestade e graça. Estavam muito cansado e famintos, mas ninguém se prestou a atender a essas suas necessidades. E eles — embora com fome, sede e fatigados — colocaram-se em orações no Templo. José, como de hábito em tais ocasiões, teve um daqueles seus estados de êxtase no qual o Senhor lhe revelou mistérios que envolviam Suas ações e motivos que teria tido para permitir que Seu Filho Divino

fizesse uma viagem tão longa e atribulada naquela tão tenra idade. Foi também informado sobre seus méritos em seguir à risca as ordens do Altíssimo, mostrando-se sempre resignado, e de quanto agradavam ao Senhor essas suas posturas. De um lado, isso satisfazia muito ao Santo. De outro, todavia, o deixou algo confuso, pois achava não ser merecedor de todas aquelas concessões. Sentiu-se muito humilde e acabrunhado enquanto meditava em como era indigno até mesmo para agradecer, pois não sabia como retribuir àquela bondade toda, a tanto amor e tão grande caridade para com ele. Voltando a si viu-se confuso e embaraçado, e então colocou seu rosto no chão em nova adoração ao Senhor. Chorando de alegria, dizia para si mesmo: *"Oh, Deus imenso e onipotente! Como posso, servo tão humilde, ser objeto de graças tão grandes? Como posso merecer tantas distinções? Ah, somente Vossa bondade infinita poderia realizar essas ações!"*. E permanecia nesse tipo de colóquios com Deus até que Maria e José tivessem terminado suas orações.

Tendo deixado o Templo, José ainda não podia entender os imensos favores que recebia e as graças a ele concedidas. Ajoelhou-se então aos pés de Jesus, em local onde não eram observados, e suplicou para que Ele falasse a agradecesse ao Pai por todas aquelas concessões que lhe eram feitas, a ele servo tão humilde. Agiu da mesma forma com Maria. E Jesus lhe disse então: *"Não sabes querido pai, que o meu Pai Celeste é muito condescendente? E querias que Ele não te concedesse retribuições, aqui na Terra mesmo, por todos os sofrimentos passados nessa viagem tão difícil? Alegra-te com as recompensas, pois de alguma forma as mereceste pelo amor demonstrado, pelos sofrimentos todos, pela obediência e toda tua solicitude. E podes, com certeza, aguardar novos favorecimentos por parte do meu muito amoroso e condescendente Pai Divino!"*.

As palavras de Jesus eram como dardos incandescentes que atravessavam o já inflamado coração de José, dardos que o faziam vibrar intensamente e que aumentavam ainda mais o seu já grande amor pelo Senhor. Sentia seu coração bater mais rapidamente e se consumia naquele ardor todo. Voltando-se para Jesus, dizia todo inflamado de amores: *"Oh, como poderia agir para que todos sintam esse mesmo amor pelo Senhor? Oh, querido Jesus! Que posso fazer para que tu, e teu Pai Celeste, sejais conhecidos e amados por todos? Meu coração está impaciente!"*. Jesus, no sentido de acalmá-lo, dizia: *"Acalma-te e alega-te, meu querido pai, pois chegará esse tempo em que eu — e meu Pai Divino — seremos amados por muitos e no qual inúmeros serão os conhecedores dos grandes benefícios que faremos e do grande amor que temos pela Humanidade!"*. Essas palavras acalmavam e consolavam José que, elevando suas mãos para o céu, agradecia profundamente ao Senhor pela feliz notícia que lhe dava. Voltando-se para Jesus, dizia ele: *"Um dia então os meus desejos serão atendidos! Haverá mesmo um dia, em que Tu e o Pai sereis*

amados e conhecidos por todos! Oh, que dias felizes serão! E como me alegro por isso!". E convidava então Jesus e Sua Mãe para que também louvassem ao Pai e que mostrassem a Ele sua gratidão. Depois disso, pedia aos anjos para que, em cântico, suplicassem graças em seu nome, e no de todas as criaturas.

Jesus se mostrava satisfeito com esses ardores de José e mostrava essa Sua alegria acariciando-o ternamente. É de todo desnecessário mencionar as ocorrências com Maria, em sua vida admirável. Tendo o Senhor atuado no espírito de José, é fácil imaginar-se como o teria feito na puríssima alma de Maria. Por esse motivo, Jesus tinha grande entusiasmo por ela, e dela recebia muitas alegrias e consolações. Não é mesmo de causar admiração todo aquele ardor mostrado pelo Santo, pois se encontrava entre dois imensos focos de amor ainda maiores, que eram Maria e Jesus. E estava plenamente ciente dessa sua sorte, pois exclamava constantemente; *"Como posso merecer tanto, Senhor?"*. Assim dizendo, elevava seus olhos para o alto e assim permanecia por longo tempo. Colocava depois seu rosto no chão — em profunda postura de humildade — humilhava-se e reconhecia sua insignificância. Com tais atos, cresciam progressivamente seus méritos em termos de novas graças.

José repousou algo durante aquela noite em Jerusalém. Puderam eles assim conseguir alguma restauração de forças naquela viagem tão problemática e difícil, e então, como de hábito, se alimentaram de pão e hortalças. Passaram a noite parcialmente em orações, parcialmente repousando. Ao alvorecer, dirigiram-se ao Templo e lá se mantiveram em preces, ocasião em que o Santo recebeu novos favorecimentos do Senhor. Esperando por Maria e Jesus, recordou as graças que havia recebido de Deus naquele mesmo local, antes de seu casamento. Lembrou-se também dos maravilhosos sinais vistos por todos ao desposar Maria naquela Templo. Por tudo isso, rendeu suas graças ao Senhor. Todavia, entre lembranças tão alegres não lhe faltaram também outras amargas, que se referiam às profecias de Simão envolvendo a vida de Jesus e comunicadas a Maria. E essa recordação o conduziu às lágrimas, dadas as dolorosas perspectivas que encerrava. Dessa forma, mais uma vez se viu confuso entre tantas alegrias e a dor que lhe causava a lembrança dessa profecia.

Terminadas as orações, deixaram o Templo e rumaram para Belém. Na caminhada, o Santo se mostrava muito ansioso por chegar rapidamente àquela gruta, local do nascimento de Jesus. Durante o percurso, relatava a Jesus as muitas graças que recebera do Senhor no Templo. Contava também as ocorrências envolvendo o anjo e o que lhe dissera durante seu sono; e também sobre certas promessas que Deus lhe fizera. E dizia que o anjo não havia explicado claramente quais seriam essas promessas ou graças. Somente que seriam muito grandes, para as quais

deveria preparar-se convenientemente através de muitas preces e orações, atos esses que ele havia realizado. Dizia também que, entretanto, jamais imaginara fossem tão sublimes, pois nunca poderia ter imaginado seu casamento com Maria e também que acabaria por tornar-se seu pai adotivo! E de como se sentia grato ao Senhor, que lhe permitira assumir na Terra, aquele Seu lugar de pai. E Jesus respondia: *“Oremos em conjunto e agradeçamos ao Pai por esses favorecimentos incomparáveis que Ele Se dignou a conceder a José!”*. E Jesus orientava também Maria para que cantasse cânticos em louvor ao Senhor, e ela assim o fazia, compondo e cantando melodias muito tenras que maravilhavam até mesmo os anjos. Jesus a acompanhava, e até mesmo o Santo arranjava alguma forma de fazê-lo. Era verdadeiramente entusiasmante vê-los assim a cantar docemente. E pássaros, à sua maneira típica, se juntavam a eles, cantavam em cântico, e louvavam ao Rei e Rainha do Universo! José se extasiava de tal forma que nem mesmo percebia a marcha que realizavam, alegrando-se imensamente com aquelas aves companheiras que louvavam a Deus, já que as outras pessoas não o faziam.

Em certas ocasiões ele ouvia também cantos entoados pelos anjos, fato incomum uma vez que não os via. Extasiado como se encontrava com os cânticos de Maria nem prestava a devida atenção àquelas melodias dos anjos. Mas, à medida que se aproximavam da gruta do nascimento de Jesus podia ouvi-los com toda clareza, pois cantavam alto e em bom som, mais festivos e com maior ternunra. Imaginava então que eles assim agissem em homenagem a Maria e Jesus, embora não solicitasse a ela confirmação a esse respeito. Entretanto, em dada oportunidade, ela mesma abordou o assunto: *“Aprendamos através desses coros angelicais como louvar ao Senhor. Ouves, José, como cantam com tanta sabedoria e ternura?”*. Por essas palavras, ele teve a desejada confirmação da existência daqueles cânticos entoados pelos anjos. E dizia para ela: *“Oh, minha querida Maria! Sabes bem quanta alegria me trazem essas melodias do Céu! Contudo, o teu canto é incomparavelmente mais tenro e mais doce, e conforta o meu coração! É inenarrável a alegria que tenho quando elevas tua doce voz para cantar! Não sei como dizer-te, mas as melodias que entoas são muito superiores às que ouço dos anjos. Na verdade, Maria, o Senhor te concedeu todas as virtudes e prerrogativas, para ocupares esse honroso posto de mãe do Messias e eu me congratulo contigo em razão de teres sido a eleita para essa tão digna posição. Agradeço ao Senhor e compartilho dessa tua tão grande felicidade. Não debes esquecer-te nunca de agradecer a Ele a imensa graça que me concedeu, elegendo-me como teu marido e protetor. És bem aceita por Ele. Agradece em meu nome, pois não me sinto à altura de corresponder a todas essas graças e dádivas!”*.

Como de hábito, Maria ouvia atentamente a essas palavras de seu marido, e exaltava a bondade do Senhor como sendo responsável por tudo, assegurando-lhe que atenderia prazerosamente àqueles seus pedidos. Essas conversas todas eram realizadas enquanto Jesus confabulava com Seu Pai, atos esses que realizara durante toda a viagem, ajoelhado, concentrado e ausente, rogando pela salvação da Humanidade. Enquanto realizava esses atos de súplicas, José e Maria se entretinham com essas conversas, muito apreciadas pelo Santo pois elas na verdade enriqueciam seu espírito e saciavam todos seus desejos.

JESUS, MARIA E JOSÉ EM BELÉM

Chegando em Belém, eles se dirigiram imediatamente à gruta onde havia ocorrido o nascimento de Jesus. Foram admiráveis os efeitos sobre José, observados assim que nela penetraram. Ele foi tomado de imenso sentimento de alegria e contentamento, acompanhados de outro tanto de reverência e respeito por aquele lugar tão santificado. Permaneceu imóvel por algum tempo beijando então o local onde nascera o Redentor, vertendo copiosas lágrimas de ternura. Beijava seguidamente aquele chão abençoado — primeiro no mundo a acolher o prometido e esperado Messias! — e seu coração flutuava em mares religiosos. Teve um daqueles seus profundos êxtases, particularmente acentuado, sendo iluminado pelo Senhor com revelações de muitos segredos e mistérios. Voltando a si, tinha uma fisionomia tão radiante e luminosa que chegava mesmo a surpreender. Cheio de alegrias louvou ao Senhor e agradeceu aos benefícios que lhe dispensara. Maria, absorta também em seus pensamentos, viu Jesus muito concentrado em orações ao Seu Pai. E todas essas ocorrências convergiam para a imensa satisfação do Santo. Terminadas essas orações, sentiram-se todos confortados e refeitos como se alimentados fartamente. Era como se o Senhor desejasse saciá-los também fisicamente, pois o avançado da hora impedia que José providenciasse quaisquer alimentos. Ele se sentia completamente satisfeito, mas temia que o mesmo não acontecesse com seus dois entes queridos. Perguntou-lhes se deveria dirigir-se à cidade em busca de comida e pôde então saber que eles também estavam saciados em sua fome. Assim, renderam suas graças ao Senhor, tomados de grande afeição e ternura por Ele. José, muito humildemente, dizia: *“Sinto-me constrangido com todos esses benefícios por parte do Senhor! Que conceda tais graças a Ti, querido Jesus, e para Tua Santíssima Mãe, posso entender, sendo as personagens importantes que são. Mas, que isso se estenda também a mim, vil e humilde servo, me causa grande admiração! Não mereço, e jamais o merecerei. Por isso, tenho para mim que o Pai age dessa forma unicamente em consideração a vós outros”*.

Depois dessas palavras, Jesus passou a falar sobre as providências e a condescendência de Seu Pai Divino, assunto esse que os absorveu completamente tais eram a graciosidade e sabedoria com que falava. Eram tão admiráveis, que Maria e José foram tomados de profundo respeito em seus corações. E José exclamava: *“Oh, Jesus, querido filho e Senhor! É impossível ouvir tais palavras sem ser atingido profundamente no coração! Ao ouvi-las, todos irão render-se, inclusive os animais irracionais e até mesmo ferozes! São palavras profundamente sábias que penetram no íntimo dos corações e ferem as almas! Espero que todos se tornem presos de amores e que possas conquistar todos aqueles que se encontram em estado de pecado!”*. Com essas palavras, Jesus se mostrou tristonho e acabrunhado pois sabia perfeitamente quanto imensas seriam a dureza e a maldade nos corações daqueles judeus, que teriam ocasião de ouvir freqüentemente Suas palavras; mas que iriam também oferecer imensas resistências a elas, progressivamente mais duras, mais insistentes e mais difíceis de enfrentar.

Naquela noite, empregaram seu tempo parte orando em conjunto para o Divino Pai, parte repousando. O Santo dormia perto da manjedoura na qual Jesus se deitara tantas vezes para descansar, não podendo dela afastar-se e vertendo tenras lágrimas. Maria se mantinha no local onde Jesus nascera, e nela se renovavam as alegrias que havia experimentado durante aquele sublime ato. Jesus se encontrava nas proximidades orando e fazendo Suas habituais súplicas e oferendas ao Pai Divino, em termos da salvação da Humanidade. Coros de anjos O acompanhavam e homenageavam, cantando “Glória a Deus nas alturas!”. Nessa mesma noite, renovaram-se todas as alegrias pelo nascimento do Redentor e o Santo foi tomado de imensa alegria.

Na manhã seguinte, rezaram em conjunto — como habitualmente — e depois disso José lhes pediu permissão para ir à cidade em busca dos alimentos necessários, para que então partissem para Nazaré. Teve que esforçar-se muito nessas providências e então retornou, e eles puderam alimentar-se com o pão e água que trouxera, pois nada mais havia conseguido. Isso o preocupava, pois temia que sofressem de fome e de sede. Eles o acalmaram afirmando-se muito satisfeitos com o que haviam recebido, pois muito lhes agradava o estado de pobreza. Realizadas as necessárias orações habituais puderam então partir em direção a Nazaré.

José observara a ingratidão mostrada por algumas pessoas em Belém, queixando-se a Jesus da pouca boa vontade mostrada por elas e de seu pequeno sentimento de gratidão. Jesus o acalmava, exortando-o a sofrer com paciência e alegria até, para que se exercitasse na prática das virtudes da compreensão e resignação naquela situação de precariedade de alimentos. Fazia com que o Santo se lembrasse de todas as

graças que a Divina Providência Ihes havia concedido. E José então se arrependia imediatamente e pedia a Jesus que o perdoasse por não poder conformar-se com as maldades que as pessoas Lhe faziam, e à sua Divina Mãe. E dizia: *“Sabes, meu querido Jesus, que é grande o meu desejo que venhas a ser reconhecido e amado por todas as pessoas, e que elas também se mostrem gratas. Quando as vejo agindo contrariamente, tenho grande desprazer”*. E Jesus respondia: *“Sabes bem, meu querido pai, que até agora tenho sofrido menos do que o que me está destinado e que aceito tudo, alegre e resignadamente, para atender à vontade do Pai e para mostrar o amor que dispenso à Humanidade. Portanto, debes imitar-Me e agir da mesma forma, enquanto te leva a tristeza ao coração”*. Essas palavras calavam fundo no coração do Santo, que se acabrunhava em pensar quanto grandes seriam ainda os sofrimentos de Jesus. Isso amargava a sua vida pois O amava muito, com um amor profundamente intenso, e a simples idéia de que Ele deveria ainda sofrer muito em Sua vida fazia com que seu coração se despedaçasse. Mostrava-se muito aflito e preocupado, até mesmo inconsolável, até que o Menino — com palavras confortantes — o animava a conformar-se e resignar-se à vontade do Senhor. O Santo então se submetia a tudo o que fosse necessário e, à simples expressão *“vontade do Pai”*, inclinava sua cabeça em sinal de assentimento.

Nessa caminhada para Nazaré José pôde observar verdadeiras maravilhas. Ao aproximar-se de sua terra natal, todos os animais foram ao encontro do Redentor, embora as pessoas não agissem também dessa forma. Todas as espécies de pássaros rendiam suas homenagens e festejavam com cantos a presença do Criador, mostrando seu contentamento ao saltitarem continuamente e cantarem. Vieram também animais selvagens e ferozes, para as devidas reverências. O Santo observava maravilhado e muito se alegrava com essas manifestações da Natureza, pois até mesmo o ar, diferente, parecia mostrar sua alegria. E ele, todo contente, dizia para Jesus: *“Oh, meu querido filho! Todas as criaturas da Natureza se mostram contentes com Tua volta a Nazaré! Até mesmo as plantas, à sua maneira, se mostram jubilosas! E meu coração se alegra com tudo isso. Se assim agem os irracionais, que farão nosso conterrâneos ao ver-Te de volta? Ao verem Tua beleza, graça, amabilidade, com certeza muito se rejubilarão também seus corações! Custa a passar o tempo, e cada minuto me parece um século para que possamos desfrutar toda essa alegria!”*.

Essas afirmações todas José fazia em razão de seu grande amor por Jesus e por desejar ardentemente que fosse reconhecido e amado por todos, além do grande compadecimento que tinha pelo seu próximo, desejando que todos pudessem participar daquela sua alegria em conviver com Jesus. Na verdade, ao se aproximarem eles de Nazaré, todos os

habitantes da cidade sentiram uma repentina alegria, embora não conhecessem exatamente o motivo desse estranho e inusitado sentimento. Tanto que nem deram muita atenção ao fato, naquele dado instante. Mais tarde, alguns meditaram a respeito. Foram os mais chegados a Maria, e seus vizinhos, gente temente e observadora da Lei do Senhor. E então puderam entender que fora a chegada do Menino-Deus que lhes provocara aquelas estranhas sensações de alegria. Jesus, Maria e José caminhavam alegremente por se encontrarem já nas proximidades de sua querida terra natal. Descansavam com certa regularidade, pois se viam verdadeiramente fatigados pela longa jornada feita. Nesses pequenos descansos usufruíam dos favorecimentos do Senhor e o Santo permanecia muitas vezes naqueles seus estados de êxtase, ocasiões em que levantava seus braços para o alto e permanecia totalmente absorvido pelas grandezas providenciadas pelo Senhor. Na verdade, tinha esse hábito desde menino — o de admirar-se com as obras grandiosas de Deus — e o manteve por toda sua vida, pois sabia ser lá no Céu a morada de seu Deus. Dizia então a Jesus, voltando a si: *“Querido Jesus! Apesar de ser grande a felicidade que tenho em olhar-Te, em conviver contigo, em desfrutar Tua amável presença, e ver em Ti a divindade oculta, muito me agrada olhar para o céu, e isso enche de júbilo meu coração”*. Jesus então lhe dizia: *“Não há do que admirar-se, pois é lá que habita o meu Pai Divino, sentado em Seu trono, com Sua divina Majestade. Lá te está também destinado importante lugar, e poderás então ver a face revelada do meu Pai, e todas as imensas belezas criadas por Ele, além de todos os tesouros da Divindade”*. O Santo, refeito, e muito contente, exclamava: *“Oh, Céu! Oh, Céu! quando chegará a hora em que me terei tornado digno de entrar e poder ver o Senhor, com Sua face revelada? Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!”*. Assim dizendo, passava para aquele seu êxtase e Jesus Se mostrava muito satisfeito em ver aquele clamor de José pela face revelada do Senhor. Ele desejava que chegasse também logo a hora de cumprir Sua tarefa de Redentor da Humanidade, qual seja, a hora de Sua Paixão e Morte, na qual se abririam todas as portas da Eternidade e todas as pessoas desfrutariam as imensas alegrias do Paraíso.

A CHEGADA A NAZARÉ

Chegando a Nazaré em hora avançada da noite, dirigiram-se para a sua pequena casa. O Senhor permitiu que ninguém os visse e que, dessa forma, pessoa alguma fosse perturbar aquela tranquilidade com desejos de boas-vindas. Somente algumas vizinhas, muito amigas de Maria, tiveram tal permissão.

Tão logo dentro da casa, foram de imediato para aquele pequeno quarto onde se havia operado o altíssimo mistério da Encarnação do

Verbo Divino. No local, ajoelharam-se e adoraram ao Pai Celeste agradecendo por ter feito com que chegassem são e salvos àquele destino. Fizeram também muitas orações de graças pelo benefício que Ele fizera a toda a Humanidade, o de haver enviado Seu Unigênito para o resgate de todos os pecados e da dura servidão de todas as pessoas. E, como aquele grande mistério tivesse acontecido naquele aposento, é fácil imaginar-se a alegria que tomou conta das três personagens. José se sentiu subitamente tomado por um verdadeiro turbilhão de sentimentos e desfrutou excepcionais alegrias naquele momento. De fato, foi assaltado por tal êxtase que pôde deliciar-se com seu Deus de forma nunca antes sentida. Nesse estado, mais uma vez lhe foram reveladas altos mistérios da Encarnação do Verbo Divino. Havendo Maria e Jesus terminado suas orações e período de recolhimento, os anjos providenciaram algo de comer para eles, para que se restaurassem. Após terem rendido suas graças por aqueles alimentos, retiraram-se para seus aposentos no sentido de repousarem pois estavam extremamente cansados.

José não cabia em si de contentamento e alegria e muito pouco descansou naquela noite, passada praticamente em agradecimentos ao Senhor. Dizia, para si mesmo: *"Finalmente, estou em casa! Aqui, com tranquilidade, posso agora desfrutar da companhia de Maria, e do meu querido Jesus! Que felizardo és, José! Que tanto fazes pelo teu Deus, para que tanto te beneficie? Como corresponderás a todas essas graças?"*. Dirigindo-se ao Senhor, dizia então: *"Aqui estou, Senhor, preparado para seguir Vossa vontade! Empregarei todo o meu tempo a Vosso serviço, ao do Vosso Unigênito, e ao de Sua santa Mãe. Tudo farei para que eles tenham tudo o que necessitam para viver, pois a mim coube a felicidade dessa tarefa. Sabeis perfeitamente Senhor, que somente desejo servir à Mãe, e ao seu Filho, submeter-me completamente a isso, e a eles, em tudo o que me ordenarem. Todavia, sabeis também que se de Vós vier a receber qualquer instrução contrária, qual seja, a de portar-me como chefe e comandar, submeterei minha vontade à Vossa, e comandarei. Nessa situação eventual, suplico-Vos Senhor, a graça de exercitar tais funções de maneira correta. Que eu tenha pois as qualidades e virtudes, para tanto, para não ocupar indignamente o alto posto que concedeis. Peço também não me ser dado executar algo que seja contra Vossos desejos, aos do Vosso Unigênito, e aos de Sua Santificada Mãe"*.

O Santo passou toda aquela noite em súplicas — os minutos lhe pareceram séculos! — com grande expectativa de que mais rapidamente chegasse o instante de rever Jesus e sua amada Maria. Encontrava-se tão preocupado com as providências a serem tomadas no sentido da manutenção diária de ambos que rezava fervorosamente para que o Senhor lhe providenciasse qualquer tipo de atividade para que pudesse atender àquele compromisso. Tentava prever tudo e se mostrava muito

solícito e diligente. E Deus muito se comprazia com essas suas atitudes e atendia então aos seus pedidos. José, de seu lado, procurava corresponder a essas graças que lhe eram concedidas, e as recebia com agradecimentos, reconhecendo em todas as Sua infinita bondade e condescendência. Tinha para si que elas não se fundamentavam em seus méritos — pois que se achava indigno — e derramava sentidas lágrimas por não possuir todos os elementos que julgava necessários. Pessoalmente achava nada merecer, mas que o Senhor assim agisse só por Sua infinita bondade e misericórdia.

No dia seguinte, tão logo acordou, passou a arrumar a casa para que pudesse trabalhar novamente em sua profissão. Aguardou que Maria e Jesus também se levantassem para saudá-los e rezarem em conjunto. E eles deixaram seus aposentos e a ele se dirigiram para os cumprimentos habituais. Maria se mostrava muito prestativa, desejando saber seu estado, se havia repousado convenientemente, conforme mandavam suas obrigações de esposa amorosa e leal que era. O Santo se constrangia e se embaraçava com todas essas gentilezas, agradecendo com humildade todos aqueles cuidados para com ele e, de seu lado, também oferecia seus préstimos mostrando grande vontade em servir em tudo o que se encontrasse ao seu alcance. E dizia: *“Querida Maria, ficaria extremamente satisfeito se o Senhor me destinasse como teu servo para servir-te em tudo o que for necessário. Todavia, é Seu desejo que eu me comporte como marido, ordenando e comandando, e devo submeter-me a essa vontade. Deves perdoar-me, em termos de minhas faltas e fraquezas, e deves também ajudar-me a louvar e agradecer a Ele por todas as graças que me concede”*. À medida dessas palavras, José observava com atenção a extrema humildade de sua esposa e se penalizava. Entretanto, não podia deixar de manifestar suas vontades e decisões. Ele a via cada vez mais linda e graciosa, humilde e ao mesmo tempo majestosa, e se alegrava muito quando a olhava, dizendo para si mesmo: *“Mas que grande felicidade a minha em poder conviver com criatura tão digna! Como poderei jamais merecer dádiva tão grande a mim concedida pelo Pai?”*.

Após essas considerações ele se voltava para Jesus e, tendo-se por indigno, se humilhava sem falar fixando apenas seu olhar no Menino. Animado pela confiança em ser Seu pai adotivo falava então sobre aquelas suas ansiedades todas em poder servi-Lo e amá-Lo. Sentia tal alegria, que só de olhar para Ele, derramava tenras e sentidas lágrimas. Na verdade, Ele e Maria representavam seus únicos objetos de amor, de alegria e de satisfação. Vendo-se atribulado ou perturbado por qualquer coisa, bastava que os olhasse para que se confortasse e nada mais pudesse desejar. Por isso, não se alegrava com quaisquer outras ocorrências e nada mais lhe causava impressão positiva do que o amor que neles depositava. Na verdade, nem mesmo sequer olhava para quaisquer outras coisas

fossem elas quais fossem. E nisso tinha suas razões, pois neles residia a graça divina. Em Jesus, particularmente, morava a própria Divindade, fato que o Santo entendia perfeitamente.

Como de hábito, os três disseram os costumeiros louvores a Deus, para sua grande satisfação e ele então deixou a casa — com o beneplácito de ambos — e foi em busca dos alimentos de que necessitavam. O Senhor providenciou para que arranjasse logo trabalho e assim pudesse cumprir com suas obrigações essenciais. Muitos se congratularam com ele por seu retorno a Nazaré, especialmente os mais amigos, e muitos lhes perguntaram também onde haviam estado durante sua ausência da cidade. E ele lhes respondia que estavam onde a Providência Divina os havia conduzido, para que pudessem salvar a vida de Jesus. E também que eles, voluntariamente, muito haviam sofrido para que o Menino escapasse da perseguição de Herodes. Os verdadeiros amigos naturalmente se alegraram com essas notícias. Todavia, os que não eram não se sentiram exatamente satisfeitos com elas.

O Santo recebeu alguns donativos em dinheiro, para que pudesse adquirir alimentos para ele e para sua família. Foram providenciados a seu pedido, por aqueles citados amigos sabedores de sua precária situação momentânea. José então voltou para casa muito satisfeito e agradecido ao Senhor pelas providências tomadas. Entrando na casa observou que Maria e Jesus se encontravam em colóquios divinos. Quando Jesus notou sua presença, foi imediatamente para ele, muito amoroso, como fazia habitualmente no Egito. À maneira típica das crianças acariciou José e, tomando-o pela mão, conduziu-o até Maria, dizendo para ela: *“Aqui está nosso querido José, que já providenciou os alimentos que precisamos”*. O Santo, a essas palavras, lacrimejava de emoção, nada mais podendo dizer do que *“Oh, meu filho, alegria toda do meu coração!”*. Maria também o recebeu com afeto e carinho, agradecendo tudo o que ele fizera para providenciar aqueles alimentos necessários. Ele então lhe contou sobre os donativos que recebera, e também a respeito do trabalho conseguido com o qual agora poderia prover tudo o que fosse necessário para a manutenção deles. E os três rezaram em conjunto e agradeceram ao Senhor pelas graças concedidas e por tê-los socorrido naquela situação. E louvaram também Sua Divina Beneficência e paternais cuidados para com eles.

JOSÉ É PERSEGUIDO E MOSTRA PACIÊNCIA E RESIGNAÇÃO

O Demônio fremia em seu ódio contra José, pois não conseguia tolerar que ele tivesse tantas virtudes. E decidiu fazer-lhe guerra novamente, Deus o permitiu para que o Santo pudesse acrescentar novos méritos aos existentes e para que aquele seu inimigo fosse novamente derrotado.

Nessa ocasião, ele se serviu de pessoas não muito amigas ou afeiçoadas a José e colocou em suas mentes acentuados sentimentos de raiva e de inveja, baseados no fato de que ele havia conseguido salvar Jesus da fúria de Herodes, enquanto que os outros não haviam atingido esse objetivo. E diziam então: *“Nós fomos privados de nossos filhinhos inocentes, pela tirania de Herodes. Apenas ele conseguiu uma forma de escapar a essa fúria”*. E se sentiam invejosos, não podendo suportar com calma a idéia de que o Santo havia conseguido salvar seu filho e eles não. Não objetivando qualquer outra maneira de desabafar tais sentimentos passaram a maltratá-lo através de injúrias e ofensas. De fato, passando por ele nas ruas de Nazaré elas o chamavam de espertalhão — assim nominavam as precauções tidas por ele — e lhe diziam também: *“Na verdade, foi grande a tua esperteza! Tu, que sempre aparentaste grande simplicidade, foste capaz de fugir à ação de Herodes! Por certo havias sido avisado pelo Demônio e pudeste assim fugir ao assassinato de teu filho, como aconteceu com os nossos. Verdadeiramente, foste ainda pior que Herodes. Sabedor antecipado da ordem de morte, não tiveste a coragem de avisar pessoa alguma, mas te serviste desse conhecimento somente em benefício próprio. O Senhor o castigará, homem ingrato e mau, e fará com que teu filho também venha a perecer da mesma forma que os nossos!”*. Essas afirmações eram feitas com tal dose de ódio, que as pessoas pareciam mesmo desejarem matar José com elas. Ele, de seu lado, nada dizia em resposta, e somente baixava sua cabeça resignado. Essa sua atitude fazia com que todos tivessem confirmadas suas opiniões ou suspeitas e que lhe dissessem mais: *“Ah, falso! Não sabes como responder a essas acusações, e sabes bem todo o mal que cometeste! Irás pagar por isso, pois teu filho também morrerá. Nem que tenhamos mesmo que providenciar para isso! Se nossos filhos tiveram que morrer, não vemos porque o teu deve sobreviver!”*. Essas palavras feriam profundamente José. Não sabendo exatamente como responder, dizia: *“Por que vos enfureceis contra o meu filho, que é de todo inocente? Se tendes algo contra mim, é sobre mim mesmo que deve cair toda a vossa ira! Deixai meu filho em paz, pois que não tem qualquer culpa!”*. Mais enfurecidas ainda, as pessoas lhe diziam: *“Teu filho há de morrer, como os nossos!”*. E o Santo dizia: *“Tudo será conforme a vontade do Senhor e nada mais! Ele, que salvou a vida de meu filho naquela oportunidade, com certeza irá salvá-la novamente!”*. As pessoas agora se mostravam terrivelmente irritadas com ele e o chamavam de atrevido, por afirmar que havia sido Deus a salvação de Jesus, quando na verdade fora ele, com sua esperteza enganadora. Ele nada respondia e sofria tudo com imensa paciência e resignação. E essas perseguições duraram longo período de tempo.

José foi então para casa extremamente aflito e preocupado por todas aquelas ofensas que via fazerem ao Senhor. Na verdade, era mais nesse

sentido do que medo do que na verdade pudessem fazer, pois estava seguro de que Ele defenderia e protegeria Seu Unigênito e O livraria daquela raiva toda mal intencionada. Maria e Jesus já estavam a par de tudo e o aguardavam para consolá-lo e confortá-lo. Ao chegar em casa e ver Jesus, o Santo chorava convulsivamente. Jesus o recebeu, com muito amor e carinho, e disse: *“Querido pai, nada deves temer. As fúrias do inferno se voltaram contra ti, mas nada podem. Deves sofrer com paciência e passar por todos esses encontros desagradáveis, pois deles resultarão muitos méritos para ti, e te farás digno de novos favorecimentos e graças por parte do Senhor”*. Maria também tentava confortá-lo. José então, animado por eles, afirmava nada temer, embora muito lhe desagradassem todas as ofensas feitas ao Pai Celeste. E pedia a Jesus e Maria para que orassem por aqueles miseráveis — que eram instigados pelo Demônio — para que se arrependessem e corrigissem seus erros. Dessa forma, os três se colocaram em súplicas para que Ele iluminasse as pessoas em questão.

Depois disso, relatou-lhes os acontecimentos e decidiu permanecer em casa, pelo menos por algum tempo, evitando assim novas ocasiões para que elas novamente ofendessem o Senhor ao encontrá-lo e maltratá-lo daquela maneira. A decisão, todavia, não produziu os resultados esperados pois alguns vizinhos — também orientados pelo Demônio — mostravam inveja dele e de Maria, pelos mesmos motivos que as outras. E se recordavam muito bem da fuga secreta do casal, sem qualquer aviso a quem quer que fosse. Dessa maneira, passaram também a agir contra eles usando maus tratos e palavras ofensivas, situações essas que tiveram de aguentar em silêncio. José, voltando-se para Jesus, dizia amargurado: *“Oh, meu querido filho! Teremos sempre que enfrentar atribulações desse tipo? Eu creia que nossos conterrâneos Te receberiam com a máxima cordialidade. Vejo agora que o fazem com inveja e que desejam perseguir-Te! Embora tivesse achado que poderia desfrutar tranquilamente Tua companhia, vejo que surgem novos e grandes problemas!”*.

Jesus tentava consolá-lo e dizia não ser ainda chegado na Terra o tempo da tranqüilidade e das grandes alegrias. Era ainda o dos grandes sofrimentos, da paciência e resignação, e que somente na Pátria Eterna seria possível viver as alegrias em toda sua plenitude. E que todas as pessoas vindas a este mundo deveriam passar por muitas e variadas atribulações, pois o Senhor assim o desejava e as colocava à prova em termos da fé, confiança e amor que tinham por Ele. Com essas palavras, o Santo baixava sua cabeça e assentia, submetendo-se à vontade de Deus. Até mesmo na oficina onde trabalhava foi importunado por pessoas muito invejosas que não o deixavam sossegado. Nos primeiros dias foi mesmo forçado a manter Jesus delas afastado para que não Lhe dissessem mentiras, para que Ele não fosse obrigado a ouvi-las e tolerar suas afrontas.

tas. O Santo, maltratado e vilipendiado, ia ter com Jesus para tentar alegrar-se pois, como já foi dito, Sua presença era suficiente para que se visse gratificado e confortado. E Ele lhe dispensava muitas gentilezas como sempre, das quais José se tinha por indigno.

Em certas ocasiões o Senhor, desejando testar outra vez as suas virtudes e dar-lhe nova ocasião nova para crescer em seus méritos, o fazia sofrer bastante. Era quando ele se dirigia para casa, após ter sido maltratado por pessoas, desejando ver Jesus e Maria e lá a encontrava em colóquios com Deus, enquanto que Jesus se mostrava muito sério, formal e circunspecto. O Santo se afligia, e se amargurava, e, julgando Jesus aborrecido, dizia angustiado: *"Oh, querido Jesus! Que fiz eu, miserável, para que me mostres essa fisionomia tão aborrecida? Infeliz sou por Te ter desagradado. Pois, se fui capaz de desgostar a fonte de minhas alegrias, como conseguirei conforto e serenidade? Que devo fazer ou dizer para acalmar-Te?"*. Elevando seu espírito para o Pai Celeste, dizia mais: *"Oh Pai de todas as misericórdias! Tende piedade de mim em todas estas aflições! Sendo Vossa vontade que eu passe por elas sem qualquer consolo, as aceitarei. Se for Vossa vontade que eu permaneça aflito pelo resto de minha vida, devo submeter-me voluntariamente a essa vontade, para que em mim não reste qualquer culpa ou pecado. Eu Vos suplico meu Deus! Castigai este Vosso humilde servo, cobri-lo de aflições, privai-o de qualquer consolo, mas que ele jamais Vos ofenda! Que sobre ele caiam todos os males do mundo, mas que jamais desgoste à Vossa divina majestade, digno que sois de ser amado e venerado por todos!"*.

Dizendo tais palavras, seu aflito coração se aliviava e ele se confortava interiormente. Mas, o sofrimento em pensar que Jesus e Maria tivessem algo contra ele era muito grande e angustiante. Torturava-se em pensar que estivessem aborrecidos por sua causa, dizendo para si mesmo: *"José, onde encontrarás conforto e consolo, se os objetos de tuas alegrias se voltam contra ti? Não existe pessoa que possa consolar-te! Somente o Senhor o poderá e até Ele mesmo talvez esteja irado contigo, pois que o Unigênito e Sua Mãe o estão"*.

Em meio a todas essas angústias ele não sabia como agir, mantendo-se apenas muito preocupado com tudo aquilo. Subitamente foi tomado de impulso em dirigir-se a Jesus novamente, ajoelhar-se aos seus pés, para perguntar-Lhe em que forma ele O teria magoado e ofendido. Todavia, não ousava assim proceder pois temia desagradar. O impulso se mostrou mais forte que o temor e ele, confiante, foi para Jesus, para ajoelhar-se perante Ele. No que assim fazia, encontrou-O durante o caminho. E Ele o abraçou afetuosamente, sendo possível imaginar-se a alegria do Santo com isso.

Na situação, tão comovente, Jesus falou em primeiro lugar: *"Alegra-te meu querido pai! Jamais me aborreci contigo, pois muito te amo"*. E José disse então: *"Oh, filho querido! Fui assaltado de imensa preocupação. Mas estou agora tranqüilo e alegre pois vejo Tua fisionomia bastante serena. Sabes bem do meu temor. E, como asseguras estar tudo bem, meu coração encontra paz!"*. Ao que Jesus replicava: *"Alegra-te José! Essas tuas preocupações são muito agradáveis ao meu Pai Divino e também para mim. Com elas, cresces em teus méritos pois te conformas com tudo o que esteja relacionado à vontade divina!"*. Assim dizendo, Ele tomou José pelas mãos e o conduziu até Maria, que já os aguardava com muito afeto, dizendo também muitas palavras de conforto para seu marido. E em meio a todas as alegrias decorrentes, José se sentia humilde e indigno de tantos favorecimentos e chorava mesmo de alegria. Suplicou então a Maria e Jesus para que agradecessem ao Senhor por tudo o que Ele, condescendentemente, lhe concedia, do que jamais tinha sido merecedor. E os três, conjuntamente, se colocaram em louvores e agradecimentos ao Pai Celeste, enquanto José mostrava também sua imensa gratidão a Maria e Jesus, que o consolavam e diziam ser necessário sofrer com resignação. E também que podia estar seguro que não ofendia a Deus, mas sim que muito agradava a Ele, e a eles dois também, e que já conquistara grandes méritos que o conduziriam ao Paraíso. E ele, muito satisfeito, retornava ao seu trabalho sempre louvando e agradecendo ao Senhor, que tudo permitia para a alegria dele.

Ele meditava constantemente sobre essas graças todas a ele destinadas e sobre a grande condescendência que o Senhor mostrava e convidava as pessoas para que também O bendissem e O louvassem, cantando com ele o cântico de exaltação dos meninos da Babilônia. Trabalhando, permanecia absorto nesses pensamentos pois a tarefa que cumpria não impedia que seu espírito se exercitasse nesses atos, fato demonstrado na perfeição dos trabalhos que terminava, embora ele não tivesse percebido o passar do tempo tal sua concentração em Deus. Dessa maneira, seu corpo se cansava mas sua mente se deliciava com o Senhor. Sabia muito bem desfrutar de graças especiais e por isso agradecia constantemente. Às vezes, desocupados iam à oficina para conversar com ele. Tão concentrado estava, que nem mesmo os via, ou ouvia. E eles, por esse motivo, o chamavam de insensato e até mesmo de grosseiro, pois não conheciam seu mundo interior. Sabedor desses fatos, ele agradecia a Deus por o terem em tais conceituações. Agradava-lhe não ser estimado e apreciado e preferia ser ofendido e vilipendiado por eles, nominando-os de seus benfeitores como instrumentos para a conquista de novos méritos e para que sua alma fosse coberta de novas graças. Por isso, empenhava-se em preces a favor deles, pedindo a Deus que lhes concedesse muitas graças também. Quando os encontrava — os que o haviam maltratado

ou ofendido com palavras — mostrava-se ainda mais alegre e mais jovial do que habitualmente era com os demais. Saudava-os com cortesia e lhes desejava interiormente todo o bem possível, suplicando ao Senhor para que enriquecesse suas almas. Ao Altíssimo muito agradava esse seu comportamento, e Ele mostrava Sua gratidão concedendo ao Santo tudo o que era pedido. E ele, sabedor desse agrado, procurava praticar esses atos de bondade com muita alegria e satisfação em sua mente.

Existiram também muitas outras atribulações para José em seu retorno à terra natal. Até mesmo íntimos e amigos, embora bem intencionados, lhe diziam que não deveria ficar perambulando pela cidade pois todos o julgariam perdulário e vagabundo. E que não deveria conduzir Maria junto nesses giros que fazia pois ela — gentil e frágil que era — poderia também ser afrontada por aquelas pessoas. Deveria estabelecer-se em definitivo, de vez por todas, mostrando ser pessoa equilibrada como deveria ser. Essas palavras pesavam no espírito do Santo e ele, para não revelar-lhes os ocultos mistérios, calava-se e deixava que pensassem ser culpado e leviano mesmo. Envergonhado, baixava a cabeça e agradecia àqueles avisos pedindo também para que o perdoassem pelo seu pequeno entendimento das coisas e pela sua reduzida capacidade. Todavia, em seu espírito agradecia ao Senhor, mostrando-se disposto a sofrer ainda muito mais, necessário fosse. E dizia: *“Meu Deus, é justo que eu — tão favorecido e agraciado por Vós — seja maltratado e tido como insensato por muitos. Para mim, pessoalmente, importa somente que Vos agrade e que cumpra todas as Vossas ordens. Sendo Vosso desejo que eu abandone novamente a cidade, seguirei logo Vossas instruções e, voluntariamente, me disponho a enfrentar os percalços de uma nova viagem e também os maus tratos e calúnias por parte de pessoas que interpretam erroneamente minhas ações”*. E, de fato, estava sempre preparado para obedecer em tudo e por tudo à vontade divina, pois nela repousava sua tranquilidade. Atendida a vontade do Senhor, ele estaria sempre satisfeito e sossegado.

Ao voltar para casa, era acariciado por Jesus e consolado, até mesmo nas ocasiões em que nada relatava sobre os fatos ocorridos na cidade. Jesus lhe falava sobre seus grandes méritos, sobre as muitas alegrias que o Pai Celeste tinha com ele, especialmente nas ocasiões em que era maltratado por pessoas. E que deveria aceitar, com naturalidade, as coisas desagradáveis que lhe aconteciam. E José se declarava pronto para sofrer muito mais, uma vez que essa fosse a vontade divina, dizendo: *“Nada mais quero que cumprir a vontade de Deus”*.

JESUS PASSA A TRABALHAR JUNTO COM JOSÉ

Jesus passou algum tempo em retiro com Maria esperando que terminasse a fúria daquelas pessoas que, instigadas pelo Demônio, invejavam

e perseguiam José pelo fato de ter conseguido salvar a vida de seu filho. Havendo diminuído algo essa raiva, pelo menos temporariamente, teve o Senhor por bem ordenar ao Seu Unigênito que descesse a um nível mais baixo e trabalhasse como ajudante de José na oficina. Tão logo recebida a instrução, Jesus decidiu cumpri-la imediatamente e atender à vontade de Deus. José se mostrou muito satisfeito com isso e com a grande felicidade de poder ter seu filho junto com ele, como já acontecera no Egito. Por outro lado, constrangia-se também por se achar indigno de tão grande favorecimento e por muito condoer-se com aquela redução de nível a que deveria submeter-Se o Filho de Deus. Entretanto, sendo essa a decisão de Jesus, ele se colocou de joelhos em adoração ao Pai Celeste e ambos agradeceram conjuntamente

Na manhã seguinte, após os três haverem terminado suas habituais orações e terem executado atos de louvor para o Pai Divino — os dois partiram juntos para o trabalho.

Uma vez na oficina, juntamente com Jesus, o Santo mostrava uma alegria difícil de ser narrada com palavras e dizia para si mesmo: *“Meu Deus! Quem jamais imaginaria que o Unigênito do Pai Celeste fosse rebaixar-se a tal ponto, e que eu fosse um dia digno de tanta felicidade? Não mais me entristecerei e, quando maltratado por pessoas, aqui terei alguém para consolar-me. Com certeza, tristeza e amargura algumas poderão permanecer em meu coração, pois terei comigo sempre a própria doçura do Paraíso!”*. E, voltando-se para Jesus dizia: *“Jesus, meu querido filho! Sabes bem que meu maior desejo está em servir-Te. Mas, como o Senhor quer que seja o contrário, atenderei às Suas ordens e Te darei as minhas quando necessárias. Mas quero que saibas que assim agirei única e exclusivamente para atender à vontade do Senhor. E que tudo é grande humilhação para mim, que muito me constrange”*. Jesus, de seu lado, tentou confortá-lo exortando-o para que comandasse com liberdade no que fosse necessário, mesmo porque em tudo isso ambos somente atendiam à vontade divina

José se mostrou consolado com a argumentação de Jesus e, ao ter que dar alguma ordem de trabalho, colocava-se em estrita obediência ao Senhor. De seu lado, Jesus se mostrava muito diligente, sempre atento às suas obrigações procurando adivinhar o que fazer para ajudar José eficientemente, embora soubesse perfeitamente quais as coisas a providenciar. Não deixava que ele percebesse esse seu conhecimento prévio, mas permitia que ele O comandasse pois no fato de ser comandado exercitava a humildade e a sujeição. Ao mesmo tempo, dava a José a ocasião de ter que mortificar-se no atendimento daquela vontade de Deus de que ele se submetesse à necessidade de dar ordens para o Unigênito de Deus Pai. Necessitando de ferramentas, ou quaisquer outros utensílios, solicitava-os de Jesus, no que era imediatamente atendido. Jesus o auxi-

liava também na elevação das pesadas pranchas de madeira e nisso mostrava sua ligeireza e força, além de graciosidade no trabalho. Era também responsável pela limpeza geral, pela manutenção de tudo em ordem e nos devidos lugares. Em tudo, mostrava-se muito aplicado e atento.

Os habitantes próximos notaram logo que o filho de José trabalhava com ele na oficina como seu ajudante. E muitos foram até lá para vê-Lo. E se maravilharam com a rara beleza do Menino Jesus afirmando ser José um felizardo em ter um filho tão lindo e tão bom. Até mesmo os que antes o haviam injuriado e perseguido libertaram-se de suas invejas e raivas, dizendo compungidos: *Na verdade, José teve todos os motivos para salvar a vida de filho tão digno e tão querido! Devemos reconhecer ter sido o Senhor que tenha providenciado para que ele escapasse à sanha de Herodes, porque bem o merece, tão bom e formoso que é! Teria sido extrema crueldade, se esse filho tão digno tivesse perecido naquela ocasião!* E muitas dessas pessoas pediram perdão ao Santo pelas palavras injuriosas e impertinentes que haviam sido ditas anteriormente. E diziam: *“Tiveste mesmo razão em fazer o possível para salvar a vida de teu filho, pois é extremamente amável, gentil, alegre, bonito e gracioso, e até mesmo majestoso! José, és afortunado de ter um filho assim!”*.

Como poderia esperar-se, o Santo se alegrava agora, confortado com tais palavras vindas daqueles que o haviam perseguido. E se mostrava muito grato, como se elas de fato nada lhe tivessem feito de mal. Elas se surpreendiam verdadeiramente com isso, e transformavam em afeto os rancores e ódio que antes possuíam. Ele, de seu lado, rendia suas graças ao Senhor, que Se dignara a ouvir suas súplicas e modificara as atitudes e os corações de seus amigos. E ele dizia então para Jesus: *“Meu querido filho! Que alegria tenho no coração, vendo arrependidas e compungidas pessoas que antes tanto me perseguiram! Como é poderosa a Tua presença, que delas afasta o Demônio que as incitara contra mim. Oh, como Tua graça e beleza cativam a todos! Pois, na verdade, és mesmo tudo o que elas dizem!”*. Dizendo tais palavras, colocava-se admirando Jesus e sua alma se enchia de alegrias e contentamento.

Quando iam para casa, para a habitual refeição, José relatava a Maria os acontecimentos. Ela se mostrava muito satisfeita e, embora já ciente de todos os fatos, não deixava que seu marido se apercebesse disso. Apenas exprimia seu contentamento e ambos rendiam graças ao Pai e se mantinham em colóquios religiosos com Jesus, conversas essas que levavam grandes alegrias aos seus corações. Depois de comerem, o Santo e Jesus retornavam ao trabalho. E José se entristecia pois, levando Jesus com ele, privava sua esposa de Sua companhia. Sabendo isso, ela o animava a não se sentir daquela forma, afirmando sua satisfação em

ver cumprida a vontade do Senhor. E José ia satisfeito para o trabalho, juntamente com Jesus.

Espalhou-se logo pela cidade a notícia envolvendo a extraordinária beleza e graciosidade do filho de José e Maria e que Ele, apesar de sua pouca idade, já ajudava o pai no trabalho e que nisso punha muita aplicação e jovialidade. E também de como era gentil e cordial para com as pessoas todas. Muitos foram então à oficina com intuito de ver Jesus. Embora somente curiosos a respeito, não existiu aquele que não se alegrasse e se edificasse e para o qual Ele não tivesse transferido as graças de Seu Pai Divino, embora aquelas pessoas não tivessem conhecimento desse fato. Entretanto, como eram muitas as que compareciam, elas acabavam por perturbar aqueles pensamentos do Santo em direção a Deus, além de prejudicarem a tranqüilidade da convivência profissional entre os dois. Todavia, o Santo não se queixava, mas se comprazia de que elas se alegrassem, tão grande era sua caridade para com o próximo. E José era tão conformado com a vontade do Senhor que se sentia mesmo preparado para privar-se dessa sua tão querida companhia, se essa fosse a vontade de Deus, ou se levasse algum benefício para os outros. Estando a sós com Jesus, ele dizia o quanto lhe agradava o benefício do seu próximo. Embora para ele a melhor coisa do mundo fosse estar com Ele a sós, muito se comprazia também em que outros desfrutassem a Sua presença, pois assim elas O poderiam conhecer e amar mais facilmente. E havia mais uma conveniência. Ao irem ver Jesus, muitos acabavam por encomendar algum trabalho que ele não podia recusar naquelas circunstâncias. Aceitava todas essas tarefas e se aplicava em entregá-las com perfeição e nos devidos prazos. Como consequência, o Santo ganhava mais, embora somente recebesse conforme a vontade das pessoas. Não é também necessário dizer que muitas delas disso se aproveitavam, pagando quantias muito pequenas, e às vezes nada mesmo. Todavia, José jamais se queixava, aceitando tais pagamentos mais como se fossem donativos do que outra coisa. De tudo o que recebia pequena parte era separada — destinada ao sustento da família — e o restante era endereçado aos mais necessitados naquele momento. José trabalhava muito — e se fatigava correspondentemente — para poder fazer tais esmolas. Mas o fato o mantinha muito satisfeito, o mesmo acontecendo com Maria e Jesus. Embora estivesse agora muito atarefado, não deixou seus hábitos de dispensar parte do seu tempo para preces ao seu Deus. O Criador abençoava esse seu trabalho incessante e Se comprazia em ver que ele, embora se cansasse muito, ainda era capaz de realizar tarefas em uma hora que outros teriam gasto várias para executar. E, uma vez que naquela oficina se encontrasse o Senhor de todos os anjos, ali ajudando Seu pai, os próprios anjos os auxiliavam na medida das urgências dos trabalhos encomendados e na sua rápida confecção. José sabia dessa ajuda

do Senhor e se mostrava muito grato. Agradecia continuamente e se reconhecia indigno dela. E exercitava ao máximo, e em caráter permanente, a prática da humildade e conformidade, que lhe eram muito queridas.

JESUS MANUFATURA UMA PEQUENA CRUZ

Jesus permanecia assim em sua tarefa de ajudante de José na oficina. Certo dia, estando eles a trabalhar, Jesus passou a executar uma tarefa que nada tinha a ver com a que o Santo praticava. A princípio, José não se deu conta disso, tão absorvido estava no trabalho. Jesus fabricava uma pequena cruz de madeira. Aproximando-se José, notou a extraordinária atenção que o Menino dispensava ao que fazia. E que Ele se mostrava ora alegre ora acabrunhado, suspirando, à semelhança do que praticava em Seus colóquios com o Pai Celeste. E José se preocupou com todos aqueles suspiros inexplicáveis no trabalho, tornando-se ainda mais aflito ao verificar aquela cruz fabricada por Jesus. Foi mesmo como se ele tivesse um mau presságio envolvendo o futuro de Jesus; como se estivesse mesmo prevendo a Sua crucificação. E essa clarividência notável transformou toda sua alegria em tristeza e em preocupação e levou imensa dor ao seu coração.

Terminada aquela primeira obra individual, Jesus voltou-se para José — que olhava para Ele com extrema atenção — e disse: *“Querido pai! Este será o instrumento da salvação da Humanidade e também de sua redenção!”*. Essas palavras foram ditas com muita satisfação e mostravam um grande desejo no sentido de que isso tudo acontecesse o mais rapidamente possível. Ouvindo Jesus, o Santo se viu no auge da aflição e, não fosse a interferência divina, certamente teria morrido. Nada mais pôde dizer que não fosse: *“Oh! Oh, meu querido Jesus!”*. José estava agora de tal forma acabrunhado que chorava copiosa e incontrolavelmente. Jesus o acalmou, afirmando que a vontade do Senhor seria cumprida à risca fosse ela qual fosse. E José se acalmou apesar da imensa dor que lhe ia no coração.

A essa altura, Jesus desejou ir ter com Sua mãe, no que José o atendeu e o acompanhou. Entrando no aposento onde Maria estava — encontrava-se em preces — Jesus deixou-se ver com a pequena cruz nas mãos. De notar-se é que ela já conhecia todos os fatos de antemão. Ela se ajoelhou em frente a Jesus e beijou a pequena cruz demonstrando assim sua grande resignação em relação à vontade de Deus pois, naquele ato de reverência, oferecia-se a si mesma e a Jesus para o Pai Celeste, sem restrições. Todavia, embora ciente, a visão da cruz encheu sua alma de dores e sofrimentos. José, de seu lado, muito se admirou com a força, a resignação e principalmente a magnanimidade por ela mostradas na

ocasião. Ajoelhou-se também e beijou a cruz da mesma forma que ela o fizera, em sinal e prova de sua aceitação e conformidade quanto à nova ordem do Senhor.

Após todos esses extraordinários acontecimentos Jesus lhes fez longa preleção sobre os problemas do sofrimento, dizendo desejar também poder sofrer para cumprir a vontade do Pai e atender à pesada tarefa de redenção da Humanidade. E dizia também: *"Meus queridos, eis aqui o que Me será preparado pelo povo eleito do Senhor depois de Eu o ter beneficiado tanto!"*. Elevando a pequena cruz para o alto, continuou: *"Será sobre este símbolo que a infâmia das pessoas Me fará morrer, em meio a dores e tormentos de grande crueldade. Eu deverei morrer na cruz para poder cumprir com a tarefa da salvação e da redenção da Humanidade!"*. Com essas palavras, o Santo desmaiou e Maria se viu tomada por dor tão imensa que, mesmo sem desmaiar, sentia-se desesperada. Forçou-se por não desfalecer, somente com a intenção de enfrentar essa grande dor que tinha no coração e provar sua firmeza de propósitos.

Jesus providenciou para que José voltasse a si e o consolou e animou. Isso não foi de grande valia para o Santo, profundamente ferido no mais íntimo de seu ser, situação que perdurou pelos restantes dias de sua vida. Embora não lhe fosse destinado estar presente à Paixão e Morte do Criador, sofria todas as dores e amarguras como se lá estivesse. E, com tanto sofrimento antecipado, crescia ainda mais em seus já muitos méritos, angustiando-se em razão dos sofrimentos todos reservados ao Redentor, pelos quais ele chorava previamente.

A partir dessa ocasião, em seu trabalho diário, mantinha em mente o significado daquela cruz e chorava copiosamente em atos de compadecimento, amor e resignação. Eram tantas as lágrimas que derramava, que molhavam sua mesa de trabalho. E pessoas que iam à oficina o encontravam em estado tão lastimável, que chegavam a lhe perguntar quais as causas daquele seu desespero. Ele apenas baixava sua cabeça e nada respondia. E todos então acreditavam ser tudo aquilo ocasionado por sua extrema pobreza e por ser ele considerado como vilão por muitos. Por isso, tentavam confortá-lo dizendo que ele poderia resolver aqueles problemas aplicando-se ao máximo em seu trabalho. Afirmavam não ter ele motivo para tanto desespero, uma vez que tinha filho tão bom e tão dedicado e que isso deveria bastar para que se sentisse feliz. Ouvindo tudo isso, o Santo se entristecia ainda mais, meditando que, a um filho com todas as qualidades de amabilidade e delicadeza, estariam reservados cruéis e enormes sofrimentos. E respondia às pessoas: *"É verdadeiro o que dizeis. Esse filho é toda minha alegria!"* E então se calava até que as pessoas se afastassem e o deixassem em paz.

Em outras ocasiões — estando Jesus em retiro em confabulações com o Pai — José conversava com Maria e externava o grande sentimento

que tinha no coração. Chorava e lhe dizia: *"Oh, querida Maria! Jesus terá que pagar preço demasiadamente elevado para salvar e redimir a Humanidade! Muitas dores irão cobrir também as nossas almas e as das demais pessoas! E todos lhe deverão ser gratos em razão desse tão grande benefício que lhes fará. Desejaria sacrificar minha vida, sofrer eu mesmo tudo isso, todos os tormentos pelos quais deverá passar! Pudessem eu assim tomar Seu lugar, e então me sentiria feliz! Mesmo que meu corpo não venha a sofrer, meu coração já sofre, pois passa por grandes amarguras e dores. Desejaria estar presente na ocasião e partilhar Seus sofrimentos, e sofrer ainda mais em meu espírito! Outras vezes penso que não teria a fortaleza de ânimo e a coragem de aguentar visões tão dolorosas. Por isso, se essa pudesse ser a vontade do Senhor, preferiria morrer! E tu, minha querida, como irás suportar dores tão cruéis, sem ninguém a teu lado para dar-te alguma assistência?"*

Dizendo essas palavras, José se atormentava de aflições. Ela tentava confortá-lo assegurando que o Senhor não permitiria que ele estivesse presente naquelas ocasiões dos grandes sofrimentos de Jesus e dizendo mais: *"Deverás acreditar, meu querido José, que Deus te consolará não permitindo que estejas presente aos sofrimentos todos reservados ao nosso querido Jesus. E que, seja qual for Sua vontade, deveremos aceitá-la com resignação!"*. E o Santo então se ajoelhava, colocava seu rosto no chão, e se oferecia a Deus, preparado para atender à Sua vontade em todas as coisas. Em certas ocasiões, com mais lucidez que habitualmente, ele podia entender as dores todas que Jesus deveria suportar e se sentia também tomado de intensa dor. Não se alimentava nem repousava normalmente. Apenas chorava e se consumia naquela dor. Jesus procurava animá-lo com carinhos e delicadezas e ele então se acalmava, embora permanecesse sempre aquela espada atravessada em seu coração. Ao mesmo tempo, ele se alegrava e sofria, de forma semelhante a Maria nesse sentido. De fato, as situações de ambos se pareciam, pois desfrutavam da alegria dos carinhos de Jesus e, simultaneamente, passavam por martírios cruéis com a constante lembrança de tudo o que Ele iria enfrentar, conforme havia Se manifestado claramente. O Santo já enfrentara anteriormente tal espécie de tristezas quando lera nas Escrituras como sofreria o Messias. Entretanto, não se havia entristecido tanto quanto com as palavras ouvidas de Jesus.

Em ocasiões anteriores, o Senhor providenciara para que ele não entendesse determinadas situações que envolviam o Criador. Todavia, com o passar do tempo, ele passou a compreender nitidamente muitas daquelas passagens das Escrituras e, com isso, pode-se dizer que sofreu continuamente durante toda sua vida. E que essa compreensão — e as dores subsequentes — se tornaram infinitamente maiores quando se certificou de todos os sofrimentos que o Messias iria ter.

Aquela pequena cruz feita por Jesus era mantida em um pequeno quarto para o qual Jesus freqüentemente se retirava para repouso isolado. José também fazia muitas visitas àquele local e lá vendo a cruz, redobrava suas dores e aflições. Tomava-a entre suas mãos, beijava-a com devoção e chorava pois tendo sido fabricada por Jesus, ela tinha mesmo como que o significado da própria redenção da Humanidade! Após esses atos de adoração, oferecia-se todo ao Pai pronto para morrer por Ele na cruz se essa fosse Sua vontade. Às vezes acontecia encontrar Jesus deitado sobre ela, ocasiões nas quais era tomado de dores verdadeiramente terríveis. Ajoelhava-se e permanecia em choro até que Jesus se dirigisse a ele, o fizesse levantar-se e o consolasse. É também possível imaginar os sofrimentos de Maria em tais oportunidades, ela que amava Jesus ainda mais que seu marido e que sabia, mais do que qualquer pessoa, qual a natureza do Deus Encarnado e como eram terríveis os sofrimentos a Ele destinados. Entretanto, extremamente forte que era, estando mais aflita que ninguém, achava ainda forças para animar José e para exortá-lo a resignar-se à vontade do Senhor. E também a entender os sofrimentos que tinha em seu coração em razão das penas às quais o Criador e Redentor estaria submetido.

Com bastante assiduidade Jesus palestrava sobre a grandeza e perfeição das obras do Pai Celeste; e também sobre as glórias do Paraíso. Tais conversas se destinavam a amenizar as aflições e angústias do Santo. José se mostrava muito alegre com elas e seu coração vibrava, acendendo-se em sua alma um grande desejo de poder desfrutar logo daquele tão grande benefício, sem quaisquer problemas ou tristezas. Voltando-se para Jesus, dizia ele: *“Querido Jesus! Sinto grande desejo de logo ir encontrar o Pai Divino e de poder ver Sua face revelada! Por outro lado, diminui essa vontade quando sei que esse prazer será fruto de muitos sofrimentos teus, pois não poderei chegar ao Paraíso sem que tenhas realizado a obra da redenção da Humanidade!”*.

E Jesus respondia: *“Assim será, querido pai, à custa de Meus sofrimentos, e de Minhas dores, as almas todas poderão entrar no Céu! Não te aflijas, pois tenho em Mim desejo muito grande em sofrer para que todas elas venham a merecer as bênçãos divinas e eternas. É muito grande essa ansiedade em poder cumprir rapidamente essa tarefa de redenção!”*.

José, ajoelhado, agradecia em nome de toda a Humanidade, por todo esse grande amor que Ele demonstrava e pelo grande benefício que lhe fazia através de Seus sofrimentos e penas. E se expressava em nome de todos, para poder suprir as faltas coletivas. Dizia também a Jesus que gostaria de possuir todos os corações do mundo, para que pudesse enchê-los de amor e gratidão pelo Criador e Salvador. Assim dizia: *“Querido Jesus! Sei perfeitamente não ser bastante capaz para tudo isso e que também não posso obrigar a todos que se portem segundo meus*

desejos. Dessa forma, faze-o Tu, muito poderoso que és! Que todos reconheçam o imenso bem que lhes fazes, que Te sejam gratos, e que correspondam o grande amor que tens por todas as criaturas!”.

Tais palavras agradavam muito a Jesus e Ele se mostrava agradecido por elas. E isso animava ainda mais José a servir, em tudo e por tudo, ao seu querido filho, desejando que todos agissem da mesma forma. Por isso, sempre perguntava para sua esposa o que deveria fazer para agradar a Jesus. Ela lhe dava algumas poucas sugestões e ele as colocava imediatamente em prática com grande amor, sem qualquer outro interesse que não fosse o de agradar ao seu Redentor.

JOSÉ, FIEL E EXEMPLAR CUMPRIDOR DA LEI

O Santo sempre se comportou como um fiel e exemplar observador da Lei mosaica. Em sua vida, jamais transgrediu quaisquer prescrições. Mantinha-se permanentemente atento às suas mais íntimas particularidades, pois — como muitas vezes mencionado — amava a Deus com todas as forças e espírito, mostrando sempre grande sentimento de caridade para com seu próximo e suplicando para que a todos concedesse muitos benefícios materiais e principalmente, espirituais. Aplicava-se intensamente na perseguição desses objetivos e fazendo muitas esmolas aos mais necessitados. Frequentemente, abstinha-se do necessário para si e sua família para poder ajudar os pobres, pelos quais muito se compadecia. Se por qualquer razão não podia praticar essa caridade, procurava de alguma forma confortar os necessitados com palavras amigas e de compaixão. Era muito comum mesmo que pessoas o procurassem para ajuda. Na medida do possível, jamais deixou de atendê-las, e com grande satisfação interna. Até mesmo alguns dos que o perseguiam o procuravam em ocasiões de premência, sendo atendidos sem qualquer demonstração de mágoa. E, entre eles, não faltaram os que acabaram por ser seus amigos, e até mesmo admiradores, solicitando seu perdão pelas ofensas feitas e palavras injuriosas proferidas. Era tão grande seu amor ao próximo que se mantinha em constante alerta, esforçando-se pela paz eterna daqueles que pretendia converter ao seu Deus. Tinha imenso desejo que todos viessem a conhecer o Messias — já presente na Terra — e que reconhecessem o grande benefício que Ele representava, e que se mostrassem agradecidos ao Pai Celeste que O havia enviado. Sofria muito ao ver que muitos não entendiam ser Jesus o próprio Messias prometido, desejando que todos O recebessem com boa vontade, afeto e carinho. Todavia, sabedor que eles não conheciam o fato, contentava-se em rezar ao Senhor por todos, executando também por eles os atos de gratidão e consideração por Ele, que Se mostrava tão misericordioso e condescendente com as pessoas

Já foi relatada também a grande caridade que o Santo demonstrava pelos agonizantes. Não podendo solucionar seus problemas de saúde, José passava noite inteiras ao lado deles, assistindo-os no que podia e implorando a divina misericórdia de Deus para eles. Sabendo que moribundos eventualmente se encontravam em estado de pecado, esforçava-se ao máximo para que se recuperassem um pouco, para poder conduzi-los à amizade do Senhor. E para os que já se encontravam em desgraça, rezava a Deus para que os assistisse naquela situação tão terrível que enfrentavam. E Deus, sabendo de sua grande compaixão pelos doentes, permitia que ele diferenciasse claramente quais as pessoas em pecados, e quais as que não incidiam neles, para que ele — através de muitas orações — pudesse solicitar a Sua misericórdia para os que fossem pecadores. Eram tantas lágrimas que derramava nessas oportunidades, tão copiosas e sentidas, que molhavam o chão dos locais onde rezava.

Será impossível descrever-se a importância para ele do preceito da Lei ordenando a todos que amassem a Deus acima de tudo, com todas as forças, e também ao próximo como a si mesmo. E ele se empenhava ao máximo em obedecer a tal mandamento. Não quer isso dizer que, por isso, desrespeitasse ou não cumprisse os demais mandamentos da Lei mosaica, recebida diretamente de Deus. Respeitava e cumpria rigorosamente todos os seus preceitos, com exatidão e grande pontualidade. Como de obrigação, todos os anos — por ocasião da Páscoa — ia ao Templo de Jerusalém para cumprir com as necessárias preces. Em outras épocas do ano, por iniciativa própria, ia também àquele local sagrado e lá se mantinha em demoradas orações; essas visitas voluntárias levavam grande alegria ao seu espírito. Desejava ardentemente que todos observassem à risca a Lei de Moisés. Entristecia-se profundamente vendo que alguém não a respeitasse e orava intensamente por essas pessoas para que se corrigissem. Tantas eram suas preces por elas que muitas acabaram por mudar seus hábitos errados. Eram muito eficientes as suas palavras de alerta para os transgressores, convencendo-os de que se encontravam em erro e fazendo com que reconsiderassem suas atitudes e compreendessem o mal implícito na não observância da Lei. Sendo tais infratores às vezes pessoas às quais não tinha acesso, postava-se frente ao Senhor — lacrimejando profusamente — e pedia para que as iluminasse em termos do mal que praticavam. E suplicava para que Ele as corrigisse em suas faltas. O Senhor, como sempre, o atendia e muitas daquelas pessoas se corrigiam e passavam a respeitar os mandamentos da Lei. É claro que elas não tinham conhecimento da origem de suas repentinas mudanças de costumes, e essa era também uma das graças que o Santo solicitava constantemente.

Quando em colóquios com Jesus e Maria — justamente sobre esses problemas de desrespeito à Lei — sempre demonstrava seu vivo e inexpli-

cável interesse em que todos a respeitassem com exatidão. Pedia então para Jesus que intercedesse junto ao Pai Celeste para serem reconquistados aqueles transgressores da Lei. E dizia para Jesus: *"Meu querido Jesus! Se o desejares, tens poder para que elas sejam iluminadas e recebam as necessárias graças nesse sentido"*. Voltando-se então para Maria, dizia mais: *"A ti, querida esposa, peço que observes atentamente as minhas ações todas. Notando que eu incida em qualquer transgressão debes avisar-me e também corrigir-me. Tal pedido, faço em nome do grande amor que tens por Deus, para permanecer na estrita observância de Sua Lei, com toda exatidão, em tudo e por tudo!"*.

O Santo fazia muitas reflexões sobre o significado de ser necessário amar ao próximo como a si próprio. Pensava muito também sobre os grandes benefícios que tivera, sobre todas as graças que recebera e também sobre a grande alegria que tinha. E dizia para si mesmo: *"Coube a ti José, que o Senhor fosse tão condescendente e que se mostrasse sempre gentil e amoroso contigo! Dessa forma, todas essas ações — que tantas satisfações te deram — debes desejar sejam praticadas também pelas demais pessoas!"*. A partir de tal princípio, clamava para que todos desfrutassem dos mesmos favorecimentos a ele concedidos, ou seja, para que todos reconhecessem em Jesus o Verdadeiro Filho de Deus e assim O aceitassem como o Messias prometido na Lei mosaica. Dizia mais: *"Se Ele for reconhecido e aceito como tal, com certeza será também amado por todos. E, sendo amado, concederá a elas muitas graças e favorecimentos, tão digno e condescendente que é! Oh, como todas as pessoas seriam consoladas e santificadas pelo tão poderoso Filho de Deus!"*. Tomando conhecimento de que alguém se encontrasse em situação aflitiva, empenhava-se ao máximo em confortar e consolar, raciocinando que, sendo agradável que assim agissem com ele em tais situações, as outras pessoas também se sentiriam dessa forma. E sendo como era um extraordinário seguidor da Lei, devia cumprir com toda exatidão e manter sempre fixos em sua mente, os dois fundamentais mandamentos: o de amar a Deus acima de tudo e amar ao próximo como a si mesmo.

la ainda além. Embora não tivesse ainda recebido todos os ensinamentos de Jesus, ele procurava intuí-los e praticá-los, especialmente após o Seu nascimento. Observava atentamente Jesus e procurava imitar Suas ações à risca. Tendo sido doutrinado de que o Redentor serviria de exemplo para Seus seguidores — embora não fosse destinado a presenciar Seus futuros sofrimentos e Sua vida tão angustiada — procurava imitá-Lo em tudo o que podia entender e visualizar. Pode-se afirmar nesse sentido que ele, depois de Maria, foi o primeiro a agir dessa forma. Viveu em extrema pobreza, passou por muitos sofrimentos, por perseguições de seus inimigos, por calúnias, que exigiam tanta paciência e compreensão, além de resignação, difíceis de imaginar. Dessa maneira, na verdade,

praticou todas as virtudes inerentes a Jesus Cristo, integrando-as de tal modo a si mesmo que poderia mesmo parecer a própria representação do Redentor. Extremamente pacífico e humilde — pessoa alguma o viu irado —, jamais tendo em mente qualquer ação vingativa ou atitude de soberba. Sempre muito amável, delicado com todos, resignado e sempre conformado com a vontade de Deus. Não é fácil entender a dimensão de sua pureza e dos esforços empregados em mantê-la sempre ilibada. Nesse aspecto aliás, nem mesmo o próprio Demônio ousava molestá-lo com tentações. Foi de fato verdadeira duplicata da imagem de Maria, com todas as qualidades de Jesus. Durante o tempo convivido com Ele sempre procurou imitá-Lo com perfeição, em tudo e por tudo. Por esses motivos era muito apreciado pelo Senhor, tendo sido aceito por Ele e obtendo novas e crescentes graças, pois crescia progressivamente em seus méritos também. Deus jamais deixou de atender aos seus pedidos e súplicas.

E, em razão de suas grandes qualidades, foi também muito amado por Maria que, exceção feita a Deus e Seu Unigênito, o amava acima de todos, em função de suas magníficas características como pessoa. Sabia ela bem que seu puríssimo esposo era muito querido por Deus, motivo pelo qual o havia destinado como seu marido e protetor. E ela o amava como tal, e como a mais santa e pura das criaturas, pois na verdade ele o era. Por isso, falava sempre com Jesus a esse respeito e agradecia por todas as graças que eram concedidas ao Santo e a sua alma, que via tão bela e cheia de merecimentos. Tinha grande estima por ele, tratando-o com a máxima consideração e respeito, além de dispensar-lhe grande cordialidade no trato e amizade. Apreciava muito as conversas que tinha com ele, dizendo que, em tais ocasiões, o Senhor lhe permitia ver claramente a beleza e riqueza espiritual de seu marido, além das muitas graças que lhe eram concedidas por Jesus.

De seu lado, José tinha também ciência dos grandes méritos que caracterizavam sua esposa, conhecia a beleza daquela situação para a qual Deus o havia selecionado e compreendia com clareza — e plenitude de graça — a grande pureza de sua alma. Conversando com ela, muitas vezes o Senhor permitia que visse inequivocamente as radiações luminosas que irradiavam de seu rosto e sua alma então se alegrava e ele mais uma vez entendia estar ela cheia de graças divinas. E dizia para si mesmo: *“Sendo seu exterior tão belo, que dirá sua beleza interior? Na verdade, não sou digno de sua presença e muito menos de tê-la recebido sob minha custódia e ter sido escolhido para seu marido!”*. Esses pensamentos o embaraçavam e constrangiam, e ele então se humilhava frente a ela e agradecia ao Senhor por essas dádivas tão grandes que lhe concedera.

Conforme comandava a Lei, tinha grande amor por ela e, à sua semelhança, depois de Deus e Jesus, ela era o seu objeto primeiro de amor.

Como amasse a Deus, por Ele amava também as incomparáveis qualidades e virtudes que o Altíssimo lhe concedera para que fosse a mais bela, mais nobre, mais perfeita e mais digna obra por Ele executada pois nela podia ver em toda a sua plenitude a admirável ação de onipotência do Senhor. Por Maria, cresceram nele intenso amor e grande estima pessoal. E também excepcional admiração, pois havia sido elevada à máxima posição de mãe, portando em seu ventre puríssimo o Filho do Criador, nela concebido por obra do Espírito Santo. É mesmo impossível narrar-se a posição ocupada por ela em sua escala de valores e também a estima que lhe devotava, considerando-a como a meta das graças e favorecimentos divinos. E também o quanto afeiçoado se sentia e agradecido por tudo, além de toda sua reverência. Pouco poderia ser dito sobre seus evidentes esforços para garantir a manutenção de sua esposa e do grande desejo que o tomava em termos de fazer algo de útil por ela. Maria, grande conhecedora da Lei, dizia constantemente para José que a Lei não prescrevia que o marido devesse sujeitar-se à mulher, mas sim que ele fosse, e agisse, como chefe da família, e não como servo de sua mulher. Ele inclinava sua cabeça e nada respondia, uma vez que ela havia mencionado a obediência à Lei. Ele, fiel cumpridor da mesma que era, deveria cumprir com suas prescrições, devendo ela então submeter-se completamente a ele em tudo.

O Santo era também muito grato ao Senhor por ter transmitido tal instrução a Moisés, e também de tê-lo feito nascer em meio ao povo santo, que conhecia e adorava ao Altíssimo. Mas raramente mencionava esses fatos para Maria. Raciocinava em termos das muitas nações pagãs e infiéis que existiam ainda e delas se penalizava. Considerando a grande sorte que tivera, dizia para Deus: *“Oh, meu Deus! Infinitamente bom e misericordioso que sois! Que fiz eu a mais que os gentios para receber a imensa graça de nascer judeu e pertencer ao povo eleito? Oh, como Vos sou grato por tão grande favorecimento, o de nascer na nação onde Vossa Lei é seguida e respeitada! Oh, quantas graças haveis concedido ao mais humilde e miserável de Vossos servos! Eu Vos agradeço e me obrigo a seguir para sempre essa Vossa Lei!”*

DO DESAPARECIMENTO DE JESUS ATÉ A MORTE DE JOSÉ

O DESESPERO DE JOSÉ COM O DESAPARECIMENTO DE JESUS

José era absoluto respeitador da Lei transmitida por Deus a Moisés, como já visto. E, como rezava a Lei, deveria dirigir-se anualmente ao Templo em Jerusalém por ocasião das solenidades da Páscoa judaica. Tendo Jesus completado doze anos, era Seu desejo comportar-se como verdadeiro Filho de Deus e também como o Messias prometido na Lei. Para isso, era necessário que fariseus, escribas, e doutores na Lei, conhecessem Sua divina sabedoria e tomassem conhecimento de quem era. Por tais motivos — naquela ocasião muito especial para os judeus — José dirigiu-se ao Templo, acompanhado de Maria e Jesus. E caminhava contente e orgulhoso em razão de conduzir duas grandes personagens.

Durante aquela viagem, foi aquinhoado com muitas satisfações, seja pelas palavras de Jesus, seja pela grande alegria observada nas pessoas que acidentalmente encontravam. Era de fato supreendente e admirável ver a graciosidade e imponência mostradas pelo Deus-Menino, transmitindo a todos grandes alegrias. Muitos dos peregrinos encontrados nominavam José de felizardo, homem de muita sorte em ter um filho tão maravilhoso. Muitos até mesmo interrompiam a caminhada e falavam com eles, somente com a intenção de ficarem admirando o muito lindo e amável Jesus. Naturalmente, agradavam muito a José essas homenagens. E ele olhava para o Menino como sendo o seu mais rico e mais precioso tesouro. Por outro lado, essa sua alegria era acompanhada de certa tristeza pois O via caminhando e temia que Ele pudesse cansar-Se excessivamente e também sofrer na viagem. Tinha mágoas em seu coração ao pensar na naturaza frágil e delicada de Jesus. Muitas daquelas pessoas fizeram inclusive alguns ácidos comentários a respeito, pois achavam Jesus de nobreza imponente, como que nascido de ascendência real. Alguns até mesmo criticavam José em razão da pouca caridade e amor dedicados àquele seu tão maravilhoso filho, uma vez que permitia que caminhasse tão longo percurso.

Tais palavras feriam profundamente o coração do Santo, embora não mostrasse qualquer perturbação ou intranquilidade conseqüentes.

Mas, interiormente, sentia-se muito humilhado, embaraçado, constrangido e confuso, e se calava. Dizia então para Deus: *"Oh, meu Deus! Pai do meu tão querido Jesus! Sabeis quanto eu desejaria prestar todas as honras ao Vosso Unigênito! Mas, em razão de Vossas ordens, Ele deverá sofrer. Eu, nada mais posso fazer a não ser obedecer-Vos e manter-me em silêncio. Fazei pois com que Ele seja honrado e também exaltado por todos; e que Sua santificada natureza humana não necessite passar por tantos sofrimentos nesta viagem tão longa"*.

Mas, apesar dos pesares, o Santo se sentia muito alegre, mais do que habitualmente, por poder ir ao Templo, embora não atinasse exatamente porque o Senhor fazia com que assim se sentisse. Não sabia ainda quantos sofrimentos teria durante os três dias que Jesus permaneceu desaparecido.

Chegando em Jerusalém foram imediatamente para o Templo, onde já estavam em curso as solenidades comemorativas da Páscoa. Os que os viam se maravilhavam logo com a imponência, beleza e graciosidade mostradas por Jesus, e invejavam a sorte e felicidade do casal em possuir filho tão extraordinário. Na visita ao Templo, Ele causou sensação nunca antes vista, pois eram mesmo extraordinárias a beleza, a imponência, a sabedoria. José também estava mais alegre e orgulhoso do que nunca. E, por isso, rendia suas graças ao Senhor pelos muitos favorecimentos concedidos. Já foi dito que ele, uma vez no interior do Templo, era de fato muito agraciado, especialmente na companhia de Jesus. E, enquanto o Menino mantinha colóquios religiosos com o Pai Celeste — acompanhado de Sua mãe — o Santo foi acometido de um êxtase — sublimado aliás nessa ocasião — quando pôde entender que passaria por uma grande atribulação. Em meio à sua grande alegria essa componente amarga lhe causou grande preocupação. Todavia, não lhe foi revelada a natureza da mesma, mas ele se mostrou logo preparado para atender à vontade do Senhor e sofrer as conseqüências supervenientes, dizendo: *"Oh, meu Deus! Estou preparado para tudo! Fazei de mim o que seja de Vosso agrado! Estou pronto para sofrer voluntariamente tudo o que for necessário, em razão do grande amor que Vos tenho. Jesus estando comigo, nada mais poderá atingir-me seriamente, pois Sua tão amada presença é suficiente para minha total alegria e completa satisfação"*. Entretanto, não passava pela sua mente a possibilidade de que o problema estivesse relacionado diretamente com Jesus, e que ele deveria privar-se daquela tão importante companhia e tivesse que enfrentar sozinho os problemas que lhe estavam reservados.

Desobrigados das tarefas no Templo, José e Maria passaram a procurar hospedagem e repousar algo para a recuperação de suas energias, além de manter seus colóquios religiosos. Contrariando seus hábitos, José nada comentou com Maria sobre o acontecido com ele, mantendo

apenas para si as preocupações respectivas. Depois de convenientemente alojados foram algumas vezes mais ao Templo, atendendo aos costumes regionais.

Terminadas as solenidades religiosas da Páscoa judaica deveriam agora retornar a Nazaré. Na volta para a hospedaria em que se encontravam, Maria caminhava junto a algumas mulheres devotas. José, de lado, formava outro grupo com amigos e conhecidos. Embora separados, conversavam sobre Jesus e Suas extraordinárias qualidades: Maria com suas amigas, José com seus companheiros. Maria acreditava que Jesus estivesse com ele e José, de sua parte, pensava que o Menino estivesse junto dela. Por isso, não tiveram qualquer preocupação a respeito, certos de que Ele também se dirigia à hospedaria. Na verdade, estavam alegres e satisfeitos — individualmente — seguros de logo encontrá-Lo e ansiosos por Suas palavras.

José chegou primeiro à estalagem e lá permaneceu à espera de Maria e Jesus. Chegando, ela imediatamente lhe perguntou sobre o Menino, enquanto que ele agia dessa mesma forma. Ambos ficaram então muito preocupados, pois cada um deles tinha para si que Ele se encontrasse com o outro. Perguntavam a várias pessoas que também retornavam do Templo, se por acaso teriam visto Jesus. Ouviram somente negativas. Ninguém conhecia Seu paradeiro.

É impossível descrever o sofrimento e a preocupação intensa que assaltaram então Maria e José na ausência de Jesus! Maria era quem mais sofria, embora com maior contenção, pois exteriorizava menos as suas aflições. À medida do tempo — e das negativas que ouviam de pessoas às quais perguntavam por Ele — crescia desmesuradamente a ânsia de que estavam tomados em razão daquela prolongada ausência de Jesus. Era mesmo de tal porte que não mais podiam ter qualquer sossego, embora fosse natural nas circunstâncias. Passaram toda aquela noite chamando e clamando por Ele, no mais íntimo de seus corações. O Santo sofria duplamente, pela falta de Jesus e pela angústia que via em Maria, sem saber mesmo como confortá-la em situação tão delicada, perigosa, e preocupante. Tentava convencê-la de que com certeza Jesus estaria de volta logo cedo no dia seguinte. Mas essa afirmação não bastava para acomodar a ansiedade dela, cujo coração só estaria em paz com o retorno de seu querido filho. E, concomitantemente, ela também sofria dobrado vendo o desespero de seu marido. Entretanto, a extraordinária firmeza de Maria fazia com que ainda encontrasse forças para animar José, profundamente acabrunhado e ausente. Às vezes, como que acordando de pesadelo, ele procurava por Jesus para ver se acaso já havia retornado. Verificando a negativa, José chorava e chamava por Ele angustiadamente: *“Oh, querido Jesus! Onde estás? Com certeza serei eu a causa de teu desaparecimento! A não correspondência a Teus anseios*

e minhas ingratidões devem ter-Te conduzido a esse desaparecimento! Peço que retornes imediatamente, quando não por mim pelo menos por tua santificada Mãe Tem piedade de sua alma pura e inocente! Pelo grande amor que ela Te tem, peço-Te que me perdoes os desgostos que tens tido comigo, com certeza a causa do Teu desaparecimento”.

Impossível imaginar-se o quanto José teria ansiado pela volta de Jesus! E com que preocupações aguardava! Entretanto, vendo que não retornava — e não mais tolerando tão terrível expectativa — ao amanhecer decidiram voltar a Jerusalém à Sua procura. E muitas foram as lágrimas que derramaram no percurso! Se durante a viagem àquela cidade se mostravam muito contentes com a presença do Menino, a presente ida — sem Ele — era de muitas preocupações e angustiante. Chegando novamente a Jerusalém passaram imediatamente à procura de Jesus, por toda parte, perguntando às pessoas se O teriam visto ou se sabiam de Seu paradeiro. Mas o Senhor quis que só ouvissem negativas. Foram então ao Templo e, por pura coincidência não O encontraram; embora estivesse no Templo, havia saído momentaneamente para obter algo para comer. No Templo, chorando ansiosamente, nem mesmo lhes passou pela mente que deveriam perguntar por Ele aos servidores. Olharam apenas rapidamente e deixaram o local para continuar a procura. Mesmo em tal situação tão difícil, devia José sofrer ainda outras amarguras, pois não faltaram aqueles que o taxassem de irresponsável e de insensato, cuidando pouco e negligenciando sua atenção para com aquele filho tão extraordinário que possuía. Diziam também que ele bem merecia esse estranho desaparecimento de Jesus. Essas palavras amarguravam José, que se considerava de fato o verdadeiro responsável. E assim procuraram por Ele durante três dias, sem descanso. Alguém lhes disse então tê-Lo visto no Templo, conversando com escribas e doutores na Lei. Embora já praticamente sem forças para tolerar aquela situação, confortaram-se ao ouvir a informação, permanecendo entre temor e esperança. Ansiosos, correram para o Templo e lá O encontraram. Durante aquele longo período de três dias, privado da tão querida presença de Jesus, o Santo jamais perdeu a paciência — entre dores e grandes preocupações — mas, no auge de suas aflições ainda encontrava forças para abençoar o Senhor que lhe concedera energia para enfrentar aquela atribulação tão grande; interiormente, nunca deixou de exercitar atos de virtude e de resignação, no atendimento da vontade de Deus.

O ENCONTRO DE JOSÉ COM JESUS

Chegando ao Templo — carregando a imensa expectativa do encontro de Jesus — lá entraram e puderam vê-Lo. Estava entre os doutores na Lei e com eles discutia com muita vivacidade, sabedoria e graça. José

e Maria permaneceram parados, em silêncio, ouvindo Suas palavras. E a alegria de que foram tomados era tão imensa, que compensou as amarguras passadas, e eles tiveram até momentos de extrema doçura naquela observação do Menino. José quase teve um desmaio, só de poder ver novamente seu tão querido Jesus. E passou imediatamente a louvar e agradecer ao Senhor, que permitira que achassem o Menino. Seu espírito rejuvenesceu, e ele se sentiu mesmo mais eufórico do que o patriarca Jacó ao saber que seu filho José vivia e era Vice-Rei no Egito!

É também impossível contar quais os sentimentos do Santo ao ouvir aquela extraordinária sabedoria mostrada por Ele frente a seus interlocutores. Observava claramente que eles, e mais servidores graduados do Templo, O ouviam maravilhados e estupefatos pela sabedoria e extrema graciosidade mostradas pelo Menino. Com inusitada satisfação, José dizia para si mesmo: *"Finalmente, Jesus será agora conhecido e reconhecido como o verdadeiro Messias que é! Como poderão todos resistir a essa evidência, e a não amá-Lo como tal, se Ele lhes explica as Escrituras, com extremas sabedoria e graça, mostrando-lhes assim que o Messias já está presente? Como poderão eles não entender que Ele é o próprio Messias da Lei que — em tão tenra idade — mostra admirável sabedoria, tanta graça e tão acentuadas virtudes? Ah, certamente espero que assim seja, e que o meu querido Jesus seja aceito por todos como o verdadeiro Messias!"* O Santo refletia dessa maneira em razão de seu grande desejo que Ele fosse de fato reconhecido como o Prometido e que todos soubessem também o grande benefício que isso representava. E que se sentissem profundamente gratos ao Senhor. Entretanto, essas suas ambições não se concretizaram pois o duro coração dos judeus e também todas aquelas sugestões divinas implícitas não causavam as impressões corretas naqueles corações tão endurecidos, cheios de soberba e de ambições. Entretanto, é preciso notar que o Senhor os iluminou nesse sentido, fazendo com que tomassem conhecimento da verdade irrefutável. E o fato de não O terem aceito como o Messias repousara na exclusiva responsabilidade daquelas pessoas.

Terminada a discussão de Jesus com a equipe do Templo, o Menino foi vivamente aclamado pelos presentes, dirigindo-Se então ao encontro de Maria, que lhe disse: *"Meu filho! Por que agiste assim, fazendo com que tivéssemos de procurar-Te assim tão aflitos?"*. E Ele a olhou, de forma imponente, como que se os repreendesse por aquela desnecessária aflição. José permanecia em silêncio, taciturno, mas muito contente em seu interior por ter finalmente encontrado Jesus. Banhado em lágrimas e com imenso amor, não se cansava de olhar para Ele.

Muitos que se encontravam no Templo naquele momento e que haviam ouvido as palavras do Menino, foram cumprimentá-los pelo extraordinário filho que tinham dizendo que deviam educá-Lo convenientemente

pois demonstrava todas as qualidades necessárias para tornar-se um grande profeta, e uma grande personalidade. Outras pessoas tiveram Maria por abençoada pelo Senhor por ter dado à luz um tal filho; outras mais diziam para José ser ele também um felizardo, digno mesmo de ser invejado. Por tudo isso, ele rendia suas graças a Deus e, em meio a todas aquelas afirmações elogiosas, humilhava-se e reconhecia sua insignificância, transferindo ao Senhor todas as glórias respectivas.

Terminadas as louvações e adoração deixaram o Templo. E as pessoas encontradas pelo caminho também se congratulavam pelos mesmos motivos que repousavam em Jesus. E isso fazia com que o Santo se humilhasse ainda mais, reconhecendo-se indigno daquelas homenagens todas. Considerava-se como tal, no que se referia às graças todas que lhe eram concedidas pelo Senhor, em especial por aquela que o tornara pai e protetor do Verbo Divino.

E eles então tomaram o rumo de volta a Nazaré levando agora seu querido Jesus. José se mostrava permanentemente atento, receioso de que Ele desaparecesse novamente. E vigiava o tempo todo. Todavia, Jesus durante o percurso lhes assegurou que não mais deles Se afastaria, e isso serviu de tranqüilidade e alegria para Maria e José.

Durante aquela caminhada de volta — mais do que em qualquer outra realizada por eles — tiveram ocasiões de presenciar verdadeiras maravilhas, através de sinais divinos oferecidos pela própria natureza. Eram constantemente acompanhados por bandos de aves cantando lindas melodias e que, saltitantes, se dirigiam ao Criador com a intenção de obsequiá-Lo. E até mesmo animais ferozes e selvagens se inclinavam à Sua passagem e os campos se mostravam brilhantes e festivos; o céu se mostrava sereno e límpido, enquanto que o sol era mais resplandescendente e brilhante do que nunca. E muitas vezes o Santo pôde ouvir distintamente cânticos celestes entoados por anjos. Maria cantava também doces cantigas de louvor ao Senhor e agradecia por terem encontrado seu tão querido filho. José, em meio a tantas festividades e alegrias também agradecia a Deus, tanto pelas amarguras vividas, como pelo presente contentamento. Assim, a viagem de volta foi plena de alegrias e eles chegaram a Nazaré sem que tivessem disso se apercebido, sem qualquer esforço ou fadiga e sem cansaço. E José repetia as palavras de Davi: *“Quando me encontrava prisioneiro de angústias, o carinho do Senhor me consolou”* (Salmo XCIII 19).

Chegando a Nazaré com Jesus, ao entrarem na cidade, receberam inúmeras congratulações por parte de vizinhos e amigos que sabiam do desaparecimento do Menino, devido ao auspicioso fato de O terem encontrado são e salvo. Pessoas louvavam Sua beleza, Suas excepcionais qualidades e a imponência, graça e nobre aparência que Ele demonstrava. Todavia, como sempre, existiram também aborrecimentos e amarguras

para o Santo uma vez que certas pessoas, instigadas pelo Demônio, consideravam interessante a travessura e até mesmo se mostravam algo reticentes por ter Ele sido encontrado. José notava bem esses sentimentos e eles lhe causavam profunda tristeza, pela maldade que continham. Entretanto, como de hábito, não demonstrou seus sentimentos mas exerceu suas já conhecidas virtudes, mostrando-se amável e cordial até mesmo com essas pessoas. E suplicou ao Senhor que as perdoasse e as iluminasse, para que pudessem livrar-se daquelas tentações do Demônio. E Deus o ouviu e elas, em pouco tempo, mudaram seu comportamento e também se dirigiram a eles para cumprimentá-los pelo reencontro de seu filho. O Santo ficou sobremaneira alegrado com a mudança de atitudes, agradecendo profusamente ao Senhor que o havia atendido. Quando elas o procuravam, acolhia-as com muita cordialidade, agradecia o interesse demonstrado, sem mostrar o aborrecimento que lhe haviam causado anteriormente. E elas se admiravam dessas suas amáveis demonstrações e acabavam por se tornarem amigas, derrotando assim mais uma vez o inimigo permanente. Algumas delas chegaram mesmo a solicitar sua permissão para irem à oficina ver Jesus com mais frequência, pois a Sua presença lhes era extremamente agradável. Ele, muito cortês e delicado — pois desejava que todos pudessem participar da alegre companhia de Jesus — concordava contente.

Na verdade, quando iam vê-Lo as pessoas se alegravam verdadeiramente, pois Ele as beneficiava, embora não soubessem que essas graças vinham do Pai Celeste por Sua intermediação. Conversaram com José, afirmando que era um verdadeiro afortunado por ter esposa tão digna, graciosa, sábia, e além disso de tão rara beleza. E, mais ainda, por com ela ter tido tão extraordinário filho, que arrebatava todos os corações tão logo as pessoas O vissem. Entre lágrimas de alegria e ternura, o Santo lhes dizia: *“Na verdade, sou indigno de tantos benefícios, que jamais merecerei! Assim, ajudai-me a agradecer ao Senhor por esses benefícios todos e para que eu possa corresponder, com muito fiel serviço e exato cumprimento da Sua Lei”*. As pessoas se admiravam com tanta humildade e mais ainda porque ele jamais se queixara de sua extrema pobreza ou das afrontas todas que havia tido por parte de seus parentes, que lhe haviam tomado seus bens de raiz. Existiam mesmo os que defendiam sua luta para recuperar aqueles bens, injustamente perdidos, afirmando que ele os poderia recuperar com facilidade se assim desejasse. A esses José respondia estar muito bem como estava, vivendo contente em sua pobreza, que lhe bastava plenamente o que tinha e que estava muito satisfeito com as graças concedidas a ele pelo Senhor, sejam, Maria e Jesus! E dizia: *“Com essas dádivas de Deus, sou bastante rico e nada mais tenho a desejar!”*. Em outras ocasiões, respondia que o Senhor era a sua herança e que isso lhe bastava perfeitamente. Ouvindo-o, as

peças se edificavam, admiradas com sua firmeza de propósitos, embora não faltassem também os que o julgassem irresponsável e doido pois podendo viver em conforto e comodidade, não dava importância a isso. Ele contudo não se ofendia e respondia que se considerava extremamente feliz em poder sustentar sua pequena família através de seu trabalho. Depois dessa afirmação, elas permaneciam em silêncio, aliás muito apreciado pelo Santo.

A VIDA EM NAZARÉ APÓS A VIAGEM A JERUSALÉM

Uma vez em Nazaré, após todos os acontecimentos descritos, Jesus permanecia totalmente voltado para as instruções dos pais e em sua dependência. José se constrangia em vê-Lo sob suas ordens, mesmo porque — entre outros motivos — Ele já crescia também em idade. E também porque José, muito humildemente, se reconhecia como insignificante para isso. Ajoelhando-se perante o Senhor suplicava para que — sendo tão miserável e pouco importante — ficasse ele submetido às ordens do Criador e não o contrário. Essas suas súplicas não tiveram o desejado eco e ele sentia claramente que, para seguir a vontade de Deus, deveria manter Jesus sob suas instruções. E Jesus nada fazia sem sua autorização ou beneplácito. Desejando, por exemplo, afastar-se para ir ter com Sua mãe, solicitava a devida concordância de José, o mesmo fazendo com os demais assuntos. E o Santo, apesar de tudo, muito se constrangia em ter que dar essas anuências e em ver o Criador submetido a ele. E tinha também grande admiração pela grande humildade que Ele demonstrava. E nisso procurava então imitá-Lo. Em Sua ausência, ele se ajoelhava e O adorava ocultamente. Quando Jesus, por qualquer motivo abandonava a oficina, o Santo se apressava em beijar os locais onde havia pisado, o mesmo fazendo com objetos que houvesse tocado. Rendendo tais homenagens ocultas, chorava de alegria e de ternura. E quando o Menino lhe solicitava permissão para realizar algo — ou mesmo quando ele devia dar-lhe alguma instrução específica — fazia primeiramente ato interior de humildade, protestando por ter que assim agir para atender às ordens divinas e não porque se tivesse de alguma forma por superior, dizendo-se também o mais indigno de todos. De certa maneira, essa posição superior de mando que Deus lhe havia concedido, foi um grande instrumento de que se utilizou sempre para exercitar sua humildade, que praticava intensamente em seu interior.

Embora Jesus não precisasse de orientações técnicas no ofício, por ser quem era, sujeitava-se completamente a José e lhe pedia humildemente para que O ensinasse como deveriam ser executadas as tarefas, pedido que ele considerava amorosamente, ensinando-O com amor. E entendia bem que Jesus assim agisse para praticar os atos virtuosos

da humildade é sujeição, embora ele se contrangesse com isso. O Santo agia da mesma forma também com Maria, quando de solicitações de permissão para executar alguma ação ou trabalho ou mesmo quando, por decisão própria, devia transmitir-lhe alguma instrução específica. Após tais atos de comando ele sempre realizava atos interiores de humildade e, ajoelhado, pedia perdão a ambos por ter de agir dessa maneira, única e exclusivamente segundo a vontade do Senhor.

Reinava na santificada família verdadeira competição em termos de quem mais se humilhava e praticava atos de virtude. Percebendo que Maria e Jesus o suplantavam, procurava melhorar seus desempenhos imitando-os.

Embora muito aquinhado por Deus nesses aspectos de virtude, estava ainda bastante distante de poder equiparar-se aos dois, vendo-se muito envergonhado naquela patente desvantagem e dizendo para ambos: *"Oh, como me vejo embaraçado ao ver que sois ambos tão ricos em virtudes e méritos, enquanto que eu sou tão miserável e carente nesses aspectos! Devo imitar-vos nessas nobres atitudes, embora me saiba ainda muito distante delas! Dá-me, querida esposa, capacidade para poder imitar-te em tudo!"*. E mostrava seu grande e verdadeiro desejo de ombrear com eles, ganhando mais merecimentos perante o Senhor.

Em determinadas circunstâncias, ao levar para casa os necessários alimentos, Maria lhe perguntava como deveria prepará-los. Eram em geral hortaliças, legumes e algum peixe. Ele então se aborrecia, pois desejaria que ela os fizesse à sua maneira e vontade. Todavia, obrigado que era, orientava-a então como fazê-lo, embora suas instruções tivessem sempre o objetivo de ir ao encontro daquele apreciado por ele, ou seja, tudo preparado da maneira mais simples possível. Algumas vezes acontecia que tinha vontade de comer algo menos comum, mas jamais deixava que ela se apercebesse disso. Maria, ciente de tudo, preparava tais pratos sem que ele devesse instruí-la; chegando ele em casa cansado do trabalho, lá estavam na mesa as comidas que havia desejado ocultamente. E então se admirava daquele capacidade de adivinhação de Maria; simultaneamente, agastava-se por desejar que ela as preparasse a seu gosto. Havendo já intuído de alguma forma que ela podia adivinhar seus pensamentos, quando cogitava de algum prato específico, tentava tirar a idéia de sua mente para que ela não penetrasse seus pensamentos e preparasse a comida que ele desejara. E ela, ciente de tudo, sorria ante aquela simplicidade de José e para contentá-lo cozinhava a seu agrado então. Agia também dessa forma para ocultar aqueles dons, dados pelo Senhor, de poder ler a mente das pessoas, principalmente de seu marido. José, desejando agradar Maria e Jesus, arriscava-se a perguntar o que teriam desejado comer. Eles, embora agradecidos por aquele seu cuidado, declaravam muito apreciarem os alimentos que comiam habitualmente, seja, pão,

água, hortalças, legumes, e frutas e, vez ou outra, alguma fritura de peixe. Ele notava, se constrangia, e inclinava sua cabeça, em concordância, mas não respondia. E eles reafirmavam sua gratidão e confirmavam suas providências em termos do que ele lhes havia proposto.

Com o passar dos anos, crescia progressivamente em José seu amor e admiração por Maria, motivos pelos quais teria desejado viver para sempre ao seu lado. Em seu trabalho ansiava por vê-la, pois lá não podia ouvir suas palavras nem desfrutar sua presença. Mesmo com Jesus em sua companhia, tinha sempre grande vontade de ir ter com ela, de usufruir de sua amada presença, de sua dignidade e da excelência de suas virtudes. Todavia, jamais se mostrou leviano, deixando de ir ao seu trabalho. Lá, porém, tinha imenso desejo em revê-la e se sacrificava em louvor ao Senhor permanecendo onde se encontrava. Jesus, que também penetrava nos recônditos desejos do Santo pretextava então algum motivo que levasse José a ver Maria, e assim se alegrasse. Sabia quanto importante era Sua presença para ele, mas tinha também ciência de sua alegria em poder revê-la, pois por ela crescia também o amor do Santo pelo Senhor e desenvolvia seu desejo em aumentar sua santidade. Na verdade, Maria tinha esse poder com todas as pessoas que a olhavam.

José desejava muito ver Maria alegre vendo Jesus e, de seu lado, também procurava motivos para enviar o Menino até ela quando Ele estava na oficina e assim lhe ordenava a entrega de qualquer mensagem para a mãe dando liberdade de permanecer pelo tempo que lhe aprouvesse. Jesus obedecia e ia ter com Sua mãe, alegrando-a muito pela presença e também com Suas palavras, permanecendo ambos na troca de agradamentos mútuos. E Maria sentia-se muito grata a José, suplicando ao Senhor que lhe concedesse novas graças, além de alguma satisfação interna naqueles períodos em que permanecia longe de Jesus para que ela pudesse tê-Lo. E José sentia bem, embora distante, esse carinho que ela lhe dedicava, pois era então tomado de uma curiosa alegria, como se Jesus estivesse presente. Agradecia a Deus e a Maria, enquanto ela agia da mesma forma, agradecida também pela satisfação que lhe proporcionara. Mais tarde, em conjunto, rendiam novas graças ao Senhor e também ao seu querido Jesus.

Encontrando-se Jesus em certas ocasiões em colóquios com Seu Pai Celeste, José — humilde e submisso — dizia a Maria que o orientasse na forma de ser agradável ao Menino, desejando assim agradá-la também. Ela se constrangia, mas ele insistia e solicitava que fizesse isso em nome de Jesus. Ela então consentia e sugeria algumas formas de agradamentos. Ele os colocava imediatamente em prática e se sentia assim muito satisfeito. E agradecia novamente. Ela, humilde e modesta, sugeria que os agradamentos fossem endereçados a Deus, pois Ele lhe transmitiria aquelas sugestões, uma vez que ela nada mais fosse que Seu instrumento. E

o Santo aprendia progressivamente como portar-se frente ao Altíssimo, como glorificá-Lo e como render a Ele suas graças. Permanecia atento às suas palavras, procurando imitá-la e executar em tudo as suas insinuações pois dessa maneira estava certo de não incidir em erros.

GRANDES ANGÚSTIAS E AFLIÇÕES

Muitas pessoas se dirigiam à oficina com a finalidade precípua de ver Jesus, e de se alegrarem com Sua amável presença. Embora bem intencionadas, algumas repreendiam José, penalizadas por ver um menino tão digno, gracioso e bonito, trabalhando naquela tosca carpintaria. Mostrando Ele aparência tão nobre, e inteligência rara, deveria sim aplicar-Se no estudo das Escrituras pois, sem dúvida alguma, iria tornar-se doutor na Lei, ter grande sucesso quando crescido e transformar-se em uma honra para a terra natal. José dava de ombros, embora as palavras ditas o ferissem no coração. As pessoas então o tomavam por indiferente ao filho, sem qualquer compaixão por Sua natureza delicada. Zelas, diziam-lhe ser cruel e insensível, mostrando desamor pelo filho, somente para ter alguém que o ajudasse no trabalho. E que não tinha a menor preocupação quanto ao que realmente seria de interesse para o Menino, E que Ele se cansava demasiadamente para a idade. E acrescentavam que qualquer pessoa, com um filho tão extraordinário, iria cansar-se à morte para garantir os estudos, sustento e conforto.

José ouvia mortificado essas acusações todas e muito se entristecia. Reconhecia que aquelas pessoas estavam certas, desde que tudo fosse considerado somente em seu aspecto humano. Mas não tinha a necessária autorização divina para dar-lhes quaisquer explicações, uma vez que o segredo do mistério não deveria ser revelado a ninguém. Assim, com grande humildade e submissão, respondia às críticas dizendo que estavam certas; mas que, por outro lado, necessitando de ajuda no trabalho, devia recorrer àquele filho dado a ele por Deus. E também que, tomando conhecimento da vontade contrária do Senhor, não teria dúvida em atendê-la. E todos se irritavam ainda mais e contestavam: *“Ah! Ele aguarda que o Senhor lhe diga tudo o que fazer! Que pretensão essa! Deve sim é colocar seu filho a estudar!”*. O Santo inclinava a cabeça, nada mais respondia, e se resignava pacientemente às impertinências todas. Jamais fez qualquer ofensa a elas, embora o merecessem! Muito ao contrário, agradecia o interesse mostrado e a afeição que tinham por Jesus.

Mas as pessoas passaram a achar também que, entre outras coisas mais, ele se mostrava demasiadamente teimoso — verdadeiro cabeça-dura — que não se deixava convencer, por mais sensatos que fossem os argumentos! E comentavam por toda a cidade. Duraram muito essas atribulações de José e as pessoas sempre o incriminavam quando se

dirigiam à oficina de trabalho. Ele enfrentava os aborrecimentos com grande paciência, santa mesmo, e jamais se mostrou violento, nunca havendo dito qualquer palavra de desagrado à quem quer que fosse. Ao contrário, mostrava-se aparentemente alegrado com o que as pessoas diziam sobre o trabalho de Jesus. De certa forma sentia-se até satisfeito, pois assim podia exercitar os atos de virtude que sabia agradarem ao Senhor podendo então crescer em seus méritos. E rezava por todos aqueles que o molestavam com palavras duras. Em seu interior José sofria pois também não era de seu agrado ver Jesus fatigar-se com os trabalhos da oficina. Por isso, ao ouvir aquelas críticas, muitas vezes chorava de pena de Jesus. Mas, como de hábito, rendia-se completamente à vontade do Senhor.

Jesus mostrava gostar desses atos de virtude e paciência praticados por ele. Com olhar sorridente, confortava e animava José. E o Santo, muito confortado, olhava para Ele e dizia: *"Oh, Filho querido! Olhar-Te já me basta para suavizar quaisquer amarguras, e minha alma se desvanece com Tua visão! Posso até ser desprezado, vilipendiado, e molestado pelas pessoas, pois tudo se torna agradável e doce quando Te vejo, meu tão querido Bem!"*. E era tal a sua alegria, que passava para aquele seu estado de êxtase.

Todavia, os aborrecimentos que tinha com determinadas pessoas, devidamente instigadas pelo Demônio, poderiam ser considerados leves comparados com aflições que o próprio Jesus lhe proporcionava com o intuito de que ele crescesse em seus méritos ainda mais. Na oficina Jesus às vezes se mostrava acabrunhado e cabisbaixo, olhos fixos no trabalho e com suspiros continuados. Eram reflexões que fazia sobre muitas ofensas feitas pela Humanidade ao Pai Celeste, que o entristeciam profundamente. José não tinha conhecimento dessas elocubrações tão problemáticas. E, vendo Jesus assim permanecer por longos períodos, era tomado de grande preocupação. Não encontrando sua paz interior, dizia para si mesmo: *"Oh, Jesus! Que terei feito para causar essa Tua fisionomia acabrunhada e triste?"*. Com esse pensamento, desejava ir para Maria e perguntar se por acaso conhecia as razões desse procedimento do Menino. Entretanto, não ousava, temeroso de aborrecer a Jesus. Pensava então em perguntar diretamente a Jesus sobre esses motivos que tinha. Não ousava novamente. Derramando doloridas lágrimas, continuava aflito o seu trabalho. E Jesus, ciente de tudo, permitia que assim continuasse somente para que pudesse adquirir maiores méritos e praticasse a virtude da resignação.

Lentamente o Santo acabava por conformar-se, oferecendo seus sofrimentos ao Pai Celeste. Assim permanecia até chegada a hora da refeição habitual, quando então embaraçado e confuso, dizia a Jesus: *"Meu filho, é hora de irmos para casa, para nossa refeição. Vamos agora"*. O Menino,

compadecido e com fisionomia serena, olhava cordialmente e dizia: *“Vamos sim, pai, que é hora de te recuperares do cansaço do trabalho”*. Dizia isso com tais graças e doçura que o aflito José se acalmava e se recompunha. E iam para casa, onde Maria já os aguardava com a refeição pronta. Sabedora de tudo, olhava amorosamente para Jesus e fitava José compadecida. Tal olhar provocava nele uma intuição desse conhecimento dos fatos e também a certeza de que Ihe era solidária. Ele então inclinava sua cabeça, agradecendo à solidariedade dela.

Feita a refeição, Jesus Ihes fazia alguma explanação ou exposição versando sobre a perfeição das obras divinas ou sobre as providências da divindade, sobre a necessidade de as pessoas se conformarem com as adversidades, e outras ainda a respeito do imenso amor que o Senhor dispensava à Humanidade. Em suma, o Grande Mestre usava diariamente das oportunidades — em especial após as refeições — que se ofereciam de fortalecer os espíritos de seus pais. E, na verdade, atingia plenamente Seus objetivos, pois eles se viam assim cada vez mais iluminados e instruídos. José, em especial, mostrava grande apreciação pelas palavras de Jesus e aguardava ansiosamente por aquelas Suas palestras nas quais freqüentemente passava a estados de êxtase profundos de natureza espiritual.

Após as conversas o Menino se retirava para Seu quarto, enquanto que o Santo e Maria permaneciam comentando Suas extraordinárias qualidades, Sua graciosidade e amabilidade, sabedoria divina e demais prerrogativas que O caracterizavam. E José dizia para Maria: *“Minha querida Maria! Quem diria que eu viesse a merecer benefício tão grande como o de estar em companhia do Redentor e na tua, Sua Mãe Santificada? Oh, quanta bondade e caridade o Senhor me tem dispensado!”*. E, unidos, rendiam suas graças ao Pai Celeste. O Santo então relatava os estranhos acontecimentos ocorridos na oficina. Maria, embora conhecendo toda a verdade, não aventava qualquer causa para o fenômeno, embora as entendesse e compreendesse as preocupações de José. Apenas Ihe dizia para que não se preocupasse demasiadamente com o assunto, achando-se culpado, uma vez que o Menino, muito provavelmente, sofria em razão das ofensas feitas ao Pai Divino. De certa forma, ele acabava por aceitar conselho, embora contestasse não ser fácil vê-Lo naquele estado, suficiente para que se aborrecesse muito. Maria sofria ainda mais que José, pois sua relação com Jesus era mais próxima do que a de seu marido.

Após essas ocorrências, José e Jesus voltavam ao trabalho. Ao deixar Maria, o Santo Ihe pedia para que mantivesse seus pensamentos no Pai Celeste e também nele, pois desejava que ela o tivesse em mente em suas ausências, além de confabular com o Senhor. Dizia de sua grande solidariedade com ela, que era forçada a permanecer distante de Jesus por tanto tempo. Ele, de seu lado, fazia com que o Menino também a

mantivesse em Seus pensamentos e que arranjaría algum expediente para que Ele retornasse antes. Ela agradecia essas manifestações e os cuidados por ele demonstrados para que permanecesse confortada e satisfizesse seus desejos de estar próxima de Jesus. E o Santo cumpria suas promessas pois uma vez no trabalho juntamente com o Menino, subitamente O saudava em nome de Maria e via que isso era muito de Seu agrado, pois recebia tais saudações alegre e sorridente. E quando José achava alguma forma de enviá-Lo para Sua mãe, cumpria a ordem com amor e rapidez, uma vez que ela era o grande contentamento de Seu coração. E essas cenas se repetiam com grande freqüência.

José se sentia confortado por Jesus e por Maria e suas angústias não tinham longas durações, embora em determinadas circunstâncias lhe parecessem duplicadas. Era quando ele e Maria sofriam por atos de Jesus, que tendiam a fazer crescerem também os méritos de Sua mãe, sem que Ele lhes explicasse Seus motivos para aqueles atos de mutismo e tristeza. Nessas ocasiões, Maria também sofria muito. Dessa forma, o Santo se aborrecia duplamente, por ver Maria sofrendo e Jesus acabrunhado e triste. Nem mesmo sabia como deveria agir, pois o Menino se retirava — para orar ao Seu Pai — enquanto que Maria permanecia aflita e desgostosa. José ia então para a oficina e trabalhava chorando copiosamente. Todavia, recordando-se de palavras de sua esposa endereçava essas lágrimas ao Pai Celeste em razão das muitas ofensas da Humanidade. Suspirava e suplicava para que o Senhor perdoasse os pecadores e depois disso, rezava por Maria e por si próprio para que pudessem novamente ver o Menino em suas atividades naturais, ou seja, com fisionomia transparente e serena. Nessas ocasiões, o Santo em confissão dizia muitas outras coisas para o seu Deus e se mostrava resignado, pronto para sofrer as penas resultantes de Sua vontade. Retornava então à sua casa e lá, vendo Maria ainda tristonha e acabrunhada, tentava confortá-la de alguma forma, embora ele também necessitasse de consolos. Vendo-a triste, mas conformada, se edificava admirando cada vez mais a sua natureza resignada e procurava imitá-la, marido leal que era. Jesus, uma vez seguro de que ambos haviam crescido em seus méritos praticando essas virtudes todas, mostrava-se então para eles em seu natural — fisionomia alegre e jovial — falava-lhes amorosamente e os exortava ao sofrimento. E os seus corações se enchiam então de alegrias, muito satisfeitos com a transfiguração de Jesus. Os três então rendiam graças a Deus e o Santo, como chefe da família, dizia para o Menino: *“Oh, querido filho! Como estiveram angustiados nossos corações por ver-Te tristonho e acabrunhado! Nada me aflige mais que observar-Te em tal estado! Sofro terrivelmente, nem mesmo viver eu quero”*. Jesus o fitava sorrindo e dizia que não se preocupasse tanto — mas sim agradecesse ao Pai — pois Ele tinha em mente o crescimento de seus méritos com a prática de virtudes,

resignação e humildade, paciência e contenção. Se culpado, seria em razão de sua própria falta em merecimentos. Por isso o Santo, quando algo de mal lhe acontecia, afirmava ser em função de falta de méritos de sua parte. Não importando qual o aborrecimento — seja por ação de outros, seja por instigação do Demônio, seja por ação de Jesus tentando treiná-lo com sofrimentos — José sempre se mostrou virtuoso e procurou imitar os exemplos dados por Maria e Jesus, que o Senhor lhe havia dado sob custódia e proteção.

A GRANDE DEVOÇÃO DE JOSÉ

Como já foi dito, José mostrava especial devoção por aquele quarto onde ocorrera o grande mistério da Encarnação e onde Maria orava frequentemente. Essa sua atitude de respeito crescia progressivamente e ele muitas vezes pedia a Maria que lhe permitisse lá orar também ou mesmo isolar-se enquanto ela executava suas tarefas caseiras. Quando rezavam juntos — em especial se desejavam solicitar alguma graça — ajoelhavam-se no próprio local em que ela estivera naquela tão sublime ocasião. E o Santo sentia que seu coração se inflamava com poderoso amor e imensa confiança e fé na infinita bondade divina. José estava inclusive seguro de que ali nenhuma graça solicitada lhe havia sido negada. E quando as pedia, sentia receber grande iluminação do Pai Celeste e seu espírito se integrava totalmente, desfrutando das mais extraordinárias emoções. Quando Jesus ia para seu quarto — para orar e tratar dos problemas da redenção da Humanidade com o Pai — Maria e José permaneciam em preces naquele pequeno quarto. Ela, absorvida e concentrada, podia ver o que se passava entre Jesus e Seu Pai e O acompanhava nas preces e súplicas feitas. Algumas vezes, até mesmo José pôde participar dessas revelações, unindo-se também às orações. Dessa forma, as súplicas do Verbo Divino ao Senhor pela salvação da Humanidade eram acompanhadas pelas de Maria e José, fato que resultava em grandes favorecimentos e alegrias espirituais e na intensa penetração da graça divina e do amor a Deus e ao próximo, em seus espíritos.

José aproveitava muito tais reuniões e, quando abandonava aquele quarto especial, mostrava-se outra pessoa, completamente possuída pelo espírito de Deus. Nessas condições, nem mesmo podia realizar qualquer ação de natureza material. Era tomado por uma divinização de sua alma, como acontece com os anjos do Céu. E precisava mesmo aguardar algum tempo para poder voltar ao seu natural. Deixava então Maria só e concentrada, sem perturbá-la com sua saída, sabendo que ela muito apreciava permanecer isolada naquele quartinho.

Progredia de tal forma o amor do Santo pelo seu Deus que seu corpo todo parecia consumir-se naquelas práticas. Passava por estados de exal-

tação amorosa na rotina familiar e contínua com Jesus, ou em contemplações e colóquios com Maria. Com o coração ardente de amor, frequentemente exclamava: *"Oh, Deus de amor e de caridade! Dai fim à minha vida, fazendo que eu pereça consumado pelas chamas que ardem em meu coração!"*. E, assim, sentia-se tomado de intenso desejo de morrer nessas chamas ardentes de seu elevado amor religioso. E dizia sempre para Maria: *"Minha tão querida Maria! Sinto nascer em mim grande vontade de morrer consumido por este meu amor pelo Senhor!"*. Ela procurava confortá-lo afirmando ser Deus a causa daquele seu desejo e que Ele iria permitir que escolhesse a forma desejada de morrer. José elevava então seus braços para o alto, e também seus olhos, e dizia: *"Oh, que imensa e infinita é a bondade do Senhor! Conceder-me-á mesmo a escolha da forma de morrer e que essa seja a de consumir-me neste fogo bendito?"*. E, com fisionomia inflamada e coração ainda mais aceso pela emoção, passava para um êxtase, assim permanecendo até que fosse chegada a hora de suas preces conjuntas com Jesus e Maria, quando então voltava a si. Maria o observava com carinho e amor pois ele parecia mais criatura celeste que terrena lembrando até mesmo um anjo. Agradecia ao Senhor pelo que presenciara, pois era como se acontecesse com ela.

José tinha também grande devoção pelo mistério da encarnação do Verbo Divino. Depois de saber, por Maria, dia e hora do milagre, celebrou-o em todos os dias subseqüentes, preparando-se de forma especial através de atos de penitências e mortificações pessoais. Renovava constantemente tais homenagens com orações e agradecimentos ao Senhor pelo grande benefício feito para a Humanidade. No mesmo quarto, com Maria, o fazia em nome de todas as pessoas, dispensando muitas horas em louvações a Deus pela Sua grande condescendência.

Ele mantinha esse comportamento desde o nascimento de Jesus e se levantava no meio da noite — hora do nascimento — e passava o restante da noite a rezar, agradecer e meditar sobre o grande acontecimento. E agia da mesma forma com relação à data da apresentação do Menino no Templo, onde então permanecia longamente em reflexões sobre as palavras de Simão. Fazia tudo em companhia de Maria, lacrimejando copiosamente, com extremada fé, desfazendo-se em ternura. E sua alma se cobria de mais méritos. Além disso, tratava constantemente com ela sobre assuntos religiosos e ambos cresciam perante Deus.

Entre todas essas alegrias existiam também penas e preocupações ao lembrar-se dos sofrimentos pelos quais Jesus deveria passar ainda. E comentavam também passagens das Escrituras nas quais esses sofrimentos eram mencionados para o futuro. Maria lhe explicava claramente tais trechos e ele entendia perfeitamente o seu significado. Assim, passava por misturas de alegrias, amor, dores e compaixão pelo Menino. Era

extremamente grande sua solidariedade, desejando mesmo sofrer ele em vez de Jesus todos aqueles padecimentos. E dizia para Maria: *"Ah, Maria querida! Vivo suplicando ao Senhor para morrer consumido pelo amor divino que tenho. Mas suplico mais ardentemente para padecer dos sofrimentos e do amor que tenho por Ele. Sentir-me-ia muito feliz se pudesse compartilhar de todas as Suas dores e sofrimentos!"*. E tão inflamado estava nesse seu desejo de sofrer, que chegava a solicitar a Deus que o fizesse sofrer muito antes de sua morte, submetendo-o a dores físicas, de maneira a que ele pudesse de alguma forma comparar-se a Jesus, que tanto deveria sofrer em Sua Paixão e Morte.

Estando o Menino em colóquios com o Pai Celeste e Sua mãe, o Santo se ajoelhava, colocava seu rosto sobre a pequena cruz fabricada por Ele e nessa posição, ansiando por sofrer, suplicava ao Senhor poder partilhar as dores destinadas ao Redentor na cruz. Suas súplicas não foram vãs, pois passou por terríveis sofrimentos e dores durante a moléstia fatal que o atacou, como se verá adiante.

Em suas inflamações ardentes de amor, excitava-se a tal ponto de incapacitar-se para qualquer coisa, inclusive de alimentar-se. Ficava ainda mais obsecado pensando nos sofrimentos pelos quais Jesus passaria no futuro. Passava noites inteiras chorando e se lamentando em razão de tal destino. E, nessas situações de profundos tormentos, dizia para si mesmo: *"Ah, corações cruéis! Como podereis atormentar tanto Vosso Redentor e Salvador! Como podereis colocar vossas mãos de forma tão ruim sobre Ele! Como maltratareis tanto o Filho de Deus, tão imponente e tão grandioso, de tanta graciosidade e beleza, tanto sabedoria e bondade, tanto amor e tão grande sentimento de caridade? Gente cruel! Como podereis tratar tão mal o vosso Redentor?"*. Com esses negros pensamentos chegava mesmo a perder suas forças, tendo então Jesus que confortá-lo. Todavia, o Santo não guardava verdadeiramente qualquer rancor por aquelas pessoas, cruéis servidoras da Lei. Apenas as nominava cruéis, más e desapiedadas, pedindo ao Senhor que as perdoasse. Em seguida, muito resignado conformava-se à vontade divina, qual seja, a de que Jesus tivesse que morrer na cruz com grandes dores e sofrimentos morais. Ocasionalmente fixava seu olhar no Menino, contemplando Sua extraordinária beleza. Então retornavam à sua mente os pensamentos sobre as penas pelas quais Ele passaria. Amargurado, dizia então para si mesmo: *"Que linda e amável é a fisionomia de Jesus! Todavia, deverá tornar-se aflita, sofredora, quando Ele for maltrado pelas pessoas!"*, pensando da mesma forma sobre as demais qualidades do Menino. Quando ouvia Suas sábias palavras, dizia mais: *"Ah, divina boca, que tantas palavras sábias de vida proferes, como Te tornarás amargurada! Como serão violentamente contestadas Tuas afirmações divinas e como será recusada a doutrina celeste que tentarás transmitir às pessoas!"*. Em seguida, obser-

vando as lindas mãos de Jesus e as admirando, lembrava-se também que elas seriam pregadas à cruz! Observando a figura do Salvador como um todo, e vendo-a assim tão bela e nobre, concluiu: *"Tu deverás morrer em um patíbulo de infâmias!"*.

Essas reflexões todas atuavam como espadas no coração de José e ele se consumia em dores pois já não mais conseguia afastar de sua mente aqueles sofrimentos destinados ao seu filho, E, à medida que Ele crescia em anos, cada vez mais se aproximava aquela data fatídica em que deveria enfrentar muitos sofrimentos. E, vendo-O crescer, dizia a Maria que com a observação daquele crescimento progredia nele também enorme temor, em razão de todas as Suas penas futuras. Também em Maria aumentavam as preocupações à medida do tempo, além de seu amor por ambos. Uma outra atitude estranha acontecia com José. De um lado, tinha verdadeiro horror de qualquer imagem de cruz, para ele símbolo de infâmia e de sofrimentos futuros. Por outro lado, a venerava e procurava a que Jesus havia construído, a abraçava e beijava, com carinho e ternura. Entre lágrimas, observava-a como sendo o instrumento a ser utilizado pela Humanidade para que fosse cumprida a sua salvação e redenção. Conversava com a cruz, reprimindo seu coração e dizendo: *"Meu Deus! Quem será o artesão que trabalhará a verdadeira cruz na qual o Redentor deverá ser crucificado?!"*. E derramava muitas lágrimas.

E era por tão negro pensamento que procurava a cruz de Jesus para adorá-la.

A RESISTÊNCIA FÍSICA DE JOSÉ DIMINUI

Aumentavam em José, progressivamente, seu amor pelo Senhor e também seus sofrimentos causados pelas penas que Jesus deveria enfrentar. A tal ponto, que ele nem mesmo conseguia trabalhar a não ser à custa de grandes esforços e de cansaços exagerados. Mostrava-se de tal forma extenuado que Jesus era forçado a executar pessoalmente muitos dos trabalhos a fazer e que poderiam fatigar excessivamente Seu pai. Todavia, José ia diariamente à oficina, pois desejava permanecer junto a Ele. Em Sua presença era até mesmo capaz de executar pequenas tarefas e serviços leves. Jesus o confortava com amáveis palavras e por isso o Santo admirava cada vez mais sua graciosidade e beleza pois já estava então bastante crescido. Mas, como sempre, o Santo não conseguia afastar de si a morte impiedosa que O aguardava no futuro. Em certas ocasiões, enfrentando cansaço, José dizia para Ele: *"Ah, Filho querido! Agora Te cansas com os trabalhos de madeira! Chegará o tempo em que alguém se cansará fabricando a cruz na qual terminarás Tua vida!"*. E se consumia nas próprias palavras. Jesus, vendo-o tão mortificado, abraçava-o e procurava consolá-lo, lembrando que deveria conformar-se

com a vontade do Senhor. O Santo suspirava e exclamava: *"Sim, querido Jesus! Que tudo seja conforme as instruções divinas! Mas, meu coração não pode deixar de sofrer! Ofereço essas minhas profundas dores ao Pai Celeste e me ofereço voluntariamente para morrer na cruz também, se essa for a vontade e ordem do Senhor!"*.

José se aborrecia deveras com o seu abatimento e por não mais ter forças para o trabalho. Contudo, nada dizia a Jesus para não aborrecê-Lo e por ver que Ele se empenhava muito e Se cansava. Amorosamente, dizia: *"Ah, Filho meu e Senhor! Aborreço-me ver-Te cansado, sem poder ajudar-Te! Gostaria de dispor de mais forças para auxiliar-Te, mas não as tenho! Vejo que não sou mais digno de trabalhar por Ti!"*.

E chorava, atribuindo todos esses problemas à sua falta de merecimentos. Jesus o confortava afirmando já ter ele trabalhado e se cansado bastante no passado, havendo realizado tudo o que estivera a seu alcance através de seu trabalho dentro de sua profissão. Que ele devia resignar-se, pois chegara o tempo de descansar daqueles esforços dispendidos, além de atender à vontade do Senhor nesse aspecto e aceitar tudo com alegria e assim cumprir com os desígnios divinos. José consentia e sofria com resignação, e alegria até, pois as suas características espirituais eram cada vez mais fortes e praticava suas virtudes com perfeição progredindo também em seu amor pelo Senhor e permanecendo sempre em Suas graças.

Maria se esforçava em preparar alimentos especiais para ele, que agora se alimentava frugalmente e muito menos que habitualmente. O Santo apreciava muito esse empenho embora destinasse — como sempre — parte dos alimentos aos menos afortunados pelos quais muito se compadecia. Ansiava poder trabalhar novamente para poder fazer sempre suas esmolas. Não podendo exercer a profissão restringia-se a orar por eles e a suplicar ao Senhor que lhes providenciasse o necessário sustento.

Durante esse tempo de incapacidade normal ocupava-se também em contemplações espirituais sobre as perfeitas obras de Deus e mostrava ardente desejo em poder desfrutar da presença do Senhor, não mais oculta, mas sim revelada. Permanecia horas seguidas olhando para o alto, clamando para que chegasse logo aquele dia afortunado em que se cumpriria a gloriosa obra de redenção da Humanidade, através da qual se tornaria digno de penetrar no templo eterno, o Paraíso. Sobre isso, recitava passagens das Escrituras, e também Salmos de Davi. Depois disso, ia ao encontro de Maria e lhe falava a respeito: *"Oh, minha Maria! Quando me tornarei digno de desfrutar a presença do Senhor! Como me sinto ansioso para isso! Entendo não estar muito distante a ocasião em que deixarei meu corpo para repousar no seio de Abraão, lá aguardando a obra de redenção humana, para então ser conduzido à eterna presença de Deus. Parecem próximas essas ocorrências, pois cada vez*

mais diminuem minhas forças e desejo ardentemente abandonar esta presente vida. Nada me aborrece, a não ser o fato de deixar-te, e a Jesus, em meio a sofrimentos. Todavia, estou certo de que Ele vos dará toda assistência, e não faltará! Espero rever-vos em breve, quando o Salvador, com Sua morte, abrirá as portas do Paraíso e da eternidade e lá nos introduzirá a todos!”.

Maria se mostrava algo aflita pois tinha conhecimento do fim próximo da vida terrena de seu marido. Entretanto, conformava-se e aceitava a vontade divina sem qualquer sinal de indecisão. Com toda a prudência, dizia para José estar preocupada com tudo.

José estava ciente da proximidade do final de sua vida. Por isso, muito se empenhava em praticar todas as virtudes, pedindo também a Deus que lhe desse maiores esclarecimentos sobre os fatos divinos, como o Céu, e também sobre os mistérios de Sua vida em termos da Paixão e Morte de Jesus. Afirmava que, após sua morte, não mais poderia ouvir Sua voz e divinas palavras. O Senhor deveria então permitir que ele desfrutasse de tudo isso naquela ocasião, usufruindo plenamente da presente fase humana encarnada do Senhor. Jesus atendia a esses pedidos e lhe explicava os mistérios divinos, as obras perfeitas da divindade, suas características todas, falando também das glórias do Paraíso. Dessa forma, o Santo ansiava progressivamente ir ter com o seu Deus, para vê-Lo com Sua face revelada. Voltando-se para Jesus, dizia: *“Oh, meu querido Redentor! Minha alma anseia por libertação de seu invólucro mortal e dirigir-se para onde possa desfrutar da presença do Senhor! Somente em ouvir já encontro grande satisfação! Tão grande, que minha alma parece separar-se do meu corpo! Que dirá quando estiver lá, usufruindo de tudo isso pessoalmente? Mas minha alegria se torna algo embaçada pela amargura que tenho por saber que essas portas só serão abertas através de Tua Paixão e Morte! E isso aflige e atormenta a minha alma. Quantas dores, quantos tormentos, quanto sangue custará esse novo resgate. Desfrutaremos toda essa abençoada visão do Senhor à custa de Tua morte e de Tuas sofridas dores! Ah, meu querido! Meu coração se despedaça quando penso nisso! Gostaria, de alguma forma, poder corresponder a esse Teu imenso amor oferecendo minha vida e meu sangue por Ti, suprimindo assim a falta de gratidão de todos os que não reconhecerão os benefícios que lhes levarás e o grande amor que tens por eles!”.*

O Santo repetia constantemente essa conversa com Jesus, consumindo-se cada vez mais em amor e dores. Olhava para Ele com sentimentos ardentes, observando as admiráveis qualidades que possuía em termos de beleza, graça, sabedoria, conhecimento, entre tantas outras. E se sentia alegre com os tesouros todos possuídos por Ele, sentindo um abençoado prazer em sua alma sempre turvado, todavia, pela amargura do pensa-

mento sobre os sofrimentos e dolorosa morte que O aguardavam. Dizia mais: *"Oh, Jesus, meu Redentor! Essa graciosidade, sabedoria, conhecimentos e bondade, em Ti, serão ultrajados, vilipendiados e desprezados por muitos!"*. Essas reflexões ocupavam permanentemente a mente de José que nelas se consumia, embora fossem de agrado a Jesus e Ele deixava que seu pai soubesse disso.

Nessas orações conjuntas dos três, eram cada vez mais freqüentes os êxtases espirituais nos quais experimentava grandes emoções, com revelações dos mistérios divinos. Não fosse o conhecimento sobre a Paixão e Morte futuras, pode dizer-se mesmo que já desfrutasse das delícias do Paraíso. Todavia, Deus tinha por bem que sofresse ainda mais para merecê-lo, motivo pelo qual deu-lhe ciência da tragédia toda de Jesus. Mesmo nesse estado de debilitação extrema, jamais deixou de fazer suas habituais preces. Ao contrário, aumentava-as progressivamente e permanecia ajoelhado por horas, em súplicas para que o Senhor iluminasse as almas todas e que as pessoas pudessem conhecer o Messias verdadeiro quando Ele em pregações Se manifestasse para o mundo. Pois ele, já com revelação divina a respeito, queria que todos pudessem ouvir os sermões, aproveitá-los, e abraçar a fé verdadeira. Rezava intensamente nesse particular, dizendo para si mesmo: *"Abençoados os que puderem ouvir as palavras do Redentor e as seguirem!"*. Dizia isso continuamente para Maria: *"Terás grande sorte de poder ouvir as pregações de Jesus. É também verdade que irás sofrer grandes amarguras pois também presenciáras Seus sofrimentos todos, as contestações que serão feitas e as perseguições. Todavia, Suas palavras e caridade servir-te-ão de conforto e consolo. Muito me satisfaz saber que serás feliz em sofrer por amor a Ele e ainda mais com as visitas que te fará, que espero sejam muito freqüentes, para consolar-te das aflições que terás com as Suas penas, fadigas e tormentos na tentativa de conversão dos povos do mundo"*.

E tais palavras faziam aumentar o já grande amor no coração de José. Tinha desmaios freqüentes, estando agora profundamente debilitado. Maria lhe servia refeições adequadas para que se restaurasse algo. Ele as recebia com extrema gratidão bendizendo o Senhor que lhe concedera esposa dotada de tantas qualidades.

JOSÉ TEM DORES CADA VEZ MAIS INTENSAS E DIMINUEM SUAS FORÇAS VITAIS

Extremamente debilitado em suas forças vitais, José não deixava todavia de acompanhar Jesus ao trabalho e Ele assim o permitia para não privá-lo da alegria de sua companhia. José mesmo lhe solicitava: *"Querido e amado Redentor! Deixa que esteja contigo, pois estou ciente*

do pouco tempo de vida que me resta. Anseio desfrutar ao máximo Tua companhia enquanto vivo pois após minha morte dela não mais disparei até nos encontrarmos no Paraíso onde nossas almas habitarão juntas, acompanhando também as dos patriarcas que lá se encontram". E Jesus consentia em que ele O acompanhasse.

Mas o Demônio, nutrindo grande ódio por ambos e não podendo tolerar tanta luz, virtude, santidade, passou novamente a instigar pessoas contra os dois, até mesmo amigos mais próximos. Protegidos por falso manto de compadecimento, diziam que Jesus — agora já bastante crescido — já era suficiente para ganhar Seu pão e o dos seus. Mas permitia que seu pai, naquelas extremas condições, também trabalhasse e perdesse rapidamente suas poucas forças vitais. Iam à oficina, a título de visita amistosa, e lá repreendiam Jesus severamente afirmando ser mesmo fora de propósito aquela Sua permissão para que o Santo trabalhasse, tão enfraquecido e alquebrado estava. E que Ele, forte e jovem, deveria, isso sim, trabalhar e mostrar alguma caridade para com Seu pai, que tanto havia sofrido e se cansado por Ele.

Essas atitudes feriam o coração de José e o afligiam sobremaneira, pois não podia explicar-lhes os motivos para não ter que revelar os mistérios todos em que estavam envolvidos. Apenas inclinava sua cabeça e se mostrava humilhado. Jesus de seu lado também ouvia e calava, com fisionomia clara e serena, bela e graciosa. Aqueles corações duros, contudo, não cediam assim tão facilmente. Embora admirando a calma, a tranquilidade e a paciência de Jesus — além daquele Seu significativo silêncio — mesmo assim, devidamente instigados, sucumbiam ante as tentações provocadas. Retiravam-se, mas retornavam em seguida para novos ataques. E isso tudo amargurava a existência do Santo. Outros, também instruídos pelo Demônio, iam à oficina especificamente para lançar suas ofensas, desabafando suas raivas contidas. Lá chegando, todavia, não levavam para frente suas más intenções, pois eram recebidos por Ele com cordialidade, graça, e amabilidade, com cortesia e demonstrações de afeição. Outros, aproveitando-se dos retiros de Jesus — em suas tratativas com o Pai — iam encontrar José sozinho e se mostravam muito compadecidos e solidários com sua doença, embora realmente desejassem intrinsecamente Jesus. Diziam que o Menino havia sido mal educado — vagabundo e preguiçoso — sem envergonhar-se de já tão crescido, permanecer por períodos tão longos em casa sem nada fazer. Diziam também que ele, José, teria que prestar contas ao Senhor por ter criado aquele seu filho tão perdulariamente, completamente desligado de tudo. Alguns até diziam: *"Vê como Ele te trata, agora que estás doente! Abandona-te só aqui na oficina; não cuida e nem se importa contigo!"*.

Essas palavras calavam fundo no coração de José, que nada mais tinha a fazer que pedir-lhes para que se calassem e não ofendessem

a Deus, pois nada sabiam sobre as tarefas às quais Se dedicava naqueles retiros que fazia. E as pessoas motejavam em resposta: *"Claro! Mas toca a ti o trabalho, enquanto ele perambula por aí!"*.

De fato, eram palavras atrevidas, impertinentes, verdadeiramente instigadas pelo Demônio e teriam levado qualquer pessoa à perda de paciência. Não era o caso de José. Nunca se mostrou aborrecido, sofrendo tudo com paciência e amor pelo Redentor que sabia destinado a muito sofrer para redimir a Humanidade. Em tais ocasiões, renovavam-se suas lembranças sobre os tormentos que Jesus teria, e ele se afligia extraordinariamente. Ia então ter com Maria e lhe contava: *"Querida Maria! Compadeço-me de ti. Se o que ouço de mal sobre Jesus já me entristece tanto, que será de ti que também terás de ouvi-las, de vê-Lo aflito e angustiado, contestado, perseguido e torturado? Como poderá teu coração agüentar tudo o que virá? Oh, como tua alma será atormentada de dores! Que pena tenho de ti! Voluntariamente daria meu sangue e minha vida para impedir que tivesse que passar por tudo isso, por esses martírios e dores imensas!"*.

Maria o ouvia atentamente e dizia que embora tomada de grandes dores também — pelo futuro sofrimento de Jesus — solidarizava-se com ele. Embora mais preocupada ainda do que o próprio Santo, o consolava com maneiras gentis e carinhosas, falando-lhe de coisas amenas que pudessem animá-lo, como glorificação de Jesus em função dos sofrimentos, sobre a redenção e salvação de todos os que abraçassem Sua doutrina e seguissem Seu exemplo, e outras coisas mais. E José então se acalmava, pelo menos temporariamente.

Quando ele ia em busca de alimentos, pessoas lhe perguntavam sobre o que ocorria com ele, sempre combalido e acabrunhado, abatido e debilitado. E falavam mal de Maria e de Jesus, que não lhe proporcionavam a correta alimentação, e que o deixavam trabalhar e cansar-se daquela forma. José tremia de dores e pedia às pessoas que não ofendessem aqueles dois inocentes, dos quais somente recebia benefícios: *"Sabeis bem que minha esposa, e meu querido Filho providenciam tudo que necessito, e muito mais ainda, pois têm comigo todos os cuidados possíveis e imagináveis! Portanto, não faleis deles dessa maneira, que me feris fundo no coração! Sendô Deus que assim deseja, porque deveis culpar pessoas que me cuidam e me atendem?"*. Com tais palavras, elas se sentiam embaçaradas e confusas, pelo menos algumas delas. Outras, mais obstinadas, não ligavam para suas palavras e diziam que ele se deixava influenciar pelo amor que lhes tinha. Mas que, se observasse mais atentamente, veria que seu debilitado estado decorria apenas da falta de cuidados mostrada por Maria e Jesus. Ele não lhes dava grande atenção e respondia: *"De tais pessoas recebo todos os cuidados e atenção, além de elas serem minha alegria e felicidade. Pensando de forma dife-*

rente, estareis certamente incidindo em erro!”. E, inclinando sua cabeça, deixava-as e seguia seu caminho.

Uma vez em casa, perturbado e aflito, era consolado e confortado por Maria e Jesus. Em razão das muitas ofensas que recebia daquelas pessoas, o Santo se decidiu não mais deixar-se ver por elas, exceto em extrema necessidade, pensando mesmo até em privar-se da tão querida companhia de Jesus, somente para não vê-las. Essa ausência de Jesus era mesmo muito difícil para ele. Mas o temor em ofender ao Senhor fez com que aceitasse pacientemente qualquer acontecimento. E permanecia em casa, em retiros e orações, ou em colóquios religiosos com Maria.

Com certa frequência Jesus os procurava para com eles dialogar sobre mistérios divinos. Enquanto Maria estava empenhada no preparo de refeição — algo mais substancial, para sua recuperação — José permanecia naquele pequeno quarto onde ocorrera o milagre da Encarnação. Refletindo sobre esse acontecimento, chorava e muitas vezes permanecia em êxtases por horas seguidas. Vendo-o nesse estado, Maria se alegrava por ver seu marido tão favorecido de graças celestes e rendia suas graças ao Senhor.

Aquele pequeno aposento, antes somente utilizado por Maria, era agora — no final da vida do Santo — mais habitado por ele que por ela, pois lá se sentia muito bem. José pediu sua devida permissão para lá habitar de vez, no que ela graciosamente concordou pois estava ciente do próximo fim dele. Naquele quarto, José tinha todos os motivos para consumir-se em seu amor por Deus, pois o local se mostrava muito atraente para tanto. Sabia bem que lá era tomado de ardentes sentimentos de caridade, e de lá praticamente não saía, a não ser quando Maria o solicitava para tanto, desejando retirar-se para seus habituais colóquios isolados com o Senhor. Em muitas dessas ocasiões, Deus permitiu que ele pudesse em espírito vê-la em suas preces, circundada de forte luminosidade. Tais visões eram muito de seu agrado e ele agradecia profusamente a Deus por elas. E, enquanto ela ali permanecia orando, ele — externamente — ajoelhado, orava também, mesmo porque era aquinhoado com muitas e variadas graças na situação.

Durante todo esse tempo Jesus estava aplicado em Seu trabalho, ganhando o necessário sustento familiar. José se afligia vendo-O em suas tarefas e freqüentemente se referia a Ele sobre essas suas preocupações. A resposta era a de que não deveria preocupar-se com isso, pois Ele apenas atendia à vontade do Senhor que agora assim o desejava. As palavras de Maria também o acalmavam. Também aquelas pessoas maldosas haviam deixado de freqüentar a oficina pois lá somente encontravam Jesus em Suas tarefas. Passaram então a louvá-Lo, e — quando

passavam por lá — não deixavam de admirar Sua beleza, dizendo: *“Felizardo José, que conseguiu um filho tão bom!”*.

Já foi mencionada a grande capacidade de Jesus em cativar aqueles que se aproximassem. Indo ter com José, este imediatamente lhe perguntava sobre as ocorrências do dia de trabalho, pois se preocupava com aquelas eventuais perturbações. Como filho obediente que era, Jesus lhe relatava os acontecimentos. E José então se desculpava: *“Deves perdoar-me a ousadia das perguntas. Preocupa-me somente com a possibilidade de pessoas instigadas pelo Demônio que possam aborrecer-te com palavras ou ações más. E, como és o grande objeto de meu amor, ficaria amargurado sabendo que pessoas possam desgostar-Te ou ofender-Te. Fico porém muito alegre em saber que és acolhido e amado por elas”*.

Essas palavras calavam fundo no coração de Jesus e Ele então Se externava também a respeito do grande amor que lhe devotava, e de como intercedia junto ao Pai Celeste para que lhe concedesse Suas graças e o iluminasse com Sua luz para sempre.

JOSÉ TEM MUITAS DORES E MOSTRA PACIÊNCIA E RESIGNAÇÃO

Mais abatido e debilitado que nunca, José enfrentava também grande inapetência, não desejando mesmo alimentar-se em razão das fortes náuseas frente a qualquer tipo de alimento. Para ele só valiam os alimentos espirituais das santas orações e palavras vindas de Jesus. Seu filho, de alguma forma, ainda conseguia que se alimentasse de algo especialmente preparado em que colocava Suas graças e que abençoava. Assim José ingeria parca alimentação, apenas suficiente para mantê-lo vivo. Certa noite, teve fortíssimas dores. Procurou tolerá-las pacientemente e as ofereceu como sacrifício prestado ao Senhor como pagamento de parte das ofensas que havia feito, que na verdade jamais se haviam concretizado. Controlava-se ao máximo, para não afligir demais Maria e Jesus, e resignava-se à vontade divina.

Maria, ciente de tudo, orava fervorosamente por ele para que Deus lhe desse forças para suportar todos aqueles sofrimentos, pois os grandes méritos são sempre conquistados à custa de resignação frente a penas. Ela aguardava ansiosamente a concordância e beneplácito divinos para que pudesse oferecer a ele alguma forma de lenitivo para as dores. Recebendo a graça pedida, foi ter com José acompanhada de Jesus. Quando José os avistou, elevou suas mãos para o alto e agradeceu ao Senhor que lhe enviara os seus objetos de amor. Voltando-se para eles, disse quanto os amava e assim sentiu-se mais aliviado em sua dores, embora Maria continuasse a aplicar-lhe compressas tendentes a aliviá-las também. Mostrava grande compaixão por ele, perguntando continuamente como deveria agir para atender aos seus desejos e necessidades. Ele, bastante

confortado com aquela atenção dizia que sua presença já bastava para sua melhora, assim como a de Jesus. E de fato parecia mesmo melhor em sua presença. Entretanto, quando se afastavam, seu estado piorava e as fortes dores retornavam. E ele não ousava pedir que não o deixassem só e se abandonava completamente aos desígnios divinos, dizendo: *“Se o Senhor desejar que melhore, seja confortado e consolado, com certeza dará instruções nesse sentido. Mas se Sua vontade for a de que permaneça em aflições, ordenará contrariamente. Seja qual for a forma escolhida, que seja feita a Sua vontade e eu estou preparado para cumpri-la!”*. E ambos permaneciam ao seu lado, até que as dores fossem aliviadas.

Ao se retirarem Maria e Jesus para seus habituais retiros espirituais, certa ocasião o Santo permaneceu adormecido por algum tempo. Em seu sono o anjo lhe falou outra vez — em nome do Senhor — que se aproximava agora a sua libertação e que deveria preparar-se convenientemente, crescendo em méritos e praticando suas virtudes características. E que Deus o havia testado seriamente através daquela sua dolorosa enfermidade. Exortava-o a sofrer mais, assegurando que o Senhor Se havia sensibilizado com sua paciência, resignação e conformismo frente à situação. Acordando, resignado com a vontade divina, ofereceu-se completamente a Deus e se mostrou preparado para enfrentar tudo o que a divina ordem determinasse. O Santo agradeceu o aviso e solicitou a ajuda divina durante aqueles difíceis momentos. Em seguida, levantou-se e relatou a ocorrência a Maria pedindo-lhe para que também orasse por ele e lhe transmitisse o dom do sofrimento na graça de Deus. Mostrou-se muito amável com ela, e ela também agiu da mesma forma, afirmando estar disposta a compartilhar de todas aquelas suas dores desde que isso fosse de agrado do Pai Celeste. José não concordou, pois desejava imitar Jesus, estando ciente de todas as tormentas a Ele destinadas no futuro.

Eram muito grandes essas dores suportadas pelo Santo e ele sofria de desmaios ocasionados por elas e parcialmente pelo seu ardente amor ao Senhor, sendo que elas só eram mesmo aliviadas um pouco na presença de Jesus e Maria. Quando Jesus se aproximava e tomava suas mãos, ele se acalmava bastante e entrava em êxtase, estado indolor no qual desfrutava das alegrias do Paraíso. Lamentava muito ter que deixar seus queridos, embora, por outro lado, desejasse também ver Deus revelado. Para isso, deveria abandoná-los e isso de fato o mortificava. Durante sua longa enfermidade Deus teve por bem purificar ainda mais seus sentimentos de amor que, apesar de já aperfeiçoados, tinham ainda algo de pessoal e transitório ou temporal. Na verdade os amava, sincera e profundamente, mas tirava disso ainda uma certa satisfação pessoal, estritamente humana, de poder estar em sua companhia. Assim, teve de libertar-se dessas emoções tipicamente humanas e privar-se dessas satisfa-

ções. E também sem tristezas, somente contentando-se em atender à vontade divina, privando-se de seus prazeres e gostos particulares. Daí para a frente, olhando para seus dois queridos, sentia-se apenas desolado em deixá-los de vez.

Outras vezes, mostrava-se bem disposto ao vê-los e afirmava: *“Querido filho e amada esposa! Terei a grande felicidade de ver-vos eternamente na moradia de nosso Pai Celeste!”*. E assim continuava clamando pela hora de ir para aquela moradia. Sentia-se preparado para sofrer as dores necessárias com resignação. Acontece que elas se faziam sentir muito, especialmente à noite quando Maria e Jesus se haviam retirado para repousarem um pouco. Ela, às vezes, acordava durante a noite e ia ter com José levando algum lenitivo para as terríveis dores. Entretanto, na maioria das vezes, o Santo permanecia só pois Deus desejava submetê-lo a testes de solidão e isolamento, acompanhados de dores, sem quaisquer lenitivos de alívio. Ele sofria, mas fazia por aumentar seus méritos ainda mais. Poderia chamar por Maria quando assim desejasse. Não o fazia, para que o Senhor mesmo a enviasse. Confiando na divina providência dizia: *“Meu Deus! Vós desejais que eu sofra pacientemente em silêncio e eu assim o faço voluntariamente. Mas peço Vossa ajuda, pois só sinto-me perdido!”*. Atormentado pelas fortes dores, as oferecia a Deus como parte de pagamento pelas muitas que Jesus deveria enfrentar. Maria então, instruída pelo Senhor, ia ter com ele e, encontrando-o quase sem forças, o aquecia e confortava suplicando a Deus para que as aliviasse; e perguntava porque não a havia chamado. E José dizia: *“Não te preocupes. Quando Deus quer aliviar-me do sofrimento, faz com que sintas o estado em que me encontro e tu me socorres então com tua caridade divina. Dessa forma, me mantenho no cumprimento de Sua suprema vontade. Quando me dás o alívio para minhas dores, então estou contente e aliviado, pois essa é a vontade do Senhor”*.

Maria muito se confortava em observar tais sentimentos de José, mantendo-se em longas conversações com ele versando sobre as providências divinas e as maravilhas das obras do Senhor. E José então, inflamado, dizia: *“Meu Deus! Como são maravilhosas Vossas ações! E como se mostra infinita Vossa bondade! Que posso fazer para agradar-Vos e corresponder a tanto amor e aos favorecimentos todos que me concedeis? É verdade que me fazeis sofrer fortes dores, mas também me concedeis muitas alegrias e aliviais minhas dores através de minha santa esposa e do meu querido Jesus! Se for Vossa intenção, fazei que tenha dores ainda mais fortes pois estou preparado, em razão da paciência e resignação que me concedestes. Se recebo Vossas ordens com prazer e alegria, também aceitarei os sofrimentos todos que me tereis designado. Dessa forma Senhor, estou pronto tanto para alegrias como para sofrimentos!”*.

Durante sua grave enfermidade, nem sempre podia o Santo contar com a presença de Jesus, pois Ele devia trabalhar para garantir o sustento familiar. Todavia, em algumas ocasiões, Ele deixava a oficina e ia ter com José; Maria, de seu lado, o assistia permanentemente e não o abandonava a não ser pelos curtos períodos necessários para o preparo das refeições. José muito se alegrava com sua presença. Embora desejasse Jesus sempre perto, aceitava a vontade do Senhor quando isso não se mostrava possível. Todavia, nos últimos dias de vida de seu pai Jesus permaneceu constantemente a seu lado.

Na doença de José a família experimentou um estado ainda mais crítico de pobreza, pois Maria somente se dedicava a seu cuidado e Jesus também perdia tempo de trabalho ao seu lado, perdendo muitas horas de remuneração. Mas a divina providência não os abandonava e os socorria na forma de amigos caridosos e prestativos, e também através dos vizinhos mais íntimos. E até mesmo pelos anjos, quando faltassem os demais recursos. Tendo José em mente alguma fruta ou comida especial, o Senhor enviava Seus anjos, que orientavam Maria no sentido de que ela tomasse as necessárias medidas. Ela então dizia para o marido, gentil e delicadamente, que Deus providenciara as coisas que ele queria, como de fato havia ocorrido. Passando ele por períodos de forte inapetência, sem praticamente alimentar-se, o Senhor enviava frutas e alimentos que lhe pudessem agradar. Às vezes essas providências traziam o pão de trigo, muito branco, que Maria guardava como dádiva divina mesmo. O santo entendia bem a extrema pobreza por que passavam, como nunca antes aliás, exatamente ao notar a falta até mesmo de pão. Preocupava-se e se aborrecia, suplicando ao Pai Celeste para que providenciasse alimentos para Maria e Jesus. E suas súplicas eram atendidas e a divina providência os socorria em suas necessidades. O Santo lastimava interiormente essa extraordinária pobreza a que estavam submetidos os seus queridos. De sua parte, até mesmo se comprazia com o lamentável estado a que haviam chegado e não dispendo — em seus últimos dias — nem mesmo o estritamente indispensável para sua sobrevivência, tinha para si como se isso representasse um exercício muito apreciado pelo Senhor. Ele então permanecia virtuoso, condescendente, paciente, resignado e até mesmo alegre, procurando imitar Maria e Jesus. Tornava-se assim um exemplo de virtudes. Mesmo em instantes de dores supremas jamais disse algo que pudesse significar revolta, somente agradecendo ao Senhor: *“Meu Deus! Se Vos compraz agravar minhas dores, estou preparado e Vos rendo graças por elas, pois tudo vem de Vossas mãos!”*. Simplesmente por nominar a palavra “Deus”, sentia grande alegria e extraordinário conforto pessoal. Por isso, mesmo na culminância de suas dores ainda se mostrava alegre e agradecia ao Senhor.

Mas Deus desejava testá-lo ainda mais. E de maneira mais definitiva também, para que conquistasse méritos ainda maiores. O teste foi o de, além das fortes dores, fazer adicionalmente com que afastasse sua mente dos fatos divinos, esvaziando seu espírito por completo. Em determinada noite, acometido de violentas dores, José se sentiu completamente abandonado, sem qualquer consolação interior. Chamava por Deus, por Sua ajuda, sem encontrar o habitual consolo. E ele, privado de tudo, dizia então para si mesmo: *"Meu Deus! Que se passa comigo? Que miserável estado esse em que me encontro! Onde, e quando, falhei? Que tipo de desgosto Vos terei dado para que me abandoneis em horas de maior aflição, como são estas? Aqui estão também o Redentor e Sua Mãe, e eu me vejo abandonado e sem conforto que possa aliviar-me! Eles sabem bem do precário estado em que estou mas, mesmo assim, não vêm ter a mim para consolar-me! Ah, Meu Deus! Tende piedade de mim! Mas, se essa for a Vossa vontade — que eu permaneça só, aflito e desolado — alegrar-me-ei em obedecer-Vos, para não Vos desgostar!"*. Dessa forma amorosa, e respeitosa, o Santo transmitia suas queixas ao Senhor, embora se submetendo completamente à Sua vontade.

Nessa ocasião, com extremado esforço, levantou-se da cama e foi admirar o céu em busca de alívio em suas dores pois isso acontecia quando olhava para lá. Contudo, não teve sucesso mais uma vez. E então exclamava: *"Oh, Céus! Onde se encontra o meu Tesouro, a Sua tão preciosa ajuda? Encontro-Vos agora inatingível e me negais Vossa ajuda e consolo!"*. Permaneceu algum tempo junto à janela e depois voltou ao leito, onde porém não descansava em razão das fortes dores e de sentir-se privado de qualquer consolação. Chorava copiosamente e suplicava ao Senhor para que lhe indicasse qual a falta cometida, pois Ele o abandonava e o desamparava. Agitava-se muito, mas nada conseguia de positivo. Por fim, um pouco mais animado e resignado, dizia: *"Com certeza Maria virá a mim trazendo os linitivos necessários e eu, já de vê-la, estarei aliviado e confortado, pois ela solicitará por mim as graças de que necessito. Virá também Jesus e meu coração estará assim pleno de contentamentos e meu espírito encontrará a alegria perdida!"*. E ele permanecia então à espera dos seus queridos, sabendo que somente em tê-los perto de si já melhoraria significativamente.

Na manhã seguinte contudo — e por orientação do Pai Celeste — Maria e Jesus tardaram bastante para sua costumeira visita matinal ao Santo. Mais uma vez, o Senhor desejava testar e exercitar a paciência do Santo. E isso de fato aconteceu pois ele, em tais circunstâncias anômalas, mostrou imenso espírito de resignação pois achando-se indigno de tudo, compreendia a sua ausência. E dizia: *"A verdade é que não mereço que eles se lembrem de mim. Não será de estranhar-se que se afastem e me abandonem, por que é isso que mereço!"*. Temia que, em razão

de sua falta de méritos, fosse abandonado pelos seus queridos, achando-se indigno de sua assistência. A tal ponto assim se sentia que, bem no final de sua vida, falou de tal temor com Maria. E ela lhe assegurou que eles jamais assim agiriam e ele então se acalmou. Nessa aflição tão grande, chegaram Maria e Jesus para sua costumeira visita. Ele, só em vê-los sentiu-se grandemente aliviado em suas preocupações, embora aquelas terríveis dores não o deixassem sossegado. Maria apressou-se em dar-lhe os necessários medicamentos para acalmá-las. Mas não era isso que tanto o incomodava. Procurava algo que lhe desse pleno conforto espiritual, a graça e o amor de seu Deus que julgava ter perdido. Preocupado e aflito olhava para Jesus e lhe dizia através de seu coração: *"Querido Jesus! Meu verdadeiro Bem! Sabes em que estado me encontro! Por piedade, socorre o Teu José, tão abandonado e desamparado!"*. Jesus o fitava compadecido, mas deixava que assim permanecesse para que adquirisse ainda maiores méritos e também porque Seu Pai Celeste assim desejava. José, crendo que Ele não o tivesse ouvido, dizia ainda mais: *"Ah, meu querido! Agora me trata como de fato mereço! Na verdade o tratamento que me dispensas é melhor do que aquele merecido por mim, pois verdadeiramente não sou digno de Tua presença! Muito justamente não me dás ouvidos, pois não estive à altura das graças e favorecimentos que me concedeste. É justo que me mantinhas assim até o último instante de vida, agindo com justiça. De bom grado aceito o desamparo, em razão da minha não correspondência e ingratidão!"*.

Em seguida observava Maria, que tentava aliviar suas dores de alguma forma. E ele dizia para si mesmo: *"Ah, querida Maria! Se soubesses em que estado se encontra meu espírito, pedirias aos Senhor que me desse o desejado sossego eterno. Vejo que nem mesmo tua amável companhia pode trazer-me a habitual alegria. Disso concluo que Deus me quer assim aflito e desamparado. E eu me humilho perante Ele e me conformo à Sua vontade!"*.

Dessa forma, José passou todo o dia em atos de resignação, sofrendo com muita paciência. E nisso foi completamente assistido por Maria e Jesus, que jamais o abandonaram.

Acontece que Deus tinha em mente colocar uma vez mais à prova a lealdade e confiança de José. Assim, permitiu que o Demônio mais uma vez o tentasse, e da forma seguinte. À medida que José se via progressivamente privado de sossego e serenidade, foi também assaltado por súbito desejo de praticar a deslealdade e a impaciência. Conhecendo-o, pode-se imaginar em que terrível estado estava. Com dores lacinantes, sem alívios, e terrivelmente tentado pelo Demônio! Mas galhardamente superou essas tentações, mostrando-se leal, confiante e paciente. Dessa forma e através de confissões, recorreu a Deus. Embora crente de que Ele o havia abandonado, ainda acreditava em Sua bondade e clemência,

seguro de que Ele não tardaria em socorrê-lo. Mostrou infinita paciência em seus sofrimentos e praticou todos os atos imagináveis de virtudes, na verdade heróicos.

Após muitas horas de lutas com esses problemas — pedindo ao Senhor ajuda, com toda humildade em seu coração — recebeu a visita de Jesus, cuja presença afastou o Demônio de imediato. Vendo seu filho, abriu seus braços e exclamou: *"Jesus, meu querido! Socorre-me, pois me encontro em terrível aflição!"*. De fato, completamente exaurido de forças vitais, deveria morrer dentro em pouco. Jesus o socorreu, fazendo com que se libertasse daquelas horríveis tentações e ele então melhorou um pouco, embora não conseguisse aquela desejada consolação. Permaneceu alguns dias delirante e, recebido o almejado alívio e tendo atingido algum sossego, acalmou-se temporariamente. Depois disso, recebeu Maria e lhe contou suas atribulações todas. Ela o exortou para que sofresse com alegria, generosamente, pois naquela período difícil o Senhor desejava cobri-lo de ainda maiores méritos para que ele fosse grande em Seu Reino. Assegurou-lhe também que Deus não o abandonara, mas que permanecia constantemente em sua companhia dando-lhe novas forças para enfrentar tudo o que fosse necessário e que muito Se comprazia em vê-lo confiante e leal.

Embora ele não atingisse o desejado conforto, nem mesmo com essas lindas palavras de Maria, tais afirmações serviram pelo menos para que se animasse algo e visse aliviadas suas angústias. Voltando-se para ela, agradeceu profundamente e suplicou para que rezasse ao Senhor por ele e também para que não fosse abandonado em aflições como fora, e para que Ele lhe restituísse o sentimento interior de amor que sempre possuísse. Se fosse vontade de Deus, permaneceria desamparado de sua presença, pronto a resignar-se com tudo. E ela lhe assegurou que tudo seria feito segundo os seus desejos. De fato, não deixava de atendê-lo prestimosamente em tudo, rezava ao Pai Celeste para que concedesse a ele a desejada serenidade, realizando tudo com caridade, amor e boa vontade como jamais foram praticados.

José estava ciente dessa sua caridade, atenção e carinho e se mostrava muito grato por isso. Na verdade, até mesmo se constrangia em ser servido por criatura tão digna, pois conhecia sua elevada dignidade. Não sabendo como retribuir tanta estima e amor, observava os locais onde pisara para beijá-los após ela ter saldo. Agia dessa forma para mostrar aos anjos a estima e veneração que nutria por Maria. Mostrava esse mesmo procedimento em relação a Jesus, embora em sentido ainda mais elevado uma vez que se tratava do Filho de Deus.

Recebia com prazer os alimentos que lhe eram levados por sua esposa, como vindos do Céu e se alimentava contritamente, com imensa satisfação espiritual. Embora com muita dificuldade na ingestão de alimentos —

eram sacrifícios, em razão das náuseas que tinha — jamais demonstrou qualquer repulsa, e muito menos recusa, mas profundo agradecimento e satisfação com aquelas comidas especialmente preparadas para ele por Maria. Esforçava-se ao máximo em comer, tentando superar sua inapetência causada por aquelas náuseas todas.

ANTES DE SUA MORTE JOSÉ RECEBE GRAÇAS ESPECIAIS

Estando o Santo aflito e angustiado em razão da grave enfermidade e de outras preocupações já abordadas, e tendo também conquistado inúmeros méritos através das virtudes praticadas, e pela imensa paciência que demonstrara, o Senhor teve por bem recompensá-lo através da restituição de sua alegria interior perdida, que agora seria muito mais intensa, mostrando a ele o grande amor que lhe dispensava.

Encontrando-se ele naquela situação deveras problemática já descrita, o anjo lhe apareceu outra vez dizendo que deveria alegrar-se pois Deus aliviaria muitas de suas preocupações, além de conceder-lhe também muitas outras graças. Assegurou também que, durante aquele período em que o Senhor o testara, não somente seus méritos se haviam avolumado muito mas ele também havia agradado muito ao Altíssimo, comprovados que haviam sido sua lealdade e seu amor durante todo o tempo considerado. Essas notícias lhe agradaram muito e, subitamente, passou a ouvir cantos angelicais e doces melodias, que muito o enterneceram. Simultaneamente, sentiu-se intensamente alegre e recebeu a visita do Senhor que o convidava para uma união mais íntima e afetuosa espiritual. Sua alegria atingiu tal magnitude que inundou totalmente seu ser. E nada mais pôde fazer que exclamar: *“Meu Deus! Meu Deus! Que alegria concedeis a este Vosso humilde servo, indigno dessa condescendência!”*. As palavras ouvidas de Deus interiormente foram tão fortes que o levaram a um altíssimo êxtase no qual, unido a Ele, teve oportunidade de conhecer os altíssimos mistérios que envolviam a Divindade.

Uma dessas revelações foi a da proximidade do desenlace final de sua vida. O Santo então pedia para que pudesse morrer na companhia de seus queridos Jesus e Maria, desfrutando ainda de sua assistência nos instantes finais. O Senhor lhe concedeu a graça solicitada e também a de que ele morresse em data e hora idênticas às da futura morte de Jesus pois, dizia, não podendo estar presente no futuro, desejava pelo menos que dia e hora fossem os mesmos. Afirmou desejar tal graça em razão do grande amor que nutria por Jesus e pela gratidão que sentia pelo fato de que Ele morreria para que se cumprisse a Sua obra divina de redenção da Humanidade. O Senhor lhe revelou também que o elegera para patrono e protetor dos agonizantes, pois tendo ele em vida mostrado talento nesse particular — assistindo-os com orações e lágrimas pela

sua paz eterna — desejava que exercesse essa caridade até o final dos tempos. No Céu, ele deveria dar sua assistência a todos os agonizantes de morte. O Santo aceitou prazerosamente o encargo, sentindo-se muito satisfeito em poder ser de alguma utilidade para aqueles que se encontrassem na extrema necessidade da morte. Agradeceu ao Senhor a caridosa missão que lhe reservara e, de tal momento em diante, empenhou-se intensamente em socorrer as pessoas que estivessem à beira da morte.

Voltando a si, viu aliviadas suas fortes dores e se sentiu tomado por tal amor a Deus que o levava a crer a presente impossibilidade de vida normal para ele, acreditando então que pudesse mesmo morrer de amor puro. Seu sentimento caritativo se tornou tão elevado que até mesmo em sua fisionomia resplandecia. Seu rosto se mostrava todo inflamado de amores e seu coração parecia saltar para fora do peito, desejando dirigir-se ao Senhor.

Encontrando-se em estado tão sublime em seu espírito, recebeu a visita de Jesus e Maria. Ele, logo que os viu exclamou, tomado de grande sentimento de amor: *"Oh, como é bom o Deus de Israel!"*. Nada mais pôde dizer, tais eram sua alegria e contentamento com a presença dos seus entes queridos. Eles, de seu lado, muito se alegraram também pela grande vitória que conseguira contra o Demônio, seu tradicional inimigo, através de sua paciência toda durante todos aqueles sofrimentos passados. O Santo estava tão satisfeito que nem mesmo conseguia mais falar, desfazendo-se apenas em lágrimas de contentamento. O melhor que pôde foi pedir que agradecessem ao Pai Celeste por ele que lhe concedera todas as graças das quais eles também partilhavam de certa forma. Os três renderam então graças ao Senhor e ele, vendo-se assim tão favorecido, empenhava-se em mostrar sua gratidão e em louvá-Lo, tão condescendentemente que Se mostrava. Na verdade, cada suspiro seu representava ato de amor e de louvor em seu coração profundamente agradecido.

Passado algum tempo, José desejou orar juntamente com Jesus e Maria e, nessas orações, seu espírito tinha êxtases progressivamente mais alegres e jubilosos. Com olhos flamejantes e fisionomia inflamada permanecia olhando para o alto, esperando a hora feliz do desenlace final, que era verdadeiramente feliz para ele, uma vez que Jesus e Maria estavam em sua companhia como havia suplicado ao Senhor. Serenadas temporariamente essas emoções todas que tinha, falou a Maria e Jesus e lhes relatou os acontecimentos da noite anterior, assim como todas as palavras do anjo do Senhor. Maria se mostrava imensamente satisfeita pela alegria que via em seu marido, agradecendo continuamente por essa graça infinita que o Pai Celeste lhe havia concedido. Jesus fez uma longa exposição sobre a bondade e condescendência de Deus, narração que fez com que cessasse o entendimento de Maria e de José, que passaram a um intenso estado de êxtase durante várias horas.

Voltando a si, o Santo foi novamente tomado de dores. Mas sofria com grande resignação, alegre com suas penas e agradecia a Deus pois aqueles tormentos aumentariam seus méritos. Voltando-se para Ele em espírito, dizia com afeição: *“Meu Deus! Não existe situação mais propícia para que Vos mostre minha lealdade e meu amor, atormentado que estou por dores e aflito pelo sofrimento que causam. Por isso, ordenai o que for de Vosso desejo para que eu demonstre o grande amor que Vos tenho. Podeis ver que desejo sofrer para tornar-me parecido com o Vosso Unigênito, que sofrerá terríveis dores por mim no futuro. Dessa forma, não deverei eu também sofrer por Ele agora? Claro que sim! Que eu sofra por amor Àquele que tanto irá sofrer para a minha paz eterna!”*. As palavras eram ditas em meio a grandes sofrimentos e dores pelas quais ele agradecia a Deus e crescia em seus já grandes méritos.

O Santo, em razão de seus sofrimentos momentâneos, mais parecia uma imitação humana. Todavia, mesmo em situação tão desesperada não deixava de agradecer a Deus, desejando que até mesmo fosse incinerado naquele seu amor divino. Os vizinhos que os visitavam, encontrando-o nesse lastimável estado, decidiram por não mais vê-lo. Dessa forma, o Senhor providenciou para que cessassem aquelas visitas, concedendo ao Santo a necessária paz para tratar com Ele, com Jesus e com Maria. José apenas lhes pediu para que orassem por ele, para que Deus aliviasse aquelas dores e para que ele cumprisse rigorosamente a Sua vontade. As pessoas se admiraram de sua extrema resignação frente àqueles sofrimentos todos, e também de sua conformidade em relação à vontade divina. Mais admiradas ainda se mostraram ao ver que ele sofria com alegria, com fisionomia serena, parecendo-se mesmo a um anjo.

Maria tentava alimentá-lo da melhor maneira tida para o momento, preparando os alimentos com amor. Embora fosse grande a dificuldade de ingestão dos mesmos, José tentava tomar algum, recebendo-os sem quaisquer queixas das náuseas que tinha e com paciência.

Nos últimos dias de vida, José foi agraciado em poder ouvir muitos cânticos indicativos da chegada de sua hora decisiva. Ele os ouvia com muito gosto e, em seu espírito, agradecia ao Senhor tantos favorecimentos. Não ficava mais só, e parte do tempo tinha a companhia de Jesus que o animava através de Suas palavras divinas. No resto do tempo, estava Maria em sua companhia para que não permanecesse sozinho. E, se deviam deixá-lo isolado por algum tempo, providenciavam todo o necessário e ele então contava com os anjos do Céu, responsáveis por aquelas doces melodias ouvidas. Estava pois sempre assistido e assim o merecia pois, durante sua vida, havia sido muito caridoso com o próximo, com Maria e com seu filho. Por isso tudo, o Senhor teve por bem recompensá-lo em seus derradeiros dias. O Santo tinha tais recompensas como meramente ocasionais, recebidas somente em razão da grande

bondade de Deus. Reconhecia não merecê-las, afirmando nada ter feito de bom pois sempre se mostrara estroina, sem corresponder à altura as muitas graças recebidas. Essas suas atitudes humildes assumiam tais níveis que ele dizia para o Pai: *"Meu Deus! Nunca estive à altura de corresponder à todas as graças que me haveis concedido!"*. Dizia isso pela grande ansiedade que tinha em não ter feito mais do que fizera, embora jamais tivesse realmente deixado de fazer o que estivesse a seu alcance, tanto quanto possível com perfeição.

Em tal estado limite de saúde e com dores, tinha ainda temor em faltar com seus deveres, pedindo a Maria para que o alertasse quanto a quaisquer transgressões que cometesse e das eventuais ações que pudessem desagradar ao Senhor. Pedia com extrema humildade para que ela não considerasse seriamente esses seus deméritos, mas que o Senhor o atendia em tudo. E ela também se sentia muito humilde — superior a todas as pessoas que era nesse particular — e assegurava que o manteria avisado sobre aquelas eventuais ocorrências caso notasse algo de imperfeito nele que pudesse não ser do agrado de Deus. E ele assim se acalmava e se mostrava alegre e contente.

A SANTIFICADA MORTE DE JOSÉ

Havendo atingido o cume da santidade conforme lhe determinara o Senhor, e todos os méritos correspondentes, o Altíssimo teve por bem separar sua alma do corpo e enviá-la ao seio dos patriarcas e a eles transmitisse a notícia da próxima libertação através da obra da redenção da Humanidade. José sentia aproximarem-se os últimos instantes e ouvia suaves e doces cânticos que tenramente convidavam sua alma para o seio do Abraão. Sentia-se cada vez mais inflamado em seu amor por Deus, tão grande que verdadeiramente o consumia. Teve um extraordinário êxtase e permaneceu por horas desfrutando as delícias do Paraíso, em sagrados colóquios com o Senhor. Voltando a si, a duras penas conseguiu falar com Maria e Jesus que estavam a seu lado. Solicitou que o perdoassem pelas falhas cometidas durante o longo período de convivência, o que fez entre lágrimas. Mostrou-se grato por toda a caridade que haviam tido, pela grande paciência com suas faltas, pelos benefícios que lhe haviam proporcionado e por todas as graças que solicitaram a Deus por ele. Agradeceu profusamente os cuidados mostrados e assistência durante sua longa enfermidade. Em seguida, rendeu graças ao Redentor pela redenção que faria da Humanidade e por todo o sofrimento que já tivera, e que teria ainda, para a consecução dessa tão grande obra. Finalmente, em sinal de seu grande amor por Maria, fez recomendações a Jesus em favor dela, embora desnecessárias. Mostrou a ela seu grande compadecimento pelo que ainda deveria enfrentar por ocasião

da Paixão e Morte de Jesus, época em que ela estaria completamente só, imersa em um grande mar de dores e atribulações. Jesus então confirmou para ele sua posição de defensor e protetor dos agonizantes, notícia que o Santo recebeu com muita alegria. Depois disso, solicitou as bênçãos de Jesus e de Maria. Todavia, ambos desejavam na verdade que ele os abençoasse, mentor que era a eles destinado pelo Pai Celeste. E ele o fez, com grande carinho e ternura, recebendo deles também as bênçãos que lhes solicitara, que o cobriram de alegrias. Mesmo reduzido à agonia, entre dores, permanecia inflamado de amores por Deus, mantendo seus olhos para o alto ou então fixando Maria e Jesus, como que confirmando estar tendo a assistência de seus dois tesouros terrenos. A cada respiração, pronunciava os nomes do Senhor, de Maria e de Jesus, com indescritível doçura. Segurando a mão de José e mantendo Sua cabeça próxima à dele, Jesus falava sobre a infinita bondade, o amor e as grandes obras do Pai Celeste. Essas palavras penetravam na alma do agonizante aumentando ainda mais seu amor.

Chegado o último e derradeiro instante da vida de Seu pai, Jesus convidou sua abençoada alma a deixar seu invólucro humano e a recebeu em Suas santas mãos, consignando-a então aos anjos celestes para que a conduzissem ao seio de Abraão. Com convite tão tenro e amável, o Santo expirou invocando ainda os nomes do Senhor, Maria e de Jesus, Salvador e Redentor da Humanidade. Até mesmo seu último suspiro representou um extraordinário ato de amor por Deus.

Tendo em Suas mãos a alma de José, Jesus permitiu que Maria tivesse um vislumbre dela para que se consolasse da morte de seu tão querido marido. E ela pôde sentir aquela presença santa, tão rica em merecimentos, condecorada de virtudes e graças. Esses fatos realmente a confortaram pela perda sofrida. Rendeu então suas graças ao Senhor pelo alegre vislumbre que tivera da santificada alma de José.

O Santo faleceu em uma sexta-feira, dia 19 de março, aproximadamente aos sessenta e um anos. Seu corpo inanimado apresentava tal beleza que lembrava até um anjo do Céu, com odor extremamente suave.

Espalhou-se por toda a cidade a notícia da morte de José e ele foi chorado por muitos, especialmente amigos e mais chegados. Comentavam suas virtudes, não tendo havido pessoa que se exprimisse em sentido contrário pois todos conheciam suas virtudes e raras qualidades. No caminho para o local de sepultamento, grande multidão amiga correu para poder vê-lo pela última vez e dar-lhe honroso sepultamento. Todos admiravam sua beleza e choravam tenramente, nominando-o de verdadeiro homem de Deus, profundo seguidor das leis divinas.

Maria e Jesus também acompanhavam o cortejo juntamente com amigas e devotas que os consolavam. Seguiram também juntos todos os anjos que cantavam louvores a ambos, não ouvidos pelos demais

presentes, mas sim apenas por eles. O próprio ar era sereno e tranqüilo, pode-se dizer até mesmo sorridente. No final das cerimônias habituais, pássaros cantavam festivamente, o que causou espécie e admiração a todos os presentes, que também sentiam o suave odor que exalava do corpo do Santo.

Terminadas as funções cerimoniais e religiosas, segundo as leis e ritos hebraicos, Maria e Jesus retornaram à sua casa, onde novamente tiveram consolação e conforto dos amigos e vizinhos mais chegados.

No instante em que o Santo expirava, ocorreram também outras mortes em Nazaré e também em outras regiões seguidoras das leis ditadas pelo Senhor a Moisés no deserto. E o Senhor informou José a esse respeito, enquanto elas se encontravam ainda agonizantes. Ele então pediu que Ele lhes concedesse a paz eterna, representando seu papel de protetor. E Deus o atendeu e concedeu a salvação a todos em razão dessas súplicas, pois o Senhor não deixava de atender seus pedidos. Como poderia mesmo recusar-se a isso, se aquelas súplicas vinham de alma tão santa, leal e amorosa, que atendera a todas as Suas ordens com humildade e resignação e que imitara com perfeição os magníficos exemplos de Seu Unigênito e de Sua Mãe, e que havia sido sempre rigoroso seguidor de Sua Lei?

SÃO JOSÉ EM SUA GLORIFICAÇÃO CELESTIAL

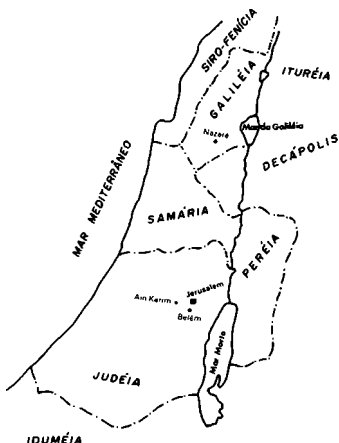
Quando o Redentor da Humanidade ressuscitou três dias após sua penosa morte, glorioso e triunfante libertando todas as almas no limbo e as conduzindo ao Céu com Ele, a alma de José também entrou no Paraíso e foi glorificada como a de todos os Santos. José está sentado — em posição de grande relevo — muito próximo ao Cordeiro Imolado e também à Rainha dos Anjos, como tendo sido seu fiel e casto esposo e semelhante.

No Céu, desfruta de glória superior à de qualquer outro santo, tão grande que jamais poderia ser aquilatada pela Humanidade, que não teria possibilidade para entender essa verdadeira dimensão, embora São José seja muito admirado por todos os habitantes do Paraíso e por inúmeros na Terra. Continua exercendo suas funções de defensor dos agonizantes, tarefa que executa com grande diligência e com amor junto a Deus. É também muito solícito em termos de paz eterna das almas redimidas e salvas através do sangue de Jesus Cristo. Impetra graças e intercede a favor de todos, especialmente para as que se mostram suas devotas. Todas as graças que suplica ao Senhor ou à Santíssima Virgem são concedidas, seja qual for a condição das pessoas envolvidas, mas muito particularmente pelos angustiados, pois ele também foi grande sofredor de angústias durante sua vida. Empenha-se muito pelos espíritos dos vivos, fato que recomenda devoção especial a ele.

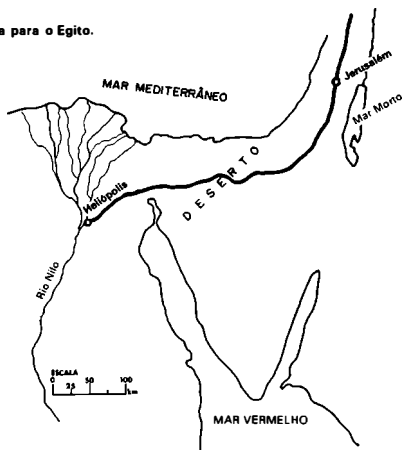
Aos leitores deste livro, escrito como obediência, sem quaisquer referências sobre a vida de São José, afirmo que seu conteúdo não foi obra de meditação ou de reflexões anteriores, e sim que tudo foi escrito à medida das insinuações recebidas enquanto escrevia. Peço a todos que orem pela humilde alma desta pecadora, para que São José se empenhe em obter o perdão dos meus pecados e também a vida eterna e que eu possa desfrutar assim a eternidade em sua companhia, graça essa que também almejo para todas as pessoas.

Mapa, com divisão territorial, da região onde transcorreu a vida de São José.

Ain Karim: local do encontro entre a Virgem Maria e S. Isabel.



Roteiro da fuga para o Egito.



A IMPRESSÃO DESTE LIVRO FOI
CONCLUÍDA AOS DEZ DIAS DO
MÊS DE MARÇO DE MIL NOVECENTOS
E OITENTA E OITO, NAS
OFICINAS DA IPSIS GRÁFICA E
EDITORA S.A., NA CIDADE DE
SÃO PAULO